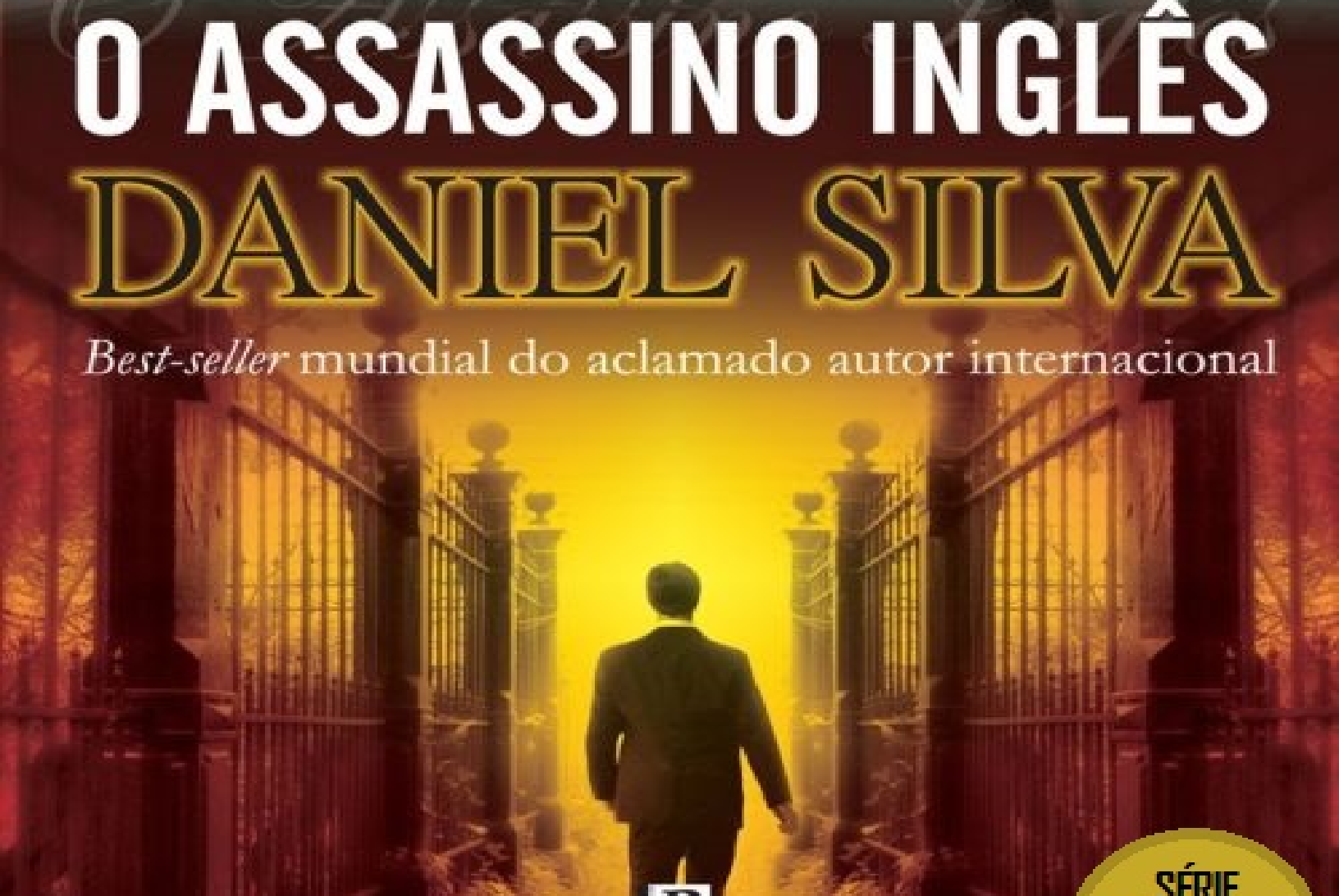
Mestre e discípulo num confronto fatal

O ASSASSINO INGLÊS

DANIEL SILVA

Best-seller mundial do aclamado autor internacional



BERTRAND EDITORA

SÉRIE GABRIEL ALLON 2

dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by convertEPub

DANIEL
SILVA

O assassino inglês

THE ENGLISH ASSASSIN
2002

DANIEL SILVA
O ASSASSINO INGLÊS
Tradução de VASCO TELES DE MENEZES
2ª Edição
BERTRAND EDITORA, Lisboa 2009
Título original: The English Assassin
Copyright (c) 2008 by Daniel Silva
Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.
Rua Prof. Jorge da Silva Horta, 1
1500-499 Lisboa
Telefone: 217 626 000
Fax: 217 626 150
Correio eletrônico: editora@bertrand.pt
Revisão: Eda Lyra
Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda.
Impressão e acabamento: Tipografia Peres
Depósito Legal nº 290 011/09
Acabou de imprimir-se em Março de 2009
ISBN: 978-972-25-1857-4

SINOPSE

Espião ocasional e restaurador de arte, Gabriel Allon chega a Zurique para restaurar a obra de um Velho Mestre, a pedido de um banqueiro milionário.

Em vez disso, acorda manchado com o sangue do cliente e injustamente acusado de seu homicídio. Allon vê-se inesperadamente a braços com uma voraz cadeia de acontecimentos, incluindo roubo de arte pelos nazistas, um suicídio de várias décadas e uma trilha sangrenta de assassinatos — alguns de sua autoria. O mundo da espionagem que Allon pensava ter colocado de lado vai arrebatá-lo uma vez mais. E ele terá de lutar pela vida com o assassino que ajudou a treinar.

Para Phyllis Grann, finalmente, e, como sempre, para minha mulher, Jamie, e meus filhos, Lily e Nicholas.

Gnomo: Folclórico membro de uma raça de criaturas pequenas, disformes e semelhantes a anões, supostamente habitando na terra e guardando seus segredos.

WEBSTER'S NEW WORLD DICTIONARY

Abafar o passado é uma tradição na Suíça.

JEAN ZIEGLER
The Swiss, The Gold, and The Dead

PRÓLOGO

SUÍÇA, 1975

Marguerite Rolfe estava cavando no jardim devido aos segredos que descobrira escondidos no escritório do marido. Era tarde para trabalhar no jardim, já passava muito da meia-noite. O degelo da primavera deixara a terra macia e úmida e a pá rasgava o solo sem grande esforço, permitindo-lhe avançar com um mínimo de ruído. Estava agradecida por isso. O marido e a filha estavam dormindo na casa e não queria acordá-los.

Por que não podia ter sido uma coisa simples, como cartas de amor de outra mulher? Teria havido uma valente discussão e Marguerite teria confessado o seu próprio caso amoroso. Os amantes teriam sido abandonados e em breve a casa voltaria ao normal. Mas ela não tinha encontrado cartas de amor — tinha encontrado uma coisa bem pior.

Por um instante, culpou-se a si mesma. Se não tivesse estado no escritório dele, nunca teria encontrado as fotografias. Poderia ter passado o resto da vida num estado de desconhecimento, acreditando que o marido era o homem que aparentava ser. Mas agora sabia. O marido era um monstro, a vida dele uma mentira — uma completa e meticulosamente mantida mentira. Por consequência, também ela era uma mentira.

Marguerite Rolfe concentrou-se no trabalho, avançando lentamente e sem interrupções. Passado uma hora, estava feito. Um bom buraco, concluiu: cerca de dois metros de comprimento e meio metro de largura. Quinze centímetros abaixo da superfície, tinha-se deparado com uma camada espessa de barro. Devido a isso, era um pouco menos fundo do que gostaria. Não importava. Sabia que não era permanente.

Pegou a arma. Era a arma preferida do marido, uma espingarda linda, talhada à mão especificamente para ele por um mestre armeiro em Milão, Ele nunca mais poderia voltar a usá-la. Isso, a ela, agradava-lhe. Pensou em Anna. Por favor, não acorde, Anna. Dorme, meu amor.

A seguir, entrou na vala, deitou-se de costas, colocou aponta do cano da espingarda na boca e puxou o gatilho.

A garota acordou com música. Não reconheceu a composição e pôs-se a imaginar como lhe teria ido parar à cabeça. Prolongou-se por um momento, uma escala descendente de notas, uma redução serena. Esticou-se, os olhos ainda fechados, e procurou as dobras da roupa da cama até a palma da mão encontrar o corpo deitado a poucos centímetros de distância. Os dedos desligaram pela cintura estreita, passando pelo pescoço fino e elegante, em direção aos traços graciosamente curvados da voluta do violino.

Na noite passada tinham discutido. Agora era hora de esquecerem as diferenças e fazerem as pazes.

Saiu delicadamente da cama e vestiu um roupão. Cinco horas de treino estendiam-se à sua frente.

Treze anos de idade, uma manhã de junho repleta de sol, e era assim que iria passar o dia — e todos os outros dias daquele Verão.

Esticando os músculos do pescoço, olhou fixamente para o jardim florido, através da janela. Era uma mistura de cores primaveris. Para lá do jardim erguia-se a encosta íngreme da parede do vale. Por cima de tudo o resto, bem no alto, surgiam os picos das montanhas cobertos de neve, resplandecentes com o sol luminoso de Verão. Ela encostou o violino ao pescoço e preparou-se para executar o primeiro étude. Foi então que reparou em algo no jardim: um monte de terra, um buraco comprido e não muito fundo. Do alto da janela, conseguia ver uma faixa de tecido branco esticada ao longo da parte mais funda e mãos pálidas a abraçarem o cano de uma arma. — Mamãe! — gritou, e o violino caiu com estrondo no chão.

Abriu aporta do escritório do pai sem bater primeiro. Esperava encontrá-lo sentado à mesa, com a cabeça enfiada nos livros de caixa, mas em vez disso estava empoleirado na ponta de um cadeirão de costas altas, ao lado da lareira. Uma figura minúscula, semelhante a um elfo, vestia o blazer azul e a gravata listrada habituais.

Não estava sozinho. O segundo homem estava de óculos de sol, apesar da escuridão masculina do escritório.

— Mas que raio acha que está fazendo?— disparou o pai. — Quantas vezes é que já te pedi para respeitar minha porta fechada? Não vê que estou no meio de uma conversa importante?

— Mas pai...

— E vista uma roupa decente! Dez horas da manhã e continua de roupão.

— Papai, tenho de...

— Pode esperar até terminarmos.

— Não, não pode, pai!

Gritou estas palavras tão alto que o homem dos óculos de sol estremeceu. — Peço desculpas, Otto, mas

receio que os modos da minha filha tenham saído prejudicados por ela passar demasiadas horas sozinha com o seu instrumento. Dá licença? Não vou demorar nada.

O pai de Anna Rolfe manuseava os documentos importantes com cuidado e a nota que retirou da sepultura não constituiu exceção. Quando acabou de a ler, olhou para ama bruscamente, a pestanejar de um lado para o outro, como se temesse que estivesse alguém a ler por cima do seu ombro. Anna viu isso da janela do quarto dela.

Ao virar-se para voltar para casa, ele olhou para a janela e os olhos se cruzaram com os de Anna. Parou, fitando-a por um instante. Não era um olhar de compaixão. Nem de remorso. Era um olhar de desconfiança.

Ela voltou-se e afastou-se da janela. O Stradivarius continuava deitado onde o tinha deixado cair. Pegou nele. No andar de baixo, ouviu o pai a anunciar calmamente o suicídio da mulher ao convidado. Levantou o violino até o pescoço, colocou o arco nas cordas e fechou os olhos. Sol menor. Vários padrões de escalas ascendentes e descendentes. Arpejos. Terças quebradas.

— Como é que ela pode tocar numa hora destas?

— Receio que saiba fazer pouco mais do que isso.

Final de tarde. Os dois homens de novo sozinhos no escritório. A polícia terminara a investigação inicial e o corpo tinha sido retirado. A nota estava em cima de uma mesa desdobrável entre os dois.

— Um médico podia dar-lhe um calmante.

— Ela não quer um médico. Receio que tenha o temperamento e a natureza teimosa da mãe.

— A polícia perguntou se havia alguma nota?

— Não vejo necessidade nenhuma de envolver a polícia nos assuntos pessoais desta família,

especialmente quando dizem respeito ao suicídio da minha mulher.

— E a sua filha?

— O que tem a minha filha?

— Estava a observar-te da janela.

— A minha filha é um assunto meu. Vou lidar com ela da maneira que achar melhor.

— Espero que sim. Mas me faça um um pequeno favor.

— O que, Otto?

A mão pálida dele bateu de leve no topo da mesa até pousar sobre a nota.

— Queime esta maldita coisa, juntamente com todo o resto. Assegure-se de que mais ninguém dê de cara com mais nenhuma lembrança desagradável do passado. Isto é a Suíça. Não há passado.

PRIMEIRA PARTE

O PRESENTE

1

LONDRES E ZURIQUE

A por vezes solvente firma Isherwood Fine Arts ocupara em tempos um exemplo de bem imobiliário de grande valor na chique New Bond Street, em Mayfair. A seguir veio a renascença do comércio a retalho londrino e New Bond Street — ou New Bondstrasse, como era conhecida no meio, em jeito de troça — foi invadida por marcas do gênero Tiffany, Gucci, Versace e Mikimoto. Julian Isherwood e os outros negociantes especializados em Velhos Mestres de qualidade museológica foram forçados a um exílio para St. James's a Diáspora de Bond Street, como Isherwood gostava de lhe chamar. Acabou por se instalar num armazém vitoriano num pátio quadrangular sossegado conhecido como Mason's Yard, junto aos escritórios londrinos de uma pequena empresa grega de transporte marítimo e a um pub com mocinhas bonitas de motoretas.

Para os habitantes maledicentes de St. James's, a Isherwood Fine Arts era teatro de bela qualidade. A Isherwood Fine Arts tinha drama e tensão, comédia e tragédia, picos formidáveis e depressões aparentemente sem fim. Isto era, em grande medida, consequência da personalidade do proprietário. Fora amaldiçoado com um defeito quase fatal para um negociante de arte: gostava mais de possuir arte do que de a vender.

Sempre que um quadro saía da parede da sua preciosa sala de exposições, Isherwood caía em violento estado de tristeza. Como consequência desta

angústia, encontrava-se agora sobrecarregado por um catálogo apocalíptico daquilo que era carinhosamente conhecido no meio como stock morto — quadros pelos quais nenhum comprador pagaria alguma vez um preço justo. Quadros invendáveis. Queimados, como gostavam de dizer em Duke Street. Completamente. Se tivesse sido pedido a Isherwood que explicasse este fiasco aparentemente inexplicável em termos de argúcia empresarial, talvez tivesse levantado a questão de o seu pai, ainda que para ele fosse ponto assente nunca — e quero mesmo dizer nunca, minha flor — falar sobre o pai.

Neste momento, estava em alta. À tona. Inundado de fundos. Um milhão de libras, em termos precisos, bem aconchegados na sua conta no Barclays Bank, graças a um pintor veneziano chamado Francesco Vecellio e ao restaurador de arte de aspecto taciturno que caminhava neste momento pelos tijolos molhados de Mason's Yard.

Isherwood vestiu um impermeável. O seu tamanho inglês e o guarda-roupa devotamente inglês escondiam o fato de na verdade não ser — pelo menos, tecnicamente falando — inglês. Inglês de nacionalidade e passaporte, sim, mas alemão de nascimento, francês por educação e judeu por via da religião. Poucas pessoas sabiam que o seu último nome era somente uma perversão fonética do original. E ainda menos sabiam que, ao longo dos anos, tinha feito favores a um determinado cavalheiro obstinado de uma determinada agência clandestina com sede em Telaviv. Rudolf Heller era o nome que o cavalheiro utilizava quando visitava Isherwood na galeria. Era um nome pedido emprestado, como o terno azul e os modos do cavalheiro. O seu nome verdadeiro era Ari Shamron.

— Temos de fazer opções na vida, não temos? — disse Shamron na hora do recrutamento de Isherwood. — Não traímos o nosso país de adoção, a nossa faculdade ou o nosso regimento, mas temos que proteger a nossa família, a nossa tribo, não vá outro louco austríaco ou o Carniceiro de Bagdá tentar nos transformar outra vez em sabão, não é, Julian?

— Apoiado, Herr Heller.

— Não vamos pagar uma única libra. Seu nome nunca vai aparecer em nossos arquivos. Vai fazer favores de tempos em tempos. Favores muito específicos para um agente muito especial.

— Ótimo. Maravilhoso. Onde é que assino? Que tipo de favores? Nada de suspeito, suponho?

— Imaginemos que eu precise enviá-lo a Praga. Ou a Oslo. Ou a Berlim, que Deus me livre. Gostaria que lhe arranjasses um trabalho legítimo lá. Uma restauração. Uma autenticação. Uma consulta. Alguma coisa apropriada para o período que ele tiver de ficar lá.

— Não há problema, Herr Heller. Aliás, este seu agente tem um nome?

O agente tinha muitos nomes, pensava Isherwood naquele momento, enquanto observava o homem a atravessar o pátio quadrangular. O nome verdadeiro dele era Gabriel Allon e a natureza do trabalho secreto que fazia para Shamron deixava-se denunciar por coisas sutis que fazia naquele momento. O modo como olhou de soslaio por cima do ombro, ao esgueirar-se pela passagem que fazia ligação com Duke Street. O modo como, apesar de uma chuva constante, deu não uma, mas duas voltas completas no velho pátio antes de se aproximar da porta segura da galeria e de tocar a campainha de Isherwood. Pobre Gabriel. Um dos três ou quatro melhores do mundo naquilo que faz, mas não consegue se aprumar. E por que deveria? Depois

do que aconteceu à mulher e ao filho em Viena... nenhum homem seria o mesmo depois disso.

Era de estatura inesperadamente média e o seu modo de andar suave parecia impulsioná-lo sem esforço ao longo da Duke Street e em direção ao Green's Restaurant, onde Isherwood reservara uma mesa para o almoço. Quando se sentaram, os olhos de Gabriel vasculharam a sala como lanternas. Tinham um feitio de amêndoa, um verde quase antinatural e eram muito rápidos. As maçãs do rosto eram largas e quadradas, os lábios escuros e o nariz pontiagudo parecia ter sido esculpido em madeira. Era um rosto intemporal, pensou Isherwood. Podia ser de uma capa de revista lustrosa de moda masculina ou de um quadro sombrio de Rembrandt. Era também um rosto com várias origens possíveis. Era um soberbo trunfo profissional.

Isherwood pediu linguado recheado e Sancerre, Gabriel chá preto e uma tigela de consomé. Fez com que Isherwood se lembrasse de um eremita ortodoxo que subsistia com queijo feta rançoso e pão chato duro como pedra, só que Gabriel vivia num chalé agradável, junto a um ribeiro, numa enseada remota, na Cornualha, e não num mosteiro. Isherwood nunca o vira comer uma refeição suculenta, nunca o vira sorrir ou admirar um belo par de ancas. Nunca cobiçava bens materiais. Tinha dois brinquedos apenas, um velho MG e uma chalupa de madeira, ambos restaurados por ele próprio. Ouvia as suas óperas num pequeno e horroroso leitor de CD portátil, manchado de tinta e verniz. Só gastava dinheiro nos equipamentos. Tinha mais brinquedos de alta tecnologia no seu pequeno estúdio na Cornualha do que os que havia no departamento de conservação do museu Tate.

Gabriel pouco mudara ao longo dos vinte e cinco anos em que já se conheciam. Umas quantas rugas a mais à volta daqueles olhos vigilantes, uns quantos quilos a mais no corpo magro. Naquele dia, mal passava de um rapaz, mais calado do que um rato. E mesmo então, o cabelo já tinha mechas grisalhas, a marca de um rapaz que fizera um trabalho de homem.

— Julian Isherwood, apresento-lhe Gabriel — dissera Shamron. — Gabriel é um homem de talento enorme, asseguro.

Um talento enorme, de fato, mas tinha havido lacunas na proveniência do jovem — Como os três anos que faltavam entre a licenciatura na prestigiada *Bezalel School of Art* de Jerusalém e a aprendizagem em Veneza com o mestre restaurador Umberto Conti.

— Gabriel passou algum tempo viajando pela Europa — dissera Shamron secamente. Essa foi a última vez em que o assunto das aventuras europeias foi levantado. Julian Isherwood não falava do que tinha acontecido ao pai e Gabriel não falava das coisas que tinha feito para Ari Shamron, também conhecido como Rudolf Heller entre 1972 e 1975. Secretamente, Isherwood referia-se a eles como os Anos Perdidos.

Isherwood enfiou a mão no bolso interno do paletó e tirou um cheque.

— Sua parte na venda do Vecellio. Cem mil libras.

Gabriel pegou o cheque e enfiou-o no bolso com um movimento suave da mão. Tinha mãos de mágico e a capacidade de engano própria de um mágico. O cheque estava ali, o cheque já não estava.

— Quanto foi sua parte?

— Vou contar, mas primeiro tem que me prometer que não vai divulgar a quantia a nenhum destes abutres — respondeu Isherwood, abrangendo com a mão toda a sala de refeições do Green's.

Gabriel não disse nada, o que Isherwood interpretou como um juramento de sangue de silêncio eterno.

— Um milhão.

— De dólares?

— De libras, minha flor. De libras.

— Quem o comprou?

— Uma galeria bem simpática no Midwest americano. Exposto com gosto, garanto. Dá para acreditar? Consegui por dezesseis mil libras numa sala de vendas empoeirada em Hull, com o palpite — o raio de um palpite louco — de que era o retábulo de altar desaparecido da igreja de San Salvatore em Veneza. E tinha razão! Uma jogada destas só aparece uma vez na carreira, duas se tivermos sorte. À nossa!

Brindaram, copos de vinho a tocando numa xícara de chá de porcelana. Foi então que um homem barrigudo, camisa cor de rosa e faces rosadas combinando apareceu na mesa, ofegante.

— Julian! — exclamou.

— Olá, Oliver.

— Diz-se na Duke Street que conseguiu um milhão limpinho pelo seu Vecellio.

— Onde ouviu dizer isso, diabos?

— Não há segredos nestas bandas, querido. Diga só se é verdade ou uma mentira nojenta e insidiosa.

Voltou-se para Gabriel, como se reparasse nele pela primeira vez, e esticou a mão grande e carnuda, com um cartão de negócios gravado a ouro enfiado no meio dos dedos grossos.

— Oliver Dimbleby. Dimbleby Fine Arts.

Gabriel pegou o cartão em silêncio.

— Por que não nos faz companhia numa bebida, Oliver? — perguntou Isherwood.

Por baixo da mesa, Gabriel pôs o seu pé em cima do dedo do pé de Isherwood e pisou com força.

— Agora não posso, querido. Aquela criatura de pernas compridas ali no reservado prometeu sussurrar coisas porcas ao ouvido se eu lhe pagar mais um copo de champanhe.

— Graças a Deus! — soltou Isherwood entredentes.

Oliver Dimbleby afastou-se bamboleando. Gabriel libertou o pé de Isherwood. — Lá se vão seus segredos.

— Abutres — repetiu Isherwood. — Agora estou em alta, mas mal tropece voltarão a me rondar, à espera de que eu morra para poderem bicar meus ossos.

— Talvez devesse ter um pouquinho mais de cuidado com seu dinheiro.

— Lamento, mas sou um caso perdido. Aliás…

— Ó, meu Deus.

—… parto para Amsterdam na próxima semana para olhar um quadro. É a peça central de um tríptico, autor desconhecido, mas estou com outro palpite. Acho que pode ter saído do estúdio do Rogier van der Weyden. Aliás, posso até estar disposto a apostar muito dinheiro nisso.

— Os Van der Weyden são conhecidos por serem bem difíceis de autenticar. Só há um punhado de obras atribuído a ele com toda segurança e ele nunca assinou nem pôs data em nenhuma.

— Se saiu do estúdio dele, as impressões digitais vão estar lá. E se há alguém capaz de descobri-las é você.

— Terei todo o prazer em ver isso.

— Está trabalhando em alguma coisa neste momento?

— Terminei agora um Modigliani.

— Tenho um trabalho para você.

— Que tipo de trabalho?

— Recebi um telefonema de um advogado há uns dias. Disse que o cliente dele tem um quadro que precisa ser limpo. Disse que o cliente queria que você se encarregasse do serviço e que pagaria uma bela soma.

— Qual é o nome do cliente?

— Não disse.

— Qual é o quadro?

— Não disse.

— Então como supostamente se vai processar tudo?

— Você vai para a casa dele e trabalha no quadro. O proprietário paga hotel e despesas.

— Onde?

— Zurique.

Algo brilhou por trás dos olhos verdes de Gabriel, uma visão, uma recordação. Isherwood passou freneticamente em revista as gavetas com os arquivos da própria memória, bem menos confiança. *Alguma vez o enviei a Zurique a mando de Herr Heller?*

— Zurique é um problema?

— Não, Zurique está ótimo. Quanto eu receberia?

— O dobro do que eu acabei de dar — se começar em seguida.

— Dê-me o endereço.

Gabriel não tinha tempo para regressar à Cornualha e buscar suas coisas, por isso, após o almoço, foi às compras. Em Oxford Street, comprou duas mudas de roupa e uma pequena mala de couro. Depois, foi a Great Russell Street fazer uma visita à L. Cornelissen & Son, ilustre loja de material de arte. Um anjo com cabelo cor de linho, chamado Penélope, ajudou-o a preparar um kit de viagem com pigmentos, pincéis e solventes. Ela conhecia-o pelo seu nome de trabalho e ele galanteou-a descaradamente, com o sotaque tênue de um italiano a viver no estrangeiro.

Ela embrulhou as compras num papel pardo e atou-as com barbante. Ele deu-lhe um beijo na face. O cabelo dela cheirava a cacau e incenso.

Gabriel sabia demasiado sobre terrorismo e segurança para gostar de viajar de avião, por isso foi de metro até a estação de Waterloo e apanhou um trem Eurostar para Paris, ao final da tarde. Na Gare de l'Est, entrou num trem noturno em direção a Zurique e, por volta das nove horas da manhã seguinte, já se passeava pela extensão ligeiramente flectida de Bahnhofstrasse. Como Zurique esconde tão graciosamente as suas riquezas, pensou. Muito do ouro e da prata do mundo encontrava-se nas caixas-fortes dos 24 bancos por baixo dos pés dele, mas não havia torres de escritórios hediondas a assinalar as fronteiras do sector financeiro nem monumentos à acumulação de lucros. Apenas subtileza, discrição e engano. Uma mulher desprezada que desvia o olhar para esconder a vergonha. A Suíça.

Chegou a Parade platz. De um lado da praça ficava a sede do Credit Suisse, do outro o Union Bank da Suíça. Uma rajada de pombos quebrou a calmaria. Atravessou a rua.

Em frente ao Hotel Savoy havia uma paragem de táxis. Entrou num dos carros que aguardavam depois de olhar primeiro de relance para o número da matrícula e de o memorizar. Deu ao taxista o endereço da residência, fazendo o melhor possível para esconder o sotaque berlinense que herdara da mãe.

Ao atravessar o rio, o taxista ligou o rádio. Um locutor estava a ler as notícias da noite. Gabriel teve de se esforçar para compreender o dialeto Zuri Dutsch dele. Afastou a atenção do rádio e concentrou-se na tarefa que tinha pela frente. No mundo da arte, havia quem considerasse o restauro um trabalho entediante, mas Gabriel olhava para cada missão como uma

aventura à espera de se desenrolar; uma oportunidade para passar para o outro lado do espelho, para um outro tempo e lugar. Um lugar onde o êxito ou o fracasso eram determinados pelas suas próprias capacidades e audácia e por nada mais.

Pôs-se a imaginar o que o aguardava. Só o fato de o proprietário o ter pedido a ele especificamente já queria dizer que a obra era quase com certeza de um Velho Mestre. Também podia partir do pressuposto de que o quadro estava bem sujo e danificado. O proprietário não se teria dado ao trabalho nem à despesa de o trazer até Zurique se necessitasse de uma camada nova de verniz. Então por quanto tempo ficaria ele aqui? Seis semanas? Seis meses? Difícil de dizer. Não havia dois restauros iguais; ia depender muito do estado do quadro. Tinha sido necessário um ano para restaurar o Vecellio de Isherwood, ainda que ele tivesse tirado um curto período sabático a meio do trabalho, cortesia de Ari Shamron.

Rosenbuhlweg era uma rua estreita, com uma largura que apenas dava para acomodar dois carros ao mesmo tempo, e subia de modo pronunciado pela encosta da colina de Zíirichberg. As casas eram antigas, grandes e amontoadas umas em cima das outras. Paredes de estuque, telhados de ladrilho, pequenos jardins emaranhados. Em todas, exceto naquela em que o taxista parou à porta.

Ficava no alto do seu próprio promontório e, ao contrário das vizinhas, estava posicionada a vários metros de distância da rua. Uma vedação metálica elevada, como as grades de uma cela de prisão, dava a volta ao perímetro. Ao nível do passeio, havia um portão de segurança, apetrechado com uma câmera de vigilância. Para lá do portão, erguia-se uma fila de degraus de pedra. A seguir vinha a casa, uma

construção melancólica de rocha vulcânica com torreões e um pórtico imponente a servir de entrada.

O táxi partiu. Em baixo, ficava o centro de Zurique e o lago. Nuvens cobriam a margem mais distante. Gabriel lembrou-se de que era possível ver os Alpes num dia limpo, mas naquele momento também eles estavam tapados.

Instalado junto ao portão, numa parede de pedra, estava um telefone. Gabriel levantou o receptor, ouviu chamar do outro lado da linha e esperou. Nada.

Voltou a colocar o receptor no descanso, depois pegou nele outra vez.

Continuavam sem atender.

Tirou do bolso o fax do advogado que Julian Isherwood lhe entregara em Londres. Deverá chegar às nove da manhã em ponto. Toque à campainha e será acompanhado até o interior da casa. Gabriel olhou para o relógio. Passavam três minutos das nove.

Ao enfiar de novo os papéis dentro do bolso, começou a chover. Olhou em redor: não havia cafés onde se pudesse sentar confortavelmente, nem parques ou praças onde pudesse encontrar um pouco de abrigo do tempo. Apenas um deserto de riqueza residencial herdada. Se ficasse parado muito tempo no passeio, provavelmente seria preso por vagabundagem.

Pegou o celular e teclou o número de Isherwood. Provavelmente, ainda devia estar a caminho da galeria. Enquanto Gabriel esperava que a ligação fosse estabelecida, surgiu-lhe na cabeça uma imagem de Isherwood, debruçado sobre o volante do seu novo e reluzente jaguar, a arrastar-se por Piccadilly como se estivesse a pilotar um petroleiro ao longo de águas traiçoeiras.

— Desculpa, mas receio que tenha havido uma mudança de planos. Pelos vistos, o sujeito que

supostamente se devia encontrar com você teve de sair de repente da cidade. Uma emergência de qualquer tipo. Não foi muito preciso acerca disso.

Sabes como é que os suíços são capazes de ser, minha flor.

— E o que eu devo fazer?

— Ele enviou-me os códigos de segurança para o portão e a porta da frente. Esperam que entres por ti mesmo. Supostamente, está um bilhete para você em cima da mesa no hall de entrada, a explicar onde é que podes encontrar o quadro e os teus aposentos.

— Tudo muito pouco ortodoxo, não acha?

— Considere-se sortudo. Dá a ideia de que vai ficar com o lugar por sua conta durante uns dias e não terá ninguém em cima de cima observando enquanto trabalha.

— Suponho que tenha razão.

— Deixa eu dar os códigos de segurança. Tem papel e caneta aí? São bem compridos.

— Diz-me lá os números, Julian. Chove a potes e estou a ficar encharcado aqui fora.

— Ah, sim. Você e os seus truquezinhos de magia baratos. Dantes eu tinha uma garota na galeria que conseguia fazer a mesma coisa.

Isherwood disparou duas séries de números, cada uma com oito dígitos de extensão, e cortou a ligação. Gabriel levantou o receptor do telefone de segurança e marcou os números. Ouviu-se um apito elétrico; rodou o trinco e passou para o lado de lá do portão. Na entrada principal da casa, repetiu o procedimento e, um instante depois, estava parado no hall da frente escurecido, tateando à procura de um interruptor.

O envelope estava dentro de uma taça grande de vidro, em cima de uma mesa antiga trabalhada, junto à base da escada. Vinha dirigido ao Signore Delvecchio, o nome de trabalho de Gabriel. Pegou o envelope e

abriu-o com o indicador. Papel liso, acinzentado, de qualidade superior de resistência, sem cabeçalho. Caligrafia precisa e cuidada, sem assinatura. Levou-o até o nariz. Nenhum cheiro.

Gabriel começou a ler. O quadro estava pendurado na sala de visitas, um Rafael, detrato de um jovem. Tinha-lhe sido feita uma reserva no Dolder Grand Hotel, a cerca de um quilômetro e meio de distância, do outro lado da colina de Zúrichberg. Havia comida no frigorífico. O proprietário regressaria a Zurique no dia seguinte. Ficaria muitíssimo agradecido se o Signore Delvecchio pudesse iniciar o trabalho sem demora.

Gabriel enfiou o bilhete no bolso, com que então, um Rafael. Seria o seu segundo. Cinco anos antes, restaurara um pequeno objeto religioso, uma Virgem e o Menino, inspirado na célebre composição de Leonardo. Gabriel podia sentir uma sensação de formigueiro nas pontas dos dedos. Era uma oportunidade maravilhosa. Estava contente por ter aceitado o trabalho, independentemente das combinações pouco ortodoxas.

Atravessou uma passagem e entrou numa sala grande. Estava escuro, não havia luzes acesas, as cortinas espessas estavam completamente fechadas. Apesar da escuridão, teve a sensação de estar perante um amontoado de objetos aristocráticos da Europa Central.

Avançou alguns passos. Por baixo dos pés, o tapete estava úmido. O ar cheirava a sal e ferrugem. Era um odor que Gabriel já sentira antes. Debruçou-se, tocou com os dedos no tapete e levou-os ao rosto.

Estava pisando em sangue.

O tapete oriental estava desbotado e era muito velho, como o homem morto esticado no centro dele. Estava deitado de barriga para baixo e na hora da

morte estava a esticar a mão direita para a frente. Vestia um blazer azul com duas rachas laterais, a brilhar de coçado nas costas, e calças de flanela cinzentas. Os sapatos eram de camurça castanha. Um dos sapatos, o direito, tinha o tacão e a sola mais grossos. a calça estavam subidas ao longo da parte inferior da perna. A pele era pavorosamente branca, como um osso a nu. As meias estavam desirmanadas.

Gabriel pôs-se de cócoras com a descontração de alguém que se sentia à vontade ao pé dos mortos. O corpo era o de um homem minúsculo — um metro e meio, não mais do que isso. Estava deitado de perfil, com o lado esquerdo do rosto visível. Por entre o sangue, Gabriel conseguiu ver um maxilar quadrado e uma maçã do rosto delicada. O cabelo era grosso e branco como a neve. Parecia que o homem tinha levado um tiro no olho esquerdo e que a bala saíra pela nuca. A julgar pelo tamanho da ferida no lugar de saída da bala, a arma utilizada tinha sido uma pistola de calibre bem potente. Gabriel olhou para cima e viu que a bala estilhaçara o espelho por cima da grande lareira. Suspeitou que o velho estivesse morto há umas horas. Calculou que devesse telefonar à polícia, mas depois imaginou a situação do ponto de vista deles. Um estrangeiro numa casa cara, um cadáver com um tiro no olho. No mínimo, seria detido para interrogatório. Gabriel não podia permitir que isso acontecesse. Levantou-se e desviou o olhar do morto para o Rafael. Uma imagem impressionante: um belo jovem em semiperfil, iluminado de forma sensual.

Gabriel calculou que tivesse sido pintado enquanto Rafael vivia e trabalhava em Florença, provavelmente entre 1504 e 1508. O que acontecera ao velho tinha sido uma pena. Teria sido um prazer restaurar um quadro daqueles.

Regressou ao hall de entrada, parou e olhou para baixo. Tinha deixado marcas de sangue ao longo do chão de mármore. Não havia nada a fazer em relação a isso. Em circunstâncias como aquelas, fora treinado para se ir embora rapidamente, sem se preocupar com o pouco de confusão ou de barulho que daí pudesse resultar.

Pegou as malas, abriu a porta e saiu. Nesta hora, chovia mais e, quando chegou ao portão no final do passeio de laje, já não estava a deixar pegadas ensanguentadas.

Andou rapidamente até chegar a uma via: a Krahbühlstrasse. O elétrico número 6 deslizou pela encosta da colina abaixo. Tentou chegar primeiro do que ele à paragem seguinte, andando depressa mas sem correr, e saltou para dentro dele sem bilhete.

O trólei avançou aos solavancos. Gabriel sentou-se e olhou para a direita. Rabiscada na parede da carruagem, com um marcador preto indelével, estava uma suástica sobreposta numa Estrela de David. Por baixo, havia duas palavras: JUDEN SCHEISSNR (Judeus de merda).

O elétrico levou-o diretamente a Hauptbahnhof. No interior do terminal, numa arcada comercial subterrânea, comprou um par de botas de couro Bally a um preço exorbitante. No piso de cima, no hall principal, verificou o quadro das partidas. Um trem saía para Munique dentro de quinze minutos. De Munique podia apanhar um voo noturno de regresso a Londres, onde iria diretamente a casa de Isherwood, em South Kensington, estrangulá-lo.

Comprou um bilhete de primeira classe e foi até a casa de banho. Numa cabina, descalçou os mocassins e substituiu-os pelas botas novas. À saída, deitou os mocassins num caixote de lixo e tapou-os com papel higiênico.

Quando chegou à plataforma, já tinha começado o embarque. Entrou para a segunda carruagem e foi abrindo caminho pelo corredor até chegar ao seu compartimento. Estava vazio. Um instante depois, ao mesmo tempo que o trem começava a avançar, Gabriel fechou os olhos, mas tudo o que conseguia ver era o morto deitado aos pés do Rafael e as duas palavras rabiscadas num elétrico: JUDEN SCHEISS.

O trem abrandou até parar. Ainda estavam na plataforma. Lá fora, no corredor, Gabriel ouviu passos, A seguir, a porta do compartimento escancarou-se, como se uma bomba a tivesse feito explodir, e dois policiais entraram de rompante.

2

VITORIA, ESPANHA

Novecentos e sessenta e cinco quilômetros a oeste dali, na cidade basca de Vitoria, um inglês estava sentado no meio das sombras frescas da Plaza de Espana, a bebericar um café num bar por baixo da elegante arcada. Apesar de não ter conhecimento do que se estava a passar em Zurique, esses acontecimentos não tardariam muito a alterar o curso da sua bem ordenada vida. Por enquanto, a atenção dele estava concentrada na entrada do banco do outro lado da praça Pediu mais um café com leite e acendeu um cigarro. Trazia um chapéu com abas e óculos de sol. O cabelo tinha o brilho prateado e saudável de um homem que ficara prematuramente grisalho. O terno de popeline cor de areia condizia com a arquitetura predominante de Vitoria, permitindo misturar-se, como um camaleão, à paisagem que o rodeava. Dava a

impressão de estar fascinado com as edições dessa manhã dos jornais *El País* e *El Mundo*. Não estava. Na parede de pedra do edifício, de um amarelo-pálido, um artista de grafito rabiscara um aviso: ATENÇÃO, TURISTA! VOCÊ JÁ NÃO ESTÁ MAIS NA ESPANHA! ISTO É O PAÍS BASCO! O inglês não sentiu qualquer tipo de desconforto. Se, por alguma razão, fosse atacado pelos separatistas, tinha a certeza de ser capaz de tomar conta de si mesmo.

O seu olhar fixou-se na porta do banco. Dentro de poucos minutos, um caixa chamado Felipe Navarra sairia para a hora de almoço. Os colegas achavam que ia para casa almoçar e fazer a sesta com a mulher. A mulher achava que ele se estava a reunir em segredo com os seus companheiros políticos bascos. Na realidade, Felipe Navarra dirigir-se-ia para um apartamento na cidade velha, logo a seguir à Plaza de Ia Virgen Blanca, onde passaria a tarde com a amante, uma bela garota de cabelos pretos chamada Amaia. O inglês sabia isso porque andava a vigiar Navarra há já quase uma semana.

À uma e quinze da tarde, Navarra saiu do banco e dirigiu-se para a cidade velha. O inglês deixou uma mão-cheia de pesetas em cima da mesa, o suficiente para pagar a conta e incluir ainda uma gorjeta generosa para o empregado, e seguiu-o discretamente. Ao entrarem numa rua de mercado apinhada, manteve-se a uma distância segura. Não havia necessidade de se aproximar demasiado. Sabia onde ia a sua presa.

Felipe Navarra não era um caixa comum. Era um agente ao serviço da Euzkadi Ta Askatasuna (Pátria e Liberdade Bascas), mais conhecida por ETA. No vocabulário da ETA, Navarra era um comando adormecido. Vivia uma vida normal com um trabalho normal e recebia ordens de um comandante anônimo. Um ano antes, fora instruído para assassinar um jovem

oficial da Guardiã Civil. Infelizmente para Navarra, o pai do oficial era um vinicultor de sucesso, um homem com dinheiro suficiente para financiar uma busca exaustiva do assassino do filho. Algum desse dinheiro residia agora numa conta bancária numerada do inglês, num banco suíço.

Entre os especialistas em terrorismo da Europa, a ETA tinha uma reputação em termos de treino e disciplina operacional que rivalizava com a do Exército Republicano Irlandês, um grupo com o qual o inglês já tinha lidado no passado. Mas com base nas observações do inglês até o momento, Felipe Navarra parecia um agente com muito espírito de iniciativa. Seguiu diretamente para o apartamento da garota, sem tomar precauções de segurança ou medidas de contravigilância. Era um milagre ele ter conseguido matar o oficial da Guardiã Civil e escapar. O inglês pensou que estaria provavelmente a fazer um favor à ETA ao eliminar um agente tão incompetente.

Navarra entrou num prédio de apartamentos. O inglês atravessou a rua em direção a uma padaria, onde consumiu dois bolos com muito açúcar e bebeu mais um café com leite. Não gostava de trabalhar com o estômago vazio. Olhou para o relógio. Navarra estava lá dentro há vinte minutos, o tempo suficiente para os preliminares de um encontro amoroso.

Ao atravessar a rua sossegada, teve uma ideia divertida. Se telefonasse à mulher de Navarra, uma ruiva com um temperamento basco fogoso, ela provavelmente iria fazer o trabalho por ele. Mas, em rigor, isso seria uma quebra de contrato. Além disso, queria fazê-lo ele mesmo. O inglês era feliz no seu trabalho. Entrou no foyer escuro e fresco. Diretamente à frente dele, estava a entrada para um pado com sombra. À direita, havia uma fila de caixas de correio. Subiu rapidamente as escadas até a porta do

apartamento da garota no quarto andar. Havia uma televisão ligada, um concurso sem sentido a dar na Antena 3. Ajudou a esconder o som mínimo que o inglês fez ao arrombar a fechadura. Entrou no apartamento, fechou a porta e trancou-a novamente. A seguir, entrou, com passos abafados, no quarto.

Navarra estava sentado na ponta da cama. A mulher estava ajoelhada no chão, a cabeça a mover-se de forma ritmada entre as pernas dele. Os dedos de Navarra estavam entrelaçados no cabelo dela e tinha os olhos fechados, não se apercebendo por isso da nova presença no quarto. O inglês tentou imaginar por que razão estariam eles a fazer amor ao som de um concurso. O seu a seu dono, pensou.

O inglês atravessou rapidamente o quarto com três passadas largas, com os passos encobertos pelo som da televisão. Uma faca deslizou-lhe de uma bainha que tinha no antebraço direito e caiu-lhe na palma da mão. Era a arma de um soldado, com uma lâmina altamente serrilhada e um cabo grosso revestido de couro. Segurou-a como tinha sido treinado no quartel-general do seu regimento, numa charneca varrida pelo vento, nas Midlands da Inglaterra.

Quando se apunhala um homem, a inclinação natural é fazê-lo por trás, de modo a que o assassino e a vítima nunca se encontrem cara a cara, mas o inglês tinha sido treinado para matar com uma faca pela frente. Neste caso, isso significava que o elemento surpresa estava perdido, mas o inglês era uma criatura de hábitos e acreditava em fazer as coisas como mandavam os livros.

Avançou alguns passos, para ficar por trás da garota. Os cabelos caíam-lhe sobre as costas, longas e em forma de V. Os olhos dele seguiram-lhe a linha da coluna vertebral até a cintura fina, às ancas arredondadas e largas e às nádegas curvas.

Navarra abriu os olhos. Em desespero, tentou empurrar a garota para longe. O assassino fez isso por ele, pegando-lhe numa mão-cheia do cabelo e atirando-a pelo quarto fora, fazendo-a deslizar de costas no chão de madeira dura e derrubando um abajur de pé.

Navarra, sem tirar os olhos do intruso, esticou-se de costas pelos lençóis amarrotados e bateu com a palma da mão num monte de roupa emaranhada. Então, ele tinha uma arma. O inglês avançou e agarrou o pescoço do basco com a mão esquerda, apertando-lhe a laringe quase até a partir. A seguir, comprimiu-o contra a cama, colocando-se em cima dele, com um joelho na barriga. Navarra contorceu-se, debatendo-se para conseguir respirar, com uma expressão no rosto que era uma combinação de pânico e resignação completa.

O inglês espetou a faca no tecido macio por baixo da caixa torácica do basco, num movimento angular em direção ao coração. Os olhos do homem saltaram-lhe das órbitas e o corpo ficou rijo, antes de descomprimir. O sangue bombeava por cima da lâmina da faca.

O inglês tirou a faca do peito do morto e levantou-se. A garota pôs-se de pé de forma atabalhoada. Depois avançou e esbofeteou-o com força no rosto.

— Quem pensa que é, diabos?

O inglês não sabia bem o que pensar desta mulher. Tinha acabado de vê-lo esfaqueando o amante até a morte, mas agia como se ele tivesse deixado um rastro de lama no chão limpo.

Bateu-lhe uma segunda vez.

— Eu trabalho para o Aragón, meu idiota! Há um mês que me ando a encontrar com o Navarra. Estávamos quase a prendê-lo e a eliminar o resto da célula dele. Quem é que te enviou para aqui? Não foi o

Aragón. Ele ter-me-ia dito. Ficou ali especada, à espera da resposta dele, sem vergonha aparente da sua nudez.

Eu trabalho para o Castillo.

Falou com calma e num espanhol fluente. Não conhecia ninguém chamado Castillo — foi apenas o primeiro nome que lhe veio à cabeça. Onde o teria visto? Na padaria? Sim, era isso. A padaria do outro lado da rua.

Ela perguntou:

— Quem é o Castillo?

— O homem para quem eu trabalho.

— O Castillo trabalha para o Aragón?

— Como é que eu hei-de saber? Por que não ligas ao Aragón? Ele liga ao Castillo e resolvemos esta trapalhada toda.

— Muito bem.

— Liga-lhe daquele telefone ali.

— Vou mesmo, meu idiota de merda!

— Mas faz é isso sem fazer barulho, antes que alertes todos os moradores do prédio de que acabamos de matar um homem.

Cruzou os braços sobre os seios, como se tivesse noção da sua nudez pela primeira vez.

— Como é que te chamas? — Não te vou dizer o meu nome.

— Porque não?

— Como é que eu sei que trabalhas mesmo para o Aragón? Se calhar trabalhas aqui com o pinga-amor. Se calhar faz parte da célula dele. Se calhar vais ligar a alguns dos amigos dele e eles vêm aqui e matam-me.

Ergueu a faca ensanguentada e passou o polegar pela lâmina. A garota franziu o sobrolho.

— Nem sequer penses em tentar! Idiota de merda!

— Põe o Aragón ao telefone. Depois digo-te o meu nome.

— Vais meter-te num grande sarilho.

— Põe mas é o Aragón ao telefone e eu explico tudo.

Ela sentou-se na borda da cama, agarrou no receptor e teclou o número com violência. O inglês deu um passo em frente e pôs o dedo em cima do descanso, cortando a ligação.

— O que pensas que estás a fazer? Como é que te chamas? O assassino rasgou-lhe o pescoço de um lado ao outro, num movimento brutal. Deu um passo atrás para evitar o jorro inicial de sangue, como um géiser; a seguir, ajoelhou-se à frente dela e ficou a ver a vida a esvair-se dos seus olhos. Enquanto ela morria, ele inclinou-se para a frente e sussurrou-lhe o nome ao ouvido.

O inglês passou o resto do dia a conduzir: a via rápida de Vitoria a Barcelona, depois a auto-estrada costeira de Barcelona até Marselha, atravessando a fronteira. Mais tarde, nessa noite, pegou um ferry de trabalhadores para fazer a travessia noturna até a Córsega.

Estava vestido como um típico corso: calças de algodão largas, sandálias de couro empoeiradas, uma camisa grossa para se proteger do frio de Outono. O cabelo castanho-escuro estava cortado à escovinha. O terno de popeline e o chapéu com abas que usara em Vitoria jaziam lixeira de um café na beira da estrada, em Bordéus. A cabeleira prateada tinha sido atirada pela janela do carro, em direção a um desfiladeiro de montanhas. O próprio carro, registrado em nome de um tal David Mandelson, uma das suas muitas identidades falsas, tinha sido devolvido ao agente do serviço de aluguer na cidade. Deixou o convés e foi até o camarote. Era privado, com os seus próprios

chuveiro e casa de banho. Deixou a pequena maleta de couro em cima do beliche e subiu ao convés dos passageiros. Ofeny estava praticamente vazio, com algumas pessoas à volta do bar para tomarem uma bebida e comerem alguma coisa. Sentia-se cansado após a longa viagem de carro, mas o sentido rígido de disciplina interna não lhe permitiria dormir sem primeiro passar em revista os rostos dos passageiros.

Deu a volta ao convés, não viu nada de alarmante e a seguir foi até o bar, onde pediu meia garrafa de vinho e pôs-se à conversa com um corso chamado Matteo. Matteo vivia na parte noroeste da ilha, como o inglês, mas dois vales para sul, à sombra do Monte d'Oro. Já não ia ao vale do inglês há vinte anos. Era assim o ritmo da vida na ilha.

A conversa passou para o fogo posto que dizimara o vale do inglês na época de seca anterior.

— Chegaram a descobrir quem foi? — perguntou Matteo, servindo-se de um pouco do vinho do inglês.

Quando o inglês lhe contou que as autoridades suspeitavam dos separatistas da FLNC, o corso acendeu um cigarro e soprou o fumo para o teto.

— Miúdos estouvados! — rosnou, com o inglês a acenar lentamente com a cabeça, em sinal de concordância.

Uma hora mais tarde, deu as boas-noites a Matteo e regressou ao camarote. Na maleta, havia um pequeno rádio. Ouviu o noticiário da meia-noite numa estação de Marselha. Após uns minutos de notícias do país, fizeram uma síntese de notícias do estrangeiro. Na Margem Ocidental, tinha havido mais um dia de combates entre as forças palestinas e israelenses. Em Espanha, dois membros do grupo terrorista basco ETA tinham sido assassinados na cidade de Vitoria. E na Suíça, um banqueiro proeminente chamado Augustus Rolfe tinha sido encontrado assassinado em casa, num

bairro de luxo de Zurique. Um homem não identificado fora detido. O inglês desligou o rádio, fechou os olhos e adormeceu de imediato.

3

ZURIQUE

A sede da Stadtpolizei Zurich estava situada a apenas algumas centenas de metros da estação de trem em Zeughausstrasse, enfiada entre o rio Sihl, de cor de fumo, e um estaleiro de caminhos-de-ferro que se estendia para lá da vista. Tinham levado Gabriel ao longo de um pátio central de pedra, em direção a um anexo de alumínio e vidro onde estava instalada a brigada de homicídios. Lá dentro, deixaram-no numa sala de interrogatórios sem janelas, tendo como mobília uma mesa de madeira clara e um trio de cadeiras que não combinavam entre si. A bagagem tinha-lhe sido apreendida, como as tintas, os pincéis e os químicos. E também a carteira, o passaporte e o celular. Até lhe tinham ficado com o relógio de pulso. Supôs que estivessem à espera que ele ficasse desorientado e confundido. Tinha a certeza de que sabia mais sobre as técnicas de interrogatório do que a polícia de Zurique. Tinha sido interrogado três vezes por três agentes diferentes: uma vez, brevemente, na estação de trem, antes de ser detido, e mais duas vezes nesta sala. A julgar pela roupa e a idade, a importância dos seus interrogadores ia aumentando progressivamente.

A porta abriu e um só agente entrou na sala. Vestia um casaco de tweed e não tinha gravata. Disse que era o sargento-mor Baer. Sentou-se à frente de

Gabriel, pôs um arquivo em cima da mesa e olhou fixamente para ele, como se fosse um tabuleiro de xadrez e estivesse a matutar na sua próxima jogada. — Diga-me o seu nome — disse bruscamente em inglês.

Não mudou desde a última vez que me perguntaram.

Diga-me o seu nome.

O meu nome é Mario Delvecchio. Onde é que mora?

— Em Port Navas, na Cornualha.

— Em Inglaterra? — Sim.

— É italiano, mas vive na Inglaterra?

— Da última vez que verifiquei, isso não é nenhum crime.

— Não disse que era, mas é interessante, no entanto. O que faz em Port Navas, na Inglaterra?

— Já disse aos primeiros três agentes que me interrogaram.

— Sim, eu sei.

— Sou restaurador de arte. — Por que está em Zurique?

— Fui contratado para limpar um quadro.

— Na residência em Zúrichberg? — Sim.

— E quem é que o contratou para limpar esse quadro? Limpar? Foi essa a palavra que utilizou? Uma palavra peculiar: limpar. Uma pessoa pensa em limpar chãos, limpar carros ou roupa. Mas não quadros. Isso é uma expressão comum na sua linha de trabalho?

— É — respondeu Gabriel, com o inspetor a parecer desapontado por ele não ter desenvolvido mais. — E quem é que o contratou?

— Não sei.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que isso nunca me foi esclarecido. As combinações foram feitas por um advogado em Zurique e um negociante de arte em Londres.

— À, sim: Julius Isherwood.

— Julian.

Com uma reverência germânica por papelada, o detetive fez tudo por dar nas vistas ao expurgar a palavra ofensiva e escrever cuidadosamente à mão a correção. Quando terminou, olhou para Gabriel com um ar triunfante, como se esperasse aplausos.

— Continue.

— Disseram-me simplesmente para ir ter a essa residência. Encontrar-se-iam comigo e levar-me-iam para dentro.

— Quem se encontraria com você?

— Isso nunca me foi esclarecido.

O número de fax de Isherwood estava no arquivo. O detetive pôs uns óculos de meia-lua e pegou a folha com o fax, voltando-a para a luz. Os lábios moveram-se enquanto lia. — Quando é que chegou a Zurique?

— Têm o canhoto do meu bilhete de trem. Sabem que eu cheguei hoje de manhã. O detetive franziu o sobrolho, deixando perceber que não gostava que os suspeitos lhe dissessem o que sabia e não sabia.

— Para onde foi depois de chegar?

— Direto ao endereço.

— Não fez o check-in no hotel primeiro?

— Não, ainda não sabia onde ficar.

— E onde estava pensando ficar?

— Como podem ver pelo bilhete, tinham feito preparativos para eu ficar no Dolder Grand Hotel.

Baer não prestou atenção a este engano aparente e prosseguiu.

— Como é que foi de Hauptbahnhof para esse endereço?

— De táxi.

— Quanto pagou pela corrida?

— Cerca de quinze francos.

— A que horas chegou lá?

— Passavam dois minutos das nove.

— Como pode ter tanta certeza da hora?

— Veja o fax de Julian Isherwood. Disseram-me para chegar às nove em ponto. Não tenho por hábito chegar atrasado a encontros, sargento-mor Baer.

O detetive sorriu, em sinal de admiração. Era um homem expedito e dava valor à pontualidade e à atenção aos pormenores nos outros, mesmo que suspeitasse que tivessem cometido um homicídio.

— E quando chegou à casa?

— Usei o telefone seguro, mas ninguém atendeu. Por isso, liguei para o Sr. Isherwood, em Londres. Disse-me que a pessoa que deveria ter encontrado comigo tivera de sair de repente da cidade.

— Foi isso que ele disse? Sair da cidade?

— Qualquer coisa assim.

— E esse Sr. Isherwood deu-lhe os códigos?

— Sim.

— E quem deu os códigos ao Sr. Isherwood?

— Não sei. O advogado do homem, suponho.

— Anotou os códigos?

— Não.

— Por que não?

— Não era necessário.

— Por que não?

— Porque memorizei.

— Sério? Deve ter uma memória muito boa, Signore Delvecchio.

O detetive saiu da sala durante quinze minutos. Quando regressou, trazia um café para si mesmo e nada para Gabriel. Sentou-se e retomou o interrogatório de onde tinha ficado.

— Estas combinações parecem peculiares, Signore Delvecchio. E costume não ter conhecimento do artista antes de chegar e começar a trabalhar num restauro?

— Não, não é costume. Na verdade, é bem fora do comum.

— De fato.

Recostou-se na cadeira e cruzou os braços, como se esta admissão fosse equivalente a uma confissão assinada.

— E também é costume não lhe darem o nome do proprietário de um quadro que vai restaurar?

— Não é fora do comum.

— Rolfe.

Olhou para Gabriel, para ver se o nome produzia alguma reação, o que não aconteceu.

— A pessoa que é dona do quadro chama-se Augustus Rolfe. Também é o homem que assassinou na residência.

— Eu não assassinei ninguém e o sargento-mor sabe disso. Estava morto muito antes de eu chegar a Zurique. Ainda estava no trem quando ele foi assassinado. Umas cem pessoas podem confirmar que eu estava naquele trem.

O detetive pareceu indiferente à tese de Gabriel. Deu um gole no café.

— Diga-me o que aconteceu depois de ter entrado na casa.

Gabriel relatou a sequência dos acontecimentos num tom lento e monocórdico: o hall de entrada escuro, o tatear à procura do interruptor, o bilhete não assinado na taça em cima da mesa, o cheiro estranho no ar ao entrar na sala de visitas, a descoberta do corpo.

— Viu o quadro?

— Sim.

— Antes de ter visto o corpo ou depois?

— Depois.

— E durante quanto tempo olhou para ele?

— Não sei. Um minuto ou coisa assim.

— Tinha acabado de descobrir um cadáver, mas parou para olhar um quadro.

O detetive não pareceu saber bem o que pensar desta informação. — Fale-me desse pintor — olhou para as notas —, Rafael. Receio saber pouco de arte.

Gabriel conseguiu perceber que ele estava mentindo, mas resolveu ir ao jogo. Durante os quinze minutos seguintes, deu uma preleção pormenorizada sobre a vida e a obra de Rafael: o seu treino e as influências, as inovações da sua técnica, a relevância duradoura das suas principais obras. Quando terminou, o policial olhava fixamente para os restos do café, um homem derrotado.

— Quer que eu continue?

— Não, obrigado. Isso foi muito útil. Se não matou Augustus Rolfe, por que foi embora sem telefonar para a polícia? Por que tentou fugir de Zurique?

— Sabia que as circunstâncias iam parecer suspeitas, por isso entrei em pânico.

O detetive olhou-o de alto a baixo com ceticismo, como se não conseguisse acreditar que Mario Delvecchio fosse de fato um homem dado a ataques de pânico.

— Como foi de Zürichberg para Hauptbahnhof?

— Peguei um trólei.

Baer examinou atentamente os bens apreendidos de Gabriel.

— Não vejo nenhum bilhete de trólei no meio de suas coisas, tem certeza de que comprou um bilhete?

Gabriel abanou a cabeça: culpado, sem sombra de dúvida. As sobrancelhas de Baer ergueram-se. A ideia de que Gabriel usara um trólei sem pagar parecia mais horrorosa do que a possibilidade de ele ter dado um tiro na cabeça de um velho.

— Isso é uma infração muito grave, Signore Delvecchio! Receio que vá ser multado em cinquenta francos!

— Peço imensas desculpas.

— Já tinha estado em Zurique?

— Não, nunca.

— Então como sabia qual era o trólei que o levaria para Hauptbahnhof?

— Foi um palpite de sorte, suponho. Ia na direção certa e por isso peguei-o.

— Diga-me mais uma coisa, Signore Delvecchio. Fez compras enquanto esteve em Zurique?

— Compras?

— Comprou alguma coisa? Fez compras?

— Comprei um par de sapatos.

— Por quê?

— Porque enquanto estava à espera para entrar na casa, meus sapatos ficaram encharcados com a chuva.

— Entrou em pânico. Estava com medo de ir à polícia, desesperado para sair de Zurique, mas deu-se ao trabalho de arranjar sapatos novos porque tinha os pés molhados?

— Sim.

Recostou-se na cadeira e bateu na porta. Ela abriu e surgiu um braço, a segurar um saco de provas com os sapatos de Gabriel.

— Encontramos isto numa casa de banho em Hauptbahnhof, enterrado num caixote de lixo. Suspeito que sejam seus. Também suspeito que vão corresponder ao conjunto de pegadas ensanguentadas no hall de entrada e no passeio da residência.

— Já disse que estive lá. As pegadas, se corresponderem de fato a esses sapatos, não provam nada.

— Sapatos bem bons para serem simplesmente deixados no banheiro de uma estação de trem. E não me parecem assim tão molhados.

Olhou para Gabriel e deu um pequeno sorriso.

— Mas também já ouvi dizer que as pessoas que entram em pânico com facilidade têm muitas vezes pés sensíveis.

Passaram três horas até Baer voltar a entrar na sala. Pela primeira vez, não estava sozinho. Para Gabriel, era óbvio que este novo homem representava uma autoridade superior. E também era óbvio que não era um simples detetive da brigada de homicídios de Zurique. Gabriel foi capaz de o perceber pelas pequenas maneiras como, em termos físicos, Baer mostrava uma atitude de deferência para com ele, pela maneira como os seus calcanhares bateram um no outro quando, como um chefe de mesa, sentou o novo homem à mesa de interrogatório e se afastou discretamente para segundo plano. O homem disse que se chamava Peterson. Não forneceu um nome próprio nem informações profissionais. Usava um terno cinza-carvão imaculadamente passado e gravata de banqueiro. O cabelo era quase branco e muito bem aparado. As mãos, cruzadas em cima da mesa, à frente dele, eram as mãos de um pianista. No pulso esquerdo, tinha um relógio de prata grosso, feito na Suíça, claro, com um mostrador azul-escuro, um aparelho capaz de aguentar a pressão das grandes profundidades. Estudou Gabriel por um momento, com olhos sérios e lentos. Tinha a arrogância natural de um homem que sabe segredos e mantém arquivos.

— Os códigos de segurança.

Como Baer, falou com Gabriel em inglês, só que quase sem vestígios de sotaque. — Onde é que os apontou?

— Não os apontei. Como eu disse ao sargento-mor Baer...

— Eu sei o que disse ao sargento-mor Baer. Os olhos dele deram repentinamente sinal de vida.

— Estou a pedir-lhe que me responda a mim. Onde é que os apontou? — Recebi os códigos através do Sr. Isherwood, ao telefone, de Londres, e usei-os para abrir o portão de segurança e a porta da frente da residência. — Memorizou os números?

— Sim.

— Dê agora.

Gabriel recitou calmamente os números. Peterson olhou para Baer, que acenou com a cabeça uma vez.

— Tem uma memória muito boa, Signore Delvecchio.

Tinha passado de inglês para alemão. Gabriel fitou-o sem expressão, como se não tivesse compreendido. O interrogador prosseguiu em inglês.

— Não fala alemão, Signore Delvecchio?

— Não.

— De acordo com o taxista, o que o levou de Bahnhofstrasse à residência em Zúrichberg, o Sr. fala alemão muito bem.

— Dizer umas quantas palavras em alemão e falar mesmo alemão são duas coisas muito distintas.

— O taxista contou-nos que lhe indicou a morada num alemão rápido e seguro, com o sotaque bem vincado de um berlinês. Explique-me uma coisa, Signore Delvecchio: como é que fala alemão com um sotaque berlinês?

— Já lhe disse: não falo alemão. Sei dizer umas quantas palavras em alemão. Passei algumas semanas em Berlim a restaurar um quadro. Suponho que tenha adquirido o sotaque enquanto lá estive.

— Há quanto tempo é que foi isso?

— Há cerca de quatro anos atrás?

— Há cerca de quatro anos?

— Sim.

— Que quadro?

— Desculpe?

— O quadro que restaurou em Berlim. Quem era o artista? Como é que se chamava?

— Receio que isso seja confidencial.

— Nesta hora, nada é confidencial, Signore Delvecchio. Gostaria que me desse o nome do quadro e o proprietário.

— Era um Caravaggio que pertencia a um particular. Lamento, mas não posso divulgar o nome do proprietário.

Peterson esticou a mão na direção de Baer sem olhar para ele. Baer enfiou a mão na pasta com os arquivos e passou-lhe uma única folha de papel. Analisou-a com uma expressão de tristeza, como se o doente já não tivesse muito tempo de vida.

— Inserimos o seu nome na nossa base de dados computorizada para ver se por acaso teria algum mandado de captura pendente contra si na Suíça. Tenho o prazer de anunciar que não havia nada nem sequer uma multa de trânsito. Pedimos aos nossos amigos do outro lado da fronteira, em Itália, para fazerem a mesma coisa. Mais uma vez, não havia registro de nada contra si. Mas os nossos amigos italianos contaram-nos uma coisa mais interessante. Parece que um Mario Delvecchio, nascido a 23 de Setembro de 1951, morreu em Turim há vinte e três anos com um cancro linfático.

Tirou os olhos do papel e fixou-os em Gabriel.

— Quais é que acha que são as probabilidades de dois homens terem precisamente o mesmo nome e a mesma data de nascimento?

— Como é que eu hei-de saber?

— Acho que são de fato muito remotas. Acho que só existe um Mario Delvecchio e que o Sr. lhe roubou a identidade de forma a obter um passaporte italiano. Não acho que o seu nome seja Mario Delvecchio. Na verdade, estou bem seguro de que não é. Acho que o seu nome é Gabriel Allon e que o Sr. trabalha para os serviços secretos israelenses.

Peterson sorriu pela primeira vez, não um sorriso agradável, mas sim, mais parecido com um rasgão num pedaço de papel.

— Há vinte e cinco anos atrás, o Sr. assassinou um dramaturgo palestino que vivia em Zurique chamado Ali Abdel Hamidi. Escapuliu-se do país uma hora depois do homicídio e provavelmente já estava em casa, na cama, em Telaviv, antes da meia-noite. Desta vez, receio que não vá a lado nenhum.

4

ZURIQUE

Algum tempo depois da meia-noite, Gabriel foi levado da sala de interrogatórios para uma cela numa ala adjacente do edifício. Era pequena e de um cinzento institucional, com um colchão em cima de uma armação de aço e uma sanita com manchas de ferrugem que nunca parava de deitar água. Em cima, uma única lâmpada zumbia atrás de uma armação de rede. O jantar — uma salsicha de porco gorda, alguns vegetais murchos e uma pilha de batatas gordurosas —, no qual não tinha tocado, estava no chão, ao lado da porta, como um serviço de quarto à espera de ser recolhido. Gabriel calculou que a salsicha de porco

tinha sido a ideia que Peterson fazia de uma brincadeira.

Tentou imaginar os acontecimentos que sabia estarem a ter lugar do lado de lá daquelas paredes. Peterson tinha contatado o seu superior, o superior tinha contatado o Ministério dos Negócios Estrangeiros. Por esta hora, a notícia provavelmente já tinha chegado a Telaviv. O primeiro-ministro ia ficar lívido. Já tinha problemas suficientes: a Margem Ocidental em chamas, o processo de paz em farrapos, a sua frágil coligação a desmoronar-se. A última coisa de que precisava era de um kidon, ainda que um antigo kidon, atrás das grades na Suíça — mais outro escândalo do Executivo à espera de explodir pelas primeiras páginas dos jornais do mundo inteiro.

E por isso, esta noite as luzes estavam com certeza a brilhar com urgência no anônimo quarteirão de escritórios na Avenida Rei Saul em Telaviv. E Shamron? Teria o telefonema chegado à sua fortaleza à beira do lago, em Tiberíades? Atualmente, estaria fora ou dentro? com Shamron, era sempre difícil de perceber. Tinha sido arrancado da sua reforma precária umas três ou quatro vezes, chamado de volta para lidar com esta ou aquela crise, selecionado para fazer parte de algum painel duvidoso de aconselhamento ou dar a sua opinião engelhada no âmbito de um comité de apuramento de fatos supostamente independente. Ainda não há muito tempo, fora nomeado chefe interino dos serviços secretos, o cargo que ocupava da primeira vez que fora enviado para o deserto judaico da reforma. Gabriel pôs-se a pensar se esse mandato já teria ou não terminado. Com Shamron, a palavra interino podia significar cem dias ou cem anos. Era polaco de nascimento, mas tinha o sentido elástico do tempo,

próprio de um beduíno. Gabriel era O kidon de Shamron. Shamron trataria daquilo, reformado ou não.

O Velho… Tinha sido sempre o Velho, até mesmo durante o seu curto romance com a meia-idade. Onde é que está o Velho? Alguém viu o Velho? Corram para as colinas!

O Velho vem a caminho! Agora era um velho, mas na cabeça de Gabriel surgia sempre como a pequena figura ameaçadora que o fora ver numa tarde de Setembro, em 1972, entre as aulas em Bezalel. Um homem que era como uma barra de ferro. Quase que se podia ouvi-lo a produzir um som metálico a andar. Sabia tudo sobre Gabriel. Que ele tinha sido criado num kibbut agrícola no Vale de Jezreel e que odiava fervorosamente a agricultura. Que era uma espécie de lobo solitário, ainda que na época já estivesse casado com uma colega da escola de arte chamada Leah Savir. Que a mãe tinha encontrado a força necessária para sobreviver a Auschwitz mas que não tivera hipóteses contra o cancro que lhe devastara o corpo; que o pai também tinha sobrevivido a Auschwitz mas que não tivera hipóteses contra a granada da artilharia egípcia que o explodira em pequenos pedaços nos Montes do Sinai. Pelo serviço militar de Gabriel, Shamron sabia que ele era quase tão bom com uma arma como com um pincel.

— Vês as notícias?

Pinto.

— Sabes de Munique? Sabes o que aconteceu aos nossos rapazes lá?

— Sim, ouvi dizer.

— Não te sentes incomodado com isso?

— Claro que sim, mas não me sinto mais incomodado por serem atletas ou porque são as Olimpíadas.

— Podes ficar zangado à mesma.

— Com quem?

— Com os palestinos. Com os terroristas do Setembro Negro que andam por aí com o sangue do seu povo nas mãos deles.

— Nunca me zango.

E apesar de Gabriel não se ter apercebido na hora, essas palavras tinham selado o compromisso de Shamron para com ele e a sedução iniciara-se.

— Falas outras línguas, certo?

— Umas quantas.

— Umas quantas?

— Os meus pais não gostavam do hebreu, por isso falavam as línguas da Europa.

— Quais delas?

— Já sabe. Sabe tudo sobre mim. Não faça joguinhos comigo.

Foi então que Shamron resolveu utilizar a sua fala de engate. Golda* ordenara a Shamron que mandasse avançar os rapaces para eliminar os sacanas do Setembro Negro que tinham executado aquele banho de sangue. A operação chamar-se-ia Ira de Deus. Não tinha a ver com justiça, dissera Shamron. Tinha a ver com olho por olho. Tinha a ver com vingança, pura e simples.

** Golda Meir (1898-1978). Primeira-ministra de Israel entre 1969 e 1974.*

— Desculpe, não estou interessado.

— Não está interessado? Sabe quantos rapazes neste país não dariam tudo para fazer parte desta equipe?

— Vá perguntar a eles.

— Não os quero. Quero você.

— Por que eu?

— Porque tem dons. Sabe línguas. Sua cabeça funciona bem. Não bebe nem fuma haxixe. Não é

nenhum maluco que vá fazer alguma coisa intempestivamente.

E porque tens a frieza emocional de um assassino, pensou Shamron, embora na época não tivesse dito essas palavras a Gabriel. Em vez disso, contou-lhe uma história, a história de um jovem agente dos serviços secretos que tinha sido escolhido para uma missão especial por ter um dom, uma força de pulso invulgarmente poderosa para um homem tão pequeno. A história de uma noite num subúrbio de Buenos Aires, quando esse jovem agente dos serviços secretos vira um homem à espera numa paragem de autocarro. A espera como um homem normal, Gabriel. Um homenzinho patético e normal. E de como esse jovem agente dos serviços secretos saltara de um carro e agarrara o homem pelo pescoço e como se tinha sentado em cima dele enquanto o carro se afastava e como lhe tinha cheirado o fedor a medo no hálito. O mesmo fedor que os judeus tinham emitido quando esse homenzinho patético os enviava para as câmaras de gás. E a história funcionou, como Shamron sabia que iria acontecer. Porque Gabriel era o único filho de dois sobreviventes de Auschwitz e as cicatrizes deles eram as suas. De repente, sentiu-se muito cansado. Imagine-se, aqueles anos todos, aquelas mortes todas, e agora estava atrás das grades pela primeira vez, por um assassínio que não cometera. Não deverás ser apanhado! O Décimo Primeiro Mandamento de Shamron. Deverás fazer tudo para evitar ser preso. Deverás derramar o sangue de inocentes se for necessário. Não, pensou Gabriel. Não deverás derramar sangue inocente.

Fechou os olhos com força e tentou dormir, mas era escusado: a luz incessante de Peterson. As luzes estavam com certeza a brilhar também na Avenida Rei Saul. E seria feito um telefonema. Não o acordem,

pensou Gabriel, porque eu nunca mais quero voltar a ver a cara mentirosa dele. Deixem-no dormir. Deixem o Velho dormir.

Passavam poucos minutos das oito da manhã quando Peterson entrou na cela de Gabriel. Gabriel soube isso não por Peterson se ter dado ao trabalho de lhe dizer, mas por ter conseguido dar uma olhadela ao mostrador do relógio grande de mergulhador dele, quando Peterson lhe despejou café para a boca.

— Falei com o seu chefe.

Parou para ver se as palavras dele provocavam alguma resposta, mas Gabriel permaneceu em silêncio. A sua posição era a de ser um restaurador de arte, nada mais, e de Herr Peterson estar a sofrer de um caso de insanidade temporária.

— Fez-me a cortesia profissional de não se tentar desenvencilhar desta situação mentindo. Agradeço a maneira como ele tratou das coisas. Mas parece que Berna já não tem vontade de avançar com este assunto.

— E qual assunto é esse?

— O assunto do seu envolvimento no assassínio do Ali Hamidi — respondeu Peterson friamente.

Gabriel teve a impressão de que ele estava a esforçar-se para evitar pensamentos violentos.

— Já que acusá-lo pelo papel que teve na questão Rolfe iria revelar inevitavelmente o seu passado sórdido, não temos alternativa a não ser também deixar cair por terra as acusações contra si no âmbito desse assunto.

Peterson discordava claramente da decisão dos seus patrões em Berna. — O seu governo assegurou-nos que o Sr. já não faz parte de nenhum ramo dos serviços secretos israelenses e que não veio para Zurique em qualquer tipo de função oficial. O meu governo decidiu aceitar estas garantias com base

simplesmente no que lhe disseram. Mas não está minimamente inclinado em permitir que a Suíça se transforme num palco para os israelenses e os palestinos reviverem os horrores do passado.

— Quando é que me posso ir embora?

— Um representante do seu governo virá buscá-lo.

— Gostava de mudar de roupa. Podem dar-me a minha mala?

— Não

Peterson levantou-se, endireitou a gravata e alisou o cabelo. Gabriel achou que era uma coisa estranhamente íntima para um homem estar a fazer à frente de outro.

A seguir, dirigiu-se para a porta, bateu uma vez e esperou que o guarda a destrancasse.

— Não gosto de assassinos, Sr. Allon. Especialmente quando matam para um governo. Uma das condições da sua libertação é nunca mais voltar a colocar os pés na Suíça. Se alguma vez voltar cá, trato de fazer com que nunca mais daqui saia.

A porta abriu. Peterson começou a preparar-se para se ir embora, depois voltou-se e olhou de frente para Gabriel.

— É uma pena o que aconteceu à sua mulher e ao seu filho em Viena. Deve ser muito duro viver com uma recordação dessas. Imagino que por vezes deseje ter estado no carro em vez deles. Bom dia, Sr. Allon.

Era já final de tarde quando Peterson achou por bem libertá-lo. O sargento-mor acompanhou Gabriel a partir da cela, desempenhando a sua tarefa em silêncio, como se Gabriel estivesse destinado à forca e não à liberdade. Baer devolveu a mala a Gabriel, como o equipamento de restauro e um envelope grosso cor de mel com os bens pessoais. Gabriel demorou um longo momento a fazer um inventário cuidadoso das

suas coisas. Baer olhou para o relógio, como se assuntos mais urgentes o estivessem a apertar. A roupa na mala de Gabriel tinha sido despejada, revistada e enfiada lá outra vez à toa. Alguém tinha entornado um frasco de solvente Arcosolve dentro da mala. Baer inclinou a cabeça — Peço desculpa, meu caro, mas estas coisas acontecem quando chocamos com agentes da polícia.

Lá fora, no pátio enevoado, estava parado um Mercedes preto, rodeado por uma meia dúzia de policiais fardados. Nas janelas dos edifícios em volta, havia policiais e secretárias que tinham vindo ver o assassino israelense ser levado. Quando Gabriel se aproximou do carro, a porta de trás abriu e uma nuvem de fumaça de cigarro avançou numa onda. Um rápido olhar para o banco de trás na sombra esclareceu a origem.

Parou de repente, uma atitude que pareceu pegar Baer completamente de surpresa. A seguir, relutantemente, recomeçou a andar e entrou no banco de trás. Baer fechou a porta e o carro arrancou de imediato, os pneus deslizando no asfalto molhado. Shamron não olhou para ele. Shamron estava olhando fixamente pela janela, os olhos no próximo campo de batalha e os pensamentos na próxima campanha.

5

ZURIQUE

Para chegar ao Aeroporto Kloten era necessário subir Zúrichberg uma vez mais. Ao atingirem o cume, as casas elegantes começaram a escassear e eles entraram numa planície junto ao rio marcada por feios centros comerciais modulares de áreas abertas. Avançaram lentamente por uma estrada entupida de duas faixas, ao mesmo tempo que o sol da tarde se debatia para tentar sair por trás das nuvens. Havia um carro a segui-los. O homem no banco do passageiro podia ser Peterson.

Ari Shamron tinha vindo a Zurique em função oficial mas, tanto na roupa como no comportamento, assumira a identidade de Herr Heller, o disfarce que utilizava para as suas frequentes viagens europeias. Herr Rudolf Heller da Heller Enterprises, Ltd., uma firma internacional de capital de risco com escritórios em Londres, Paris, Berlim, Berna e Nassau. A multidão de críticos dele podia ter dito que a Heller Enterprises se especializava em assassínio e destruição, chantagem e traição. A Heller Enterprises era uma firma de Economia Velha, diziam os críticos. Do que a Avenida Rei Saul precisava para afastar o seu longo Inverno de desesperança era de um chefe de Economia Nova para o mundo da Economia Nova. Mas Herr Heller agarrava-se às chaves da suíte executiva com um dos apertos férreos que eram a sua imagem de marca e poucos em Israel, primeiros-ministros incluídos, conseguiam reunir a coragem necessária para lhes arrancar.

Para a sua irmandade de acólitos devotos, Shamron era uma lenda. Em tempos, Gabriel estivera entre eles. Mas Shamron também era um mentiroso, um mentiroso impenitente e sem remissão. Mentia como se fosse a coisa mais natural do mundo, mentia porque não sabia agir de outra forma, e tinha mentido a Gabriel uma e outra vez. Durante um tempo, a relação deles fora como de pai e filho. Mas o pai tornou-se igual a um homem que joga ou bebe ou dorme com muitas mulheres e é forçado a mentir aos filhos e agora Gabriel odiava-o como só um filho pode odiar o pai.

— O que estás aqui a fazer? Porque não te limitaste a enviar alguém da base de Berna para me vir buscar?

— Porque és demasiado importante para confiar a alguém da base.

Shamron acendeu outro dos seus cigarros turcos repelentes e fechou com força o isqueiro com um estalido.

— Além disso, o Herr Peterson e os amigos dele do Ministério dos Negócios Estrangeiros fizeram do meu aparecimento aqui uma condição para a sua libertação. Os suíços adoram gritar comigo quando um dos nossos agentes se mete em sarilhos. Não sei bem porquê. Suponho que reforce o complexo de superioridade deles os faça sentirem-se melhor em relação aos pecados antigos.

— Quem é o Peterson?

— O Gerhardt Peterson trabalha na Divisão de Análise e Proteção.

— Mas o que raio é isso?

— É o novo nome para os serviços de segurança interna da Suíça. São responsáveis pelos assuntos de segurança nacional, contra-espionagem e investigação

dos cidadãos suíços suspeitos de traição. O Peterson é o número dois da divisão.

Supervisiona as operações todas.

— Como é que o convenceste a soltar-me?

— Fiz de judeu subserviente. Fiz-lhes as promessas do costume de que não íamos atuar em solo suíço sem consultar primeiro Herr Peterson e os seus superiores dos serviços de segurança suíços. E também lhes falei de um certo fabricante de armas suíço que anda a vender às claras detonadores de bombas a terroristas.

Sugeri-lhes que tratassem eles mesmos da situação antes que alguém agisse por conta própria.

— Tens sempre um ás na manga.

— A minha experiência tem sido a de nunca podes estar demasiado preparado. — Pensei que o seu mandato já tivesse terminado.

— Era para ter terminado há seis meses, mas o primeiro-ministro pediu-me para continuar. Tendo em conta a situação atual nos territórios, concordamos ambos que agora não era a hora para uma mudança de liderança na Avenida Rei Saul. Provavelmente, Shamron tinha engendrado ele próprio a revolta, pensou Gabriel. Que melhor maneira havia para fazer de si mesmo indispensável? Não, nem sequer Shamron seria capaz disso. — A minha oferta continua de pé. — E que oferta é essa?

— Diretor-adjunto de operações.

— Não, obrigado. Shamron encolheu os ombros.

— Conta-me o que aconteceu. Quero ouvir tudo, do princípio ao fim. Gabriel desconfiava tanto de Shamron que pôs a hipótese de lhe fornecer um relato resumido do que se passara, com base na teoria de que quanto menos Shamron soubesse sobre qualquer coisa, melhor. Mas pelo menos isso dar-lhes-ia algo de novo para falarem, em vez de voltarem a travar

guerras antigas, e por isso Gabriel contou-lhe tudo, começando pela chegada no trem da noite que vinha de Paris e terminando na sua detenção e interrogatório. Shamron olhou pela janela enquanto Gabriel falava, fazendo passar o isqueiro pelos dedos: no sentido dos ponteiros do relógio, no sentido contrário, no sentido dos ponteiros do relógio, no sentido contrário... — Viste o corpo?

— Muito profissional, um tiro no olho. Provavelmente, já estava morto antes de chegar ao chão. Não foi preciso um golpe de misericórdia.

— A polícia alguma vez te bateu?

— Não.

Shamron pareceu desapontado com isso. Gabriel disse:

— Peterson disse que o caso tinha sido arquivado por causa da pressão de Berna.

— Talvez, mas não havia maneira nenhuma de o Peterson conseguir alguma vez atribuir o serviço do Ali Hamidi a ti. Acusar alguém de um assassinato com vinte e cinco anos já é suficientemente difícil. Acusar um profissional... Encolheu os ombros, como que a querer dizer que essas coisas simplesmente não se fazem.

— O serviço do Hamidi foi uma obra de arte. Nem testemunhas, nem provas.

O rosto bonito de estrela de cinema de Ali Abdel Hamidi surgiu num rompante na cabeça de Gabriel. No interior dos corredores da Avenida Rei Saul, o enamorado palestino é conhecido como o Espadachim de Alá. Escritor de peças que não agraciaram palco nenhum com a sua presença, sedutor e manipulador de mulheres jovens e tolas. Importavas-te de me entregar esta encomenda nesta morada? Vais viajar de avião para Telaviv? Importavas-te de levar uma encomenda para um amigo? Inevitavelmente, as

encomendas estariam carregadas de explosivos e as amantes dele explodiriam em pequenos pedaços, juntamente com quem quer que acontecesse estar por perto. Uma noite, em Zurique, Hamidi conheceu uma aluna da universidade que se chamava Trude, num bar no bairro de Niederdorf. Quando a garota propôs que fossem para o apartamento dela, Hamidi concordou. Cinco minutos depois, ela conduziu-o à ruela estreita onde Gabriel aguardava com uma Beretta calibre 22. Mesmo passados aqueles anos todos, Gabriel continuava a ouvir o som das balas rasgando o corpo de Hamidi.

— Suponho que tenho que agradecer por me safar.

— Não é preciso nenhuma demonstração de gratidão. Na verdade, receio que deva a você um pedido de desculpas.

— Um pedido de desculpas? Mas por que cargas de água?

— Porque, para começar, se não fosse eu, nunca teria estado na casa de Augustus Rolfe.

Rami, o guarda-costas pessoal e sempre presente de Shamron, ia ao volante do carro. Shamron disse-lhe para andar às voltas em Kloten. Durante vinte minutos, Gabriel viu o mesmo desfile de letreiros de companhias aéreas e partidas passando pela janela. Na sua cabeça, via outra coisa: flashes de imagens de operações antigas, velhos colegas e velhos inimigos. As palmas das mãos estavam úmidas, o coração batia mais depressa. Shamron. Tinha-o feito outra vez. — O Rolfe enviou-nos uma mensagem através do nosso embaixador — Começou por dizer Shamron. — Queria encontrar-se com alguém do Executivo. Não disse porquê, mas quando um homem como o Augustus Rolfe quer conversar, normalmente tentamos fazer-lhe a vontade. Queria que o encontro fosse tratado com

discrição. Dei uma vista de olhos ao passado do Rolfe e descobri que ele era um colecionador de arte. Naturalmente, achei que eras o homem perfeito para o trabalho e por isso organizei tudo de maneira a seres contratado para limpar um dos quadros dele. Um Rubens, se não me engano.

— Era um Rafael.

Shamron fez uma careta, como que a querer dizer que distinções dessas não lhe interessavam para nada. Arte, música, literatura, o teatro — essas coisas aborreciam-no. Era um homem do mundo real.

— Isherwood sabia que era tudo um jogo?

— Julian? Não, receio que o tenha enganado também.

— Por que assim? Por que não me disse simplesmente a verdade?

— Teria feito?

— Não.

Um ligeiro inclinar da careca, mais uma longa passa no cigarro turco — está tudo dito.

— Receio que eu e a verdade andemos um tanto afastados um do outro. Sou um velho, Gabriel. Passei a vida inteira dizendo mentiras. Para mim, as mentiras são mais confortáveis do que a verdade.

— Deixe-me sair do carro! Não quero ouvir mais nada!

— Deixe-me acabar.

— Cale-se! Não quero ouvir sua voz.

— Ouça, Gabriel!

Shamron bateu com força com o punho no console.

— Augustus Rolfe, um banqueiro suíço, queria falar conosco e por causa disso foi assassinado. Quero saber o que Rolfe ia dizer e quero saber quem o matou por causa disso!

— Arranje outra pessoa, Ari. Investigar casos de homicídio nunca foi minha especialidade. Aliás, graças a você, distingui-me exatamente no contrário.

— Por favor, Gabriel, não vamos voltar a esta discussão.

— Você e Peterson parecem ser muito chegados. Se bancar outra vez o judeu subserviente, tenho certeza de que ele estaria disposto a mantê-lo a par de todos os desenvolvimentos da investigação dele.

— Augustus Rolfe foi morto porque alguém sabia que você vinha para Zurique — alguém que não queria que ouvisse o que Augustus Rolfe tinha para dizer. Alguém que estava disposto a fazer com que parecesse que tinha sido você o assassino.

— Se era essa a intenção deles, fizeram um péssimo trabalho. Eu estava no trem que vinha de Paris na hora em que Rolfe foi morto.

Gabriel estava agora mais calmo. Estava furioso com Shamron por ele tê-lo enganado, mas ao mesmo tempo sentia-se intrigado.

— O que sabe de Augustus Rolfe?

— A família Rolfe esconde dinheiro sob Bahnhofstrasse há já duzentos anos. É uma das mais proeminentes famílias de banqueiros da Suíça.

— E quem o queria morto?

— Um monte de dinheiro sujo tem passado pelas contas numeradas do banco do Rolfe. Podemos presumir com segurança que ele fez sua cota de inimigos.

— E que mais?

— A família sofre de uma maldição lendária. Há vinte e cinco anos, a mulher do Rolfe suicidou-se. Cavou a própria sepultura no jardim do chalé de Rolfe no campo, enfiou-se lá dentro e matou-se com um tiro na boca. Uns poucos anos mais tarde, o único filho do

Rolfe, Maximilian, morreu num acidente de ciclismo nos Alpes.

— Há algum parente viva?

— A filha, ou pelo menos estava da última vez que deu notícias. Chama-se Anna.

— A filha dele é a Anna Rolfe?

— Então sabe quem ela é? Estou impressionado.

— É só uma das intérpretes musicais mais famosas do mundo.

— Ainda quer sair do carro?

Gabriel recebera dois dons que faziam dele um grande restaurador de arte: uma atenção meticulosa aos pormenores e uma vontade infatigável de levar qualquer tarefa, por mais mundana que pudesse ser, à sua conclusão. Nunca saía do estúdio sem que o espaço e o material de trabalho dele estivessem imaculados, nunca ia para a cama com louça suja no lava-louça. E nunca deixava um quadro por terminar, nem mesmo quando era um trabalho de disfarce para Shamron. Para Gabriel, um quadro parcialmente restaurado já não era uma obra de arte, apenas um pouco de tintas de óleo e de pigmentos a sujarem uma tela ou um painel de madeira. O cadáver de Augustus Rolfe, estendido aos pés do Rafael, era como um quadro parcialmente restaurado. Não voltaria a ficar completo enquanto Gabriel não descobrisse quem o matara e porquê.

— O que quer que eu faça?

— Fala com ela.

— Por que eu?

— Segundo parece, ela tem uma espécie de temperamento artístico.

— Pelo que li, isso é um eufemismo.

— Você é um artista. Fala a linguagem dela. Talvez ela confie em você o suficiente para te contar o que sabe dos assuntos do pai. Se não conseguires

nada, podes voltar para o seu estúdio e eu nunca mais te volto a aparecer à porta.

— Promessas, promessas.

— Não é preciso seres ofensivo, Gabriel.

— Da última vez que entraste na minha vida, quase que acabei morto.

— É verdade, mas pelo menos não foi aborrecido.

— O Peterson diz que eu não posso regressar à Suíça. Como é que eu hei-de falar com a Arma Rolfe?

— Segundo parece, ela recusa-se a viver na Suíça. Shamron entregou-lhe uma tira de papel.

— Esta é a empresa de Londres que gere a carreira dela. Dá-lhe uns quantos dias para enterrar o pai. Então vais fazê-lo?

— Não por ti. Quero saber quem é que me tentou culpar do assassinato do Rolfe. Quem é que eu devo ser quando falar com a Anna Rolfe?

— Prefiro sempre a abordagem mais subtil, mas deixo-o ao seu critério. Faz o jogo que achares melhor.

Gabriel enfiou a morada no bolso. Um sorriso passou rapidamente pelo rosto de Shamron. Tinha aprendido há muito tempo que as vitórias profissionais, até mesmo as mais pequenas, eram para ser saboreadas.

O carro encostou junto à beira do passeio, por baixo de um letreiro da British Airways. Gabriel saiu, tirou as suas coisas da mala e depois olhou para dentro da janela de Shamron.

Shamron disse: — Não discutimos seus honorários.

— Não se preocupe. Serão substanciais.

— A partir deste momento, você tem uma conta de despesas a seu dispor, mas lembre-se, esbanjar dinheiro nunca resolveu nenhum caso.

— Vou refletir sobre essa pérola de sabedoria quando estiver voltando a Londres hoje à noite, num

voo de primeira classe.

Shamron fez uma careta.

— Vai dando notícias. Pelos canais e métodos habituais. Lembra?

— Como é poderia jamais esquecer?

— Foi um feito e tanto, não acha?

— O quê?

— Descobrir um homem trinta minutos depois de ele abandonar a cena de um crime. Pergunto como Herr Peterson foi capaz de fazer isso. Deve ser muito bom.

6

NIDWALDEN, SUÍÇA

Dentro da divisão de Análise e Proteção, Gerhardt Peterson era considerado um homem em ascensão. Os superiores lidavam com ele com cuidado. Os subalternos mirravam perante o seu olhar frio. Os colegas olhavam para ele com admiração e inveja. Como tinha o filho do professor de Erstfeld chegado tão alto? Olhem para ele! Nunca tem um cabelo fora do lugar! Nunca tem uma gravata desapertada! Usa o poder e o êxito como o seu aftershave caro. Peterson nunca dava um passo que não fosse calculado para avançar na sua carreira. A vida familiar era tão organizada e ordenada como o escritório. As ligações amorosas eram discretas e apropriadas. Qualquer pessoa tola o suficiente para se colocar no seu caminho rapidamente descobria que Gerhardt Peterson era um homem com amigos poderosos. Amigos em Berna. Amigos nos bancos. Seria chefe dentro de pouco tempo todo mundo concordava. A

seguir, um cargo superior no Departamento Federal da Polícia. E um dia, talvez, o controle de todo o Ministério da Justiça e Polícia. Peterson tinha de fato amigos nos bancos. E eles faziam-lhe de fato favores. A oligarquia financeira suíça fora como uma mão invisível nas suas costas, ajudando-o a subir cada um dos degraus da escada do poder. Mas não era uma via de sentido único. Peterson também lhes fazia favores e era por isso que ia ao volante do seu Mercedes, a atravessar velozmente a floresta sombria de Kernwald.

Na base das montanhas, foi dar a uma estrada assinalada como PRIVADA. Seguiu-a até chegar a um portão de ferro preto e imponente.

Peterson já conhecia a rotina. Quando parou o Mercedes e baixou a janela, um guarda saiu de um pequeno abrigo. Tinha o andar calmo e preciso de um homem com um passado militar. Peterson conseguia ver-lhe a saliência de uma arma por baixo do casaco de esquiar azul.

Peterson espetou a cabeça para fora da janela.

— O meu nome é Herr Köhler.

— Veio para a conferência, Herr Köhler?

— Na verdade, sou o entretenimento.

— Siga a estrada até a casa. Um outro homem irá lá ter com você.

Era um chalé suíço tradicional, em termos de concepção, mas grotesco na sua escala enorme. Fixado à margem da montanha, encarava o vale em baixo com um olhar de profunda satisfação. Peterson foi o último a chegar. Os outros já lá estavam. Tinham vindo de Zurique e Zug, de Lucerna e Berna e de Genebra e Basileia. Como tinham por hábito, viajaram em separado e foram chegando com intervalos de tempo desiguais para não atraírem a atenção. Eram todos suíços. Não eram permitidos estrangeiros. Era por causa dos estrangeiros que o grupo existia.

Como era habitual, a reunião iria decorrer na sala de estar espaçosa e com paredes em vidro no segundo piso da casa. Se algum deles se tivesse dado ao trabalho de ficar parado em frente das janelas, teria sido agraciado com uma vista verdadeiramente formidável: um tapete de luzes molhadas no chão do vale, coberto por um monte de neve, como um véu de noiva. Em vez disso, juntaram-se em pequenos grupos, a fumar, a conversar calmamente e a beber café ou chá. Nunca eram servidas bebidas alcoólicas na casa. O anfitrião, Herr Gessler, bebia apenas chá e água mineral e era vegetariano. Atribuía a sua admirável longevidade aos méritos de uma dieta rigorosa.

Apesar do ambiente informal, Herr Gessler fazia questão de abordar os encontros como se estivessem numa sala de reuniões. Os convidados não se sentavam nos sofás e poltronas confortáveis mas sim numa comprida mesa de conferências. Às seis da tarde em ponto, cada um dos homens dirigiu-se para a cadeira que lhe estava designada e colocou-se atrás dela.

Um momento depois, uma porta abriu e surgiu um homem. Magro e débil, com óculos escuros e uma camada fina de cabelos grisalhos, vinha apoiado no braço de um jovem segurança. Quando se sentou à cabeceira da mesa, os outros sentaram-se também.

Havia uma cadeira a mais, um descuido infeliz. Após um momento de desconfortável silêncio, o segurança levantou-a pelas costas e levou-a para fora da sala.

Na sala ao lado, Gerhardt Peterson olhava fixamente para a lente, de uma câmera de vídeo, como um convidado de um talkshow à espera de aparecer fora de estúdio num programa. Era sempre assim. Sempre que Peterson tinha de se apresentar ao

Conselho, falava-lhes à distância e por via eletrônica. Nunca tinha visto Herr

Gessler nem nenhum dos outros homens na outra sala — pelo menos, não em ligação com o Conselho. Herr Gessler dizia que a combinação peculiar era para a proteção deles — e, talvez mais importante, dele próprio.

— Gerhardt, está pronto?

Era a voz aguda de Herr Gessler, tornada ainda mais fina pelo receptor minúsculo.

— Sim, estou pronto.

— Espero que não o tenhamos afastado de nenhum assunto de estado urgente, Gerhardt.

— De maneira nenhuma, Herr Gessler. Só uma reunião interdepartamental sobre o tráfico de drogas.

— Uma perda de tempo tão grande, esta guerra tola contra os estupefacientes.

As divagações repentinas de Gessler tinham ganho má fama. Peterson cruzou as mãos e esperou pelo momento adequado.

— Pessoalmente, nunca percebi a atração das drogas mas, por outro lado, também nunca percebi qual era o problema. Não tenho nada a ver com o que uma pessoa introduz no corpo dela. Se querem destruir a vida e a saúde com esses químicos, por que eu me hei-de importar? Por que os governos se hão-de importar? Por que os governos hão-de gastar recursos incontáveis a combater um problema que já é tão velho como a própria natureza humana? Afinal de contas, podemos defender que Adão foi o primeiro a consumir drogas. Deus proibiu o fruto ao jovem Adão e ele consumiu-o na primeira oportunidade que teve.

— É um argumento interessante, Herr Gessler.

— Os nossos detratores dizem que o tráfico de drogas tem sido muito bom para a Suíça. Receio que tenha de concordar. Tenho certeza de que o meu

próprio banco contém contas dos chamados barões da droga. Mas qual é o mal? Pelo menos, se o dinheiro é depositado na Suíça, é-lhe dado bom uso. É emprestado a empresas legais que produzem bens, serviços e empregos para milhões de pessoas.

— Para elas depois poderem ir comprar mais drogas?

— Se é isso que querem. Sabe, é que a vida na terra tem um caráter circular. A natureza está em harmonia. E o sistema financeiro global também. Mas como a natureza pode perder o seu equilíbrio por causa de uma ocorrência aparentemente pequena, o mesmo acontecendo com a economia. Imagine as consequências destrutivas se os lucros do tráfico de drogas não fossem colocados a circular novamente na economia mundial. Os banqueiros da Suíça estão a prestar um serviço valioso.

Gessler deu um gole no chá. Peterson não o pôde ver, mas pôde ouvi-lo através do microfone sensível utilizado para amplificar a voz fraca do velho.

— Mas estou a divagar — prosseguiu Gessler, ao mesmo tempo que a xícara de chá regressava, a chocalhar, ao pires. — Voltemos ao assunto em questão. Parece que temos mais uma complicação relacionada com a questão Rolfe.

— Este sujeito parece-lhe o tipo de homem capaz de deixar cair o assunto? — perguntou Gessler quando Peterson terminou o relatório.

— Não, Herr Gessler. — Então o que sugere?

— Que limpemos a confusão o mais depressa possível e nos certifiquemos de que não haja nada para ele descobrir.

Gessler soltou um suspiro.

— O propósito desta organização nunca foi entrar em violência, apenas combater a violência que está a ser perpetrada contrários.

— Na guerra há baixas.

— A vigilância e a intimidação são uma coisa... matar é outra bem diferente. É vital que utilizemos alguém que não possa ser ligado de nenhuma forma ao Conselho.

Certamente, na sua outra profissão, já tem encontrado pessoas desse gênero.

— Já.

O velho suspirou...

Gerhardt Peterson tirou o receptor e voltou para Zurique.

7

CÓRSEGA

Havia uma velha piada na Córsega que dizia que as estradas traiçoeiras e de má fama tinham sido concebidas em conjunto por Maquiavel e o Marquês de Sade. No entanto, o Inglês nunca se importara de conduzir ali. Na verdade, avançava a alta velocidade à volta da ilha, com um certo abandono fatalista que o fizera ganhar a reputação de ser um pouco louco. Naquele momento, atravessava velozmente uma auto-estrada varrida pelo vento, na ponta ocidental da ilha, por entre um manto denso de nevoeiro marítimo. Oito quilômetros depois, virou para o interior. Ao subir em direção às colinas, o nevoeiro deu lugar a um céu de tarde limpo e azul. A luz do sol de Outono realçava os tons de verde contrastantes nas oliveiras e no pinheiro larício. À sombra das árvores, encontravam-se tufos densos de tojo, urze branca e esteva, o lendário matagal da Córsega conhecido como macchia e que escondera bandidos e assassinos durante séculos. O

Inglês baixou a janela. O cheiro quente a alecrim bafejou-lhe o rosto.

À sua frente, encontrava-se uma cidadezinha na colina, uma aglomeração de casas de cor arenosa, com telhados de telhas vermelhas, à volta de um campanário, metade à sombra e metade sob uma luz do sol brilhante. Em pano de fundo, erguiam-se as montanhas, com neve de um azul muito claro nos cumes mais elevados. Há dez anos, quando tinha se instalado ali, as crianças apontavam para ele com os dedos indicadores e os mindinhos, a maneira própria da Córsega de afastar o mau-olhado de um estranho. Agora, sorriam e acenavam enquanto ele atravessava a cidadezinha em velocidade e avançava para o vale sem saída, em direção a sua casa.

Durante o caminho, passou por um paesanu que lavrava um pequeno terreno com vegetais, junto à beira da estrada. O homem espreitou para o Inglês, os olhos pretos a arder com sentimentos reprimidos sob a aba do seu chapéu largo, e deixou perceber que o tinha reconhecido movendo, de forma quase imperceptível, os seus dois primeiros dedos. O velho paesanu era um dos membros do clã adoptado pelo Inglês. Mais adiante, um rapaz chamado Giacomo atravessou— , -se na estrada, à frente dele, e agitou os braços para o Inglês parar.

— Bem-vindo a casa. A viagem foi boa?

— Muito boa.

— O que me trouxeste?

— Depende.

— Do quê?

— De me teres vigiado ou não a casa enquanto estive fora.

— Claro que sim, como tinha prometido.

— Apareceu alguém? — Não, não vi ninguém. — Tens mesmo a certeza?

O rapaz acenou com a cabeça. O Inglês tirou da mala uma linda pasta da escola, feita à mão com couro espanhol de grande qualidade, e entregou-a ao rapaz.
— Para os teus livros — para não os perderes mais quando voltas para casa da escola.

O rapaz encostou a pasta ao nariz e cheirou o couro novo. Depois perguntou:

— Tens cigarros?

— Não vais dizer à sua mãe?

— Claro que não!

Os homens fingiam que dominavam a Córsega, mas o verdadeiro poder estava nas mãos das mães. O Inglês deu um maço meio vazio ao rapaz.

Enfiou os cigarros na pasta.

— Só mais uma coisa.

— O que é?

— O Don Orsati quer falar com você.

— Quando é que o viste?

— Hoje de manhã.

— Onde?

— No café da aldeia.

— E onde é que ele está agora?

— No café da aldeia.

O Orsati leva uma vida cheia de estresse, pensou o Inglês.

— Convida o Don para almoçar na minha casa. Mas diz-lhe que se está à espera de comer, o melhor é trazer comida.

O rapaz sorriu e foi-se embora a correr, a pasta da escola a abanar de um lado para o outro como uma bandeira. O Inglês pôs o jipe em primeira e continuou pela estrada acima. A uns oitocentos metros de casa, pisou a fundo nos travões e o jipe derrapou até parar, por entre uma nuvem de poeira vermelha. Um bode grande estava parado no centro do caminho estreito. Tinha as cores de um palomino e uma barbicha

vermelha. Tal como o Inglês, estava cheio de cicatrizes de batalhas antigas. O bode detestava o Inglês e bloqueava-lhe a estrada para casa sempre que lhe apetecia. O Inglês já tinha sonhado várias vezes em acabar com o conflito de uma vez por todas com a pistola Glock que guardava no porta-luvas. Mas o bicho era de Don Casablanca e se alguma vez lhe fizessem mal, haveria uma rixa.

O Inglês buzinou. O bode de Don Casablanca lançou a cabeça para trás e olhou para ele ferozmente e em desafio. O Inglês tinha duas escolhas, ambas desagradáveis. Podia ficar à espera que o bode se fosse embora ou tentar afastá-lo.

Olhou para trás do ombro demoradamente, para ter certeza de que não havia ninguém a ver. A seguir, abriu a porta de rompante e avançou para o bode, a abanar as mãos e a gritar como um louco, até que o bicho se sentiu forçado a ceder e refugiou-se rapidamente na macchia. Um lugar apropriado para ele, pensou o Inglês — a macchia, o local onde todos os ladrões e bandidos acabam por habitar. Voltou para o jipe e avançou pela estrada até casa, a pensar na vergonha terrível de tudo aquilo. Um assassino altamente talentoso e no entanto não conseguia chegar à própria casa sem sofrer primeiro uma humilhação às mãos do desgraçado do bode de Don Casabianca.

Nunca fora preciso muito para dar origem a uma rixa na Córsega. Um insulto. Uma acusação de vigarice no mercado. A dissolução de um noivado. A gravidez de uma mulher solteira. Uma vez, na aldeia do Inglês, tinha havido uma rixa de quarenta anos por causa das chaves da igreja. Após a faísca inicial, seguia-se rapidamente a agitação. Um boi seria morto. O dono do boi retaliaria matando uma mula ou um rebanho de ovelhas. Uma oliveira estimada seria

deitada abaixo. Uma vedação derrubada. Uma casa seria incendiada. A seguir, começariam os homicídios. E lá iria prosseguindo tudo, por vezes durante uma ou mais gerações, até as partes em disputa terem resolvido as suas diferenças ou desistido de lutar, exaustas.

Na Córsega, a maior parte dos homens estava mais do que disposta a ser ela própria a matar. Mas havia sempre aqueles que precisavam dos outros para fazer o trabalho sujo por eles: os notáveis que eram demasiado melindrosos para sujar as mãos ou que não estavam dispostos a arriscar a prisão ou o exílio; as mulheres que não eram capazes de matar elas próprias ou que não tinham nenhum homem na família para o fazer em nome delas. As pessoas assim dependiam de profissionais: os taddunaghiu. Por norma, viravam-se para o clã Orsati. Os Orsati tinham terrenos de grande qualidade, com muitas oliveiras, e o seu azeite era considerado o mais doce de toda a Córsega. Mas faziam mais do que produzir azeite de oliveira de ótima qualidade. Ninguém sabia quantos corsos tinham morrido ao longo dos tempos às mãos dos assassinos a soldo dos Orsati — muito menos os próprios Orsati — mas, segundo o que se dizia na região, o número já ia nos milhares. E poderia ainda ser significativamente maior se não fosse o rigoroso processo de escrutínio do clã. Nos velhos tempos, os Orsati acuavam de acordo com um código severo. Recusavam-se a levar a cabo um assassinato sem estarem convencidos de que a pessoa que viera ter com eles tinha sido de fato lesada e que era necessária uma vingança com derramamento de sangue.

Anton Orsati assumira o controle dos negócios da família em tempos conturbados. As autoridades francesas tinham conseguido erradicar as rixas e a vendetta em praticamente toda a ilha, a não ser nas

áreas mais isoladas. Já poucos corsos precisavam dos serviços dos taddunaghiu. Mas Anton Orsati era um homem de negócios astuto. Sabia que tanto podia desistir e tornar-se um mero produtor de excelente azeite de oliveira como expandir a sua base de operações e procurar oportunidades noutros locais. Decidiu-se pela segunda opção e levou o negócio para lá da ilha. Agora, o seu bando de assassinos era considerado o mais fiável e profissional da Europa. Deambulavam pelo continente, matando em nome de homens endinheirados, criminosos, vigaristas de seguros e por vezes até de governos. A maior parte dos homens que matava merecia morrer, mas a concorrência e as exigências dos tempos modernos tinham obrigado Anton Orsati a abandonar o velho código dos antepassados. Todas as ofertas de trabalho que lhe passavam pela mesa eram aceites, mesmo as mais repugnantes, desde que não colocassem a vida dos seus assassinos sob um perigo despropositado. Orsati achara sempre ligeiramente divertido o fato de o seu empregado mais talentoso não ser corso mas sim um inglês de Highgate, no norte de Londres. Só Orsati sabia a verdade acerca dele. Que tinha servido nos famosos Serviços Especiais Aéreos. Que tinha matado homens na Irlanda do Norte e no Iraque. Que os seus antigos empregadores o julgavam morto. Em tempos, o Inglês tinha mostrado a Orsati um recorte de um jornal londrino. O obituário dele. Uma coisa muito útil neste ramo, pensou Orsati. As pessoas não costumam procurar um morto.

Ele podia ter nascido inglês, mas Orsati achou sempre que lhe tinham dado a alma irrequieta de um corso. Falava o dialeto tão bem como Orsati, não confiava nos forasteiros e desprezava toda e qualquer autoridade. À noite, sentava-se na praça da aldeia com os velhos, a franzir o sobrolho para os rapazes a andar

de skate e a resmungar que os mais novos não tinham respeito nenhum pelos velhos costumes. Era um homem de honra — por vezes, de demasiada honra para o gosto de Orsati. Ainda assim, era um assassino soberbo, o melhor que Orsati já conhecera. Tinha sido treinado pelos assassinos mais eficazes do planeta e Orsati aprendera muito com ele. Também se adequava na perfeição a certas missões no continente e foi por isso que nessa tarde Anton Orsati apareceu à procura do Inglês na casa dele, carregado de mercearias.

Orsati era descendente de uma família de notáveis, mas no guarda-roupa e no apetite não era muito diferente dos paesanu que trabalhavam no terreno dele mais à frente na estrada do vale. Entroncado, trazia uma camisa branca descolorida, desabotoada até meio do peito, e sandálias de couro empoeiradas. O almoço que levara consistia de pão comum, uma garrafa de azeite, um pedaço de presunto aromático da Córsega e um queijo de sabor forte. O Inglês tratou do vinho. A tarde estava quente e por isso comeram lá fora, na varanda com vista para o vale em forma de beco, à sombra matizada de dois imponentes pinheiros da Córsega.

Orsati entregou ao Inglês um cheque com o carimbo da Orsati Olive OU.

Oficialmente, todos os assassinos de Orsati eram empregados da empresa. O Inglês era o vice-presidente de marketing, o que quer que isso significasse.

— A sua parte dos honorários da missão espanhola.

Orsati molhou um bocado de pão no azeite e enfiou-o na boca.

— Algum problema?

— A garota trabalhava para os serviços de segurança espanhóis.

— Qual garota?

— A garota com quem o Navarra andava.

— Oh, merda. O que fizeste?

— Ela viu meu rosto.

Orsati pôs-se a meditar na notícia ao mesmo tempo que cortava uma fatia do presunto e a punha no prato do Inglês. Nenhum deles gostava de baixas colaterais. Normalmente, eram más para o negócio.

— Como é que te sentes?

— Estou cansado.

— Continuas sem dormir bem?

— Enquanto estou no estrangeiro a matar um homem.

— E aqui?

— Melhor.

— Devias tentar descansar um bocado hoje à noite, em vez de ficares aquelas horas todas sentado com os velhos na aldeia.

— Por quê?

— Porque tenho mais um trabalho para você.

— Terminei agora um trabalho. Por que não o dás a um dos outros?

— É muito delicado. — Tens um dossiê?

Orsati terminou o almoço e foi dar umas braçadas na piscina, nadando preguiçosamente, enquanto o Inglês lia. Quando acabou, olhou para Orsati.

— O que este homem fez para merecer morrer?

— Ao que parece, roubou uma coisa muito valiosa.

O Inglês fechou o arquivo. Não tinha qualquer pejo em matar alguém que ganha a vida a roubar. Na opinião dele, um ladrão era a forma de vida mais baixa da terra.

— Então, por que precisa ser eu neste trabalho?

— Porque os contratantes gostariam de ver o alvo morto e o negócio dele destruído. Os homens que o

treinaram em Hereford ensinaram a usar explosivos. Os meus homens se sentem mais confortáveis com armas mais convencionais.

— E onde vou arranjar uma bomba?

Orsati saiu da piscina e esfregou vigorosamente o espesso cabelo prateado com a toalha.

— Conhece Pascal Debré?

Infelizmente, o Inglês conhecia Pascal Debré. Era um incendiário que trabalhava para uma organização criminosa de Marselha. Teria de lidar com Debré com cuidado.

— Debré já está a sua espera. Vai lhe dar o que precisar para o trabalho.

— Quando parto?

8

COSTA DE PRATA, PORTUGAL

A julgar pelas aparências, a mulher que se instalara no edifício do velho mosteiro recuperado, na colina íngreme com vista para o mar, jurara levar uma existência isolada própria de uma asceta. Durante muito tempo, ninguém na aldeia soube sequer o nome dela. A Sra. Rosa, a intriguista local que trabalhava como caixa na mercearia, decidiu que ela era uma mulher desprezada e infligia a sua teoria duvidosa a quem quer que tivesse o infortúnio de passar pela registradora dela. Tinha sido Rosa a batizar a mulher de Nossa Senhora da Encosta. A alcunha colou-se a ela, mesmo depois de o seu nome verdadeiro ter sido conhecido.

Vinha todas as manhãs à aldeia fazer as compras, deslizando pela colina abaixo na sua motoreta de um

vermelho-vivo, com o rabo-de-cavalo loiro a esvoaçar como uma bandeira. Quando o tempo estava úmido, trazia um anoraque cor de cogumelo com capuz. Havia uma grande especulação acerca do país de origem dela. O seu português limitado tinha um sotaque muito forte. Carlos, o homem que cuidava dos terrenos e da pequena vinha da casa, achava que ela tinha o sotaque de uma alemã e a alma negra de uma judia de Viena. Maria, a mulher devota que lhe limpava a casa, decidiu que ela era holandesa. José, do mercado do peixe, achava que era dinamarquesa. Mas Manuel, o dono do café na praça da aldeia e o seu presidente da Câmara não oficial, resolveu a questão, como fazia normalmente.

— A Nossa Senhora não é alemã, nem austríaca, nem holandesa, nem dinamarquesa.

A seguir, esfregou os dois primeiros dedos no polegar, o símbolo internacional do dinheiro.

— A Nossa Senhora da Encosta é suíça.

Os dias dela tinham um ritmo previsível. Depois da visita matinal à aldeia, podia ser vista a nadar na sua piscina azul-escura, com o cabelo escondido debaixo de uma touca preta. A seguir, passeava, normalmente por entre os afloramentos escarpados de rochas no cume da colina, ou subindo o trilho empoeirado até as ruínas mouras. Ao final da tarde, começava a tocar violino — excepcionalmente bem, segundo aqueles que a tinham ouvido — numa sala vazia no segundo andar da casa. Uma vez, Maria espreitou discretamente lá para dentro e deparou-se com Nossa Senhora num estado febril, o corpo a baloiçar-se e a lançar-se de um lado para o outro, o cabelo úmido, os olhos completamente cerrados.

— A Nossa Senhora toca como se estivesse possuída por demônios — contou Maria a Carlos. — E sem pauta. Ela toca de memória.

Apenas uma vez, durante a noite de Santo Antônio, participou na vida social da aldeia. Pouco depois de anoitecer, enquanto os homens acendiam as grelhas a carvão e tiravam as rolhas ao vinho, deambulou pela colina abaixo, num vestido branco sem mangas e de sandálias. Pela primeira vez, não estava sozinha. Ao todo, eram catorze: uma cantora de ópera italiana, uma modelo francesa, um ator de cinema britânico, um pintor alemão — juntamente com as mulheres, namoradas, amantes e companheiras. A cantora de ópera e o ator de cinema fizeram um concurso para ver quem conseguia consumir o maior número de sardinhas grelhadas, a comida tradicional das festas. A cantora de ópera despachou com facilidade o ator, que se tentou então consolar atirando-se de forma desajeitada à modelo. A mulher dele esbofeteou-o com toda a força no centro da praça. Os aldeões portugueses, que nunca tinham visto uma mulher a esbofetear um homem, aplaudiram loucamente e a dança recomeçou. Mais tarde, concordaram todos que o bando de ciganos da casa na encosta tinha feito daquela festa a mais divertida de que havia memória.

Apenas Nossa Senhora parecia não se ter divertido. Para Carlos, ela parecia uma ilha de melancolia num mar de louca devassidão.

Debicou a comida; bebeu o vinho como se fosse uma coisa que esperavam que ela fizesse. Quando o belo pintor alemão se prostrou ao seu lado e a inundou de atenção, Nossa Senhora mostrou-se educada mas claramente indiferente. O pintor acabou por desistir e foi à procura de outra presa.

À meia-noite, exatamente quando a festa atingiu o ponto mais frenético, Nossa Senhora escapuliu-se e seguiu sozinha pelo trilho em direção à sua casa na encosta.

Vinte minutos depois, Carlos viu uma luz cintilar brevemente na sala no segundo andar. Era a sala onde Nossa Senhora tocava violino.

Com pouco mais para fazer naquele Verão, os habitantes da aldeia decidiram-se a descobrir finalmente o nome e a ocupação da misteriosa mulher da encosta. Carlos e Maria, as duas pessoas mais próximas dela, foram interrogados cuidadosamente mas não foram capazes de oferecer grande ajuda. Uma vez por mês, recebiam um cheque, enviado por correio registrado, de uma empresa de Londres chamada European Artistic Management. Devido às barreiras da língua e da classe social, a comunicação que tinham com a mulher era limitada aos cumprimentos mais simples. Mas foram capazes de fornecer um pedaço de informação crucial: Nossa Senhora tinha por hábito ausentar-se repentinamente e sem explicações. Rosa, a mulher da mercearia, conseguiu ver muito nisso. Chegou à conclusão de que Nossa Senhora era uma espiã e que a European Artistic Management não passava de uma fachada. O que mais poderia explicar a natureza sigilosa dela? Os desaparecimentos repentinos e os regressos ainda mais súbitos?

Mas, uma vez mais, foi Manuel quem resolveu a questão. Um final de tarde, quando o debate se encontrava ao rubro no café dele, esticou-se por baixo do balcão e exibiu um CD com gravações de várias sonatas em violino de Brahms. Na capa havia uma fotografia de Nossa Senhora.

— Ela se chama Anna Rolfe — proclamou Manuel triunfante. — A Nossa Senhora da Encosta é uma mulher muito famosa.

E também era uma mulher atreita a acidentes. Houve uma tarde em que perdeu o controle da motoreta e Carlos foi encontrá-la na beira da estrada, com um par de costelas quebradas. Passado um mês,

escorregou na borda da piscina e partiu a cabeça. Apenas duas semanas mais tarde, perdeu o equilíbrio no alto das escadas e caiu aos trambolhões no patamar, acabando em cima da pá do lixo de Maria.

Carlos concluiu que, por alguma razão, à Nossa Senhora lhe faltava pura e simplesmente a capacidade para tomar conta de si própria. Não era uma mulher imprudente, apenas descuidada, e parecia não aprender nada com os erros anteriores.

— Seria muito mau para a reputação da aldeia se acontecesse alguma coisa a uma mulher tão famosa — concluiu Manuel, num tom grave. — Ela precisa que a protejam de si própria.

E por isso, silenciosa e cuidadosamente, Carlos começou a vigiá-la. De manhã, quando ela nadava na piscina, descobria trabalho para fazer perto dela para poder monitorizar os seus movimentos de um lado para o outro. Executava inspeções clandestinas regulares à motoreta dela para ter certeza de que estava a funcionar bem. Nos lugarejos minúsculos ao longo do cume da colina, criou uma rede de observadores, de maneira a que, sempre que Nossa Senhora saísse para fazer as suas expedições à tarde, ela estivesse sob vigilância constante.

As diligências dele tiveram os seus frutos. Foi Carlos quem descobriu que Nossa Senhora estava a fazer uma caminhada no cume da colina na tarde em que um vento poderoso irrompeu vindo do mar. Encontrou-a por entre os destroços de um desabamento de rochas, com a mão presa por um pedregulho de cinquenta quilos, e transportou-a, desmaiada, até a aldeia. Se não fosse Carlos, disseram os médicos em Lisboa, Anna Rolfe teria perdido sem dúvida a famosa mão esquerda. A sua reabilitação foi longa e dolorosa — para todo mundo. Durante várias semanas, o seu braço esquerdo esteve imobilizado por

um gesso pesado em fibra de vidro. Por ela já não poder conduzir a motoreta, Carlos foi forçado a servir-lhe de motorista. Todas as manhãs, entravam no Land Rover branco dela e desciam a colina, aos solavancos, até a aldeia. Nossa Senhora permanecia em silêncio durante essas viagens, a olhar fixamente pela janela, com a mão ligada no colo. Uma vez, Carlos tentou animá-la com Mozart. Ela tirou o CD e atirou-o para o meio das árvores lá fora. Carlos nunca mais cometeu o erro de lhe tentar pôr música a tocar.

As ligaduras foram ficando progressivamente mais pequenas, até deixar, por fim, de precisar delas. O forte inchaço foi diminuindo e a mão regressou à forma normal. Só ficaram as cicatrizes. Nossa Senhora fazia os possíveis por escondê-las. Usava blusas de mangas compridas com punhos de renda. Quando dava voltas pela aldeia, a fazer as compras, tapava a mão por baixo do braço direito. O seu estado de espírito ficou ainda mais negro quando tentou voltar a tocar violino. Todas as tardes, durante cinco dias consecutivos, dirigiu-se para a sala de ensaios no segundo andar da casa. Todos os dias, tentava qualquer coisa básica — uma escala menor em duas oitavas, um arpejo — , mas até mesmo isso era demasiado para a sua mão estropiada. Pouco tempo depois, ouvia-se um grito de angústia, seguido de berros em alemão. Ao quinto dia, enquanto estava na vinha, Carlos viu Nossa Senhora a erguer o inestimável violino Guarnerí sobre a cabeça e a preparar-se para o atirar ao chão. Em vez disso, baixou-o até o peito e abraçou-o, a chorar. Nesse final de tarde, no café, Carlos contou a Manuel a cena que observara. Manuel foi buscar o telefone e pediu à operadora o número da empresa de Londres chamada European Artistic Management.

Quarenta e oito horas depois, chegou uma pequena delegação. Havia uma inglesa chamada Fiona, um americano chamado Gregory e um alemão inflexível chamado Herr Lang. Todas as manhãs, Gregory obrigava Nossa Senhora a executar várias horas de exercícios severos, de modo a recuperar a força e a mobilidade na mão. À tarde, Herr Lang ficava a vigiá-la na sala de ensaios, ensinando-a a voltar a tocar o instrumento. Lentamente, a sua perícia foi regressando, embora até mesmo Carlos, apenas o homem que cuidava da vinha, conseguisse perceber que ela já não era a mesma intérprete que tinha sido antes do acidente. Por volta de outubro, a delegação já tinha partido e Nossa Senhora estava outra vez sozinha. Os seus dias assumiram o ritmo previsível que tinham tido antes do acidente, ainda que ela tivesse agora mais cuidado ao andar na motoneta vermelha e nunca saísse para o cume da colina sem verificar primeiro a previsão do tempo.

Foi então que, no Dia de Todos-os-Santos, ela desapareceu. Carlos reparou no fato de ela, ao entrar no Range Rover e seguir para Lisboa, levar apenas um saco preto de couro para transportar roupa e não o violino. No dia seguinte, foi ao café e contou o que tinha visto a Manuel. Manuel mostrou-lhe uma notícia do International Herald-Tribune. O responsável pela vinha não sabia ler inglês, por isso Manuel encarregou-se da tradução.

— A morte de um pai é uma coisa terrível — afirmou Carlos — , mas homicídio… isto é muito pior.

— É verdade — respondeu Manuel, dobrando o jornal — , mas devias ouvir o que aconteceu à mãe daquela pobre mulher.

Carlos estava a trabalhar na vinha, a preparar as videiras para o começo do Inverno, quando Nossa Senhora regressou de Zurique. Ela parou por breves

instantes na estrada, para soltar o cabelo e deixá-lo cair ao sabor do vento do mar, desaparecendo a seguir em direção à casa. Passado um momento, Carlos viu-a passar com grande rapidez pela janela da sala de ensaios. Não havia luzes acesas. Nossa Senhora ensaiava sempre no escuro.

Quando ela começou a tocar, Carlos baixou a cabeça e retomou o trabalho, as tesouras para a poda a ecoarem ritmadamente, ao mesmo tempo que o bater das ondas na praia em baixo. Era uma composição que ela tocara várias vezes — uma sonata mística e perturbante, supostamente inspirada pelo Diabo em pessoa — mas que desde o acidente lhe escapava. Carlos preparou-se para a explosão inevitável mas, passados cinco minutos, as suas tesouras ficaram mudas e ele olhou pela encosta em socalcos acima, em direção à casa. Naquela noite, ela tocava com tanta perícia que parecia haver dois violinistas lá e não apenas um.

O ar tinha ficado mais frio e uma fina neblina marítima subia sorrateiramente pela encosta da colina. Carlos deitou fogo ao seu monte de lixo e agachou-se junto às chamas. Ela estava a aproximar-se de uma parte difícil da composição, uma sucessão traiçoeira de notas descendentes — um trecho diabólico, pensou ele, sorrindo. Mais uma vez, preparou-se, mas nessa noite só a música explodiu, uma descida extenuante que terminou no encerramento tranquilo do movimento inicial.

Parou por alguns segundos e a seguir começou o segundo movimento. Carlos virou-se e olhou para a encosta. A luz cor de laranja do pôr do Sol banhava a casa. Maria, a empregada doméstica, estava na varanda a varrer. Carlos tirou o chapéu e segurou-o ao alto, à espera que Maria o visse — gritar ou qualquer espécie de barulho eram proibidos enquanto Nossa

Senhora ensaiava. Passado um momento, Maria levantou a cabeça e a vassoura dela parou a meio caminho. Carlos esticou as mãos. O que achas, Maria? Vai ficar tudo bem desta vez? A empregada apertou as mãos e olhou para o céu, em admiração.

Obrigado, Deus.

Realmente, pensou Carlos, observando o fumo do fogo a dançar ao sabor do vento do final de tarde. Obrigado, Deus. Esta noite, as coisas estão bem. O tempo está ótimo, as videiras estão prontas para o Inverno e a Nossa Senhora da Encosta está a tocar outra vez a sonata dela.

Quatro horas depois, Anna Rolfe baixou o violino e colocou-o no estojo. Imediatamente, foi assaltada pela combinação única de exaustão e agitação que sentia no final de cada ensaio. Entrou no quarto e deitou-se em cima do edredom fresco, com os braços bem abertos, a ouvir o som da própria respiração e o vento noturno a sussurrar no beiral. Sentiu mais alguma coisa além da fadiga e da agitação; uma coisa que já não sentia há muito, muito tempo. Supôs que fosse satisfação. A sonata de Tartini sempre fora a composição pela qual era conhecida, mas desde o acidente que as complexas intersecções das cordas e as exigentes paragens duplas eram demasiado para a mão dela. Esta noite, tocara-a excepcionalmente bem pela primeira vez desde a recuperação. Sempre achara que o seu estado de espírito se refletia na forma como tocava. Fúria, tristeza, ansiedade — todas essas emoções eram reveladas quando encostava um arco às cordas de um violino. Perguntou-se a si mesma porque teriam as emoções despoletadas pela morte do pai permitido que ela voltasse a tocar a sonata de Tartini.

De repente, sentiu necessidade de atividade. Sentou-se reta, tirou a t-sbirt úmida e vestiu uma camiseta. Durante vários minutos, perambulou sem

destino pelas divisões da casa, acendendo um aqui aqui e fechando uma persiana ali. Sentia o frio dos soalhos macios de terracota sob pés descalços. Como ela adorava este lugar, com as suas paredes caiadas e a mobília confortável tapada com lona. Era tão diferente da casa em Zúrichberg onde tinha crescido. As divisões eram grandes e abertas, em vez de pequenas e escuras, o mobiliário despretensioso e simples. Era uma casa honesta, uma casa sem segredos. Era a casa dela.

Na cozinha, serviu-se de um copo cheio de vinho tinto. Tinha sido comprado a um negociante de vinhos da zona; na verdade, algumas das suas próprias videiras tinham sido utilizadas na mistura. Passado um momento, o vinho acalmou-lhe o espírito. Era um segredinho sujo do mundo da música clássica: a bebida. Trabalhara com orquestras que tinham regressado dos intervalos para almoço tão impregnadas de álcool que era um milagre conseguirem sequer tocar. Espreitou para dentro do frigorífico. Praticamente não comera em Zurique e estava faminta. Salteou cogumelos e tomates em azeite e ervas aromáticas frescas da zona, depois adicionou três ovos batidos e juntou ainda queijo ralado. Após o pesadelo de Zurique, esta simples tarefa doméstica fê-la sentir um prazer desmedido. Quando o omelete ficou pronta, sentou-se num banco alto, junto ao balcão da cozinha, e comeu-o com o que restava do vinho a acompanhar. Foi então que reparou na luz a piscar no atendedor de chamadas. Tinha quatro mensagens. Há já muito tempo que tinha desligado o som do telefone, para evitar que a perturbassem enquanto ensaiava. Enfiou uma garfada de omeleta na boca e carregou no botão PLAY do atendedor.

A primeira mensagem era do advogado do pai em Zurique. Segundo parecia, tinha mais documentos para ela assinar.

— Seria conveniente enviá-los para a casa por serviço expresso durante a noite?

Sim, seria, pensou ela. Telefonar-lhe-ia de manhã.

A segunda chamada era de Marco. Há muito tempo, tinham estado noivos. Tal como Anna, Marco era um solista talentoso, mas era pouco conhecido fora de Itália. Nunca conseguira ultrapassar o fato de Anna ser uma estrela e ele não e tinha-a castigado dormindo com metade das mulheres de Roma. Depois de Marco, ela jurara nunca mais se apaixonar por um músico.

Soube do seu pai pelos jornais, querida Anna. Lamento imenso, meu amor. O que eu posso fazer? Precisas de alguma coisa de mim? vou apanhar o próximo avião. Não, não vais, pensou ela. Telefonaria a Marco de manhã, depois de terminar os assuntos com o advogado. Com um pouco de sorte, apanharia o atendedor e seria poupada à humilhação de ter de ouvir a voz dele em tempo real.

A terceira mensagem era de Fiona Richardson. Fiona era a única pessoa no mundo em quem Anna confiava totalmente. De cada vez que tropeçara, Fiona tinha estado lá para a pôr outra vez de pé.

Já chegaste a casa, Anna? Como foi o funeral? Um horror completo, com certeza. São sempre. Tenho andado a pensar em Veneza. Talvez fosse melhor adiarmos. Zaccaria vai compreender, e os teus fãs também. Ninguém pode esperar que uma pessoa volte a tocar tão cedo depois de uma coisa destas. Precisas de tempo para fazer o luto,

Anna... mesmo que despregasses tanto aquele velho sacana. Liga-me. Ela não ia adiar o recital de Veneza. Estava surpreendida por Fiona o ter sequer sugerido. Já tinha cancelado duas atuações. Tinham

surgido ecos de descontentamento na imprensa e entre os maestros de orquestra e promotores de concertos. Se cancelasse uma terceira, os custos poderiam ser irreparáveis. Telefonaria a Fiona de manhã para lhe dizer que iria a Veneza dali a duas semanas.

A última mensagem: outra vez Fiona.

Mais uma coisa, Anna. Um Sr. muito simpático da embaixada de Israel passou pelo escritório há dois dias. Disse que queria entrar em contato com você. Disse que tinha informações sobre a morte do seu pai. Parecia completamente inofensivo. Talvez te interesse ouvir o que ele tem para dizer. Deixou um número. Tem uma caneta?

Fiona ditou o número.

Carlos tinha colocado uns troncos de madeira de oliveira na lareira. Anna acendeu as brasas e esticou-se no sofá, a observar as chamas a espalharem-se pela madeira. À luz da lareira, examinou a mão. As sombras tremeluzentes faziam as cicatrizes moverem-se.

Sempre partira do princípio de que a morte do pai lhe traria um qualquer tipo de paz interior — closure (encerramento), como os americanos gostavam tanto de dizer. Para Anna, ficar órfã parecia-lhe mais tolerável do que a alienação do afastamento. Esta noite, talvez pudesse ter conseguido encontrar a paz se a morte do pai tivesse sido a normal num velho. Em vez disso, tinha morrido baleado em casa.

Fechou os olhos e viu o funeral dele. Tinha decorrido na velha igreja Fraumünster, nas margens do rio Limmat. Os presentes pareciam espectadores numa reunião de acionistas. Parecia que estava ali todo o mundo financeiro de Zurique: as jovens estrelas e os peritos financeiros dos grandes bancos e casas comerciais, ao lado dos últimos contemporâneos do pai — a velha guarda da oligarquia financeira de Zurique.

Alguns deles tinham lá estado vinte e cinco anos antes, no funeral da mãe.

Ao escutar os elogios que lhe eram prestados, Anna deu por si a odiar o pai por ter sido assassinado. Era como se ele tivesse conspirado para cometer um último cato que tornasse ainda mais dolorosa a vida dela. A imprensa tinha desenterrado notícias acerca das tragédias da família Rolfe: o suicídio da mãe, a morte do irmão na Volta à Suíça em Bicicleta, as lesões na mão dela. Uma Família Amaldiçoada era o cabeçalho do Nené Ziiricher Zeitung.

Anna Rolfe não acreditava em maldições. As coisas aconteciam por uma razão. Magoara a mão porque tinha sido tola o suficiente para ficar no cume da colina quando o céu enegreceu com nuvens de tempestade. O irmão morrera porque tinha escolhido de propósito uma profissão perigosa para contrariar o pai. E a mãe... Anna não sabia exatamente por que razão se tinha suicidado a mãe. Só o pai sabia a resposta a essa questão. Anna tinha a certeza de uma coisa. Ela suicidara-se por uma razão. Não era o resultado de uma maldição de família. Nem o assassinato do pai.

Mas por que razão tinha sido assassinado? Na véspera do funeral, ela tinha suportado um longo interrogatório da polícia de Zurique e de um agente dos serviços de segurança suíços chamado Gerhardt Peterson. O seu pai tinha inimigos, miss Rolfe? Tem conhecimento de alguém que pudesse querer fazer mal ao seu pai? Se tem alguma informação que nos possa auxiliar na nossa investigação, por favor diga-nos de imediato, menina

Rolfe. Ela sabia realmente coisas, mas não era o tipo de coisas que uma pessoa fosse dizer à polícia suíça. Arma Rolfe tinha achado sempre que eles faziam parte do problema.

Mas em quem podia ela confiar?

Um Sr. muito simpático da embaixada de Israel passou pelo escritório há dois dias. Disse que queria entrar em contato com você.

Olhou para o número de telefone que Fiona lhe deixara. Disse que tinha informações sobre a morte do seu pai.

Porque razão iria um israelense afirmar saber alguma coisa em relação ao homicídio do pai? E quereria mesmo ela ouvir o que ele tinha para dizer? Talvez fosse melhor deixar as coisas como estavam. Podia concentrar-se no seu desempenho musical e preparar-se para Veneza. Olhou uma última vez para o número, decorou-o e deitou o papel na lareira a arder.

A seguir, olhou para as cicatrizes na mão. Não há nenhuma maldição da família Rolfe, pensou. As coisas acontecem por uma razão. A mãe matou-se. Vinte e cinco anos depois, o pai foi assassinado. Por quê? Em quem podia ela confiar? Parecia completamente inofensivo. Talvez te interesse ouvir o que ele tem para dizer.

Ficou ali deitada durante alguns minutos, a ponderar tudo aquilo. A seguir, foi até a cozinha, pegou o receptor do telefone e teclou o número.

9

COSTA DE PRATA, PORTUGAL

A estrada até a casa de Anna Rolfe serpenteava ao longo da beira, numa colina com vista para o Oceano Atlântico. Por vezes, a vista ficava tapada: ora por uma fileira de abetos, ora por afloramentos de rochas cor de fumo. Era um final de tarde, o Sol estava

praticamente a tocar no horizonte, a água tinha cor de alperce e folha de ouro. Ondas gigantescas batiam com toda a força numa praia de areia exígua. Quando Gabriel baixou a janela, o carro encheu-se de ar frio, carregado com o perfume do mar.

Virou na direção da aldeia, seguindo as instruções que ela lhe tinha dado. A esquerda a seguir às ruínas mouras, descendo a colina e passando pela adega velha, siga o trilho ao longo da vinha, em direção à mata. A estrada passava a ser de cascalho e depois de terra batida e agulhas de pinheiro de cor baça. O trilho terminava num portão de madeira. Gabriel saiu do carro, abriu o portão o suficiente para o automóvel poder passar e depois entrou no recinto. A casa erguia-se diante dele, em forma de L, com um telhado de terracota e paredes de pedra claras. Quando Gabriel desligou o motor, pôde ouvir o som de Anna Rolfe a ensaiar. Ficou a ouvir durante um momento, a tentar identificar a composição, mas não conseguiu.

Ao sair do carro, surgiu um homem a subir a encosta vagarosamente: chapéu de aba larga, luvas de trabalho de couro, a ponta de um cigarro de enrolar pendurada no canto da boca. Sacudiu a sujidade das luvas com pequenas palmadas e a seguir tirou-as, enquanto inspecionava o visitante.

— É o homem de Israel, não é?

Gabriel acenou com a cabeça, de forma ligeira e relutante. O responsável pela vinha sorriu.

— Venha comigo.

A vista da varanda era formidável: a encosta e a vinha, e o mar mais além. De uma janela aberta por cima da cabeça de Gabriel, veio o som de Anna Rolfe a tocar. Uma governanta materializou-se; deixou-lhe café e uma pilha de jornais de língua alemã já com uma semana e a seguir desapareceu silenciosamente para o

interior da casa. No Nené Ziiricher Zeitung descobriu um artigo acerca da investigação do homicídio de Rolfe. Logo ao lado estava um longo texto principal sobre a carreira de Anna Rolfe. Leu-o rapidamente e depois pô-lo de lado. Não lhe disse nada que ele não soubesse já.

Antes de Gabriel tocar num quadro, lia primeiro tudo aquilo que podia acerca do artista. Tinha utilizado a mesma abordagem com Anna Rolfe. Ela tinha começado a tocar violino aos quatro anos de idade e mostrou de imediato um potencial fora do comum. O mestre suíço Karl Wehrli concordou em aceitá-la como aluna e os dois deram início a um relacionamento que permaneceu intacto até a morte dele. Quando Anna tinha dez anos, Wehrli pediu para que ela saísse da escola, de maneira a poder ter mais tempo para se dedicar à música. O pai de Anna concordou com relutância. Um tutor ia à residência de Zurique duas horas por dia e no resto do tempo Anna tocava violino.

Aos quinze, teve uma apresentação no Festival Internacional de Música de Lucerna que eletrizou a cena musical europeia, tendo sido em seguida convidada para dar uma série de recitais na Alemanha e na Holanda. No ano seguinte, venceu a prestigiosa Competição de Violino Jean Sibelius, em Helsínquia. Recebeu um prêmio monetário de grande valor, além de um violino Guarneri, um conjunto de apresentações em concertos e um contrato discográfico.

Pouco depois da competição Sibelius, a carreira de Anna Rolfe disparou. Deu início a um calendário esgotante de datas de concertos e sessões de gravação. A beleza física transformou-a num fenômeno que atravessava todas as culturas. A sua fotografia apareceu nas capas de revistas de moda europeias. Na América, tocou numa emissão especial de feriado na

televisão. Foi então que, passados vinte anos de tournées e gravações incessantes, Anna Rolfe sofreu o acidente que quase lhe destruiu a mão. Gabriel tentou imaginar como se sentiria se o seu talento para restaurar quadros lhe fosse subitamente retirado. Não esperava encontrá-la bem-disposta.

Uma hora depois da chegada de Gabriel, ela parou de tocar. Tudo o que permaneceu foi a batida constante de um metrónomo. A seguir, também ele se silenciou. Cinco minutos mais tarde, Anna apareceu na varanda, com uma calça de ganga de um azul desbotado e um pulôver de algodão cinzento-azulado. Tinha o cabelo úmido.

Esticou a mão.

— Sou a Anna Rolfe.

— É uma honra conhecê-la, miss Rolfe.

— Sente-se, por favor.

Se Gabriel fosse um pintor de retratos, talvez tivesse apreciado um modelo como Anna Rolfe. O rosto dela tinha magnificência técnica: as maçãs do rosto largas e uniformes, os olhos verdes de gato, a boca ampla e o queixo em forma de lágrima. Mas era também um rosto de muitas camadas. Sensual e vulnerável, insolente e de uma vontade de ferro. Em algum ponto, um traço de tristeza. Mas era a energia dela — a energia irrequieta e temerária dela — que mais o intrigava e que teria sido o mais difícil de captar numa tela. Os olhos não paravam de se mover em redor dele. Mesmo após o longo ensaio, as mãos não eram capazes de ficar quietas. Partiam em viagens privadas: brincavam com um isqueiro, martelavam no tampo de mesa de vidro, viajavam repetidamente até o rosto para afastar a madeixa solta. Não usava joias; nem pulseiras no pulso, anéis nos dedos e nada no pescoço. — Espero que não tenha tido de esperar muito tempo. Lamento, mas dei ordens precisas a

Carlos e Maria para não me interromperem meus ensaios.

— Foi um prazer. Tocou de forma extraordinária.

— Por acaso não toquei, mas é muito gentil em dizê-lo.

— Vi-a tocar uma vez. Foi em Bruxelas, não há muitos anos. Uma noite de Tchaikovsky, se não me engano. Nessa noite, foi maravilhosa.

Agora não era capaz de tocar essas composições. Coçou as cicatrizes na mão esquerda. Parecia um gesto involuntário. Pôs a mão no colo e olhou para o jornal.

— Vejo que andou lendo sobre meu pai. A polícia de Zurique não parece saber muito do homicídio, não?

— Isso é difícil dizer.

— Sabe de alguma coisa que a polícia de Zurique não saiba?

— Isso também é difícil dizer.

— Antes de me dizer o que realmente sabe, espero que não se importe que eu lhe faça uma pergunta.

— Não, claro que não.

— Afinal de contas, quem é o Sr. ao certo?

— Nesta questão, sou um representante do governo de Israel.

— E que questão é essa?

— A morte de seu pai.

— E por que a morte do meu pai interessa ao governo de Israel?

— Porque eu é que descobri o corpo dele.

— Os detetives de Zurique disseram que o corpo do meu pai tinha sido descoberto por um restaurador de arte que tinha vindo limpar um Rafael.

— Isso é verdade.

— O Sr. é o restaurador de arte?

— Sim.

— E trabalha para o governo de Israel.

— Nesta questão.

Conseguia ver a mente dela tentando a todo o custo ligar tudo aquilo.

— Peço que me perdoe, Sr. Allon, mas acabei de sair de um ensaio de oito horas. Talvez a minha cabeça não esteja como devia. Talvez seja melhor começar pelo princípio.

Gabriel contou-lhe a história que Shamron lhe tinha transmitido em Zurique. Que o pai dela contatara o governo israelense e pedira um encontro secreto. Que não fornecera quaisquer pormenores acerca do motivo para esse encontro. Que ele, Gabriel, tinha sido enviado a Zurique para se encontrar com ele e que o pai já estava morto quando ele chegara. Anna Rolfe ouviu todo esse relato com total impassibilidade, as mãos a brincarem com o cabelo.

— E o que quer de mim, Sr. Allon? — perguntou depois de Gabriel terminar. — Quero saber se tem alguma ideia do que poderia ter levado o seu pai a querer encontrar-se conosco.

O meu pai era banqueiro, Sr. Allon. Um banqueiro suíço. Havia muitas coisas da vida dele, pessoal e profissional, que não me contava. Se já leu esse relato que vem no jornal, então já sabe que não éramos especialmente chegados e que ele nunca falava comigo do trabalho.

— Nada de nada?

Ela ignorou aquilo e perguntou:

— Quem é o conosco?

— O que quer dizer com isso?

— Disse que o meu pai se queria encontrar conosco. Quem é o conosco? Para quem é que o Sr. trabalha?

— Trabalho para uma pequena agência ligada ao Ministério da Defesa.

— Ao Ministério da Defesa?

— Sim.

— Então é um espião?

— Não, não sou um espião. — Assassinou o meu pai?

— Por favor, miss Rolfe. Vim aqui à procura da sua ajuda, não para fazer joguinhos.

— Que fique registrado nos autos que o réu não foi capaz de responder à pergunta. — Não assassinei o seu pai, mas gostava de saber quem foi. E se eu soubesse por que ele se quis encontrar conosco logo para começar, talvez isso me pudesse dar algumas respostas.

Ela virou o rosto para o mar.

— Então acham que ele foi morto pelo que contou?

— O caso parece ser esse.

Gabriel deixou que um silêncio se instalasse entre eles. A seguir, perguntou: — Sabe por que seu pai queria falar conosco?

— Acho que consigo calcular.

— E vai dizer?

— Depende.

— Do quê?

— De eu me decidir ou não a envolvê-lo e ao governo de Israel nos assuntos privados da minha família.

— Posso assegurar-lhe que vamos tratar do assunto com a máxima discrição.

— Parece muito um banqueiro suíço falando, Sr. Allon, mas, pensando bem, suponho que não seja assim tão diferente.

Os seus olhos verdes centraram-se nele mas não deixaram entrever as intenções.

— Preciso de algum tempo para pensar na sua proposta.

— Compreendo.

— Há um café na praça da aldeia. O dono é um homem chamado Manuel. Tem um quarto de hóspedes no andar de cima. Não é grande coisa, mas ficará confortável por uma noite. Informo-o da minha decisão de manhã.

10

STUTTGART, ZURIQUE

Saíram de carro para o aeroporto de Lisboa bem cedo na manhã seguinte. Anna Rolfe fez questão de ir em primeira classe. Gabriel, a viajar às custas da conta de despesas parcimoniosa de Shamron, foi relegado para a classe econômica. Manteve-se sempre atrás dela no aeroporto para se assegurar de que não havia ninguém a segui-la. Quando ela se aproximou da porta de embarque, uma mulher avançou, ofegante, com um pedaço de papel, pedindo-lhe um autógrafo. Anna fez-lhe a vontade, sorriu e entrou no avião. Cinco minutos depois, Gabriel fez o mesmo. Ao passar pelo lugar dela, viu-a a bebericar champanhe. Gabriel foi avançando com dificuldade até o fundo do avião, em direção a um dos lugares do meio na fila vinte e três. Ainda lhe doíam as costas depois de uma noite passada em branco na cama horrível do Sr. Manuel.

O aviso de Gerhardt Peterson em relação a não pôr os pés em solo suíço ainda ecoava nos ouvidos de Gabriel, por isso, em vez de seguirem diretamente para Zurique, foram primeiro para Stuttgart. Aí, adoptaram um procedimento semelhante: Anna a sair primeiro do avião, Gabriel seguindo atrás dela pelo terminal até a um balcão de rent-a-car. Ela pegou as chaves e na papelada relativa a um pequeno Mercedes e foi no autocarro do aeroporto para o parque de estacionamento. Gabriel apanhou um táxi para um hotel vizinho e ficou à espera no bar do hall de entrada. Passados vinte minutos, saiu e deu com Anna estacionada à porta. Ela conduziu durante uma curta

distância, pelas ruas escuras, e a seguir parou e trocou de lugar com ele. Gabriel virou para a autoestrada e seguiu para sul. Cento e sessenta quilômetros até Zurique. Anna recostou-se no banco do passageiro, enrolou o casaco em forma de almofada e enfiou-o por trás da cabeça. Gabriel disse:

— Gostei da composição que estava a ensaiar ontem.

— Chama-se O Trilo do Diabo. É uma sonata composta por Giuseppe Tartini. Disse que ela tinha sido inspirada por um sonho. No sonho, ele entregava o violino ao Diabo e o Diabo tocava uma sonata que era mais linda do que tudo o que ele já tinha ouvido. Tartini afirmou ter acordado num estado de extrema agitação. Tinha de possuir a sonata e por isso anotou o máximo do que se conseguia lembrar. — Acredita na história?

— Não acredito no Diabo, mas sem dúvida que compreendo a necessidade de possuir a composição. Passei três anos a aprender a tocá-la bem. Foi a sonata que toquei quando ganhei a competição Sibelius. Depois disso, passou a ser a minha marca. Mas, em termos técnicos, é muito exigente. Só agora é que comecei a tocá-la outra vez.

— Soava maravilhosamente.

— Para mim não. Só ouço os erros e as imperfeições.

— Foi por isso que cancelou os dois concertos?

— Não os cancelei... adiei-os.

Gabriel conseguia sentir os olhos dela em cima dele.

— Está a pensar em tocar nos próximos tempos?

— Por acaso, estou. Um recital em Veneza, daqui a dez dias. Os venezianos foram sempre muito amáveis comigo. Sinto-me confortável lá. Conhece Veneza?

— Vivi dois anos em Veneza.

— A sério? Por quê?

— Foi onde aprendi a restaurar quadros. Fiz a minha aprendizagem com um restaurador italiano chamado Umberto Conti. Continua a ser uma das minhas cidades preferidas no mundo.

— Ah, para mim também. Veneza fica-nos no sangue, é difícil viver sem ela.

Estou à espera que Veneza exerça a magia dela comigo.

— E por que adiou os outros recitais?

— Porque a minha perícia para tocar o meu instrumento ainda estava enfraquecida por causa da minha lesão na mão. Porque não me queria transformar numa espécie de espetáculo de aberrações. Não queria ouvir as pessoas a dizerem: Está ali a Anna

Rolfe. Toca muito bem violino para uma pessoa que ficou praticamente sem mão.

— Quero estar no palco como uma intérprete e nada mais.

— E está preparada?

— Vamos descobrir daqui a dez dias. Só tenho certeza de uma coisa: desta vez, não vou desistir.

Acendeu um cigarro.

— Então por que tentou sair de Zurique sem informar a polícia do assassinato do meu pai?

— Tive medo de que não acreditassem que eu não tinha nada com aquilo — respondeu Gabriel.

— Foi só essa a razão?

— Já disse que estava lá em funções oficiais.

— Que tipo de funções oficiais? Como se chama essa agência obscura para a qual trabalha? Essa agência ligada ao Ministério da Defesa.

— Eu não trabalho para eles. Só estou fazendo um serviço.

— E eles têm nome?

— Chama-se Instituto de Coordenação, mas a maior parte das pessoas de chama de Escritório.

— É um espião, não é?

— Não sou um espião.

— Por que sei que está mentindo?

— Sou um restaurador de arte.

— Então por que viajamos separados para Zurique? Por que nos demos a tanto trabalho para evitar ser vistos juntos no aeroporto de Stuttgart?

— Foi uma medida de precaução. A polícia suíça deixou bem claro que eu já não sou bem-vindo.

— E por que eles haveriam de tomar uma atitude dessas?

— Porque estavam um pouquinho ofendidos por eu ter fugido da cena de um crime.

— E por que fugiu realmente da casa do meu pai?

— Já respondi a isso.

— Fugiu da casa do meu pai porque é um espião e estava com medo de ir à polícia. Estive a observá-lo no aeroporto. É muito bom.

— Não sou um espião.

— Então o que é? E não me responda que é só um restaurador de arte que está fazendo um favor a alguém de uma agência obscura chamada o Escritório porque eu não acredito em você. E se não me contar a verdade imediatamente, mais vale dar meia volta e enfiar-se no carro para regressar a Stuttgart, já que eu não lhe vou dizer coisa nenhuma.

Atirou o cigarro pela janela e esperou pela resposta dele. O lendário mau humor de Anna Rolfe.

Passava da meia-noite quando chegaram a Zurique. Um ar de abandono pairava sobre o centro da cidade: a Bahnhofstrasse escura e parada, as calçadas desertas, o gelo caindo dos postes. Atravessaram o rio; Gabriel conduziu com cuidado pelas ruas

escorregadias de Zúrichberg. A última coisa que queria era que o mandassem parar por uma infração.

Estacionaram na rua à porta da casa. Anna tratou das fechaduras sem chave que havia no portão e na entrada da frente. Gabriel viu o suficiente para perceber que os códigos tinham sido alterados desde o homicídio. O hall estava mergulhado na escuridão. Anna fechou a porta antes de acender as luzes. Sem falar, levou-o até lá dentro, passando pela entrada para a ampla sala de estar onde Gabriel tinha descoberto o corpo do pai dela. Ele olhou de relance lá para dentro. O ar estava encharcado com o cheiro a líquido de limpeza. O tapete oriental tinha desaparecido mas o Rafael continuava pendurado na parede.

O silêncio profundo da casa era realçado pelo ressoar dos calcanhares de Anna no chão nu. Passaram por uma sala de jantar grande e formal, com uma mesa de madeira escura imponente e polida e cadeiras de costas altas; a seguir, uma despensa; a seguir, uma cozinha espaçosa.

Por fim, chegaram a um lanço de escadas. Desta feita, Anna não ligou luzes nenhumas. Gabriel seguiu-a em direção à escuridão, sempre a descer. No fundo de tudo, havia uma adega, com recantos nas paredes pejados de garrafas empoeiradas. Ao lado da adega estava o barracão de jardinagem, com um tanque de pedra. Ferramentas de jardinagem enferrujadas estavam penduradas em ganchos nas paredes.

Atravessaram mais uma porta e seguiram por um corredor escuro. Terminava numa porta, que Anna abriu, deixando ver um pequeno elevador. Praticamente não cabia lá uma só pessoa, mas apinharam-se os dois lá dentro. À medida que o elevador ia descendo lentamente, Gabriel sentiu o calor do corpo dela encostado ao seu, cheirou-lhe o

perfume do champô e o tabaco francês no hálito. Ela parecia perfeitamente à-vontade com a situação. Gabriel tentou desviar o olhar, mas Anna olhou fixa e diretamente para os olhos dele, com uma intensidade animal perturbante.

O elevador chegou ao fim da viagem. Anna abriu a porta e entraram num pequeno hall de mármore preto e branco. Uma porta de aço pesada ficava de frente para o elevador. Na parede, ao lado da porta, estava um pequeno teclado e ao lado do teclado estava um aparelho algo parecido com as viseiras com lupas que Gabriel tinha no estúdio. Ele já tinha visto um aparelho destes; era um mecanismo de segurança biométrico utilizado para analisar a retina de quem quer que tentasse entrar na sala. Se a retina correspondesse a alguma das que estavam registradas na base de dados, o acesso seria permitido. Caso contrário, seria um sarilho infernal.

Anna marcou o código de segurança e pôs os olhos à frente do mecanismo. Uns segundos depois, ouviu-se um trinco a abrir e a porta grande foi-se abrindo lentamente. Ao entrarem na sala, as luzes começaram de imediato a piscar, acendendo-se.

Um espaço amplo, com cerca de quinze metros por nove, chão de madeira encerada e paredes cor de creme. No centro, havia duas cadeiras giratórias decoradas. Anna pôs-se ao lado de uma e cruzou os braços. Gabriel inspecionou as paredes vazias.

— O que é isto?

— O meu pai tinha duas coleções. Uma que ele deixava que o mundo visse e outra que costumava estar aqui pendurada. Era apenas para uso privado.

— Que tipo de quadros era?

— Impressionistas franceses dos séculos XIX e XX, principalmente.

— Tem uma lista deles?

Ela acenou com a cabeça. — Quem mais sabia disso?

— A minha mãe e o meu irmão, claro, mas os dois estão mortos.

— E é só?

— Não, havia Werner Müller.

— Quem é Werner Müller?

— É um negociante de arte e consultor principal do meu pai. Supervisionou o desenho e a construção deste lugar.

— É suíço?

Ela acenou com a cabeça.

— Tem duas galerias. Uma em Lucerna e a outra em Paris, perto da Rue de Rivoli. Passa a maior parte do tempo lá. Já viu o suficiente?

— Por agora.

— Há outra coisa que quero mostrar.

Uma nova viagem no elevador, desta vez a subir, e mais uma caminhada pela casa escura, em direção a uma divisão sem janelas e repleta de aparelhos eletrônicos a piscar e monitores de vídeo. Gabriel conseguia ver a casa de todos os ângulos: a rua, a entrada, os jardins à frente e atrás. — Além das câmeras de segurança, cada centímetro da propriedade está vigiado por detectores de movimento — explicou Anna.

— As janelas e as portas estão armadilhadas e têm alarmes. O meu pai não tinha segurança a tempo inteiro, mas a casa era impenetrável e, se houvesse um intruso, ele podia chamar a polícia numa questão de segundos.

— Então o que aconteceu na noite do homicídio?

— O sistema falhou inexplicavelmente.

— Mas que conveniente.

Ela sentou-se em frente ao terminal de um computador.

— Há um sistema específico para a sala lá em baixo. É cativado quando a porta exterior se abre. A hora de entrada é registrada automaticamente e, dentro da sala, duas câmeras digitais começam a gravar imagens fixas de três em três segundos.

Teclou alguns caracteres, deslocou o rato do computador e clicou. — Isto foi quando entramos na sala, ao meio-dia e quarenta e nove, e aqui já estamos lá dentro.

Gabriel debruçou-se por cima do ombro dela e espreitou para o monitor do computador. Uma imagem da visita deles, de cor granulosa, apareceu na tela e a seguir dissolveu-se, sendo substituída por outra logo depois. Anna voltou a utilizar o rato. Apareceu um diretório.

— Esta é a lista original das visitas àquela sala nos últimos três meses. Como pode ver, o meu pai passava muito tempo com a coleção. Descia até lá pelo menos uma vez por dia, às vezes duas.

Tocou na tela com o dedo indicador.

— Aqui está a última visita dele, pouco depois da meia-noite, na madrugada em que foi assassinado. O sistema de segurança não dá conta de mais nenhuma entrada a seguir a essa.

— A polícia deu-lhe alguma estimativa da hora da morte?

— Disseram que tinha sido por volta das três da manhã.

— Então tudo leva a crer que as mesmas pessoas que assassinaram o seu pai também levaram os quadros e que provavelmente isso aconteceu por volta das três da manhã, seis horas antes de eu chegar cá.

— Sim, é isso mesmo.

Gabriel apontou para a última entrada que aparecia na tela.

— Deixe-me ver essa.

Um instante depois, as imagens surgiram a piscar no monitor. Os ângulos das câmeras não deixavam ver os quadros todos, mas Gabriel conseguiu ver o suficiente para perceber que era uma coleção formidável. Manet, Bonnard, Toulouse-Lautrec, Cézanne, Pissarro, Degas, um nu de Renoir, uma paisagem de um canal de van Gogh, duas cenas de rua de Monet, um retrato grande de uma mulher pintado por Picasso durante o seu período azul. E, sentado no centro da sala, numa poltrona de orelhas de costas direitas, estava um velho, a contemplar a sua coleção uma última vez antes da morte.

11

ZURIQUE

Quatro meses depois, Gerhardt Peterson estava sentado sozinho no seu gabinete, uma gruta de madeira clara escandinava, com vista para o pátio interior de tijolo escuro. O ecrã do computador estava em branco, a correspondência da manhã por abrir, o café da manhã por provar, a porta exterior anormalmente trancada. Um cigarro foi-se apagando no cinzeiro, até só restar cinza. Peterson não reparou. O seu olhar estava virado para baixo, em direção às três fotografias que estavam dispostas lado a lado no seu mata-borrão de couro. Allon e Anna Rolfe, a saírem da casa. Allon e Anna Rolfe, a entrarem num Mercedes. Allon e Anna Rolfe, a irem-se embora no carro. Por fim, moveu-se, como que a acordar de um sonho desagradável, e enfiou as fotografias, uma a uma, na máquina de destruir papéis, observando-as, com especial satisfação, a transformarem-se em

confetti. A seguir, pegou o telefone, marcou um número que sabia de cor e ficou à espera que atendessem. Vinte minutos depois, com as reuniões para o resto do dia canceladas, entrou no seu Mercedes e seguiu a toda a velocidade pela costa do lago Zurichsee, a caminho do chalé na montanha de Herr Gessler.

12

CÓRSEGA

A velha *signadora*, espécie de rezadeira, morava numa casa inclinada na aldeia, perto da igreja. Cumprimentou o Inglês como de costume, com um sorriso de preocupação e uma mão no rosto dele. Trazia um vestido preto grosso, com uma gola bordada. A pele era da cor da farinha, os cabelos brancos estavam puxados para trás, com ganchos de metal a segurá-los. Era curioso o modo como as marcas da etnia e da origem nacional iam diminuindo com o tempo, pensou o Inglês. Se não fosse pelo dialeto corso e os modos católicos místicos, ela bem poderia ser a sua tia Beatrice, de Ipswich.

— O mal regressou, meu filho — sussurrou ela, acariciando-lhe o rosto. — Consigo vê-lo nos teus olhos. Sente-se. Deixe-me ajudar.

A velha acendeu uma vela, enquanto o Inglês se sentava a uma pequena mesa de madeira. À frente dele, colocou-lhe um prato de porcelana cheio de água e uma pequena taça de azeite.

— Três gotas — disse. — Depois vamos ver se os meus medos têm razão de ser. O Inglês molhou o indicador no azeite; a seguir, esticou-o por cima do

prato e deixou que caíssem três gotas na água. Segundo as leis da física, o azeite deveria ter-se acumulado num único glóbulo mas, em vez disso, despedaçou-se num sem-número de gotículas e, passado pouco tempo, já não havia vestígio dele.

A velha soltou um suspiro profundo e fez o sinal da cruz. Ali estava ela, a prova inegável de que o occhju, o Mau-Olhado, tinha invadido a alma do Inglês. Pegou a mão do Inglês e rezou. Passado um momento, começou a chorar, um sinal de que o occhju tinha passado do corpo dele para o dela. A seguir, fechou os olhos e pareceu estar a dormir. Abriu-os no instante seguinte e ordenou-lhe que repetisse o teste do azeite e da água. Dessa feita, o azeite juntou-se numa única gota. O mal tinha sido exorcizado.

— Obrigado — disse ele, pegando na mão da velha. Ela apertou-lhe por uns instantes e depois largou-a, como se ele tivesse febre. O Inglês perguntou:

— O que se passa?

— Vais ficar no vale durante algum tempo ou vais de novo embora?

— Lamento mas tenho de ir embora. — Ao serviço do Dou Orsati?

O Inglês acenou com a cabeça. Não tinha segredos para a velha signadora.

— Tens o seu amuleto?

Ele abriu a camisa. Tinha um pedaço de coral, com o feitio de uma mão, pendurado ao pescoço, num fio de couro. Ela pegou o coral e acariciou-o, como que para verificar se ainda se mantinha o poder místico para afastar o occhju.

Parecia satisfeita mas mesmo assim preocupada.

O Inglês perguntou: Vês alguma coisa?

Vejo um homem.

— E como é que é esse homem?

— É como tu, só que um herege. Deves evitá-lo. Vais seguir as minhas instruções?

— Sigo sempre.

O Inglês beijou-lhe a mão, na qual enfiou um maço de francos.

— É demais — afirmou ela.

— Diz sempre isso.

— Porque sempre me dá demais.

SEGUNDA PARTE

13

ROMA

Uma hora após o nascer do Sol, atravessaram a fronteira italiana. Há já muito tempo que Gabriel não se sentia tão contente por estar a deixar um lugar. Conduziu em direção a Milão, enquanto Anna dormia. Estava acossada por pesadelos, a abanar a cabeça de um lado para o outro, a travar batalhas privadas. Quando o sonho a largou finalmente, acordou e olhou, esbugalhada e fixamente, para Gabriel, como se se tivesse assustado com a presença dele.

Fechou os olhos e passado pouco tempo a luta recomeçou.

Num café à beira da estrada, comeram em silêncio, como amantes famintos: omeletes e pão, xícaras de café com leite. Durante os últimos quilômetros antes de Milão, passaram os planos em revista por uma última vez. Anna iria de avião até Lisboa; Gabriel ficaria com o Mercedes e prosseguiria até Roma. No aeroporto, estacionou no andar de embarque e colocou o carro em ponto morto.

— Antes de continuarmos, há uma coisa que preciso saber — afirmou.

— Quer saber por que não falei à polícia de Zurique dos quadros desaparecidos.

— Isso mesmo.

— A resposta é bem simples: não confio nela. Foi por isso que liguei depois que me telefonou e mostrei a coleção desaparecida.

Pegou a mão dele.

— Eu não confio na polícia suíça, Sr. Allon, e o Sr. também não deveria. Isso responde a sua pergunta?

— Por hora.

Ela saiu do carro e desapareceu dentro do terminal. O seu perfume permaneceu no carro durante o resto da manhã, assim como a simples questão que não parava de girar na cabeça dele. Por que razão iria um bando de ladrões de arte profissionais dar-se ao trabalho de roubar a coleção privada de Rolfe, mas deixar um Rafael pendurado na sala de visitas?

Roma cheirava a Outono: café amargo, alho a fritar em azeite, fumo de lenha e folhas mortas. Gabriel instalou-se num pequeno hotel no Corso d'Italia, em frente à Villa Borghese. O quarto tinha vista para um pátio minúsculo com uma fonte parada e guarda-sóis amarrados para o Inverno. Deitou-se na cama e adormeceu de imediato.

Já há muito tempo que não sonhava com Viena, mas alguma coisa que tinha visto em Zurique deixara-lhe o subconsciente em chamas e agora voltava a sonhar com isso. O sonho começou como acontecia sempre, com Gabriel a pôr o cinto ao filho, no banco de trás do carro, sem saber que o está a amarrar a um bomba colocada por um palestino que jurara destruí-lo. Beija a mulher, dá-lhe as boas-noites pela última vez e afasta-se. A seguir, o carro explode. Ele vira-se e começa a correr. No sonho, demora vários minutos a chegar ao carro, embora este esteja apenas a uns metros de distância. Dá com o filho, desfeito em pedaços pela bomba. No banco da frente está uma mulher, enegrecida pelo fogo. Agora, em vez de Leah, a mulher é Anna Rolfe. Por fim, obrigou o sonho a terminar. Acordou com os lençóis molhados, olhou para o relógio de pulso. Dormira doze horas.

Tomou um duche e vestiu-se. Lá fora, a manhã ia a meio, nuvens brancas e inchadas a passarem rápida

e suavemente ao longo de um céu azul, o vento a rondar o Corso d'Italia. Durante a noite, tinha havido uma tempestade, e as rajadas estavam a formar pequeninas ondas encrespadas em grandes poças no passeio. Caminhou até a Via Veneto, comprou os jornais e leu-os ao pequeno-almoço, num café.

Uma hora depois, saiu do café, dirigiu-se a uma cabina telefônica e marcou um número que tinha memorizado. Clique… hum… dique… Por fim, uma voz, ligeiramente longínqua, um pouco de eco.

— Sim?

Gabriel identificou-se como Stevens, um dos seus antigos nomes de trabalho, e disse que queria almoçar com o Sr. Baker no restaurante II Drappo. Uma pausa, outro clique, mais zumbidos, algo que parecia porcelana a partir-se. A seguir, regressou a voz:

— O Sr. Baker diz que um almoço no II Drappo é possível.

Depois disso, a ligação foi cortada.

Durante dois dias, Gabriel esperou. Levantou-se cedo, tanto numa como noutra manhã, e fez jogging pelos caminhos sossegados para trabalhadores da Villa Borghese. A seguir, caminhava até a Via Veneto para tomar café num balcão atendido por uma garota bonita com cabelo castanho-arruivado. Ao segundo dia, reparou num padre de batina preta, cujo rosto lhe parecia familiar. Gabriel vasculhou a memória, mas não conseguiu encontrar. Quando pediu a conta à garota, o número de telefone dela estava escrito nas costas. Sorriu, em jeito de pedido de desculpas, e deixou-a no balcão quando se foi embora. O padre ficou no café. Nessa tarde, Gabriel passou muito tempo verificando se não estava sendo seguido. Deambulou por igrejas, estudando os frescos e os retábulos de altar até o pescoço lhe doer. Quase conseguia sentir a presença de Umberto Conti ao seu

lado. Conti, como Ari Shamron, achava que Gabriel era um homem de talentos especiais e idolatrava Gabriel, como acontecera com Shamron. Às vezes, aparecia na pensione em decadência de Gabriel e arrastava-o para a noite de Veneza para ver arte. Falava de quadros da mesma maneira que alguns homens falam de mulheres. Olha bem para a luz Gabriel. Olha para a técnica, as mãos, meu Deus, as mãos. O vizinho de Gabriel em Veneza fora um palestino chamado Saeb, um intelectual magrizela que escrevia poesia violenta e panfletos incendiários, comparando os israelenses aos nazistas. Lembrava demasiado a Gabriel um homem chamado Wadal Adel Zwaiter, o chefe do Setembro Negro em Itália, que Gabriel assassinara na escadaria de um prédio de apartamentos na Piazza Annabaliano de Roma.

— Eu fazia parte de uma unidade especial, miss Rolfe.

— Que tipo de unidade especial?

— Uma unidade de contraterrorismo que perseguia pessoas que tinham cometido atos de violência contra Israel.

— Palestinos?

— A grande maioria, sim.

— E o que fazia a esses terroristas quando os encontrava?

Silêncio…

— Diga-me, Sr. Allon. O que fazia quando os encontrava?

Altas horas da noite, Saeb aparecia no quarto de Gabriel como o fantasma de Zwaiter, sempre com uma garrafa de vinho tinto barato e cigarros franceses, sentava-se de pernas cruzadas no chão e começava a pregar sermões a Gabriel sobre as injustiças empilhadas sobre o povo palestino. Os judeus! O

Ocidente! Os regimes árabes corruptos! Todos eles têm sangue palestino nas mãos! Gabriel acenava com a cabeça, servia-se do vinho de Saeb e filava mais um cigarro. De vez em quando, contribuía com a sua própria condenação de Israel. O Estado não podia durar muito mais, dissera Gabriel num dos seus discursos mais memoráveis. Acabaria por ruir, como o capitalismo, sob o peso das contradições que lhe eram inerentes. Saeb ficou tão comovido que incluiu uma variante desta frase no seu artigo seguinte.

Durante a aprendizagem de Gabriel, Shamron permitira que Leah o visitasse uma vez por mês. Faziam amor freneticamente e, a seguir, ela ficava deitada ao lado dele na cama individual e implorava-lhe para voltar com você para casa, para Telaviv. Fazia-se passar por uma estudante alemã de Sociologia de Hamburgo chamada Eva. Quando Saeb entrava no quarto com o vinho e os cigarros, ela defendia exuberantemente o Grupo Baader-Meinhof e a OLP. Saeb declarou que ela era uma feiticeira.

— Um dia, tem de ir à Palestina ver a terra — disse.

Sim, concordara Leah. Um dia.

Gabriel comia todas as noites numa pequena trattoria perto do hotel. À segunda noite, o dono tratou-o como se fosse um cliente habitual que lá comesse uma vez por semana há vinte anos. Instalou-o numa mesa especial, junto à cozinha, e empanturrou-o com *antipasti* até Gabriel suplicar misericórdia. A seguir, massa, depois peixe, depois doce de leite. Na hora do café, entregou um bilhete a Gabriel.

— Quem deixou isto? — perguntou Gabriel.

Ele ergueu as mãos, num gesto tipicamente romano de perplexidade.

— Um homem.

Gabriel olhou para o bilhete: papel liso, escrita anônima, nenhuma assinatura.

Igreja de Santa Maria delia Pace. Uma hora.

A noite tinha ficado mais fria, rabanadas de vento a deslocarem-se pelas árvores da Villa Borghese. Gabriel caminhou durante algum tempo — ao longo do Corso d'Italia, pela Via Veneto abaixo — e a seguir mandou parar um táxi e foi até o limite do Centro Storico.

Durante vinte minutos, deambulou pelas ruas estreitas e praças sossegadas até ter certeza de não estar a ser seguido. Depois foi a pé até a Piazza Navona. A praça estava apinhada, apesar do frio, os cafés cheios, artistas de rua a venderem quadros baratos.

Gabriel contornou lentamente a piazza, ora parando para contemplar uma fonte decorada, ora parando para deitar algumas moedas no cesto de um cego que tocava uma guitarra que já só tinha quatro cordas. Havia alguém a segui-lo; conseguia senti-lo.

Começou a andar em direção à igreja e depois voltou de repente para trás, na direção oposta. O seu perseguidor estava agora parado no meio de um grupo de pessoas que ouvia o guitarrista. Gabriel aproximou-se e pôs-se ao lado dele.

— Estás limpo — disse o homem. — Entra.

A igreja estava vazia, o cheiro a incenso e cera a arder a sentir-se intensamente no ar. Gabriel avançou pela nave e parou defronte do altar. Atrás de si, a porta abriu e os sons da praça movimentada encheram a igreja.

Virou-se para ver quem seria, mas era apenas uma velha que tinha vindo rezar.

Um momento depois, as portas voltaram a abrir-se. Um homem, desta vez, casaco de couro, olhos escuros e rápidos — Rami, o guarda-costas do Velho.

Ajoelhou-se num dos bancos e fez o sinal da cruz. Gabriel reprimiu um sorriso, voltando-se para contemplar o altar. Uma vez mais, as portas abriram, uma vez mais, o clamor da picada veio perturbar o silêncio, mas desta vez Gabriel não se deu ao incômodo de se virar, pois reconheceu imediatamente a cadência característica do andar de Ari Shamron. Um momento depois, Shamron estava ao lado dele, a olhar para o retábulo de altar.

— O que é isto, Gabriel? — perguntou de forma impaciente. Shamron não tinha qualquer capacidade para apreciar arte. Só encontrava beleza numa operação concebida de modo perfeito ou na destruição de um inimigo.

— Por coincidência, estes frescos foram pintados pelo Rafael. Raramente trabalhava com frescos, só para os papas e para os que lhes estavam mais próximos. Um banqueiro bem relacionado chamado Agostino Chigi era dono desta capela e quando o Rafael lhe apresentou a conta dos frescos, ficou tão escandalizado que foi pedir uma segunda opinião a Miguel Angelo.

— E qual foi a reação de Miguel Angelo?

— Disse ao Chigi que ele deveria ter pedido ainda mais.

— Tenho certeza de que eu teria ficado do lado do banqueiro. Vamos dar uma volta. As igrejas católicas põem-me nervoso.

Conseguiu arrancar um sorriso lacônico. — Um resquício da minha infância polaca.

Foram caminhando pelo lado de fora da piazza e o vigilante Rami seguiu-os como a consciência pesada de Shamron, com as mãos nos bolsos e os olhos em movimento. Shamron escutou em silêncio, enquanto Gabriel lhe contava da coleção desaparecida. — Ela disse à polícia?

— Não.

— E por quê?

Gabriel contou-lhe o que Anna lhe tinha dito quando lhe fizera a mesma pergunta.

— Por que o Velho teria feito segredo dos quadros?

— Não é uma coisa sem precedentes. Se calhar, a natureza da coleção não lhe permitia exibi-la ao público.

— Estás a sugerir que ele era um ladrão de arte?

— Não, um ladrão de arte não, mas às vezes as coisas são um pouquinho mais complicadas do que isso. É possível que a coleção do Rolfe não tivesse a mais imaculada das proveniências. Estamos a falar da Suíça, afinal de contas.

— Ou seja?

— As caixas-fortes dos bancos e as caves da Suíça estão cheias dos espólios da História, incluindo arte. É possível que esses quadros nem sequer pertencessem ao Rolfe. Podemos partir do princípio de uma coisa: quem quer que os tenha levado, fê-lo para uma razão específica. Deixaram ficar um Rafael que vale vários milhões de dólares.

— Podem ser recuperados?

— Suponho que seja possível. Depende de já terem ou não sido vendidos.

— E obras dessas podem ser vendidas rapidamente no mercado negro? — Não sem haver um grande banzé. Mas, por outro lado, também pode ter sido um roubo comissariado.

— Ou seja?

— Alguém pode ter pago a outras pessoas para fazerem o trabalho.

— E assassinarem o Rolfe estava incluído nos honorários? Boa pergunta.

Shamron pareceu subitamente cansado. Sentou-se na borda de uma fonte.

— Já não viajo tão bem como costumava — confidenciou. Fala-me da Anna Rolfe. — Se tivéssemos escolha, nunca nos envolveríamos com ela. É imprevisível, volátil e fuma mais do que tu. Mas nunca ouvi ninguém tocar violino como ela. — Tu és bom com pessoas desse gênero. Restaura-a. Shamron começou a tossir, uma tosse violenta que lhe sacudiu o corpo todo. Passado um momento, perguntou:

— Ela faz alguma ideia do que terá levado o pai a entrar em contato conosco?

— Diz que não. Não eram propriamente chegados.

Isso pareceu causar a Shamron um instante de dor física. A sua filha mudara-se para a Nova Zelândia. Ele telefonava-lhe uma vez por mês, mas ela nunca lhe retribuía as chamadas. O seu maior medo era que ela não viesse a casa para o funeral dele nem dissesse kaddisti* por ele. Demorou muito tempo para acender o cigarro seguinte.

— Tens alguma coisa por onde possamos pegar?

— Uma pista, sim.

— Que valha a pena seguir?

— Acho que sim.

— Do que precisas?

— De recursos para montar uma operação de vigilância,

— Onde?

— Em Paris.

— E o alvo?

14

ROMA

O microfone miniatura supercardioide que o homem vestido de padre segurava não era maior do que uma caneta de tinta permanente normal. Fabricado por uma empresa de material eletrônico na cidade industrial suíça de Zug, permitia-lhe acompanhar a conversa que estava a ser mantida pelos dois homens que davam a volta à Piazza Navona. Um segundo homem, sentado num café do outro lado da praça, estava apetrechado com um equipamento idêntico. O homem vestido de padre tinha a certeza de que, entre os dois, tinha sido gravada a maior parte do que estava a ser dito.

As suas suposições foram confirmadas vinte minutos mais tarde, quando, de regresso ao quarto de hotel, sincronizou as duas fitas num leitor de áudio e colocou uns receptores. Passados uns minutos, esticou-se de repente, carregou no STOP, depois REWIND e a seguir PLAY. — Onde?

— Em Parts.

— E o alvo?

— Um negociante de arte chamado Werner Müller.

STOP. REWIND. PLAY.

— Um negociante de arte chamado Werner Müller. STOP.

Teclou um número de telefone de Zurique e transmitiu o conteúdo da conversa ao homem do outro lado da linha. Quando terminou, deu-se ao luxo de fumar um cigarro e beber uma garrafa pequena de champanhe do minibar, a recompensa por um trabalho bem feito. Na casa de banho, queimou as páginas da

agenda no lavatório, abriu a torneira e empurrou as cinzas pelo cano abaixo.

15

PARIS

A Galeria Müller ficava na curva de uma pequena rua entre a Rue Faubourg St. Honoré e a Avenue L'Opéra. De um lado, havia um vendedor de telemóveis, do outro, uma boutique que vendia roupa masculina elegante que nenhum homem vestiria. Na porta, havia um letreiro, escrito à mão numa caligrafia cuidada e a azul: só POR MARCAÇÃO.

Por trás do vidro espesso de segurança da janela estavam duas pequenas obras do século XVIII, de pintores menores de flores, franceses, a servir de decoração. Gabriel não gostava dos pintores de flores franceses. Por três vezes, concordara restaurar um quadro desse período. Cada uma delas tinha sido um exercício de tédio perfeito.

Para posto de observação, Gabriel escolheu o Hotel Laurens, um pequeno hotel a uns quarenta e cinco metros, da galeria, em direção a norte, do outro lado da rua. Fez o check-in utilizando o nome de Heinrich Kiever e foi-lhe dado um pequeno sótão que cheirava a conhaque e fumaça de cigarro barato. Disse ao recepcionista que era um argumentista alemão. Que tinha vindo para Paris para reformular o argumento de um filme passado na França durante a guerra. Que iria trabalhar muitas horas seguidas no quarto e que não queria ser incomodado. Bebia no bar do hotel e atirava-se de forma grosseira à empregada. Gritava com os empregados de quarto quando eles tentavam fazer a limpeza. Berrava com os rapazes do serviço de quartos quando não lhe traziam o café

suficientemente depressa. Passado pouco tempo, o pessoal inteiro e a maior parte dos hóspedes sabiam do argumentista Boche louco instalado no sótão. A caminho de Paris, parara no aeroporto de Nice, entregara o Mercedes alugado e recolhera um Renault. O empregado do rent-a-car era um homem chamado Henri, um judeu da Provença cuja família sobrevivera ao Holocausto francês. No léxico do Escritório, Henri era um sayan, um ajudante voluntário. Havia milhares de sayanim espalhados à volta do globo — banqueiros que podiam fornecer dinheiro aos agentes de campo do Escritório, empregados de hotel que lhes podiam dar alojamento, médicos que os podiam tratar discretamente se ficassem feridos ou doentes. No caso de Henri, tinha dispensado a papelada habitual e atribuído o Renault a Gabriel de maneira a que ele nunca pudesse ser localizado.

Pouco tempo depois de chegar a Paris, Gabriel tinha entrado em contato, com relutância, com o chefe da base local, um homem chamado Uzi Navot. Navot tinha cabelos aloirados, com reflexos cor de morango, e o físico corpulento de um lutador. Era um dos dedicados acólitos de Shamron e tinha ciúmes do afeto que o Velho sentia por Gabriel. Por consequência, detestava Gabriel, da mesma maneira que um segundo filho detesta um irmão mais velho, e tinha-lhe espetado uma faca nas costas a cada oportunidade. O encontro deles, num banco junto à fonte dos Jardins des Tuileries, teve a formalidade fria própria de dois generais adversários a negociarem um cessar-fogo.

Navot deixou bem claro que achava que a base de Paris era capaz de dar conta de uma simples operação de segurança sem a ajuda do grande Gabriel Allon. Também não estava muito satisfeito por Shamron não lhe ter revelado por que razão um negociante de arte

de Paris havia de merecer a vigilância do Escritório. Gabriel tinha-se mantido estoicamente calmo perante a tirada discreta de Navot, atirando pedaços de baquete aos pombos e acenando de tempos a tempos com a cabeça, em sinal de compreensão. Quando, vinte minutos depois, Navot saiu disparado por um caminho de cascalho, Gabriel já tinha conseguido tudo aquilo de que precisava: vigias, rádios com frequências protegidas, carros, equipamento de escuta e uma pistola, Beretta, de calibre 22.

Durante dois dias, vigiaram-no. Não era um trabalho particularmente difícil; Müller, se era um criminoso, não se portava muito como tal. Chegava sempre à galeria às nove e quarenta e cinco da manhã e, às dez, já estava pronto para receber os clientes. À uma e meia, fechava a galeria e ia a pé até o mesmo restaurante na Rue de Rivoli, parando uma vez pelo caminho para comprar os jornais no mesmo quiosque.

No primeiro dia, um vigia de cabeça achatada chamado Oded seguiu-o. No segundo, foi um rapaz esguio chamado Mordecai, que se sentou, todo encolhido, numa mesa gelada de esplanada montada no passeio. Depois do almoço, seguiu Müller enquanto ele voltava para a galeria e a seguir subiu até o quarto de hotel de Gabriel para fazer um relatório.

— Diz-me uma coisa, Mordecai — perguntou Gabriel. — O que ele comeu hoje ao almoço.

O vigia fez uma cara feia, contorcendo o rosto magro numa expressão de censura.

— Marisco. Uma travessa enorme. Foi um massacre.

— E o que comeu, Mordecai?

— Ovos e *pommes frites*.

— E como estavam?

— Não estavam maus.

Ao final da tarde, mais uma rotina previsível. Müller ficava na galeria até as seis e meia. Antes de se ir embora, deixava um saco do lixo de plástico verde-escuro no passeio, para a recolha noturna, e a seguir caminhava ao longo dos Campos Elísios, por entre as multidões, até o restaurante Fouquet's. Na primeira noite, tinha sido Oded a recolher o lixo e a trazê-lo para o quarto de Gabriel e Mordecai a seguir o negociante de arte até o Fouquet's. Na segunda noite, os dois vigias trocaram de funções. Enquanto Müller bebericava champanhe com as gentes do cinema e da literatura no Fouquet's, Gabriel executava a tarefa nada invejável de vasculhar o lixo. Era tão normal como o dia-a-dia de Müller: faxes deitados fora, em meia dúzia de línguas diferentes, correio sem importância, beatas de cigarros, guardanapos sujos e grãos de café.

A seguir ao Fouquet's, Müller passeava pelas ruas secundárias do oitavo arrondissement, comia uma refeição ligeira num bistrô e depois seguia para o seu apartamento. Após duas noites do mesmo, Oded começou a insurgir-se. — Se calhar, ele é só um negociante de arte suíço que não negocia lá muita arte. Se calhar, estão a perder o seu tempo... e o nosso.

Mas Gabriel não se deixou dissuadir pelos protestos de Oded e do resto da sua pequena equipe. Pouco depois da meia-noite, observou da janela do seu quarto no Hotel Laurens uma van sem qualquer identificação a encostar ao passeio em frente à galeria. A sequência de acontecimentos seguintes desenrolou-se com a fluidez de uma dança coreografada. Dois homens saíram da van. Vinte segundos depois, já tinham arrombado a galeria e descativado o sistema de alarme. O trabalho que fizeram lá dentro demorou menos de um minuto. A

seguir, escapuliram-se da galeria e voltaram a entrar na van. Os faróis piscaram duas vezes e ela arrancou.

Gabriel afastou-se da janela, pegou o telefone e teclou o número da galeria. Depois de tocar cinco vezes, ouviu-se um atendedor de chamadas. Gabriel pousou o receptor em cima da mesa, ao lado do telefone, e aumentou o volume de um pequeno rádio de mão. Passados uns segundos, ouviu a gravação do atendedor de chamadas, com a voz de Werner Müller a explicar que a galeria voltaria a abrir ao público às dez horas da manhã seguinte. Por favor, telefone para fazer marcação.

No léxico do Escritório, a escuta que tinha sido colocada na Galeria Müller era conhecida como *vidro*. Escondida no interior dos componentes eletrônicos do telefone, fornecia cobertura dos telefonemas de Müller e também das conversas que iam ocorrendo dentro da sala. Como retirava a energia do telefone, não necessitava de bateria e por isso podia continuar a funcionar indefinidamente.

Na manhã seguinte, Müller não recebeu nenhum potencial comprador nem nenhum telefonema. Fez ele mesmo dois telefonemas, um para a Lyons, para averiguar da disponibilidade de um quadro, e outro para o senhorio, para se queixar da canalização no apartamento.

Ao meio-dia, ouviu as notícias na rádio. Almoçou no mesmo restaurante, à mesma hora, e regressou à galeria ao final da tarde. Às cinco horas, um telefonema: uma mulher, num inglês de sotaque escandinavo, à procura de desenhos de Picasso. Delicadamente, Müller explicou-lhe que a sua coleção não incluía nenhum desenho de Picasso — ou qualquer tipo de obras de Picasso — e teve a gentileza de lhe dar nomes e endereços de dois concorrentes onde poderia ter mais sorte.

Às seis, Gabriel resolveu fazer ele um telefonema. Ligou para a galeria e, num francês rápido e barulhento, perguntou a Herr Müller se tinha algumas naturezas-mortas com flores de Cézanne. Müller tossiu, desentupindo a garganta.

— Infelizmente, monsieur, não tenho nenhum quadro de Cézanne.

— Que estranho. Uma fonte de confiança disse-me que o Sr. tinha uma série de obras de Cézanne.

— A sua fonte de confiança estava enganada. Bonsoir, monsieur. A ligação foi cortada. Gabriel desligou o telefone e juntou-se a Oded à janela. Um momento depois, quando a noite já começava a cair, o negociante de arte apareceu à porta da galeria, a espreitar para um lado e para o outro da pequena rua.

— Viste aquilo, Oded?

— Ele está mesmo com um caso sério de nervos.

— Continuas a achar que ele é só um negociante de arte que não vende muitos quadros?

— Não parece muito honesto, mas porquê sobressaltá-lo com um telefonema daqueles?

Gabriel sorriu e não respondeu nada. Shamron chamava a isso enfiar uma pedra no sapato de um homem. De início, causa apenas uma irritação, mas passado pouco tempo deixa uma ferida aberta. Se a pedra lá ficar tempo suficiente, o homem tem um sapato cheio de sangue.

Cinco minutos depois, Werner Müller fechou a galeria e deu o dia por terminado. Em vez de deixar o saco do lixo no lugar habitual, largou-o na porta do lado, em frente à boutique das roupas. Ao dar início à caminhada até o Fouquet's, olhou várias vezes por cima do ombro. Não reparou na figura esquelética de Mordecai, que o seguia do outro lado da rua. Werner Mtiller tinha uma ferida a ganhar pus, pensou Gabriel. Não tardaria muito a ter um sapato cheio de sangue.

— Traz-me o lixo dele, Oded.

O fim-de-semana de Müller foi tão previsível como a semana de trabalho. Tinha um cão que não parava de ladrar. Oded, que ia controlando a escuta a partir de uma van estacionada na esquina, tinha uma dor de cabeça crônica. Perguntou a Gabriel se podia pedir emprestada uma Beretta para dar um tiro no cão e acabar com aquilo. E quando Müller levou o cão a passear junto ao rio, Oded implorou autorização para atirar o animal do cais abaixo. A monotonia foi quebrada ao final da tarde de sábado, com a chegada de uma prostituta cara chamada Veronique. Ela esbofeteou-o. Ele chorou e tratou-a por Mamãe. Os latidos do cão atingiram um ritmo frenético. Passadas duas horas, Oded, que se considerava uma espécie de homem do mundo, teve de sair da van de vigilância para apanhar um pouco de ar fresco e tomar uma bebida numa brasserie do outro lado da rua.

— Uma foda para ficar nos anais — contou mais tarde a Gabriel. — Uma clínica de depravação. Vai passar a ser de audição obrigatória para os rapazes das Operações Psiquiátricas na Avenida Rei Saul.

Ninguém ficou mais satisfeito do que Oded com o nascer de uma segunda-feira cinzenta e molhada em Paris. Müller zangou-se uma última vez com o cão antes de bater com a porta do apartamento e de se dirigir para a rua. Oded observou-o através dos vidros fumados da van de vigilância, com uma expressão de pura repugnância no rosto. A seguir, levou o intercomunicador aos lábios para fazer o ponto da situação a Gabriel, que continuava no Hotel Laurens.

— Parece que o Romeu está a ir para a galeria. Agora é problema teu.

E a seguir o cão voltou ao mesmo, uns quantos latidos intermitentes, como o estalido dos disparos de um atirador furtivo, e depois um assalto total de

artilharia. Oded tirou os receptores e segurou a cabeça com cuidado entre as mãos.

16

PARIS

O Inglês, como Gabriel Allon, chegou a Paris vindo da Cote d'Azur, tendo feito à noite a passagem da Córsega para o continente no ferry de Calvi a Nice. Por coincidência, também alugou um carro em Nice — não no aeroporto, mas na avenida Victor-Hugo, a poucos quarteirões da água. Era um Ford Fiesta que desviava perigosamente para a direita, o que transformou a viagem num desafio maior do que ele teria preferido.

A uma hora de Paris, parou num café à beira da estrada, com estação de serviço, e entrou na casa de banho dos homens. Lá dentro, mudou de roupa, trocando a calça de algodão e a camisa de lã por um terno preto elegante. Utilizou maquilhagem de teatro para tornar platinado o cabelo cor de areia e pôs uns óculos tintados de cor-de-rosa.

Quando terminou, nem mesmo ele reconheceu o homem que via ao espelho. Tirou um passaporte canadiano do saco e olhou para a fotografia: Claude Devereaux, mais dois anos até expirar. Enfiou o passaporte no bolso do casaco e voltou para o carro. A tarde já estava no fim quando ele chegou aos arredores da cidade, o céu baixo e pesado, uma chuva miudinha. Dirigiu-se ao quinto arrondissement, onde deu entrada num pequeno hotel na rue St-Jacques. Deixou-se ficar no quarto durante o início da noite, dormiu uma soneca curta e a seguir desceu até o hall

de entrada, onde deixou a chave com o recepcionista e pegou numa pilha de mapas e brochuras turísticas. Sorriu estupidamente para o recepcionista A. minha primeira vez em Paris.

Lá fora, chovia intensamente. O Inglês largou os mapas e as brochuras num caixote do lixo e atravessou as ruas molhadas do sétimo arrondissement, a caminho do Sena.

E às nove da noite, estava a abrigar-se por baixo de um plátano a pingar, no Quai d'Orleans, à espera de Pascal Debré.

Uma barcaça passou lentamente por ele, com uma luz forte a brilhar na casa do leme e na cabina. Um pouco mais à frente no cais, estavam três homens a beber vinho diretamente da garrafa e a pescar à noite, à luz de um porte de rua. Puxou a manga do casaco para cima e olhou para o mostrador luminoso do relógio de pulso. Uns minutos depois da meia-noite. Onde raios estava Debré? A chuva piorou, batendo com força no cais de pedra. Ele tocou no cabelo. A cor platinada estava a começar a escorrer.

Cinco minutos depois, ouviu o som de passos no cais. Virou-se e viu um homem a caminhar na sua direção: calças de poliéster, botas de má qualidade, um blusão curto a brilhar com a chuva. Juntou-se ao Inglês por baixo da árvore e esticou a mão. Faltavam-lhe os últimos três dedos.

— Escolheste o raio de um lugar horrível para nos encontrarmos numa noite destas, Pascal. Por que te demoraste tanto, diabos?

— Não o escolhi pela vista, meu amigo.

Falou num francês regional, com o sotaque de um sulista. Com os dedos que lhe restavam, apontou para os três homens a beber vinho no cais.

— Estás a ver aqueles rapazes? Trabalham para mim. E a barcaça que passou ainda há um instante?

Também trabalha para mim. Queríamos ter certeza de que não estavas a ser seguido.

Debré enfiou as mãos nos bolsos. O Inglês examinou-o.

— Onde é que está o embrulho?

— No armazém.

— Ficaste de o trazer para aqui.

— A polícia de Paris tem andado a noite inteira a fazer operações de fiscalização. Qualquer coisa a ver com uma ameaça de bomba. Um dos grupos árabes. Argelino, acho. Não era seguro trazê-la agora comigo.

O Inglês não tinha visto nenhuma operação de fiscalização.

— Se há operações de fiscalização, como é que eu vou entrar com o embrulho na cidade?

— Isso é um problema teu, meu amigo.

— Onde é que fica o armazém?

— Nas docas, uns quantos quilômetros à frente, seguindo pelo rio.

Inclinou a cabeça na direção do Quartier Latin.

— Estou de carro.

O Inglês não gostava de alterações de planos, mas não tinha escolha. Acenou com a cabeça e seguiu Debré pelos degraus de pedra acima, atravessando depois a Pont St-Louis. Por cima deles, Notre Dame iluminada por imensos holofotes. Debré olhou para o cabelo do Inglês e baixou os cantos da boca, numa expressão muito gaulesa de desaprovação.

— Estás com um ar ridículo, mas é muito eficaz, devo dizer. Quase nem te reconheci. — A ideia é essa.

— E as roupas também são giras. Muito na moda. Devias ter cuidado com os lugares por onde passas vestido dessa maneira. Alguns dos rapazes podem ficar com uma ideia errada de ti.

Onde está o raio do carro? — Tem calma, meu amigo.

Estava em Quai de Montebello, com o motor a trabalhar. Um homem grande estava sentado ao volante, a fumar um cigarro. Debré disse:

— Senta-te à frente. Ficas mais confortável.

— Por acaso, prefiro o banco de trás, e se me pedes mais uma vez para me sentar à frente, vou ficar convencido de que me estás a levar para uma armadilha. E a última coisa que queres é que eu me sinta encurralado, Pascal.

— Tu é que sabes. Senta-te atrás, se queres. Só estava a tentar ser delicado. Jesus Cristo!

Andaram durante vinte minutos, com os limpa para-brisas a trabalharem sem parar contra a chuva e o aquecimento a rugir. As luzes do centro de Paris foram desaparecendo gradualmente e, passado pouco tempo, estavam num bairro industrial sombrio banhado pela luz de lâmpadas de sódio amarelas. Debré acompanhava, a cantar, a música americana que vinha do rádio. O Inglês estava com uma enxaqueca. Baixou a janela e o ar úmido fustigou-lhe a face.

Desejou que Debré se calasse. O Inglês sabia tudo sobre Pascal Debré. Era um homem que não tinha conseguido estar à altura das expectativas que tinha de si mesmo. Quisera ser um assassino, como o Inglês, mas tinha dado cabo de um golpe importante, a execução de um membro de um grupo criminoso rival. O erro custou-lhe dois dedos e teve um impacto enorme no rumo da sua carreira. Foi remetido para um exílio na parte de extorsão do negócio, na qual era conhecido pela maneira rude mas eficaz de expor as coisas — Dê-nos dinheiro ou pegamos-lhe fogo ao negócio. Se tentar envolver a polícia, violaremos sua filha e a seguir cortamo-la em mil bocados.

Atravessaram um portão numa vedação de rede de arame, entrando em seguida num armazém de tijolos cobertos de fuligem. O ar era pesado, a

tresandar a azeite e ao rio. Debré foi à frente e entrou num gabinete pequeno, acendendo a luz. Voltou a sair um instante depois, a segurar uma mala grande na mão boa. Atirou a mala para cima do capo do carro e fez saltar os trincos. — É um aparelho simples — disse Debré, utilizando a mão estropiada para ir indicando. — Tens aqui o temporizador. Podes programá-lo para um minuto, uma hora, uma semana. Para o que quiseres. Tens aqui o detonador e aqui a carga pequena que vai explodir. Estas latas contêm o combustível. A mala é completamente impossível de identificar. Mesmo que por acaso sobreviva ao fogo — o que é extremamente improvável — , não há nada nela que possa levar a polícia a você ou a nós.

Debré fechou a tampa. O Inglês tirou um envelope cheio de francos e largou-o em cima do carro, ao lado da mala. Esticou-se para a apanhar, mas Debré pôs-lhe a mão com dois dedos em cima do braço.

— Receio que o preço tenha subido, meu amigo.

— Por quê?

— Ponha a culpa numa flutuação imprevista do mercado.

Debré sacou uma pistola e apontou-a no peito do inglês. O condutor saiu do carro e pôs-se atrás dele. O Inglês partiu do princípio de que também ele tinha sacado da arma.

Debré sorriu.

— Sabe como é que estas coisas são, meu amigo.

— Não, por acaso, não sei. Por que não me explica?

— Depois de termos falado, pus-me a pensar.

— Isso deve ter sido uma experiência nova para você.

— Cala a boca, porra!

— Peço desculpa por interromper, Pascal. Por favor, continue.

— Fiz a mim mesmo uma simples pergunta. Por que um homem como o meu amigo precisa de um aparelho destes? Ele mata sempre com uma faca. Às vezes com uma pistola, mas normalmente com uma faca. E então me veio a resposta. Ele precisa de um aparelho destes porque quem paga pediu. Se eu subir meu preço, não vai fazer diferença nenhuma, já que ele vai pura e simplesmente passar o custo a quem o está pagando.

— Quanto quer?

— Duzentos.

— Tínhamos feito um acordo para cem.

— O acordo mudou.

— E se eu recusar?

— Vai ter de arranjar o seu embrulho em outro lugar qualquer. E se fizer isso, sou capaz de me sentir tentado a ligar para um dos nossos amigos da polícia, um daqueles que sustentamos a vinho e putas. Sou capaz de dizer a esse amigo que você está na cidade a serviço.

— Muito bem, eu pago o seu novo preço, mas, depois de me servir deste aparelho, vou fazer uma chamada anônima para a polícia de Paris e dizer quem me deu. E graças a sua estupidez, até vou poder dizer onde arranjei. Vão fazer uma batida no lugar, você vai preso e seus chefes vão ficar com o resto dos dedos.

De repente, Debré ficou nervoso, os olhos bem abertos, lambendo os lábios, a arma tremendo na mão esquerda. Estava habituado a que as pessoas reagissem com medo quando fazia ameaças. Não lidava muito com pessoas como o Inglês.

— Muito bem, ganhou — respondeu Debré. — Voltamos ao preço original. Cem mil francos. Pegue o raio da coisa e desapareça daqui.

O Inglês resolveu provocá-lo mais um pouco.

— E como volto para Paris?

— Isso é um problema seu.

— É uma viagem longa. O táxi vai sair bem caro. Esticou-se e pegou o envelope.

— Provavelmente, cerca de cem mil francos.

— Mas que diabo está fazendo?

— Estou levando o aparelho e meu dinheiro. E se tentar impedir, falo do seu armazém à polícia e desta vez o seu chefe em Marselha com certeza não ficará só na mão.

Debré ergueu a pistola. O Inglês já tinha deixado que o jogo se arrastasse demais. Era hora de acabar com aquilo. O treino dele veio ao de cima. Tirou a arma de Debré com um movimento rápido como um relâmpago, que apanhou o francês desprevenido. Torceu-lhe o braço com violência, quebrando-o em vários pontos. Debré soltou um grito de dor e a pistola caiu com estrondo no chão do armazém. O parceiro de Debré veio em seu auxílio. O Inglês calculou que ele não fosse disparar a arma, por Debré estar muito próximo, o que lhe deixava apenas uma opção: tentar pôr o Inglês fora de combate com um golpe na nuca. O Inglês desviou-se, agachando-se, e o soco passou por cima de sua cabeça. A seguir, pegou a pistola de Debré e levantou-se ao mesmo tempo em que disparava. Dois tiros atingiram o homem grande no peito. Caiu ao chão com o sangue jorrando entre os dedos. O Inglês enfiou-lhe mais duas balas na cabeça. Debré estava encostado ao capô do carro, agarrado ao braço, completamente derrotado.

— Leve o raio do dinheiro! Leva o embrulho! Saia daqui!

— Não me devia ter tentado reagir, Pascal.

— Certo. Leve tudo e vai embora.

— Mas tinha razão numa coisa — disse o Inglês, ao mesmo tempo em que a pesada faca serrilhada de trinchar deslizava da bainha no antebraço para a palma da mão. Um instante depois, Pascal Debré estava estendido no chão, ao lado do parceiro, a cara branca como cal e a garganta rasgada quase até a espinha.

As chaves do carro de Debré ainda estavam na ignição. O Inglês serviu-se delas para abrir o porta-malas. Lá dentro, havia outra valise. Levantou a tampa. Uma segunda bomba, cópia da que estava no capô do carro. Calculou que o francês tivesse mais um trabalho agendado para aquela noite. O Inglês salvara provavelmente a loja de alguém. Fechou a tampa da mala e a seguir, com cuidado, fez o mesmo com o porta-malas.

O chão estava coberto de sangue. O Inglês passou por entre os corpos e debruçou-se sobre o capô. Abriu a mala, programou o temporizador para três minutos, fechou a tampa e depois colocou-a entre os corpos.

Atravessou, decidido, o armazém e abriu a porta. Depois voltou para o carro e sentou-se ao volante. Quando rodou a chave, o motor tossiu e morreu. Meu Deus, não — a vingança de Pascal. Rodou uma segunda vez e o motor ressuscitou com um rugido.

Deu marcha-a-ré, virou no caminho de acesso e passou a toda a velocidade pelo portão da rede de arame. Quando a bomba explodiu, o clarão no espelho retrovisor foi tão forte que o cegou momentaneamente. Seguiu pela estrada do rio em direção a Paris, com pontos de cor púrpura flutuando na visão.

Dez minutos mais tarde, estacionou o carro de Debré numa área de reboque perto de uma parada do metrô e saiu. Pegou a mala e largou as chaves numa lixeira. Depois desceu até a estação e pegou um metrô.

Pensou na velha *signadora* de sua aldeia na Córsega — no aviso dela em relação ao homem misterioso que ele devia evitar. Interrogou-se se Pascal Debré teria sido esse homem.

Saiu na estação de Luxembourg e atravessou as ruas molhadas do quinto arrondissement, a caminho do hotel na Rue St-Jacques. Lá em cima, no quarto, ocorreu-lhe que não tinha visto um único policial durante a viagem de regresso. Debré tinha mesmo mentido em relação aos pontos de controle.

17

PARIS

Gabriel decidiu que era hora de falar com Werner Müller. Na manhã seguinte, ligou para a galeria. — Müller. Bonjour. — Fala alemão? — Já.

Gabriel passou de francês para alemão.

— No fim-de-semana, vi um quadro na montra da sua galeria que me interessa.

— E qual foi?

— O arranjo floral de Jean-Georges Hirn.

— Sim, é maravilhoso, não é?

— De fato, é mesmo. Estava a pensar se seria possível vê-lo durante o dia de hoje.

— Lamento mas hoje estou bem ocupado.

— Oh, a sério?

Gabriel tinha estado a controlar todas as chamadas para a galeria nas últimas setenta e duas horas e tinha a certeza absoluta de que Müller podia arranjar tempo para receber um cliente.

— Deixe-me só ir buscar a agenda para dar uma vista de olhos ao meu programa. Pode aguardar um

momento?

— Claro.

— Sim, aqui está. Afinal, tive um cancelamento inesperado para esta tarde.

— Que sorte.

— Daqui a quanto tempo é que conseguiria estar cá?

— Por acaso, estou neste preciso momento nas redondezas. Consigo estar aí daqui a dez ou quinze minutos. — Esplêndido. E o seu nome?

— Ulbricht.

— Terei todo o prazer em recebê-lo, Herr Ulbricht.

Gabriel cortou a ligação. Arrumou tudo rapidamente, enfiou a Beretta na cintura da calça e a seguir deu uma última vista de olhos ao quarto para se certificar de que não deixava ficar nenhum vestígio da sua passagem por ali. Antes de se ir embora, foi até a janela e espreitou para a galeria. Havia um homem a tocar à campainha: estatura média, cabelo escuro, pasta de diplomata na mão direita. Afinal de contas, talvez o cliente de Müller não tivesse cancelado. Gabriel sacou rapidamente da máquina fotográfica e gastou o rolo a tirar fotografias ao visitante inesperado. A seguir, tirou-o da máquina, enfiou-o no bolso e guardou a câmera dentro da mala.

Na recepção, o gerente lamentou, com grande elaboração, que Herr Kiever se fosse embora tão depressa. Perguntou-lhe se o trabalho tinha corrido bem e Gabriel respondeu que não tardaria muito a descobrir.

Lá fora, a chuva caiu-lhe suavemente no rosto. O Renault estava estacionado na rua que fazia esquina com o hotel, com duas multas presas ao para-brisas pela escova. Gabriel enfiou-as no bolso e atirou a mala para dentro da bagageira.

Olhou de relance para o relógio. Tinham passado doze minutos desde que falara ao telefone com Müller. Devia chegar uns minutos atrasado — o alemão estaria à espera disso. Deu a volta ao quarteirão duas vezes para verificar se estaria ou não a ser seguido, depois dirigiu-se para a galeria e tocou à campainha.

Müller abriu-lhe a porta.

— bom dia, Herr Ulbricht. Estava a começar a ficar preocupado com você.

— Na verdade, tive um bocado de dificuldade para voltar a dar com o lugar.

— Não vive em Paris?

— Não, só estou aqui de férias. Vivo em Dusseldorf.

— Compreendo.

Müller bateu palmas de uma forma teatral.

— Então, gostaria de ver melhor o Hirn. Não o posso censurar. É um quadro absolutamente lindo. Um ótimo acrescento a qualquer coleção. Deixe-me tirá-lo da montra. É só um momento.

Enquanto Müller se ocupava do Hirn, Gabriel deu uma vista de olhos rápida à sala. Uma galeria normal, quadros muito normais. A mesa de Müller ficava no final da sala, um móvel antigo pintado à mão, e ao lado dela, no chão, estava uma mala de diplomata.

Müller pegou o quadro e tirou-o do expositor na montra. Era uma obra de pequenas dimensões, cerca de quarenta e cinco centímetros por trinta, e Müller não teve qualquer dificuldade em manusear a moldura. Colocou-a num pedestal coberto de feltro, no centro da sala, e ligou mais umas quantas luzes. Ao chegar-se para a frente para ver a tela, Gabriel olhou de relance pela montra da galeria. Houve qualquer coisa que lhe chamou a atenção no café do outro lado da rua. Qualquer coisa familiar, um vislumbre, nada mais do que isso. Voltou a atenção para a tela e murmurou

algumas palavras simpáticas acerca da qualidade da pintura e do desenho.

— Parece ter alguns conhecimentos de arte, Herr Ulbricht disse Müller. — Apenas os suficientes para me fazerem gastar todo o meu dinheiro a comprar quadros que na verdade não me posso dar ao luxo de ter — respondeu Gabriel, e os dois homens riram afavelmente.

Gabriel desviou os olhos do Hirn e voltou a olhar de relance pela montra, em direção ao café. Ali estava ela outra vez, a sensação de que tinha visto alguma coisa, ou alguém, antes. Passou em revista as mesas por baixo do toldo e foi então que o viu. O homem, a dobrar o jornal, a levantar-se e a ir-se embora com grande rapidez. Um homem cheio de pressa, um homem atrasado para uma reunião importante. Gabriel já tinha visto o homem antes. O homem que tinha acabado de sair da galeria…

Gabriel virou-se e olhou de relance para a mala de diplomata. A seguir, olhou outra vez pela montra, mas o homem dobrara uma esquina e desaparecera.

— Passa-se alguma coisa, Herr Ulbricht? Gabriel agarrou no antebraço de Müller.

— Tem de sair da galeria! Já!

O negociante de arte contorceu-se e soltou-se de Gabriel. Era surpreendentemente forte.

— Tire a mão de cima de mim, seu louco!

Gabriel agarrou de novo no braço de Müller, mas ele voltou a conseguir soltar-se.

— Saia daqui ou eu chamo a polícia.

Gabriel podia ter dominado Müller com facilidade, mas calculou que não houvesse tempo. Deu meia volta e dirigiu-se rapidamente para a porta. Quando lá chegou, Müller já tinha aberto as fechaduras de segurança. Gabriel saiu para a rua e começou a andar na direção do hotel.

E foi então que a bomba explodiu — um estampido ensurdecedor que derrubou Gabriel, fazendo-o cair de gatas. Levantou-se e recomeçou a andar, ao mesmo tempo que o som da explosão ecoava pelas fachadas graciosas das ruas circundantes. A seguir, ouviu-se uma coisa que parecia um temporal, mas eram os vidros caindo aos montes na calçada, provenientes de mil e uma janelas estilhaçadas. Ergueu as mãos para proteger o rosto mas, passados poucos segundos, tinha os dedos vermelhos do próprio sangue.

A chuvarada de vidro terminou e o eco da explosão foi enfraquecendo, cada vez mais distante. Gabriel resistiu ao impulso de olhar por cima do ombro para observar a devastação. Já tinha visto as consequências de uma bomba numa rua e conseguia imaginar o cenário atrás dele. Carros queimando, prédios tingidos de preto, um café destruído, corpos e sangue, as expressões de espanto nos rostos dos sobreviventes. Por isso, tirou as mãos do rosto, escondeu-as nos bolsos do casaco e continuou a andar, com a cabeça baixa e os ouvidos retinindo com o silêncio tenebroso.

18

PARIS

Paris já tinha sofrido a sua conta, bem injusta, de atentados terroristas à bomba e a polícia e os serviços de segurança franceses tinham-se tornado bem eficazes a lidar com as consequências. Nos dois minutos que se seguiram à explosão, chegaram as primeiras equipes. Passados cinco minutos, as ruas

circundantes estavam cortadas. O carro de Gabriel fora apanhado dentro do cordão e por isso ele tinha sido obrigado a fugir a pé. Já era praticamente de noite quando chegou ao estaleiro de caminhos-de-ferro, que se estendia para lá da vista, na ponta sul da cidade.

Abrigado na zona de cargas de uma fábrica abandonada, fazia naquele momento um inventário mental das coisas que havia dentro da bagageira. Uma mala, algumas peças de roupa, uma máquina fotográfica, um gravador de fitas e o rádio que utilizara para comunicar com a equipe de vigilância. Se não fosse buscar o carro depressa, a polícia confiscaria, arrombaria a bagageira e examinaria o que lá estava dentro. Eles ouviriam a fita de áudio e descobririam que a galeria e os telefones de Werner Müller tinham estado sob escuta. Revelariam os rolos desprotegidos da máquina e descobririam as fotografias do exterior da galeria. Calculariam o ângulo das fotos e chegariam à conclusão de que tinham sido tiradas de uma janela do Hotel Laurens. Interrogariam o pessoal do hotel e descobririam que o quarto em questão fora ocupado por um escritor alemão mal-educado.

A mão direita de Gabriel começou a latejar. A tensão começava a fazer sentir-se. Não parara desde a explosão da bomba, tinha apanhado uma dúzia de metros diferentes, percorrido inúmeros quilômetros a pé pelas avenidas apinhadas. A partir de um telefone público perto dos Jardins de Luxemburgo, entrara em contato com Uzi Navot no canal de emergência.

Gabriel olhou para cima e viu dois carros a seguirem lentamente por uma estrada secundária de serviço, estreita e com uma vedação de rede de arame, já cedendo em volta. Os faróis estavam apagados. Os carros pararam a cerca de cinquenta metros de

distância. Gabriel saltou da plataforma de cargas — ao atingir o chão, sentiu nas mãos ondas de dor de grande intensidade — e dirigiu-se a eles. A porta de trás do primeiro carro abriu totalmente. Navot estava afundado no banco de trás.

— Entra — resmungou.

Era óbvio que tinha visto demasiados filmes americanos sobre a Máfia. Navot trouxera um médico, um dos sayanim de Ari Shamron. Estava sentado à frente, no lugar do passageiro. Transformou o descanso para o braço numa mesa de operações, estendendo um pano esterilizado por cima dele e acendendo a luz interior. O médico arrancou o penso, cortando-o, e examinou a ferida. Franziu ligeiramente os lábios — Não está assim tão mau. Trouxe-me aqui para isto?

— Quer alguma coisa para as dores? — perguntou, mas Gabriel abanou a cabeça. Voltou a franzir os lábios, voltou a inclinar a cabeça: Como queira. O médico inundou a ferida com um antisséptico e lançou-se ao trabalho. Gabriel, o restaurador, observou-o atentamente. Insere, puxa, estica, corta. Navot acendeu um cigarro e fingiu que olhava pela janela. Quando o médico acabou de suturar a ferida, colocou-lhe um penso com cuidado e acenou com a cabeça, em sinal de que tinha terminado. Gabriel pousou a mão direita no pano esterilizado. Enquanto cortava o penso sujo, o médico soltou um suspiro de desaprovação muito francês, como se Gabriel tivesse pedido o vinho errado para acompanhar peixe com molho de manteiga e açafrão.

— Isto vai demorar uns minutos, sim? Navot gesticulou impacientemente.

O médico não fez caso da atitude de Navot e demorou o tempo que achou necessário. Desta vez, não se deu ao trabalho de perguntar a Gabriel se

queria alguma coisa para as dores. Limitou-se a preparar uma seringa e a dar uma injeção de anestésico na mão de Gabriel. Trabalhou lentamente e sem interrupções durante quase meia hora. A seguir, olhou para cima. — Fiz o melhor que podia, dadas as circunstâncias.

Um olhar hostil na direção de Navot — Faço isto de borla, rapaz. O Shamron vai ouvir falar disto.

— Precisa que alguém lhe opere essa ferida como deve ser. Os músculos, os tendões...

Uma pausa, um abanar da cabeça.

— Isto não está bom. O mais certo é sentir alguma rigidez e a sua amplitude de movimentos nunca mais será exatamente a mesma.

— Deixe-nos a sós — interrompeu Navot. — Vá para o outro carro e espere lá dentro.

Navot disse ao motorista para se ir embora dali também. Quando ficaram os dois sozinhos, olhou para Gabriel e perguntou: — Mas o que raio é que aconteceu?

— Quantos mortos? — retorquiu Gabriel, ignorando a pergunta de Navot.

— Três, até agora. E mais quatro em mau estado.

— Tiveste notícias do resto da equipe?

— Já saíram de Paris. O Shamron está a mandar todo mundo para casa. Isto pode ficar feio.

— E o carro?

— Temos uma pessoa a vigiá-lo. Por enquanto, a polícia não chegou a ele.

— Mas vão acabar por fazê-lo.

— E o que vão encontrar quando isso acontecer?

Gabriel contou. Navot fechou os olhos e vacilou um pouco, como se lhe tivessem contado de uma morte.

— E no apartamento de Müller?

— Há uma escuta no telefone.

— Merda.

— Alguma chance de entrarmos lá para limpar a trapalhada?

Navot abanou a cabeça.

— A polícia já está lá. Se descobrirem seu carro e concluírem que Müller estava sendo de alguma forma vigiado, vão revirar o apartamento de alto a baixo. E não vão demorar muito a encontrar a escuta.

— Algum amigo na polícia que possa nos ajudar?

— Não numa coisa destas.

— Aquela escuta é como um cartão de visita.

— Eu sei, Gabriel, mas não fui eu que a pus lá.

Gabriel sacou do bolso o rolo fotográfico e entregou-o a Navot.

— Tenho uma foto do homem que deixou a bomba na galeria. Faça com que ela chegue hoje à noite à Avenida Rei Saul. Diz aos trogloditas das Pesquisas para a passarem pela base de dados. Talvez consigam juntar um nome ao rosto dele.

O rolo desapareceu na mão enorme de Navot.

— Entra em contato com o Shamron e diz-lhe para enviar de imediato uma equipe de segurança para a casa da Anna Rolfe.

Gabriel abriu a porta do carro e pôs o pé no chão.

— Qual é o meu carro?

— O Shamron quer que volte para casa.

— Não posso encontrar o homem que colocou aquela bomba se estiver sentado em Telaviv.

— E também não se estiver sentado numa cela de prisão francesa.

— Qual é o meu carro, Uzi?

— Pronto! Leva este. Mas está por sua conta.

— Um dia, vou tentar retribuir o favor.

— Divirta-se, Gabriel. Fico para limpar sua porcaria.

— Faça com que o rolo chegue a Telaviv. Como um cachorrinho bonito.

Na Costa de Prata, Anna Rolfe baixou o violino e desligou o metrónomo. A sala de ensaios estava às escuras, a brisa, vinda da janela aberta, fresca e úmida do Atlântico. Um microfone de qualidade profissional estava pendurado de uma estante cor de crômio, por cima do banco dela. Estava ligado a um leitor e gravador de fitas feito na Alemanha. Ela tinha gravado grande parte do ensaio do dia. Pôs a fita a trabalhar enquanto arrumava o Guarneri no estojo e endireitava a pauta.

Como sempre, sentiu-se desconfortável ao ouvir-se tocando, mas fazia-o agora por uma razão muito específica. Ela queria saber exatamente como soava; quais os trechos da composição que estavam já a um nível aceitável e quais precisavam de uma maior atenção. Gostou de grande parte do que ouviu, mas selecionou três ou quatro secções, no segundo e terceiro movimentos, onde os efeitos da sua longa pausa eram aparentes para os seus ouvidos altamente exigentes. À noite, no segundo ensaio, concentrar-se-ia em exclusivo nesses trechos. Para já, precisava de desanuviar a cabeça.

Foi para o quarto, tirou uma camisa amarela-clara de uma das gavetas da cômoda e colocou-a à volta dos ombros. A seguir, desceu as escadas. Um momento depois, já estava a escapulir-se pelo portão da casa a descer o trilho sinuoso em direção à aldeia. A meio do caminho, reparou numa pequena van Fiat a subir o trilho, ao longo das árvores. Lá dentro, estavam quatro homens. Não eram portugueses. Anna encostou-se à beira para deixar a van passar, mas em vez disso ela parou e o homem sentado à frente, no lugar do passageiro, saiu.

— Menina Rol fé?

— Quem é que quer saber?

A Sra. é a menina Anna Rolfe, não é? Ela acenou com a cabeça.

— Somos amigos do Gabriel.

Em Marselha, o Inglês deixou o carro perto da Abadia de St-Victor e atravessou a pé as ruas escuras até o terminal do ferry. Quando este surgiu de mansinho nas águas tranquilas do porto, o Inglês subiu a bordo e desceu para o seu camarote individual. Ficou deitado na cama estreita, a ouvir as notícias na rádio marselhesa. O atentado à bomba na Galeria Müller, em Paris, era o tema principal.

A bomba de Pascal Debré causara vítimas inocentes, um fato que o fazia sentir-se bem mais como um terrorista do que como um profissional. No dia seguinte, iria visitar a velha signadora e ela iria expulsar o occhju com os seus rituais e preces e absolvê-lo dos pecados cometidos, como o fazia sempre.

Desligou a rádio. Apesar do cansaço, queria uma mulher. Era sempre assim depois de terminada uma missão. Fechou os olhos e Elizabeth apareceu-lhe nos pensamentos — Elizabeth Conlin, a garota católica bonita dos empreendimentos residenciais Ballymurphy, na parte ocidental de Belfast, na Irlanda do Norte. Tinha os instintos de uma boa profissional. Quando era seguro encontrarem-se, pendurava um lenço violeta na janela do quarto e o Inglês entrava sorrateiramente pela janela e enfiava-se na cama dela. Faziam amor com uma lentidão extrema, para não acordarem a família dela. O Inglês tapava-lhe a boca com a palma da mão para lhe abafar os gemidos. Uma vez, ela mordeu-lhe o polegar com tanta força que até fez sangue. Manchou-lhe os lençóis da cama. A seguir, ele ficava deitado ao lado dela e deixava-a repetir como gostaria de sair de Belfast — de se afastar das bombas

e dos soldados britânicos, dos terroristas do IRA e dos paramilitares protestantes. E quando achava que ele estava a dormir, sussurrava um rosário, a penitência dela por sucumbir às tentações do corpo do Inglês. O Inglês nunca se deixava adormecer na cama de Elizabeth Conlin.

Uma noite, quando ele entrou sorrateiramente pela janela, em vez de Elizabeth Conlin, encontrou o pai dela e dois capangas do IRA. De alguma forma, tinham descoberto a verdade acerca do Inglês. Foi levado para uma casa de uma quinta distante, para o que prometia ser um longo e doloroso interrogatório, ao qual se seguiria a sua execução. Ao contrário da maioria daqueles que se tinham visto a braços com uma situação semelhante, o Inglês conseguiu sair vivo da casa da quinta. Quatro membros do IRA não.

Passado algumas horas, o Inglês já estava a salvo, fora da região. Mas Elizabeth Conlin não se saiu tão bem. Na manhã seguinte, o corpo dela foi encontrado no cemitério municipal de Belfast, com a cabeça rapada e a garganta rasgada, o castigo por ter dormido com um agente britânico.

Desde então, o Inglês nunca mais fora capaz de confiar numa mulher. Anton Orsati compreendia isso. Uma vez por semana, trazia uma garota para a casa do Inglês — nada de garotas da Córsega, apenas garotas francesas, que eram trazidas especialmente de avião com a tarefa de satisfazer as necessidades específicas do Inglês. E ficava à espera, com os velhos paesanu mais à frente na estrada do vale, até que o Inglês terminasse. Para este, ir para a cama com as garotas de Orsati era um cato tão frio e impessoal como um assassinato, mas fazia-o porque não confiava em si mesmo o suficiente para escolher uma amante, nem estava ainda preparado para viver como um monge eremita.

A missão de Paris intrometeu-se nos seus pensamentos. Havia uma coisa que o estava a incomodar — o homem que entrara na galeria mesmo antes de a bomba explodir.

O Inglês era produto de uma unidade de elite e, por isso, capaz de perceber essa mesma influência nos outros: o andar leve; a combinação subtil de confiança absoluta e vigilância constante. O homem fora um soldado em tempos — ou talvez uma coisa mais complexa.

Mas havia outra coisa. O Inglês tinha a sensação arreliadora de já ter visto o homem em algum lugar. E por isso ficou ali deitado, durante as horas que se seguiram, a passar em revista os inúmeros rostos armazenados na sua memória, à procura dele.

19

LONDRES

O atentado à bomba na Galeria Müller fizera mais do que criar um problema de segurança a Gabriel em Paris. Eliminara-lhe a única pista óbvia que tinha para o caso. Agora, tinha de recomeçar tudo do início e era por isso que, ao final da manhã seguinte, estava a atravessar Mason's Yard, a caminho da galeria de Julian Isherwood, por entre uma chuva miudinha.

Na parede de tijolo ao lado da porta, havia um painel e no painel havia dois botões, cada um com o seu respectivo nome: LOCUS TRAVEL e ISHERWOOD FINE ARTS. Gabriel carregou no segundo e esperou. Quando ouviu o apito elétrico, empurrou a porta, abrindo-a, e subiu as escadas: a mesma passadeira castanha e gasta, a mesma nódoa, que parecia uma

mancha de um teste Rorschach, no terceiro degrau, onde um ressacado Isherwood entornara café na manhã a seguir à embriagada festarola de aniversário de Oliver Dimbleby no Mirabelle. No último patamar, havia duas portas, uma que dava para a galeria e outra que dava para uma pequena agência de viagens, com uma mulher vulgar sentada a uma mesa de diretora de escola, rodeada de cartazes que prometiam divertimento sem limites em locais exóticos. Olhou de relance para Gabriel, sorriu de uma forma triste e regressou ao bordado que a ocupava.

Apesar de Julian Isherwood se prender de modo pouco inteligente aos quadros que tinha em inventário, não fazia o mesmo em relação às garotas que lhe atendiam os telefones e lhe cuidavam dos arquivos assustadores. Contratava-as e fazia-as irem-se embora com a regularidade das estações do ano. Por isso, Gabriel ficou surpreendido por ver Irina, uma autêntica mulher leopardo de cabelos pretos que Isherwood contratara há seis meses, ainda no seu posto, à mesa na sala de espera. A porta que separava a sala de espera do escritório de Isherwood estava ligeiramente entreaberta. Ele estava a atender um cliente. Gabriel conseguiu ver um quadro apoiado no pedestal preto coberto de feltro. Pela aparência, de um Velho Mestre italiano; ninguém que Gabriel fosse capaz de reconhecer. Isherwood andava, lentamente, de um lado para o outro do tapete, por trás do quadro, com a mão no queixo e os olhos no chão, como um advogado à espera de uma resposta por parte de uma testemunha hostil.

— Ele gostava que o Sr. esperasse lá em cima, na sala de exposições — ronronou a garota. — Parto do princípio de que sabe o caminho.

Gabriel entrou no elevador minúsculo e subiu. A sala de exposições era um lugar de sombras, silencioso

a não ser pela chuva que tamborilava na claraboia. Telas grandes com obras de Velhos Mestres estavam penduradas em cada uma das paredes: uma Vênus de Luini, uma natividade de dei Vaga, um baptismo de Cristo de Bordone, uma paisagem luminosa de Claude. Gabriel deixou as luzes apagadas e afundou-se pesadamente no divã coberto de veludo. Adorava esta sala. Sempre fora um santuário; uma ilha de paz. Uma vez, fizera amor com a mulher nesta sala. Anos mais tarde, planejara a morte do homem que lhe tinha tirado.

A porta do elevador abriu e Isherwood entrou na sala.

— Meu Deus, Gabriel, estás com um aspecto horrível.

— Isso é para ser um elogio?

— Mas que raio é que se passa? Por que é que não estás em Zurique?

— O dono do quadro que me mandaste limpar era um homem chamado Augustus Rolfe. Já ouviste falar dele?

— Oh, Deus do Céu... aquele que foi assassinado na semana passada?

Gabriel fechou os olhos e acenou com a cabeça.

— Descobri o corpo dele.

Isherwood reparou nas ataduras.

— O que aconteceu às tuas mãos?

— Ouviste falar na explosão de ontem na galeria de Paris?

— Claro, não se fala noutra coisa. Por certo que não estiveste envolvido nisso?

— Não, aconteceu simplesmente estar no lugar errado na hora errada. Vou contar-te tudo, Julian, mas primeiro preciso da sua ajuda.

— Que tipo de ajuda? — perguntou Isherwood com cautela.

— Nada como nos velhos tempos. Só preciso que me expliques por que teria um velho banqueiro suíço uma coleção de impressionistas franceses e pintura moderna escondida do mundo numa caixa-forte subterrânea.

Isherwood carregou no botão do intercomunicador.

— Irina, seja uma querida e traga-nos uma cafeteira de café para a sala de exposições, sim? E também uns quantos biscoitos daqueles. Dos que têm as nozes.

E não me passe nenhuma chamada, por favor. Porte-se bem.

Gabriel tinha um conhecimento básico da violação dos tesouros artísticos europeus pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Adolf Hitler tinha sonhado construir um gigantesco Führermuseum na sua terra natal, Linz, e enchê-lo com a melhor coleção do mundo de Velhos Mestres e de arte da Europa do Norte. Em 1938, iniciou uma operação secreta com o nome de código de Sonderauftrag Linz — Operação Especial Linz —, para adquirir arte para o Führermuseum por quaisquer meios necessários. Ao longo dos últimos meses de paz, os seus agentes foram fazendo, em segredo, o circuito dos museus, galerias e coleções privadas da Europa, selecionando obras para o futuro museu. Quando a guerra rebentou, os ladrões de arte de Hitler foram seguindo com grande vigor as pisadas da Wehrmacht. Centenas de milhares de quadros, esculturas e objetos de arte desapareceram rapidamente, muitos deles propriedade de judeus. Milhares de obras, num total avaliado aproximadamente em 30 biliões de dólares, continuavam desaparecidas. Gabriel sabia que Julian Isherwood podia pô-lo a par dos pormenores que faltavam. Ele era um negociante de arte acima da

média que tivera a sua quota-parte de triunfos, mas no que dizia respeito à pilhagem nazista da Europa, era uma espécie de perito. Tinha escrito dúzias de artigos para jornais e publicações do meio e, cinco anos antes, coescrevera um livro bem aceite sobre o assunto. Apesar dos apelos do editor, tinha-se recusado terminantemente a revelar a sua motivação para se dedicar a esse tópico. Gabriel fazia parte do punhado de pessoas que sabia porquê: Julian Isherwood tinha vivido e sobrevivido a isso.

— Em 1940, Londres e Nova Iorque não interessavam — Começou Isherwood. — Paris era o centro do mundo da arte e o centro da cena artística de Paris era a Rue de la Boétie, no oitavo arrondissement. O famoso Paul Rosenberg tinha a galeria dele no número vinte e três, com a mulher, a bailarina russa Olga Koklova. Do outro lado da rua, ficava a galeria de Étienne Bignou. Georges Wildenstein tinha a galeria dele no número cinquenta e sete. Paul Guillaume e o Josse Hessel também lá estavam. — E o seu pai?

A Isakowitz Fine Arts ficava ao lado da galeria do Paul Rosenberg. Vivíamos num apartamento por cima das salas de exposições principais. Para mim, o Picasso era o Tio Pablo. Eu passava horas no apartamento dele. Às vezes, deixava-me vê-lo a pintar. A Olga costumava dar-me chocolate e bolo até eu ficar enjoado. Era uma existência encantada.

— E quando os alemães vieram?

— Bom, entrou tudo em derrocada, não foi? A invasão dos Países Baixos começou no dia dez de maio. A catorze de Junho, já os alemães tinham entrado em Paris. Havia suásticas penduradas na Torre Eiffel e o Estado-maior alemão tinha-se instalado no Hotel Crillon. — Quando é que começaram os saques?

— Dois dias depois da marcha de vitória do Hitler por Paris, ele ordenou que todas as obras de arte propriedade de judeus fossem transferidas para mãos alemãs, para suposta custódia. Na realidade, tinha começado a pilhagem da França.

— Se me lembro corretamente, o Hitler montou uma organização para supervisionar o saque da França.

— Havia várias, mas a mais importante era uma unidade chamada ERR: a Einsatstab Reichsleiter Rosenberg. Era um empreendimento formidável. Tinha o seu próprio serviço secreto para caçar obras de arte, uma força de assalto para incursões e ataques e um grupo de historiadores de arte e avaliadores. Meu Deus, até tinha os seus próprios carpinteiros para encaixotar as obras saqueadas, antes de serem enviadas para a Alemanha.

— A Rue de Ia Boétie deve ter sido o primeiro lugar onde pararam.

— A ERR ia atrás dos negociantes e dos colecionadores. As coleções dos Rothschild foram capturadas juntamente com as casas. Tal como as coleções do magnata banqueiro judeu David David-Weill e do Jacques Stern. Todas as galerias da Rue de Ia Boétie que eram dos judeus foram assaltadas e as coleções capturadas, incluindo o inventário da Isakowitz Fine Arts.

— E o seu pai conseguiu proteger algumas das obras dele?

— A maioria dos negociantes, incluindo o meu pai, tentou proteger as suas peças mais importantes. Esconderam-nas em casas senhoriais remotas, em caixas-fortes de bancos, ou enviaram-nas para fora do país. Mas as obras que ficaram por proteger foram apanhadas rapidamente pelos alemães. Antes da invasão, durante a drôle de guerre, o meu pai

arrendou uma casa em Bordéus e. transferiu para lá as peças mais importantes dele. Fugimos para lá quando os alemães se começaram a aproximar de Paris. Quando a França foi dividida em Zona Ocupada e em Zona Não Ocupada, acabamos por ficar no lado de Vichy. Mas no Outono de 1940, uma força de assalto da ERR, com uma escolta policial francesa, arrombou-nos a porta da casa e capturou os quadros do meu pai.

— Como é que os alemães descobriram a coleção dele?

— Ele tinha cometido o erro de contar a um negociante francês aquilo que planeava fazer com os quadros. O francês passou a informação à ERR, a troco de um suborno equivalente a cinco por cento do valor da coleção do meu pai. C'est la vie.

Gabriel sabia o que tinha acontecido a seguir e não fazia tenção de deixar que Isherwood o contasse de novo. Pouco depois de os alemães terem entrado na Zona Não Ocupada, perto do final de

1942, as SS e os seus aliados no governo de Vichy começaram a reunir os judeus para serem internados e deportados para os campos da morte. O pai de Isherwood contratou um par de contrabandistas bascos para fazer Julian, ainda criança, atravessar os Pirenéus até o santuário que era a Espanha. A mãe e o pai ficaram para trás, na França. Em 1943, foram presos e enviados para Sobibor, onde foram imediatamente assassinados. Isherwood estremeceu com violência.

Temo que esteja a sentir uma bebida a aproximar-se. Levanta-te, Gabriel. Um bocado de ar fresco vai fazer-nos bem aos dois.

Viraram a esquina, entraram num bar em Jermyn Street e sentaram-se ao lado de um aquecedor a gás a silvar. Isherwood pediu um copo de Médoc. Tinha os olhos postos nas chamas mas a cabeça continuava na

França do período da guerra. Como uma criança a entrar sorrateiramente no quarto dos pais, Gabriel intrometeu-se com delicadeza nas memórias dele.

— O que acontecia aos quadros depois de serem confiscados?

— A ERR requisitou à força o Musée deu de Paume e utilizou-o como armazém e local de triagem. Um grande grupo de pessoas trabalhava dia e noite para catalogar e avaliar a quantidade enorme de arte que estava a cair em mãos alemãs. As obras que eram consideradas apropriadas para a coleção privada do Führer, para o projeto Linz ou para outros museus alemães — principalmente, Velhos Mestres e obras da Europa do Norte — eram encaixotadas e enviadas para a Pátria.

— E o resto? Os impressionistas e as pinturas modernas?

— Os nazistas consideravam tudo isso corrompido, mas não estavam dispostos a deixá-lo fugir sem extrair primeiro alguma coisa em troca. A maior parte das obras do século XIX e do século XX foi vendida para angariar dinheiro ou colocada de parte para ser utilizada em trocas.

— Que tipo de trocas?

— Pensa no Hermann Göring, por exemplo. Era dono de um grande pavilhão de caça, a sul de Berlim, à qual deu o nome de Carinhall, em homenagem à mulher, que tinha morrido, uma aristocrata sueca chamada Carin von Fock. O pavilhão continha uma das maiores coleções privadas da Europa e Göring utilizou o poder extraordinário que tinha para a aumentar substancialmente durante a guerra. Tratava as coleções do Jeu de Paume como se fossem o patio de recreio privado dele.

Isherwood bebeu o copo até o fim e pediu outro.

— Göring era um sacana ganancioso, sozinho, sacou mais de seiscentos quadros do Jeu de Paume, mas deu-se a um grande trabalho para fazer com que parecesse que as aquisições dele eram, pelo menos no papel, compras legais em vez de roubos descarados. Se o Göring queria uma obra, mandava-a avaliar especialmente, a um preço ridiculamente baixo, por um fonctionnaire escolhido a dedo. A seguir, ficava de imediato com ela e prometia enviar o dinheiro para uma conta especial da ERR. Na realidade, não pagava nada pelos quadros que levava de Paris.

— E eles acabavam em Carinhall?

— Alguns, mas não todos. Göring partilhava o mesmo desprezo de Hitler pelas pinturas modernas e impressionistas, mas sabia que elas podiam ser vendidas ou trocadas por peças mais ao gosto dele. Um dos negócios foi levado a cabo pelos agentes de Göring em Itália. Em troca de sete obras de Velhos Mestres italianos e de mais uma série de outros objetos de arte, Göring entregou nove quadros tirados do Jeu de Paume. Van Gogh, Degas, Cézanne, Renoir e Monet, só para nomear uns quantos todos roubados de coleções e galerias de judeus. Göring efetuou várias outras trocas semelhantes, envolvendo negociantes na Suíça.

— Fala-me da ligação com a Suíça.

— A neutralidade deixava os negociantes e colecionadores da Suíça numa posição única para tirar proveito da violação de Paris. Os suíços tinham autorização para viajar por grande parte da Europa e o franco suíço era a única moeda do mundo universalmente aceite. E não te esqueças de que lugares como Zurique transbordavam com os lucros da colaboração com o Hitler. Paris era o lugar para comprar arte pilhada, mas Zurique, Lucerna e

Genebra eram os lugares para a descarregar. — Ou esconder?

— Mas é claro. As leis do segredo bancário faziam da Suíça um local de depósito natural para a arte pilhada. Tal como as leis que incidiam sobre a recepção de objetos roubados. — Explica-me as leis.

— Eram geniais e totalmente suíças, em termos de subtileza. Por exemplo, se uma pessoa se apodera de boa-fé de um objeto e esse objeto se vem a revelar roubado, passados cinco anos, é dela por direito.

— Mas que conveniente.

— Espera, há mais. Se um negociante de arte der por si na posse de uma obra roubada, é da responsabilidade do verdadeiro proprietário reembolsar o negociante, de modo a poder recuperar o seu próprio quadro.

— Então quer dizer que os negociantes e os colecionadores suíços podiam receber obras roubadas sem qualquer receio da lei ou de virem a perder dinheiro?

— Exatamente.

— E o que aconteceu a seguir à guerra?

— Os Aliados enviaram um perito em arte, chamado Douglas Cooper, para a Suíça, para tentar descobrir a verdade. Cooper chegou à conclusão de que centenas, se não mesmo milhares, de obras roubadas tinham entrado na Suíça durante a guerra. Estava convencido de que muitas delas estavam escondidas em caixas-fortes de bancos e depósitos de alfândega. Paul Rosenberg foi até a Suíça para dar ele mesmo uma vista de olhos. Numa galeria de Zurique, tentaram vender-lhe um Matisse que tinha sido pilhado da sua própria coleção. — Extraordinário! — exclamou Gabriel. — E o que o governo suíço fez, tendo em conta estas informações?

— Prometeu aos Aliados que iria colaborar através de um inquérito minucioso. Prometeu congelar todo o patrimônio alemão que tinha entrado no país durante a guerra e efetuar ao mesmo tempo um recenseamento dele. Não implementou nenhuma dessas medidas. Douglas Cooper sugeriu que se suspendessem as licenças de quaisquer negociantes que comerciassem arte pilhada. O governo suíço recusou fazê-lo. E, a seguir, a Federação Suíça dos Negociantes de Arte disse aos seus membros para não colaborarem. Em resumo, o governo suíço fez o que faz sempre. Protegeu os seus negócios e os seus cidadãos do olhar dos estrangeiros.

— E os negociantes como o Paul Rosenberg não tentaram recuperar os quadros deles nos tribunais?

— Alguns tentaram, mas estava tudo feito contra eles. Os suíços faziam com que fosse, para um estrangeiro, muito demorado e caro tentar recuperar bens de um cidadão suíço. Os suíços normalmente protegiam-se defendendo que estavam de boa-fé. E lembra-te de que a maior parte das obras de arte em questão foi roubada pelos nazistas em 1940. Chegados a 1945, segundo a regra dos cinco anos do direito suíço, o dono legítimo já não podia exigir nada, em termos legais.

Escusado será dizer que a maioria dos queixosos saiu de mãos a abanar.

— Achas que ainda lá está alguma coisa?

— Na minha opinião, Gabriel, a maior parte ainda lá está. Pelo pouco que me contaste, é provável que alguns desses quadros pudessem estar nas mãos do Augustus Rolfe.

— Agora já não.

Isherwood terminou o que restava do vinho e o seu olhar tornou a desviar-se para o aquecedor.

Acho que é a sua vez de te pores a falar, Gabriel. Conta-me tudo. E desta vez sem mentiras. Já estou demasiado velho para que me mintam.

Lá fora, estava outra vez a chover. No caminho de volta para a galeria, foram-se os dois abrigando debaixo do guarda-chuva de Isherwood, como quem vai num cortejo a chorar a morte de alguém. Gabriel tinha contado a Isherwood tudo, a começar pela descoberta do corpo de Rolfe e a terminar na explosão na galeria de Werner Müller, em Paris. Isherwood bebera mais dois copos de Médoc e os efeitos faziam sentir-se no modo descuidado como caminhava.

— Shamron — disse Isherwood, em voz baixa — , devia ter logo percebido que esse sacana tinha alguma coisa a ver com isto. Pensava que desta vez o tinham posto finalmente a pastar para sempre.

— Eles descobrem sempre uma razão para o fazer regressar ao cativo.

Dizem que ela é uma autêntica diva, a Anna Rolfe.

Tem os seus momentos.

— Se posso dar um conselhinho, caro rapaz, parta sempre do princípio de que ela sabe mais do pai e da coleção dele do que está dizendo. As filhas têm tendência a ser muito protetoras em relação aos pais, mesmo quando acham que os pais são uns sacanas completos.

— Vou tentar não me esquecer disso.

— Também pode ter sido apenas um roubo de arte comum.

— Deixaram um Rafael pendurado na parede da sala de estar e explodiram a galeria de arte que pertencia ao homem que supervisionava a coleção. Não me parece que haja algo comum no que aconteceu.

— Bem visto — reconheceu Isherwood. — De fato, dá a ideia de que as únicas coisas em que pode confiar,

em todo este caso desgraçado, são os próprios quadros.

— Tenho imensa pena de ter de ser eu a dar-te esta notícia, Julian, mas a verdade é que os quadros não podem falar. Além disso, a coleção desapareceu. — Os quadros não podem falar, mas a proveniência deles pode. É evidente que o Augustus Rolfe levava a coleção dele muito a sério. Mesmo que tenha adquirido os quadros em circunstâncias menos do que perfeitas, terá sempre insistido em saber a proveniência de cada um deles. A proveniência, afinal de contas, é tudo.

— E se eu conseguir saber a proveniência?

— Então eu vou ser capaz de te dizer se ele era um colecionador legítimo ou se o sacana do velho estava sentado em cima de uma caixa-forte cheia de arte pilhada.

Gabriel planejara deixá-lo quando chegassem a Duke Street, mas Isherwood pegou nele pelo cotovelo e puxou-o para dentro da passagem que ia dar a Mason's Yard. — Vem comigo. Preciso te mostrar mais uma coisa.

Ao entrarem na galeria, Irina reconheceu os sinais reveladores de um almoço embriagado. Passou a Isherwood um monte de mensagens de telefone e foi fazer café. Já no seu gabinete, Isherwood abriu o cofre pessoal e tirou de lá dois artigos: um desenho de um rapaz e uma fotocópia de um documento antigo com várias páginas. Levantou o desenho para Gabriel o poder ver. — Parece-te familiar? — Não posso dizer que sim.

— O modelo sou eu. O artista é o Pablo Picasso. Trouxe-o comigo quando fugi da França. — E o documento?

— Também o trouxe. O meu pai deu-mo imediatamente antes de eu partir com os bascos. É

uma lista pormenorizada de todos os quadros da coleção privada dele e do inventário profissional, escrito pela sua própria mão. Isto é uma cópia, é claro. O original já está num estado terrível.

Entregou a lista a Gabriel.

— Não sei até onde é que pensas levar esta coisa, mas se por acaso te cruzares com algum destes quadros, avisas-me, não avisas, minha flor?

Gabriel enfiou a lista no bolso do peito do casaco. — Para onde é que vais agora? — perguntou Isherwood.

— Não sei bem.

— Há um homem em Lyon com quem devias falar. Ele ajudou-me com umas quantas coisas quando eu estava a fazer pesquisa para o livro. Se o Augustus Rolfe tiver alguma porcaria debaixo das unhas, este homem saberá disso. Isherwood folheou o Rolodex e deu os números de telefone a Gabriel.

20

LONDRES

Em Jermyn Street, logo ao virar da esquina, a seguir à Isherwood Fine Arts, um homem de cabelos loiros estava sentado ao volante de um Rover, a ouvir rádio. Há já cinco dias que andava a vigiar o negociante de arte. Tinha-o seguido até os almoços bem regados. À noite, tinha-o seguido até casa, em South Kensington. Até se tinha feito passar por um potencial comprador, de modo a poder esconder um par de transmissores minúsculos no escritório do negociante. Os transmissores emitiam um sinal analógico fraco numa frequência FM normal. O homem estava a utilizar o rádio do Rover para acompanhar o que lhe ia chegando. Passados dez minutos, quando a conversa no interior da galeria terminou, pegou o celular e marcou um número de Zurique.

— O nosso amigo vai a caminho de Lyon para se encontrar com o professor.

21

LYON

O professor Emil Jacobi autoproclamara-se a consciência pesada da Suíça. Acreditava que para salvar o seu país, tinha primeiro de o deitar abaixo, e por isso dedicara a vida a desenterrar e expor os elementos mais desagradáveis da história suíça. O seu livro explosivo, O Mito, tinha desencadeado uma

tempestade, ao pormenorizar as extensas ligações econômicas e comerciais existentes entre a Alemanha nazista e a Suíça durante a Segunda Guerra Mundial. Jacobi traçou o processo pelo qual os bancos suíços aceitavam ouro pilhado e ouro arrancado dos dentes de judeus a caminho das câmaras de gás — e o convertiam na moeda forte que Hitler utilizava para comprar a matéria-prima necessária para manter a sua máquina de guerra a funcionar. A conclusão do professor Jacobi chocou o país e transformou-o num pária nacional: a Suíça e a Alemanha nazista eram aliadas em tudo menos no nome, escreveu ele. Hitler não teria conseguido fazer a guerra sem a ajuda dos banqueiros e fabricantes de armas suíços. Se não fosse a Suíça, a Wehrmacht teria parado abruptamente no Outono de 1944. Milhões de vidas teriam sido poupadas se não fosse a ganância dos banqueiros suíços.

Pouco tempo depois da publicação de O Mito, a vida na Suíça começou a tornar-se cada vez mais desconfortável para o professor Jacobi. Recebia ameaças de morte, tinha os telefones sob escuta e os agentes dos serviços de segurança suíços seguiam-lhe todos os movimentos. Temendo pela sua segurança, demitiu-se do cargo de professor em Lausanne e aceitou um lugar no departamento de História da Universidade de Lyon.

Gabriel levou grande parte do dia seguinte a tentar encontrá-lo. Deixou duas mensagens no atendedor de chamadas de Jacobi e mais duas com a secretária dele, nada prestável, na universidade. À uma e meia da tarde, Jacobi ligou para o celular de Gabriel e aceitou encontrar-se com ele. — Vá ao meu apartamento às seis. Falamos nessa hora.

A seguir, deu o endereço e desligou de repente. Gabriel ficou com algumas horas para queimar. Numa

livraria perto da universidade, descobriu um exemplar em língua francesa de O Mito e passou o resto da tarde a ler, no meio dos estudantes, num café logo à saída de Place dês Terreaux.

As seis horas da tarde, o professor estava à espera no hall do seu prédio de apartamentos na Rue Lanterne. Trazia um casaco de tweed gasto e tinha os óculos sem aros tão puxados para cima que estavam quase enfiados no ninho de pássaros que era o seu cabelo grisalho desgrenhado. Tinha molas nas pernas da calça para impedir que as bainhas ficassem presas na correia da bicicleta. — Bem-vindo ao exílio — disse, subindo à frente de Gabriel pelas escadas até o apartamento no quarto andar. — Nós, os suíços, veneramos o direito à liberdade de expressão, mas só se ela se coibir de criticar a Suíça. Cometi o pecado mortal de um bom suíço e por isso encontro-me aqui, na gaiola dourada de Lyon.

Chegado ao patamar em frente à porta de casa, o professor demorou algum tempo a revolver a sacola, remexendo em papéis soltos e agendas amachucadas, à procura das chaves do apartamento. Quando as descobriu, por fim, entraram num pequeno apartamento, esparsamente mobilado. Todas as superfícies lisas tinham pilhas com livros, documentos e jornais amontoados. Gabriel sorriu. Tinha vindo ao lugar certo.

Jacobi fechou a porta e pendurou a sacola no trinco.

— Então quer conversar sobre o assassinato do Augustus Rolfe? A verdade é que tenho andado a seguir esse caso com muita atenção.

— Calculei que isso fosse possível. Estava a pensar se haveria hipótese de compararmos notas.

— O Sr. também é um historiador, Sr. Allon?

— Na realidade, sou um restaurador de arte, mas neste assunto estou a trabalhar para o governo de Israel.

— bom, isto promete ser uma noite interessante. Tire as coisas que estão em cima dessa cadeira e sente-se. Vou tratar do café.

O professor Jacobi passou vários minutos a remexer nas suas pilhas imponentes de papéis, à procura do arquivo sobre Augustus Rolfe. Era muito fino. — Herr Rolfe era um banqueiro privado na verdadeira acepção da palavra, Sr. Allon. Receio que grande parte do que lhe vou dizer se baseie em conjecturas e rumores.

— Já cheguei várias vezes à conclusão de que podemos aprender muito sobre um homem com os rumores que o rodeiam.

— Quando estamos a lidar com um banqueiro suíço, especialmente com um banqueiro privado como o Augustus Rolfe, às vezes os rumores são o melhor que podemos esperar.

O professor colocou os óculos e abriu o arquivo.

— Em Zurique, há bancos privados muito pequenos e há outros extremamente grandes. Os gigantes como o Union Bank of Switzerland e o Credit Suisse têm todos as suas próprias divisões de operações bancárias privadas, embora lidem apenas com clientes muito ricos.

— Ricos até que ponto?

— Por norma, o depósito mínimo é de aproximadamente cinco milhões de dólares. Tem sido dito que os serviços secretos do seu país utilizavam as divisões de operações bancárias privadas do Credit Suisse.

O professor olhou de relance para Gabriel, desviando os olhos do arquivo que mantinha aberto.

— Mas, claro, tenho certeza de que o senhor não sabe nada disso.

Gabriel deixou passar o comentário.

— Pelo que sei de Augustus Rolfe, ele estava na primeira categoria.

— É verdade. O banco do Rolfe era um pequeno empreendimento — era o Rolfe e uma meia dúzia de empregados, se tanto. Se queríamos uma pessoa para nos esconder o dinheiro ou haveres na Suíça, o Augustus Rolfe era o nosso melhor amigo. Era um dos banqueiros mais discretos e influentes de Zurique. Tinha amigos muito poderosos. É isso que torna o assassinato dele tão desconcertante para mim.

— Que mais é que sabe sobre ele?

— Recebeu do pai o controle do negócio da família no início dos anos trinta — um período nada bom para os bancos da Suíça. Havia a depressão mundial, o pânico alemão, uma crise monetária na Áustria com repercussões que se faziam sentir em Zurique com grande intensidade. Os bancos suíços estavam a cair como dominós. Muitos bancos privados foram forçados a entrar em fusão com concorrentes de maior poderio para poderem sobreviver. Rolfe conseguiu aguentar-se por um fio.

Jacobi lambeu a ponta do dedo e passou para outra página.

— E a essa altura Hitler chega ao poder na Alemanha e começa a arranjar problemas para os judeus. O dinheiro e os objetos de valor judeus começam a entrar nos bancos privados de Zurique, incluindo o de Rolfe.

— E isso é um fato comprovado?

— Absolutamente. O Augustus Rolfe abriu mais de duzentas contas bancárias numeradas para judeus alemães.

Jacobi virou umas quantas páginas do arquivo.

— É aqui que terminam os fatos e começam os rumores. No final dos anos trinta, os agentes da Gestapo começam a chegar a Zurique. Andam à procura de todo o dinheiro judeu que foi levado para fora da Alemanha em segredo e depositado nos bancos suíços. Diz-se que Rolfe colaborou com os agentes da Gestapo, violando as leis bancárias suíças, e revelou que, no banco dele, existiam contas bancárias numeradas nas mãos de judeus. — E por que razão é que ele teria feito isso?

— Quer ouvir a minha teoria?

— Claro.

— Por saber que o dinheiro depositado por uns quantos judeus não era nada comparado com a riqueza abundante que esperava por ele se colaborasse com a Alemanha nazista.

— Há alguma prova que leve a crer que ele o tenha feito?

— Certamente — respondeu Jacobi, com as sobrancelhas a aparecerem de repente por cima dos aros dos óculos. — É um fato comprovado que Augustus Rolfe fazia viagens frequentes à Alemanha nazista durante a guerra.

— E quem é que ele ia lá ver?

— Não se sabe, mas as viagens dele levantaram tantas suspeitas que Rolfe foi investigado a seguir à guerra.

— E o que saiu daí?

— Absolutamente nada. Rolfe regressou ao mundo dos banqueiros de Zurique, desapareceu e nunca mais se ouviu falar dele — até há uma semana atrás, claro, quando alguém lhe entrou na residência e enfiou uma bala na cabeça.

Jacobi fechou o arquivo e olhou para Gabriel.

— Importa-se de continuar a história, Sr. Allon?

Depois de Gabriel terminar, o professor Jacobi passou muito tempo limpando os óculos na ponta mais larga da gravata. Depois enfiou-os novamente na testa e serviu-se de mais uma xícara de café.

— Parece que lhe calhou enfrentar a grande conspiração do silêncio.

— O que quer dizer com isso?

— Quando se está a lidar com a Suíça, Sr. Allon, é melhor ter sempre presente uma coisa: a Suíça não é um verdadeiro país. É um negócio e é gerida como um negócio.

É um negócio que assume constantemente uma postura defensiva. Tem sido assim desde há setecentos anos.

— E o que isso tem a ver com o assassinato de Rolfe?

— Na Suíça, há pessoas que se arriscam a perder muito se os pecados do passado forem expostos e os esgotos de Bahnhofstrasse levarem a lavagem profunda de que tão desesperadamente precisam.

Estas pessoas são um governo invisível e não devem ser encaradas de ânimo leve, e é por isso que eu vivo aqui e não em Lausanne. Se Decidir ir para a frente com este assunto, sugiro-lhe que tenha muito cuidado.

Dez minutos mais tarde, Gabriel estava a descer as escadas, com o seu exemplar de O Mito enfiado debaixo do braço. Parou por um instante no hall, para abrir a capa e ler as palavras que o professor escrevinhara na primeira página.

Cuidado com os gnomos de Zurique — Emil Jacobi.

Essa imagem de Gabriel foi capturada pelo homem, com uma máquina fotográfica digital de longo alcance, parado em frente à janela do apartamento do outro lado da rua. Uma hora antes, também tinha

tirado uma fotografia da chegada de Gabriel. As fotos não eram necessárias, apenas um toque profissional. Toda a conversa de Allon com Emil Jacobi tinha sido captada por um par de transmissores que o homem instalara no apartamento do professor seis meses antes. À medida que Allon se afastava, o artista da vigilância disparou mais uma série de fotografias. A seguir, sentou-se à frente do leitor-gravador e pôs-se a ouvir as fitas. Após trinta minutos de trabalho contínuo, tinha efetuado uma transcrição completa do encontro. Gastou mais dez minutos a verificar se a transcrição não tinha falhas e depois encristou o relatório e enviou-o, através de um e-mail protegido, para Zurique, juntamente com as fotografias de Allon.

Passados trinta segundos, as informações surgiram na tela do computador de Gerhardt Peterson, que pegou logo em seguida no telefone para pedir para se reunir urgentemente com Herr Gessler. Gerhardt Peterson não gostava de Emil Jacobi e Herr Gessler também não. A cruzada solitária de Jacobi contra a oligarquia financeira da Suíça tinha-se tornado cansativa e dispendiosa. Os dois homens concordaram que estava na hora de lidar com o professorzinho intrometido.

Na manhã seguinte, antes de sair do apartamento para ir trabalhar, Gerhardt Peterson fez um telefonema na privacidade do seu escritório. Não demorou mais do que dois minutos. O destino de Emil Jacobi, a consciência pesada da Suíça, tinha sido selado por via de uma transação financeira, a transferência de duzentos mil dólares para uma conta numerada em Genebra, controlada por Anton Orsati. Gerhardt Peterson considerou isso realmente apropriado.

22

COSTA DE PRATA, PORTUGAL

Na manhã seguinte, quando Gabriel chegou à casa de Anna Rolfe, ficou satisfeito por a ver a ser guardada por pelo menos quatro homens: um ao portão, o outro no ponto onde começavam as vinhas, um terceiro junto à fila das árvores e um quarto empoleirado no alto da colina. Shamron tinha enviado Rami, o seu guarda-costas taciturno, para supervisionar a missão. Cumprimentou Gabriel à entrada. Quando este lhe perguntou como estava a reagir Anna à equipe, Rami revirou os olhos — Vais ver não tarda nada.

Entrou na casa e seguiu o som do violino de Anna pelas escadas acima. A seguir, bateu à porta da sala de ensaios e entrou sem esperar por autorização. Ela rodou na cadeira, repreendeu-o por a interromper e depois começou a gritar com ele por lhe ter transformado a casa num campo armado. Enquanto as reprimendas dela iam subindo de intensidade, Gabriel olhou para baixo e tocou com os dedos nas ligaduras. Tinha começado a escorrer um fio de sangue. Anna também reparou nisso. Calou-se de imediato e levou-o até o quarto dela para lhe mudar os pensos. Ele não conseguiu evitar olhar para ela enquanto o assistia. A pele no início do pescoço estava úmida; as cordas do violino tinham-lhe deixado depressões minúsculas nas pontas dos dedos da mão esquerda. Não se lembrava de ela ser tão bonita.

— Belo trabalho — disse ele, examinando o que ela tinha feito.

— Entendo alguma coisa de curativos, Sr. Allon. Tem algo para dizer sobre o meu pai, não tem?

— A esta altura, mais perguntas que respostas. E, por favor, trate-me por Gabriel.

Ela sorriu.

— Tenho uma ideia, Gabriel.

Numa mochila de nylon, Anna embalou um almoço para comer em jeito de piquenique, com pão e queijo e galinha fria. Por último, juntou uma garrafa de vinho bem gelada, que embrulhou numa manta de lã antes de colocar na mochila. Rami entregou a Gabriel uma Beretta e um par de guarda-costas com ar de meninos. Nos trilhos à sombra da mata de pinheiros, com os paus-de-cabeleira providenciados por Rami sempre bem perto, Gabriel contou a Anna o que acontecera em Paris. Mas não lhe falou das conversas que tivera com Julian Isherwood e Emil Jacobi. Isso podia esperar.

As árvores terminaram e surgiram as ruínas, empoleiradas na superfície de uma encosta íngreme. Uma cabra selvagem pulou para cima de um penedo de granito, baliu-lhes e a seguir desapareceu no meio do tojo. Gabriel carregou a mochila aos ombros e seguiu Anna pelo trilho acima.

Observou os músculos das pernas dela a flectirem-se a cada passada e pensou em Leah. Uma caminhada num dia de Outono como este, vinte e cinco anos antes — só que nessa altura tinha sido numa encosta das Colinas de Golan* e as ruínas eram do tempo dos cruzados. Leah tinha pintado; Gabriel acabara de regressar da Europa e o seu desejo de criar tinha sido afugentado pelos fantasmas dos homens que matara. Tinha deixado Leah junto ao cavalete e subido até o topo da colina. Acima dele, encontravam-se as fortificações militares erigidas ao longo da fronteira com a Síria; abaixo, estendiam-se a

Galileia Superior e as colinas onduladas do sul do Líbano. Perdido nos seus pensamentos, não tinha ouvido Leah a aproximar-se.

**Território sírio conquistado por Israel em 1967.*

— Eles vão continuar a vir, Gabriel. Podes ficar aí sentado a olhar para eles para o resto da sua vida que vão continuar a vir à mesma.

E sem olhar para ela, Gabriel respondera:

Se eu dantes vivesse ali, na Galileia Superior, e agora vivesse ali em cima, num acampamento no Líbano, eu também viria.

O som de Anna a desdobrar a manta para o piquenique acabou com as recordações de Gabriel. Ela estendeu a manta por cima de um pedaço de erva à luz do sol, como Leah fizera naquele dia, enquanto Gabriel cumpria o ritual de tirar a rolha à garrafa de vinho. Os vigias de Rami ocuparam as suas posições: um no alto das ruínas, o outro no trilho em baixo. Enquanto arrancava a carne dos ossos da galinha, Gabriel mostrou-lhe a fotografia do homem que tinha deixado a pasta de diplomata na galeria.

— Alguma vez o viu? Ela abanou a cabeça. Gabriel guardou a foto.

— Preciso saber mais acerca do seu pai.

— O quê, por exemplo?

— Qualquer coisa que me possa ajudar a descobrir quem o matou e lhe roubou a coleção.

— O meu pai era um banqueiro suíço, Gabriel. Conheço-o enquanto homem, mas não sei quase nada acerca do trabalho dele.

— Então fale-me dele.

— Por onde é que devo começar?

— E que tal pela idade? A Anna tem trinta e oito anos?

— Trinta e sete.

— O seu pai tinha oitenta e nove anos. É uma diferença de idades bem grande. — Isso é fácil de explicar. Ele foi casado com outra pessoa antes da minha mãe. Ela morreu de tuberculose durante a guerra. Ele e a minha mãe conheceram-se dez anos depois. Ela era uma pianista bem dotada. Podia ter feito carreira a tocar, mas o meu pai nem quis ouvir falar nisso. Na opinião dele, os músicos estavam um degrau acima dos exibicionistas. Às vezes, pergunto-me o que os terá juntado em primeiro lugar.

— Havia crianças do primeiro casamento? Anna abanou a cabeça.

— E o suicídio da sua mãe?

— Fui eu que encontrei o corpo dela.

Hesitou por um instante e depois afirmou:

— Uma pessoa nunca se esquece de uma coisa dessas. Mais tarde, o meu pai disse-nos que ela tinha tido um passado de depressões. Eu amava muito a minha mãe, Gabriel. Éramos extremamente chegadas. A minha mãe não sofria de depressão. Não estava a tomar medicação nenhuma, não estava a ser vista por nenhum psiquiatra. Era uma pessoa de humores, era temperamental, mas não era o tipo de mulher que se suicida sem nenhuma razão. Alguma coisa, ou alguém, fez com que ela se suicidasse. Só o meu pai sabia o que era e manteve-nos isso em segredo.

— Ela deixou alguma nota de suicídio?

— De acordo com a investigação, não havia nenhuma nota. Mas eu vi o meu pai a tirar do corpo dela qualquer coisa que se parecia muitíssimo com uma nota. Nunca me mostrou e, pelos vistos, também nunca a mostrou à polícia.

— E a morte do seu irmão?

— Aconteceu um ano depois. O meu pai queria que ele fosse trabalhar para o banco e continuasse a tradição da família, mas o Max queria ser corredor de

bicicleta. E foi exatamente isso que ele fez... e muito bem, na verdade. Era um dos melhores corredores da Suíça e um dos profissionais de maior prestígio na Europa. Morreu num acidente na Volta à Suíça. O meu pai ficou destroçado, mas, ao mesmo tempo, acho que sentiu, de certo modo, uma certa justificação. Porque era como se o Max tivesse sido castigado por se atrever a ir contra os desejos dele.

— E a Anna?

— Eu fiquei sozinha com ele. As duas pessoas de quem eu mais gostava no mundo tinham morrido e fiquei presa a um homem que detestava. Dediquei-me ao violino ainda com maior fervor. A combinação pareceu funcionar para os dois. Desde que eu estivesse a tocar, o meu pai não tinha de me prestar nenhuma atenção. Estava livre para fazer aquilo de que mais gostava.

— E que era?

— Ganhar dinheiro, claro. Achava que a fortuna dele o absolvia dos pecados. Era mesmo um imbecil. Desde o começo da minha carreira que as pessoas achavam que eu tocava com muita paixão.

Mas não perceberam que essa paixão era alimentada pelo ódio e a dor.

Gabriel abordou o assunto seguinte com cautela:

— O que sabe sobre as atividades do seu pai durante a guerra?

— Atividades? Isso é uma palavra interessante. O que está a tentar insinuar com isso?

— Eu não estava a querer dizer nada. Só que preciso saber se havia alguma coisa no passado do seu pai que pudesse ter levado ao homicídio dele. — O meu pai era banqueiro na Suíça durante a Segunda Guerra Mundial. — A voz dela ficara subitamente fria. — Isso não faz dele automaticamente um monstro. Mas para ser completamente honesta, não sei quase nada

sobre as atividades do meu pai durante a guerra. Não era coisa que ele alguma vez discutisse conosco.

Gabriel pensou nas informações que Emil Jacobi lhe dera em Lyon: as viagens frequentes à Alemanha nazista; os rumores da ligação de Rolfe a membros importantes da hierarquia nazista. Teria conseguido realmente Rolfe manter todas essas coisas em segredo em relação à filha? Gabriel resolveu forçar um pouquinho mais o assunto com delicadeza.

— Mas tem as suas suspeitas, não tem, Anna? Nunca me teria levado com você para Zurique se não tivesse suspeitas acerca do passado do seu pai.

— Eu só sei uma coisa, Gabriel: a minha mãe cavou a própria sepultura, enfiou-se lá dentro e deu um tiro na cabeça. Aquilo que ela fez foi uma coisa odiosa e vingativa. E fez isso por uma razão.

— Ele estava a morrer?

A brusquidão desta última pergunta pareceu apanhá-la de surpresa, pois olhou para cima de repente, como se tivesse sido espetada por um objeto pontiagudo.

— O meu pai?

Gabriel acenou com a cabeça.

— Por acaso, Gabriel, sim, o meu pai estava a morrer.

Depois de a comida terminar, Gabriel serviu o que sobrava do vinho e perguntou a Anna sobre as proveniências dos quadros.

— Estão trancadas à chave na mesa do escritório do meu pai.

— Tinha medo que fosse dizer isso.

— Por que as quer ver?

— Quero olhar para a cadeia de transmissão de cada um dos trabalhos. A proveniência pode dizer-nos alguma coisa sobre quem os levou e o porquê de o seu pai ter sido morto.

— Ou pode não lhe dizer absolutamente nada. E lembre-se de uma coisa: o meu pai adquiriu aqueles quadros todos legalmente. Pertenciam-lhe, à parte qualquer peculiaridade que possa descobrir em relação à proveniência deles.

— Continuava a gostar de a poder ver.

— Vou mostrar-lhe onde é que elas estão.

— Não, vai dizer-me onde é que elas estão e eu vou buscá-las e trazê-las para aqui. Agora, já não pode ir para Zurique.

— Porque não?

— Porque não é seguro. O que me leva ao tema seguinte.

— E qual é?

— O seu recital em Veneza. — Não o vou cancelar.

— Neste momento, estar a atuar em público não é seguro.

— Não tenho outra escolha. Se não cumprir este compromisso, a minha carreira acaba.

— As pessoas que mataram o seu pai já tornaram muitíssimo claro que farão qualquer coisa para evitar que descubramos a identidade delas. E isso também incluiria matá-la a si.

— Então tem simplesmente de se assegurar de que eles não o conseguem fazer, mas vou tocar na próxima semana e não há nada que possa fazer para me impedir.

Colunas de nuvens de um cinzento metálico tinham surgido por cima do mar e começado a avançar em direção ao interior. Levantou-se um vento frio, que gemia nas ruínas.

Anna começou a tremer com o frio abrupto e cruzou os braços por baixo dos seios, com os olhos postos no tempo que se aproximava. Gabriel guardou os restos do almoço e, na escuridão crescente, desceram a colina devagar, seguidos pelos dois vigias

silenciosos. Quando chegaram à mata dos pinheiros, começou a chover com grande intensidade.

Tarde de mais! — gritou Anna, sobrepondo-se ao barulho da chuva. — Fomos apanhados.

Pegou-lhe no braço e conduziu-o até a proteção de um pinheiro imponente.

— Precisamos manter o curativo seco — disse, com uma nota de preocupação a insinuar-se na voz.

Pegou um anorak de nylon amarrotado do bolso da mochila, segurou-o por cima das suas cabeças e ficaram ali agachados durante vinte minutos, como um par de refugiados e com os vigias de Rami parados, em silêncio e como cães de chaminé, um de cada lado. Enquanto esperavam que o tempo abrisse, Anna disse a Gabriel os códigos de segurança da casa e onde se encontravam as proveniências nos arquivos do pai. Quando a chuva parou finalmente, Anna enrolou o anoraque nas mãos de Gabriel e os dois desceram com cuidado o trilho molhado até casa. No portão da frente, Gabriel deixou-a sob a proteção de Rami e entrou no carro. Enquanto se afastava nele, olhou uma última vez por cima do ombro e viu Anna a perseguir Rami ao longo da entrada e a gritar: — Pum, pum, Rami! Estás morto!

23

LISBOA

Motzkin gostava de estar em Lisboa. Já tinha estado colocado em lugares repletos de glamour. Tinha estado em Londres. Tinha estado em Paris e em Bruxelas. Tinha passado um ano de tensão extrema no Cairo fazendo passar-se por repórter de um jornal de Otava. Naquela época, as coisas andavam calmas em Lisboa, e isso estava muito bem para Motzkin. A ocasional missão de vigilância, um pouco de trabalho a servir de elo de ligação. Apenas o suficiente para o impedir de dar em louco. Tinha tempo para os seus livros e selos e para longas sestas com a sua garota em Alfama. Tinha acabado de voltar do apartamento dela quando o telefone lhe começou a vibrar suavemente em cima da mesa. Motzkin pegou o receptor e encostou-o ao ouvido com cautela. Era esta a hora que Ari Shamron escolhia para pôr a cabeça fora da toca de raposa e estragar a vida de seus katsa*? Mas, felizmente não era Shamron — apenas o guarda que estava lá em baixo no hall de entrada. Parecia que havia uma visita, um homem que sabia o nome de Motzkin. Motzkin desligou o telefone e baixou a câmera de vigilância do hall de entrada no monitor do computador. O posto transmitia regularmente entradas não anunciadas de pessoas de todos os tipos e feitios. Normalmente, uma olhadela rápida bastava para decidir se a pessoa devia ser recebida ou levada à força até a saída.

**Agentes de campo do Mossad, serviço secreto israelense.*

Ao mesmo tempo que a imagem lhe aparecia na tela, Motzkin murmurou:

Raios me partam.

Imagine-se, a lenda viva, a entrar na embaixada como se fosse uma coisa trazida pelo gato do ditado. Da última vez que Motzkin ouvira falar dele, estava

enfiado numa casa de campo qualquer na Inglaterra, com os seus quadros e os seus demônios.

— Raios me partam — repetiu, ao mesmo tempo que descia as escadas atabalhoadamente. — És mesmo tu?

Na sala das comunicações, Motzkin estabeleceu uma ligação segura com o gabinete de Shamron na Avenida Rei Saul, em Telaviv. A seguir, fechou a porta à prova de som e observou Gabriel através do vidro. Era uma conversa desagradável; Motzkin conseguiu perceber pelo menos isso. Mas a verdade é que também havia poucas pessoas no Escritório que não tivessem enfrentado o velho em alguma época, e os combates entre Shamron e o grande Gabriel Allon já faziam parte das lendas do Escritório. Vinte minutos mais tarde, quando Gabriel desligou o telefone com toda a força e saiu da sala, estava pálido. — O Velho vai enviar um relatório daqui a trinta minutos. Preciso de umas quantas coisas.

Motzkin levou Gabriel até o posto e deixou-o tomar um duche e a trocar de roupa. Depois arranjou-lhe bilhetes de avião e um carro e deu-lhe dois mil dólares da caixa do fundo de maneio.

Quando regressaram à sala das comunicações, o relatório estava a sair do fax em linha segura. Tinha sido compilado pela Seção de Pesquisas da Avenida Rei Saul, e baseava-se em informações partilhadas através de acordos em vigor com os serviços secretos britânicos e franceses. O assunto era um homem chamado Christopher Keller.

Gabriel apanhou as páginas que tinham caído no tabuleiro, sentou-se à mesa e começou a ler.

Nascido em Londres e filho único de dois médicos bem-sucedidos de Harley

Street, Christopher Keller deixou bem claro desde muito cedo que não tinha qualquer intenção de seguir

as pisadas dos pais. Obcecado com História, especialmente com a história militar, quis ser soldado. Os pais proibiram-no de entrar para o exército e ele acedeu à vontade deles, pelo menos durante um tempo. Entrou para Cambridge e começou a ler história e línguas orientais. Era um aluno brilhante, mas no segundo ano foi ficando cada vez mais impaciente e uma noite desapareceu sem deixar rasto. Poucos dias depois, apareceu em casa do pai, em Kensington, com o cabelo rapado à máquina zero e num uniforme verde-azeitona. Keller tinha-se alistado no Exército britânico.

Depois do recrutamento, juntou-se ao regimento de infantaria, mas o intelecto, a capacidade física e a atitude de lobo solitário diferenciaram-no rapidamente dos companheiros.

Pouco tempo depois, surgiu-lhe à porta um recrutador do SAS, os comandos especiais do exército britânico. Tinha visto a ficha de Keller e conversado com seus superiores. Keller foi convidado a instalar-se no quartel-general do Regimento, em Hereford, para realizar o curso de treino inicial.

Seu desempenho foi extraordinário. Os instrutores do curso de combate escreveram que nunca tinham visto um homem com tamanha aptidão instintiva para tirar a vida humana. Na casa da morte — uma instalação de má fama, onde os recrutas treinam o corpo a corpo, o resgate de reféns e exercícios antiterrorismo de limpeza de casa —, Keller conseguiu as pontuações mais elevadas possíveis. No último dia do curso, carregou uma mochila com vinte e cinco quilos e uma metralhadora de quatro quilos e meio durante uma marcha de sessenta e cinco quilômetros ao longo da charneca varrida pelo vento chamada Brecon Beacons, um teste de resistência que tinha deixado homens mortos. Keller completou o

percurso trinta minutos mais depressa do que qualquer homem antes dele. Entrou para o Regimento e foi colocado num esquadrão Sabre especializado em táticas de guerra móvel no deserto.

Depois disso, sua carreira conheceu uma mudança de rumo inesperada. Um outro homem apareceu em cena, desta vez dos serviços secretos militares. Andava à procura de um tipo de soldado único, capaz de observações minuciosas e outras operações especiais na Irlanda do Norte. Confessou estar impressionado com o talento linguístico de Keller e a capacidade que revelava para improvisar e pensar sob pressão. Estaria Keller interessado? Naquela noite, ele arrumou o equipamento e mudou-se de Hereford para uma base secreta nas Highlands escocesas.

Durante o seu treino, Keller deu mostras de um talento formidável. Há anos que as forças de segurança e o serviço secreto se debatiam com a miríade de sotaques da Irlanda do Norte. No Ulster, as comunidades adversárias eram capazes de se identificarem umas às outras pelo som de uma voz. O sotaque da Belfast Ocidental católica é diferente do de Belfast Ocidental protestante; o sotaque de Upper Falls Road é diferente do de Lower Falls. A maneira como um homem pronunciava umas quantas frases simplesmente podia significar a diferença entre a vida e uma morte terrível. Keller desenvolveu uma capacidade para imitar as inflexões de forma perfeita. Era até capaz de mudar de sotaque de um momento para o outro — num minuto, um católico de Armagh, no outro, um protestante de Shankill Road, em Belfast, e, logo a seguir, um católico dos bairros residenciais de Ballymurphy. Operou em Belfast durante mais de um ano, seguindo membros do IRA e recolhendo pequenas bisbilhotices da comunidade em volta.

Trabalhava sozinho, quase sem supervisão do seu agente controlador.

A missão na Irlanda do Norte sofreu um final abrupto, numa dada noite, quando ele foi capturado em Belfast Ocidental e levado de carro para uma casa de uma quinta distante, no condado de Armagh. Quando lá chegou, foi acusado de ser um espião britânico. Keller sabia que a situação era desesperada e por isso decidiu escapar lutando. Quando saiu da casa da quinta, quatro terroristas empedernidos do Exército Republicano Irlandês Provisional estavam mortos.

Dois tinham sido praticamente cortados aos pouquinhos.

Keller voltou para Hereford, onde passou por um longo repouso. Efetuou caminhadas duras por Brecon Beacons e treinou novos recrutas na arte de matar silenciosamente. Mas era evidente para os comandantes e psicólogos do Regimento que Belfast mudara Keller.

Foi então que, em Agosto de 1990, Saddam Hussein invadiu o Kuwait. Cinco meses mais tarde, Keller e a sua unidade percorriam o deserto ocidental do Iraque à caça dos lança-mísseis Scud que causavam pânico em Telaviv. Na noite de 28 de janeiro, Keller e a equipe localizaram um lança-mísseis no deserto, a cento e sessenta quilômetros a noroeste de Bagdá. Transmitiu as coordenadas aos comandantes na Arábia Saudita. Noventa minutos depois, uma formação de caças-bombardeiros da coligação liderada pelos Estados Unidos sobrevoou a baixa altitude o deserto mas, num desastroso caso de fogo amigo, atacou o esquadrão da SAS em vez do local onde estava o lança-mísseis. Os oficiais britânicos chegaram à conclusão de que a unidade inteira tinha sido perdida, embora nunca tivessem encontrado restos mortais conclusivos.

O que se seguiu foi essencialmente uma teoria — uma vez mais, com base em relatórios dos serviços secretos. Alguns meses após o desastre no deserto iraquiano, chegaram informações de que havia um assassino novo e altamente profissional na Europa. Os informantes da polícia falavam de um homem conhecido apenas como o Inglês. Ninguém era capaz de fornecer nada além de vagas descrições dele. Até à data, o misterioso assassino era suspeito de pelo menos vinte homicídios não resolvidos. Os serviços secretos britânicos suspeitavam que Christopher Keller e o Inglês fossem o mesmo homem. O arquivo terminava com duas fotografias. A primeira era a que Gabriel tinha tirado do homem entrando na galeria em Paris. A segunda mostrava um grupo de homens numa charneca deserta. Um dos rostos tinha um círculo em volta. Gabriel passou um tempo comparando imagens. Pegou o telefone e ligou para Shamron, que estava em Telaviv.

— Tenho a sensação estranhíssima de ter conhecido este homem — contou-lhe Gabriel.

Esperava que Shamron ficasse surpreso com a observação. Em vez disso, o Velho disse para ficar perto do fax e desligou.

Em 1988, Gabriel Allon levou a cabo uma das operações mais celebradas da história do serviço secreto israelense: o assassinato do número dois da OLP, Abu Jihad. Conduzira uma longa e perigosa operação de vigilância à casa de Túnis do palestino e treinara a equipe de assalto numa réplica em tamanho real, no deserto do Nlegueve. A seguir, numa noite quente de Abril, liderou uma equipe de comandos Sayaret no ataque à casa e matou Abu Jihad a tiro, à frente da mulher e dos filhos. Ao pensar agora nessa noite, ainda era capaz de ver a expressão de puro ódio nos olhos escuros deles. Passados dezoito meses do

assassinato, uma equipe de agentes dos serviços secretos britânicos e da SAS, envolvidos no combate ao terrorismo do IRA, vieram a Telaviv estudar as táticas dos israelenses. Ari Shamron chamou Gabriel à Academia e forçou-o, durante um almoço formal, a dar uma palestra acerca da operação de Túnis. Um dos homens que assistiu à palestra era um tenente da SAS.

O item que chegou por fax era uma fotografia. Tinha sido tirada após o almoço formal em celebração do espírito de cooperação entre os guerreiros secretos dos dois países. Gabriel, eternamente avesso a máquinas fotográficas, pusera óculos escuros e um chapéu para o sol, de modo a esconder a sua identidade. O homem ao lado dele olhava fixa e diretamente para a objetiva da máquina.

Gabriel estudou-lhe o rosto atentamente.

Era Christopher Keller.

24

MUNIQUE, ZURIQUE

O correio estava à espera de Gabriel no aeroporto de Munique. Tinha cabelos cor de caramelo e trazia um letreiro que dizia AIR KRAMER—HELLER ENTERPRISES. Gabriel seguiu-o ao longo do terminal e do parque de estacionamento, através da neve soprada pelo vento, até chegarem a um Mercedes azul-escuro.

— Tem uma Beretta no porta-luvas e um peito de boi no banco de trás.

— Vocês, os *bodlin**, pensam em tudo.

— Vivemos para servir. Entregou as chaves a Gabriel.

— Bon voyage.

Gabriel instalou-se ao volante e ligou o motor. Dez minutos depois, estava a avançar a toda a velocidade pela autoestrada E54, a caminho de Zurique novamente.

Os suíços são um povo insular e tribal, possuidor de um instinto quase animal para identificar os forasteiros. Qualquer coisa fora do comum é comunicada à polícia, por mais insignificante que seja. Na verdade, os cidadãos suíços são tão vigilantes que as agências de serviços secretos estrangeiras que operam no interior do país os veem como uns segundos serviços de segurança. Tendo este fato bem presente, Gabriel teve o cuidado de projetar uma imagem de familiaridade ao sair do carro em direção à residência de Augustus Rolfe.

** Jovens israelenses, normalmente estudantes, tarefeiros do Mossad.*

Lembrou-se de uma operação que o Escritório executara havia alguns anos. Uma equipe de agentes tinha sido enviada para a Suíça para pôr escutas num apartamento de um homem suspeito de ser um terrorista árabe e que vivia numa cidadezinha à saída de Berna. Uma velhota reparou na equipe quando ela estava à porta do apartamento do árabe e telefonou para a polícia a informar que havia um grupo de homens suspeitos no bairro dela. Passados poucos minutos, a equipe tinha sido detida e o fiasco relatado pelo mundo inteiro.

Subiu a encosta de Rosenbuhlweg. A silhueta familiar da residência Rolfe, com os seus torreões e o pórtico imponente, erguia-se por cima dele. Um carro passou por ali, deixando duas faixas de preto na neve recente.

Marcou o código para o sistema de entrada, que não era de chaves. O apito elétrico soou bem alto e o

trinco veio para trás. Empurrou o portão, que se abriu, e subiu os degraus. Dois minutos depois, estava no interior da residência de Rolfe, a atravessar o hall de entrada escuro em silêncio, com uma pequena lanterna numa mão e uma Beretta na outra.

No corredor do segundo piso, a escuridão era absoluta. Gabriel foi avançando com a ajuda do fino feixe de luz que saía da lanterna. O escritório seria à esquerda, dissera Anna — Com vista para a rua, na primeira porta a seguir ao busto. Gabriel rodou a maçaneta. Trancada. Mas é claro. Tirou do bolso do casaco um par de pequenas ferramentas metálicas. Meu Deus, já tinha passado quanto tempo? A Academia, há uma centena de anos atrás. Tinha sido um recruta inexperiente, com Shamron sempre em cima dele, a berrar-lhe insultos ao ouvido. — Tens quinze segundos! Os teus colegas vão morrer a não ser que consigas abrir essa porta, Gabriel!

Pôs um joelho no chão, enfiou as ferramentas na fechadura e pôs-se ao trabalho, com a lanterna entre os dentes. Passado um momento, sofrendo o assalto diligente de Gabriel, a velha fechadura desistiu de dar luta. Ele levantou-se, entrou e fechou a porta atrás de si. A sala cheirava a fumo de lenha e a cão e, ligeiramente, a tabaco. Levantou a lanterna e mexeu-a de um lado para o outro. O feixe de luz minúsculo dela significava que ele só podia ir desbravando a sala uns quantos metros quadrados de cada vez. Uma área para as pessoas se sentarem, mobilada com cadeirões do século XVIII. Uma escrivaninha flamenga Renascença em madeira de carvalho. Estantes de livros que iam do chão de madeira polido até o teto trabalhado.

A mesa de Augustus Rolfe.

Era estranho, mas não parecia a mesa de um homem poderoso. Tinha um ar de desordem intelectual: um monte de arquivos, um mata-borrão

descolorido de couro, uma xícara de chá cheia de clipes para papéis, uma pilha de livros muito antigos. Gabriel abriu com o indicador a capa do que estava no topo e foi saudado com o cheiro a papel antigo e a pó. Virou a luz para a primeira página. Goethe. Ao fechar o volume, a luz foi incidir sobre um cinzeiro grande de vidro lapidado. Uma dúzia de beatas estava espalhada lá dentro, como cartuchos gastos, num fundo de cinza. Examinou as beatas com mais atenção. De duas marcas diferentes. A maior parte era Benson & Hedges, mas três eram Silk Cuts.

Provavelmente, o velho tinha fumado os Benson & Hedges, mas quem teria fumado os Silk Cuts? Anna? Não, Anna fumava sempre Gitanes.

Voltou a concentrar-se nas proveniências. Anna dissera que Rolfe as guardava na gaveta de baixo e da direita da mesa, dentro de um arquivo marcado como CORRESPONDÊNCIA PESSOAL. A gaveta, como a entrada para o escritório de Rolfe, estava trancada. Desta vez, ele tinha uma chave. Abriu-a e começou a folhear os documentos pessoais de Augustus Rolfe.

Deparou-se com uma pasta de arquivo identificada como MAXIMILIAN. Segurou-a entre o polegar e o indicador, e depois hesitou. Tinha algum direito de estar a fazer aquilo? Era demasiado parecido com voyeurismo. Como espreitar por uma janela iluminada durante um passeio noturno por uma cidade e ver um casal a discutir. Ou um velho sentado sozinho à frente de uma televisão. Mas o que poderia o arquivo revelar? Que tipo de coisas teria este homem guardado acerca do filho? O que poderia Gabriel ficar a saber, graças a ele, sobre este homem, Augustus Rolfe?

Tirou a pasta para fora, pousou-a em cima da gaveta aberta e levantou a capa. Fotografias, recortes de notícias arrancados das páginas desportivas de

jornais europeus, tributos por parte de colegas de equipe, uma longa peça de um jornal de Zurique acerca do acidente de bicicleta nos Alpes: Ele era um homem bom e eu tenho orgulho de lhe poder chamar meu filho — dissera Augustus Rolfe, um proeminente banqueiro de Zurique, numa declaração dada a conhecer pelo seu advogado. — Vou sentir a falta dele mais do que quaisquer palavras possam expressar. Bem dobrada e meticulosamente datada e marcada. Augustus Rolfe podia não ter concordado com a profissão escolhida pelo filho, mas era um pai orgulhoso, concluiu Gabriel.

Gabriel fechou a pasta, voltou a colocá-la no lugar dela e começou a procurar a da CORRESPONDÊNCIA PESSOAL. Uma outra pasta chamou-lhe a atenção: ANNA. Uma vez mais, hesitou, e a seguir puxou-a para fora. Lá dentro, havia fotografias de infância de Anna a tocar violino, convites para recitais e concertos, recortes de jornais, críticas às atuações e gravações dela. Olhou para as fotografias com mais atenção. Havia, sem sombra de dúvida, duas Annas: antes do suicídio da mãe e depois. A diferença no aspecto dela era impressionante. Gabriel fechou a pasta e guardou-a outra vez na gaveta. Era hora de voltar ao assunto que o tinha trazido até ali. Foi folheando as pastas de arquivo até encontrar a que estava marcada com CORRESPONDÊNCIA PESSOAL. Tirou-a da gaveta, pousou-a em cima da mesa de Rolfe e levantou a capa. Cartas, algumas escritas à mão, outras datilografadas em papel timbrado. Em alemão, francês, italiano e inglês — a manta de retalhos linguística que é a Suíça. Gabriel folheou-as rapidamente até chegar ao fim do monte. A seguir, voltou ao início e repetiu o processo, mas mais devagar. O resultado foi o mesmo.

As proveniências tinham desaparecido.

Enquanto Gabriel ia fazendo o feixe de luz da lanterna deslocar-se pelo escritório, pensou num dos exercícios de treino a que estivera sujeito na Academia. Um instrutor levara-o para uma sala decorada como uma suíte de hotel, entregara-lhe um documento e dera-lhe um minuto para descobrir cinco lugares apropriados para o esconder. Se lhe tivessem feito o teste no escritório de Rolfe e não num suposto quarto de hotel, ele teria sido capaz de arranjar uma centena de lugares para esconder um documento. Uma tábua de soalho falsa, um livro grande, por baixo de um tapete ou de uma tábua de soalho, dentro de uma peça de mobília, ou guardado num cofre secreto na parede. E isso era apenas no escritório. Naquela residência desordenada e imensa, havia milhares de lugares onde Rolfe podia ter escondido um molho de documentos. Afinal de contas, tratava-se de um homem que construíra um bunker subterrâneo para a sua coleção secreta de arte. Se Rolfe quisesse ter escondido alguma coisa, as probabilidades de Gabriel a descobrir eram diminutas.

A ideia de sair de Zurique de mãos a abanar, depois de uma travessia tão difícil e traiçoeira, deixava-o exasperado. Havia duas explicações possíveis para o desaparecimento dos documentos. Número um: tinham sido tirados dali, por Rolfe ou por alguém como Werner Müller. Número dois: por qualquer razão, Rolfe tinha-os perdido. Era, sem dúvida, possível. Era um velho. Os velhos enganam-se. As recordações vão-se esfumando. As etiquetas de identificação dos arquivos tornam-se mais difíceis de ler.

Gabriel decidiu revistar a mesa de uma ponta à outra.

Havia quatro gavetas com pastas de arquivos, duas de cada lado, e Gabriel começou pela de cima, no

lado esquerdo. Acabou por entrar numa rotina monótona: tirar uma pasta específica, examinar o seu conteúdo atentamente, voltar a pô-la no lugar e passar para a seguinte.

Gabriel demorou trinta minutos a revistar as quatro gavetas por completo.

Nada.

Abriu a gaveta do meio: canetas, lápis, pedaços de papéis de rascunho, um tubo de cola, um corretor. Um minigravador. Gabriel examinou-o com ajuda da lanterna.

Não havia fita lá dentro. Revistou a gaveta atentamente. Um gravador de fitas e nenhuma fita. Estranho.

Fechou a gaveta, sentou-se na cadeira de Rolfe e pôs-se a olhar fixamente para a mesa. A gaveta do meio... havia qualquer coisa que não batia certo. Abriu-a outra vez, espreitou lá para dentro e voltou a fechá-la. Abrir, fechar. Abrir, fechar...

A gaveta em si tinha cerca de dez centímetros de profundidade, mas o espaço para guardar coisas não chegava a tanto. Cinco centímetros, calculou Gabriel, se calhar ainda menos. Tentou tirar a gaveta da mesa por completo, mas havia qualquer coisa que a prendia, impedindo-a de sair. Puxou com mais força.

O mesmo resultado.

Olhou para o relógio. Estava há quarenta e cinco minutos lá em casa, provavelmente mais tempo do que era sensato. Naquele momento, tinha duas hipóteses: ir-se embora ou confiar nos seus instintos.

Levantou-se, agarrou na gaveta com as duas mãos e puxou com o máximo de força possível. O mecanismo que a prendia cedeu e a gaveta caiu no chão aos trambolhões, fazendo com que o que havia lá dentro se espalhasse por todo o lado.

Gabriel levantou a gaveta, agora vazia, segurou-a e virou-a ao contrário.

Resistente, bem feita, anormalmente pesada. Olhou para o fundo atentamente.

Era bem grosso — talvez dois centímetros e meio.

Vais-te embora ou confias nos teus instintos?

Não havia nenhuma maneira mais delicada de fazer aquilo se quisesse ter a sua resposta rapidamente. Encostou a gaveta à borda da mesa e ajustou o ângulo. A seguir, levantou o pé e bateu nela com toda a força. Uma, duas, três vezes, até que a madeira começou a lascar.

O fundo da gaveta era composto não por uma mas sim por duas tábuas de madeira, de dimensões idênticas e colocadas uma em cima da outra. Entre elas, estava um envelope grande e retangular, amarelecido com o tempo, a dobra presa por um barbante esfiapado. As proveniências? Parecia um estratagema demasiado elaborado para se estarem a esconder proveniências. Gabriel afastou os pedaços quebrados de madeira e segurou no envelope. Sentiu uma tremura nos dedos, enquanto desatava o barbante e abria a dobra, para espreitar lá para dentro.

Tirou o que lá estava, uma pilha de papéis antigos, e colocou-a na mesa. Foi pegando neles um a um, com cuidado, como se temesse que se pudessem desfazer com o toque. Coroas... pesetas... escudos... libras. Os documentos eram cópias de transações em moedas diversas e de transferências bancárias efetuadas durante a guerra. Olhou para as datas. A primeira das transações, uma transferência de vários milhares de francos suíços para o Union Bank de Estocolmo, ocorrera em Fevereiro de 1942. A última, uma transferência de fundos para o Banco de Lisboa, acontecera em Junho de 1944. Pousou as cópias. O item seguinte era uma folha individual de papel branco

liso, sem cabeçalho. No lado esquerdo da página, havia uma lista de nomes, todos alemães. No lado direito, havia uma lista correspondente, com números de doze dígitos. Gabriel leu umas quantas linhas:

Karl Meyer 551 829 651 318

Manfred König 948 628 468 948

Josef Fritsch 268 349 874 625

Juntou as cópias e levantou a dobra do envelope. Estava prestei a enfiar os papéis lá dentro quando sentiu alguma coisa presa nó canto inferior. Enfiou a mão e tirou os objetos.

Um par de fotografias.

Olhou para a primeira: Augustus Rolfe, novo, bonito, rico, sentado num restaurante. Atendendo ao estado da mesa, tinha sido consumida uma grande quantidade de vinho. Sentado ao lado dele, estava um homem corpulento e de ar decadente, vestido à civil e com duas cicatrizes, em sentido contrário uma da outra, nas faces. Gabriel não o reconheceu.

Voltou a atenção para a segunda fotografia. O cenário era a varanda de uma casa nos Alpes — Rolfe, de pé na balaustrada, a admirar a vista magnífica e acompanhado por dois homens de uniforme. Gabriel reconheceu ambos. Um era Henrich Himmler. O outro era Adolf Hitler.

Gabriel voltou a enfiar as fotografias e os documentos dentro do envelope. Tinha o tamanho-padrão, demasiado grande para caber num bolso, por isso empurrou-o pela parte da frente da calça abaixo e prendeu-o puxando o fecho do casaco de couro. Olhou para a mesa. Não havia nada a fazer em relação à gaveta; estava completamente quebrada. Com o pé, empurrou os pedaços para debaixo do espaço aberto entre as gavetas e tapou-os com a cadeira de Rolfe. A Beretta estava pousada em cima do mata-borrão de

couro. Largou-a dentro do bolso e virou-se para se ir embora.

Ia-se orientando pelo feixe de luz fraca que saía da lanterna, que mais parecia uma caneta de tinta permanente. Uma vez mais, teve a sensação de ir desbravando o escritório, um fragmento de cada vez, desta feita em sentido contrário. A cada movimento da luz, um dado novo: a escrivaninha em madeira de carvalho, os cadeirões do século XVIII, um sofá em couro...

Um homem parado à entrada, com uma pistola apontada ao coração de Gabriel.

25

ZURIQUE

Gabriel jogou a lanterna no outro lado do escritório, sacou a Beretta e lançou-se ao chão. O homem que estava à entrada disparou. Tinha a pistola com silenciador, mas o brilho da boca da arma era visível na escuridão. O tiro rasgou o ar por cima da cabeça de Gabriel e estilhaçou a janela por trás da mesa de Rolfe. Antes que o homem pudesse voltar a dar um tiro, Gabriel tirou um joelho do chão e disparou na direção do brilho da boca. Os tiros atingiram o alvo — Gabriel percebeu isso porque conseguiu ouvir as balas a rasgarem tecido e a estilhaçarem ossos. Levantou-se e começou a correr, disparando à medida que avançava, como lhe tinham ensinado na Academia.

Tal como tinha feito tantas vezes antes. Quando já estava parado, por cima do homem, debruçou-se, encostou-lhe o cano da arma ao ouvido e disparou uma última vez.

O corpo entrou em convulsão e depois ficou imóvel.

Gabriel ajoelhou-se e revistou os bolsos do morto: nem carteira, nem chaves, nem dinheiro. Uma pistola Glock de nove milímetros estava caída no chão, a poucos metros do corpo. Gabriel enfiou-a dentro do bolso e entrou no corredor.

Ao lado da escadaria central, havia uma alcova com um conjunto de janelas altas com vista para a rua. Gabriel olhou para baixo e viu dois homens a subirem os degraus da entrada em grande velocidade.

Atravessou o corredor a correr, até as janelas com vista para o jardim das traseiras. Lá fora, estava outro homem, de arma em riste e pernas afastadas, a comunicar por um rádio de mão.

Ao descer a escadaria curva, Gabriel tirou da Beretta o cartucho já utilizado e introduziu o de substituição. Seguiu o mesmo percurso que Anna tinha feito na noite em que lhe mostrara a caixa-forte secreta: passando pela grande sala de jantar, pela cozinha, descendo pelas escadas dos fundos, e pela adega, até entrar na sala de montagem das gravações de vigilância.

Chegou a uma entrada com uma janela envidraçada que dava para o jardim. Gabriel empurrou a porta, abrindo-a uns quantos centímetros, e espreitou lá para fora. O homem do rádio e da arma andava a rondar a varanda coberta de neve. A outra equipe tinha entrado na casa — Gabriel conseguia ouvir o barulho dos pés que percorriam o primeiro piso, por cima dele.

Saiu da casa e avançou pelo jardim em passo rápido, direito ao homem da arma.

Num alemão veloz, disse:

— Tu aí! Viste para que lado é que aquele anormal foi?

O homem olhou para ele com uma expressão de total confusão. Gabriel continuou a avançar.

— Qual é o seu problema, homem? És surdo? Responde-me!

Quando o homem levou o rádio à boca, Gabriel levantou o braço e começou a disparar. Cinco tiros, o último no peito e a um metro de distância. Gabriel olhou para cima, em direção à casa. Conseguia ver feixes de lanterna a deslocarem-se por trás das cortinas corridas. Foi então que elas se abriram e um rosto surgiu. Um grito. Marteladas nos vidros.

Gabriel virou-se e fez um sprint pelo jardim, até chegar a um muro — Com uns dois metros de altura, calculou, e uma fileira de espigões de ferro forjado no topo. Olhando rapidamente por cima do ombro, viu os dois homens que tinham entrado na casa. Um estava ajoelhado junto ao morto, o outro andava a inspecionar o jardim com a ajuda do feixe de uma lanterna potente.

Gabriel saltou e agarrou-se aos espigões metálicos no alto do muro. O feixe de luz incidiu nele e alguém gritou em alemão. Conseguiu subir, agitando as pernas contra o muro. Um tiro acertou no estuque, e depois outro. Gabriel sentia as suturas a rasgarem-se nas mãos.

Passou a perna por cima do muro e tentou saltar para o lado de lá, mas o casaco tinha-lhe ficado emaranhado num espigão e ele ficou ali, a baloiçar desamparado, com a cabeça à vista e cego pela luz da lanterna. Contorceu o corpo com violência, até o espigão o soltar, e caiu no jardim do lado de lá. O envelope fugiu-lhe do casaco e caiu na neve. Gabriel apanhou-o, enfiou-o outra vez dentro da calça e começou a correr.

A luz de halogêneo de um poste irrompeu e a noite ganhou os tons de um branco elétrico. Ao longe, um alarme soou desenfreadamente. Gabriel correu encostado a um dos lados da casa, até chegar a outro muro, desta feita protegendo a casa em relação à rua. Trepou-o rapidamente e saltou para o lado de lá.

Deu por si numa rua estreita. As luzes estavam a acender-se nas residências à volta — os suíços e a sua vigilância lendária. Enquanto corria pela rua abaixo, o Décimo Primeiro Mandamento de Ari Shamron fazia ouvir-se na cabeça dele: Não deverás ser apanhado!

Chegou a Krahbühlstrasse, a avenida espaçosa onde tinha estacionado. Fez um sprint pela rua

ligeiramente inclinada, até descobrir o carro. Parou de repente, escorregou e foi cair no passeio. Havia dois homens a espreitar para dentro do carro com lanternas.

Ao mesmo tempo que se punha de pé, os homens apontaram-lhe as lanternas. Virou-se na direção contrária e começou a subir a encosta novamente. Deverás fazer tudo para evitar ser preso!

Sacou da Glock que tinha tirado ao homem no escritório e continuou a correr. Começava a ficar cansado. O ar frio queimava-lhe os pulmões e a boca tinha gosto de ferrugem e sangue. Depois de dar mais umas passadas, viu faróis a descerem pela colina: um Audi grande, com as rodas a derrapar na neve recente. Olhou rapidamente por cima do ombro. Os dois homens vinham a persegui-lo a pé. Nada de ruas secundárias, nenhuma viela — estava encurralado. Deverás derramar sangue inocente, se necessário! O Audi vinha a avançar em direção a ele, a toda a velocidade. Gabriel parou de correr, esticou as mãos e fez pontaria com a Glock. Quando o carro derrapou e começou a deslizar até parar uns quantos metros à frente, ele apontou a arma na direção da silhueta ao volante. Antes de poder disparar, a porta do passageiro abriu com toda a força.

— Entre, Gabriel! — gritou Anna Rolfe. — Depressa.

Ela dirigia com a mesma intensidade com que tocava violino uma mão no volante, a outra a apertar a caixa das mudanças. Descendo Zürichberg, atravessando Limmat e indo dar às ruas sossegadas do centro da cidade. Gabriel olhou longamente por cima do ombro. — Agora já pode abrandar. Ela levantou o pé do acelerador.

— Onde aprendeu a mexer assim num carro?

— Eu era uma menina de Zurique com muito dinheiro. Quando não estava ensaiando com o violino atravessava o Zurichsee a toda a velocidade, num dos carros do meu pai. Por volta dos meus vinte e um anos, já tinha enviado três para a sucata.

— Parabéns.

— O sarcasmo não lhe fica bem, Gabriel. Meus cigarros estão no console. Faça-me um favor e acenda-me um.

Gabriel abriu a consola e pegou o maço de Gitanes. Acendeu um com o isqueiro do painel. O fumo ficou-lhe preso no fundo da garganta e quase sufocou.

Anna riu dele.

— Imagine-se só, um israelense que não fuma.

— Que raio é que está a fazer aqui?

— É só isso que tem a dizer? Se eu não tivesse aparecido, agora estava preso. — Não, se a Anna não tivesse aparecido, eu agora estava morto. Mas continuo a querer saber que raio é que está a fazer aqui. O Rami deu-lhe autorização para sair de casa?

— Suspeito que a esta altura já deve ter descoberto que eu não estou lá.

— Como escapou?

— Fui para o segundo andar, para a sala de ensaios. Pus para tocar uma fita com uma composição bem comprida. Calculo que consiga imaginar o resto.

— Como é que conseguiu sair da casa?

— O Carlos disse ao Rami que ia fazer umas compras à alceia. Eu ia no banco de trás, sob um cobertor.

— Então podemos dizer com toda segurança que, neste momento, vários membros da minha equipe andam à sua procura, numa busca desenfreada e sem sentido. Isso que fez foi uma coisa muito estúpida. Como é que veio ter a Zurique?

— Apanhei um avião para aqui, claro.

— Diretamente de Lisboa?

— Sim.

— Há quanto tempo é que chegou?

— Há cerca de duas horas.

— Entrou na casa do seu pai?

— Ela abanou a cabeça.

Quando lá cheguei, vi dois homens à espera, num carro estacionado à porta. Primeiro, pensei que pudessem ser seguranças privados. Mas depois percebi que havia alguma coisa errada.

— E o que fez?

— Não me sentia segura se ficasse à espera dentro do carro e por isso dei uma volta ao quarteirão, na esperança de o encontrar a si, antes de o Gabriel tentar lá entrar. Não o apanhei, claro. A seguir, ouvi os alarmes a dispararem.

— Disse a alguém que vinha para cá?

— Não.

— Tem certeza?

— Claro que tenho. Por quê?

— Porque isso explica uma série de coisas. Significa que a residência está sob vigilância constante. Significa que eles sabem que voltamos para aqui.

Significa que me seguiram até Roma. Têm-me seguido desde então.

— O que aconteceu dentro da casa do meu pai?

Depois de Gabriel terminar, Anna perguntou:

— Pelo menos, conseguiu as proveniências?

— Tinham desaparecido.

— Isso não é possível.

— Alguém lhes deve ter posto as mãos em cima primeiro. Encontrou mais alguma coisa?

Encontrei uma fotografia de seu pai com o Adolf Hitler e o Heinrich Himmler, a admirarem a vista ao Hotel Berghof, em Verchtesgaden.

— Não — respondeu Gabriel — , não encontrei mais nada.

— Tem certeza disso? Não aproveitou a oportunidade para folhear alguns documentos pessoais do meu pai?

Gabriel ignorou-a. — O seu pai fumava?

Por que isso agora interessa?

— Responda-me apenas à pergunta, por favor. O seu pai fumava? Sim, o meu pai fumava!

Que marca de cigarros? — Benson & Hedges.

E alguma vez fumou Silk Cuts? Ele tinha hábitos muito certos.

— Então e outra pessoa, algum dos empregados? — Que eu saiba, não. Por que pergunta?

— Porque andou alguém a fumar Silk Cuts no escritório do seu pai ainda não há muito tempo.

Foram dar ao lago. Anna encostou o carro ao passeio.

Para onde é que vamos?

A Anna vai voltar para Portugal.

— Não vou, não. Ou fazemos isto juntos, ou não o fazemos e pronto.

Pôs o carro em primeira.

— Para onde é que vamos?

26

LYON

Alguns homens podem ter pruridos em instalar em casa um sistema de gravação cativado por voz. O professor Emil Jacobi não era um deles. A sua vida era o seu trabalho e tinha pouquíssimo tempo para mais alguma coisa; com certeza que nada que ficasse

gravado numa fita de áudio lhe poderia causar algum embaraço.

Recebia um fluxo regular de visitas no apartamento da Rue Lanterne: pessoas com memórias desagradáveis do passado; histórias que tinham ouvido acerca da guerra. Ainda na semana anterior, uma Sra. idosa lhe tinha falado de um trem que parara às portas da aldeia dela, em 1944. Ela e um grupo de amigos estavam a brincar no prado junto à linha férrea quando ouviram gemidos e arranhadelas a virem dos vagões de carga. Quando se aproximaram, viram que havia pessoas no trem: pessoas de ar miserável e desgraçado, a implorarem comida e água. Nesse momento, a Sra. idosa percebeu que essas pessoas eram judeus — e que o país dela tinha permitido aos nazistas utilizar os seus caminhos-de-ferro para enviar carga humana para os campos da morte no Leste. Se Jacobi tivesse tentado documentar a história dela tirando apontamentos, não teria conseguido apanhar tudo. Se lhe tivesse posto um gravador à frente, talvez ela se tivesse sentido constrangida. A experiência de Jacobi dizia-lhe que a maior parte dos idosos ficava nervosa ao pé de gravadores e de câmeras de vídeo. E por isso, tinham-se sentado no conforto apinhado do apartamento dele, como velhos amigos, e a Sra. contara a sua história sem a distração de um bloco de notas ou de um gravador visível. O sistema secreto de Tacobi tinha apanhado tudo o que ela dissera.

Nesta hora, o professor estava ouvindo uma fita. Como de costume, o volume bem alto. Tinha percebido que isso o ajudava a concentrar-se, já que servia para ocultar o barulho da rua e dos estudantes que viviam no apartamento do lado. A voz que saía do gravador não era a da Sra. idosa. Era a voz de um homem: o homem que aparecera na véspera. Gabriel Allon. Uma história espantosa, a de Augustus Rolfe e da sua

coleção de quadros desaparecida. Jacobi prometera ao israelense que não falaria a ninguém da conversa que tinham tido, mas quando a história fosse conhecida, como Jacobi sabia que acabaria por acontecer, estaria em ótima posição para escrever sobre ela. Significaria mais um olho negro para os inimigos mortais de Jacobi, a oligarquia financeira de Zurique. A popularidade dele no próprio país desceria ainda mais fundo. Isso deixava-o satisfeito. Limpar esgotos era um trabalho sujo.

Naquele instante, Emil Jacobi estava absorto na história, como tinha acontecido da primeira vez que a ouvira; tão absorto que nem foi capaz de reparar na figura que se tinha introduzido no apartamento dele — até ser tarde de mais. Jacobi abriu a boca para gritar por ajuda, mas o homem abafou-lhe o grito com mãos de ferro. O professor vislumbrou o brilho da lâmina de uma faca a dirigir-se em arco para ele e a seguir sentiu uma dor penetrante a rasgar-lhe a garganta. A última coisa que viu foi o assassino, a pegar no gravador e a enfiá-lo dentro do bolso, ao mesmo tempo que saía do apartamento.

27

VIENA

Na periferia ocidental de Viena, Gabriel teve de agarrar com força no volante para evitar que as mãos lhe tremessem. Não voltara à cidade desde a noite do atentado à bomba — desde a noite de fogo e sangue e mil mentiras. Ouviu uma sirene e não teve a certeza se ela era verdadeira ou apenas uma recordação, até ver as luzes azuis de uma ambulância a piscarem no seu

espelho retrovisor. Encostou à beira da estrada, com o coração a martelar-lhe as costelas. Lembrou-se de ter seguido numa ambulância com Leah e de ter rezado para que ela se libertasse das dores provocadas pelas queimaduras fosse qual fosse o preço a pagar. Lembrou-se de como se debruçara, sentado, sobre o corpo despedaçado do filho, enquanto, na sala ao lado, o chefe dos serviços de segurança austríacos berrava com Ari Shamron por lhe ter transformado o centro de Viena numa zona de guerra.

Regressou ao trânsito. A disciplina da condução ajudava-o a acalmar as suas emoções turbulentas. Cinco minutos depois, no bairro de Stephansdom, parou à porta de uma loja de souvenirs. Anna abriu os olhos.

— Aonde é que vai?

— Espere aqui.

Entrou na loja e, passados dois minutos, voltou para o carro com um saco de compras de plástico. Entregou-o a Anna. Ela tirou para fora os dois artigos que estavam lá dentro: uns óculos escuros

Brandes e um boné de basebol com VIENNA! estampado na parte da frente.

— O que espera que eu faça com isto?

— Lembra-se do que aconteceu no aeroporto de Lisboa, na noite em que me mostrou a coleção do seu pai?

— Está a ser uma noite longa, Gabriel. Refresque-me a memória.

— Uma mulher abordou-a e pediu-lhe um autógrafo.

— Isso acontece a toda a hora.

— É exatamente aí que eu quero chegar. Ponha as duas coisas. Ela tapou os olhos com os óculos escuros e enfiou o cabelo por baixo do boné. Examinou o seu

aspecto no espelho de maquilhagem durante um momento e a seguir virou-se para ele, fitando-o.

— Com que ar é que eu estou?

— Com o de uma pessoa famosa a tentar esconder-se atrás de uns óculos escuros e de um boné idiota — respondeu ele, com cansaço. — Mas por agora vai ter de servir.

Seguiu com o carro até a um hotel em Weihburggasse, chamado Kaiserin Elisabeth, e registrou-se com o nome de Schmidt.

Deram-lhes um quarto com soalhos cor de mel.

Anna deixou-se cair em cima da cama, ainda com o boné e os óculos postos. Gabriel foi até o banheiro e olhou para o rosto no espelho durante muito tempo. Levou a mão direita ao nariz, sentiu o cheiro de pólvora e fogo e viu as caras dos dois homens que matara na mansão Rolfe, em Zurique. Deixou correr água quente no lavatório e lavou as mãos e o pescoço. Subitamente, a casa de banho encheu-se de fantasmas — homens pálidos e sem vida, com buracos de balas no rosto e no peito. Olhou para baixo e descobriu que o lavatório estava cheio do sangue deles. Limpou as mãos a uma toalha, mas não serviu de nada — o sangue continuava lá. A seguir, a casa de banho começou a girar e ele caiu de joelhos, inclinado por cima da sanha.

Quando voltou para o quarto, Anna tinha os olhos fechados.

— Está tudo bem com você? — murmurou ela.

— Vou sair. Não vá a lado nenhum. Não abra a porta a ninguém a não ser eu.

— Não vai demorar muito, pois não?

— Demasiado, não.

— Vou ficar acordada à sua espera — disse ela, a entrar cada vez mais num estado de sonolência. — Como queira.

E, nesse momento, adormeceu. Gabriel tapou-a com um cobertor e saiu. Em baixo, no hall de entrada, Gabriel disse ao atencioso recepcionista vienense que Frau Schmidt não devia ser incomodada. O recepcionista acenou com a cabeça vivamente, como se quisesse dar a impressão de que daria a própria vida para impedir que alguém interrompesse o repouso de Frau Schmidt. Gabriel empurrou uns quantos xelins pelo balcão e saiu.

Passeou por Stephansplatz, olhando por cima do ombro para ver se alguém o seguia e memorizando rostos. A seguir, entrou na catedral e foi-se passeando pelo meio dos turistas, ao longo da nave, até chegar a um altar lateral. Olhou para cima, em direção ao retábulo, uma representação do martírio de Santo Estêvão. Gabriel tinha terminado um restauro do quadro na noite em que a bomba explodira no carro de Leah. O trabalho dele aguentara-se bem. Foi só quando rodou ligeiramente a cabeça, para criar um efeito de iluminação inclinada, que conseguiu perceber a diferença entre o restauro e o original.

Virou-se e examinou os rostos das pessoas que estavam paradas atrás dele. Não reconheceu nenhuma. Mas uma outra coisa chamou-lhe a atenção. Cada uma delas estava fascinada com a beleza do retábulo. Pelo menos, tinha saído uma coisa boa do tempo que tinha passado em Viena. Olhou uma última vez para o quadro e a seguir saiu da catedral e dirigiu-se para o Bairro Judeu.

O sonho bárbaro de Adolf Hitler de livrar Viena dos seus judeus tinha sido em grande medida bem-sucedido. Antes da guerra, viviam uns duzentos mil ali, no labirinto das ruas superpovoadas à volta de Judenplatz. A esta altura, já só restavam uns quantos milhares, compostos predominantemente pelos últimos a chegar, vindos do Leste, ao passo que o antigo Bairro

Judeu tinha sido transformado numa longa sequência de boutiques, restaurantes e clubes noturnos. Entre os vienenses, era conhecido como o Triângulo das Bermudas. Gabriel passou pelos bares fechados com as persianas descidas, ao longo de Sterngasse, e a seguir cortou e entrou numa passagem sinuosa que terminava numa escadaria de pedra. No alto das escadas, estava uma porta pesada e ornamentada com tachas. Ao lado dela, estava uma pequena placa em bronze: RECLAMAÇÕES E INVESTIGAÇÕES RELATIVAS AO TEMPO DE GUERRA SÓ POR MARCAÇÃO. Tocou à campainha.

— Posso ajudá-lo?

— Queria falar com o Sr. Lavon, por favor.

— Tem marcação?

— Não.

— O Sr. Lavon não recebe visitas sem marcação.

— Receio que isto seja uma emergência.

— Pode dar-me o seu nome, por favor?

— Diga-lhe que é o Gabriel Allon. Ele vai lembrar-se de mim. A sala para onde levaram Gabriel era classicamente vienense, tanto nas proporções como na mobília: um teto alto, um chão de madeira polido, a apanhar a luz que jorrava das janelas elevadas, prateleiras a ceder sob o peso de inúmeros volumes e arquivos. Lavon parecia perdido no meio daquilo tudo. Mas, por outro lado, diluir-se no que se encontrava à volta era o dom especial de Lavon.

De momento, no entanto, ele estava precariamente equilibrado em cima de um escadote de biblioteca, a folhear o conteúdo de uma pasta de arquivo volumosa e a murmurar para si mesmo. A luz que vinha das janelas cobria-o de um brilho esverdeado e foi então que Gabriel se apercebeu de que os vidros eram à prova de bala. Subitamente, Lavon tirou os olhos do arquivo e olhou para baixo, de

forma a poder ver por cima dos óculos sujos em meia-lua que estavam empoleirados na ponta do nariz. Cinzas de cigarro caíram-lhe no arquivo.

Pareceu não ter reparado, pois fechou-o, enfiou-o outra vez no seu respectivo lugar na prateleira e sorriu.

— Gabriel Allon! O anjo vingador do Shamron. Meu Deus, o que andas a fazer aqui?

Desceu do escadote, como um homem com dores já antigas. Como sempre, parecia ter toda a sua roupa vestida ao mesmo tempo: uma camisa azul, uma camisa bege de gola alta, um casaco de malha e um segundo casaco, com um padrão em ziguezague e folgado, que parecia ser um tamanho acima do dele. Fizera a barba sem grande cuidado e tinha meias calçadas mas não sapatos.

Pegou as mãos de Gabriel e beijou-o no rosto. Tinha passado quanto tempo? Vinte e cinco anos, pensou Gabriel. No léxico da operação Ira de Deus, Lavon tinha sido um ayin, um agente que seguia a pista de outros. Arqueólogo de profissão, seguira membros do Setembro Negro atenta e furtivamente, aprendera os hábitos deles e engendrara maneiras de os matar. Tinha sido um vigia brilhante, um camaleão capaz de se diluir em qualquer meio. A operação teve custos físicos e psicológicos terríveis para todos eles, mas Gabriel lembrava-se de Lavon ter sido quem sofrera mais. A fazer trabalho de campo sozinho, exposto aos inimigos durante longos períodos de tempo, desenvolvera um problema crônico no estômago que lhe roubara mais de treze quilos ao seu corpo já magro. Quando tudo terminou, Lavon aceitou um lugar de professor assistente na Universidade Judia e passava os fins-de-semana em escavações na Margem Ocidental. Pouco tempo depois, começou a ouvir outras vozes. Tal como Gabriel, era filho de

sobreviventes do Holocausto. Andar à procura de relíquias antigas parecia-lhe trivial quando ainda havia tanto para desenterrar em relação ao passado recente. Instalou-se em Viena e passou a utilizar os seus formidáveis talentos de outra maneira: a descobrir nazistas e os seus tesouros pilhados. — Então o que te traz a Viena? Negócios? Prazer?

— O Augustus Rolfe. — Rolfe? O banqueiro?

Lavon baixou a cabeça e lançou um olhar furioso a Gabriel, por cima dos óculos. — Gabriel, não foste tu que... Imitou uma arma com a mão direita. Gabriel abriu o fecho do casaco, tirou para fora o envelope que tinha levado da mesa de Rolfe e entregou-o a Lavon. Com grande cuidado, como se tivesse em mãos um fragmento de uma cerâmica antiga. Lavon abriu a dobra, espreitando lá para dentro e retirando o que lá se encontrava. Deitou uma olhadela à primeira fotografia, depois à segunda, sem que o rosto dele revelasse alguma coisa. A seguir, olhou para Gabriel e sorriu.

— Mas que bem, Herr Rolfe é muito fotogênico. Onde é que as arranjaste, Gabriel?

— Na mesa do velho, em Zurique.

Pegou os documentos.

— E estes?

— No mesmo lugar.

Lavon voltou a olhar para as fotografias.

— Fantástico.

— O que elas significam?

— Preciso de ir buscar uns quantos arquivos. Vou pedir às meninas para te trazerem café e qualquer coisa para comer. Vamos demorar-nos um bocado. Sentaram-se à frente um do outro numa mesa de conferências retangular, com uma pilha de arquivos entre os dois. Gabriel pôs-se a pensar como seriam as pessoas que ali tinham estado antes dele: velhos

convencidos de que o homem do apartamento do lado era uma das pessoas que os atormentara em Buchenwald; filhos a tentarem espreitar para dentro de uma conta numerada na Suíça, onde o pai escondera todas as suas poupanças antes de o enviarem para leste, para o arquipélago da morte. Lavon pegou numa das fotografias — a de Rolfe sentado num restaurante, ao lado do homem com as cicatrizes, em sentido contrário uma da outra, nas faces — e segurou-a para que Gabriel a visse.

— Reconheces este homem?

— Não.

— O nome dele é Walter Schellenberg, Brigadeführer das SS. Lavon pegou o arquivo que estava no topo da pilha e abriu-o em cima da mesa à sua frente.

— Walter Schellenberg era o chefe do Departamento Quatro da Sede dos Serviços de Segurança do Reich. O Departamento Quatro encarregava-se dos serviços secretos estrangeiros, o que acabava por fazer do Schellenberg o mestre espião internacional do Partido Nazistasta. Esteve envolvido em alguns dos mais dramáticos episódios de espionagem da guerra: o Caso Venlo, a tentativa de rapto do duque de Windsor e a Operação Cícero. Em Nuremberg, foi condenado por ser um membro das SS, mas recebeu uma sentença leve de apenas seis anos de prisão. — Seis anos? Por quê?

— Porque, durante os últimos meses da guerra, ele arranjou maneira de libertar uns quantos judeus dos campos da morte.

— E como é que ele conseguiu isso?

— Vendeu-os.

— Então por que o mestre espião do Partido Nazistasta estava a jantar com o Augustus Rolfe?

— Os serviços secretos do mundo inteiro têm uma coisa em comum: funcionam todos à custa de dinheiro. Nem mesmo o Shamron conseguiria sobreviver sem dinheiro. Mas quando o Shamron precisa de dinheiro, basta-lhe pôr a mão por cima do ombro de um amigo rico e contar-lhe a história de como capturou o Eichmann. O Schellenberg tinha um problema especial. O dinheiro dele não servia em lado nenhum fora da Alemanha. Precisava de um banqueiro num país neutral, que lhe pudesse fornecer a moeda forte necessária e transferir a seguir esse dinheiro para os agentes dele, através de uma empresa fantoche ou de outra fachada qualquer.

O Schellenberg precisava de um homem como o Augustus Rolfe.

Lavon pegou os documentos que Gabriel tirara da mesa de Rolfe. — Repara nesta transação, por exemplo. Mil e quinhentas libras esterlinas, transferidas das contas da Pillar Enterprises Limited para a conta de um Sr. Ivan Edberg, no Enskilde Bank, em Estocolmo, a vinte e três de Outubro de 1943. Gabriel examinou o documento e depois devolveu-o, fazendo-o deslizar pela mesa.

— A Suécia era neutra, claro, e um foco de espionagem durante o tempo da guerra — explicou Lavon. — O mais certo era o Schellenberg ter lá um agente, se não mesmo uma rede inteira. Suspeito que o Sr. Edberg fosse um desses agentes. Se calhar, o líder e o responsável pelos pagamentos à rede.

Lavon voltou a enfiar a ordem de transferência na pilha e tirou de lá outra. Espreitou para ela pelos óculos de leitura, com os olhos a piscar devido ao fumo do cigarro que tinha entre os lábios.

— Mais uma ordem de transferência: mil libras esterlinas da conta da Filiar Enterprises Limited para

um Sr. José Suarez, ao cuidado do Banco de Lisboa. Lavon baixou o documento e olhou para Gabriel.

— Portugal, como a Suécia, era neutro e Lisboa era um parque de diversões para os espiões. O próprio Schellenberg acuou lá, durante o caso do duque de Windsor.

— Então o Rolfe era o banqueiro secreto do Schellenberg. Mas como é que isso explica a fotografia do Rolfe em Berchtesgaden, com o Himmler e o Hitler? Lavon preparou a sua xícara de café seguinte com a reverência de um verdadeiro vienense: a dose exata de espuma espessa, apenas o açúcar suficiente para lhe tirar o travo amargo. Gabriel pensou em Lavon num apartamento seguro em Paris, a viver à base de água mineral e de chá fraco por o seu estômago devastado não tolerar mais nada.

Dentro da Alemanha, mudou tudo depois de Stalingrad. Mesmo os mais ferrenhos sabiam que tinha terminado. Os russos estavam a vir do leste, a invasão pelo oeste era inevitável. Quem quer que tivesse acumulado riquezas em resultado da guerra queria desesperadamente não as perder. E para onde é que achas que se viraram?

— Para os banqueiros da Suíça.

— E Augustus Rolfe estaria numa posição única para tirar proveito da mudança da maré da guerra. Com base nestes documentos, parece que ele era um agente importante de Walter Schellenberg. Suspeito que os chefões nazistas teriam um grande apreço por Herr Rolfe.

— Alguém em quem podiam confiar para lhes cuidar do dinheiro?

— Do dinheiro. Dos tesouros roubados. De tudo.

— Então e a lista de nomes e os números de conta?

— Acho que podemos assumir com segurança que são de clientes alemães. Vou cruzá-los com a nossa base de dados e ver se eles correspondem a alguns membros conhecidos das SS e do partido nazista mas suspeito que sejam pseudônimos.

— E haveria algum outro registro das contas nos arquivos do banco?

Lavon abanou a cabeça.

— Por regra, as verdadeiras identidades dos titulares de contas numeradas apenas são conhecidas pelos diretores de topo de um banco. Quanto mais o cliente fosse conhecido por más razões, menos pessoas sabiam o nome associado à conta numerada. Se estas contas pertenciam a nazistas, duvido que alguém tivesse conhecimento disso, a não ser o Rolfe.

— Se ele guardou a lista passados estes anos todos, quer dizer que as contas ainda existem?

— Suponho que seja possível. Depende em grande parte de quem as detinha. Se o titular tiver conseguido sair da Alemanha no final da guerra, então duvido que a conta ainda esteja cativa. Mas se o titular tiver sido preso pelos aliados,...

—... então é possível que o dinheiro e os objetos de valor dele ainda continuem na caixa-forte do banco do Rolfe.

— Possível, mas improvável.

Lavon recolheu os documentos e as fotografias e enfiou-os outra vez dentro do envelope. A seguir, olhou para Gabriel e atirou:

— Já respondi às tuas perguntas todas. Agora, é hora de responder as minhas.

— O que quer saber?

— Apenas uma coisa, na verdade — respondeu Lavon, levantando o envelope bem alto. — Gostava de saber o que raio é que andas a fazer com os arquivos secretos do Augustus Rolfe.

Lavon gostava acima de tudo de uma boa história. Tinha sido sempre assim. Durante a operação Setembro Negro, ele e Gabriel tinham partilhado as insônias: Lavon por causa do estômago, Gabriel por causa da consciência. Naquele momento, Gabriel pensou nele, uma figura magra, sentada de pernas cruzadas no chão, perguntando a Gabriel qual era a sensação de matar. E Gabriel contou — porque precisava contar a alguém.

— Não há Deus — disse Lavon. — Só há Shamron. Shamron decide quem deve morrer e quem deve viver. E envia homens como você para aplicar sua vingança terrível.

Naquele momento, como acontecera antes, Lavon não olhou para Gabriel enquanto ele contava a sua história. Ficou a olhar fixamente para as mãos e a fazer o isqueiro girar por entre os seus dedos ágeis, até Gabriel ter terminado.

— Tem alguma lista dos quadros que foram levados da caixa-forte secreta?

— Tenho, mas não sei até que ponto está certa.

— Há um homem em Nova Iorque. Tem dedicado a vida ao tema da pilhagem de arte pelos nazistas. Conhece o conteúdo de todas as coleções roubadas, todas as transações, todas as peças que já foram recuperadas, todas as peças que ainda estão desaparecidas. Se alguém conhece alguma coisa acerca dos hábitos de colecionador de Augustus Rolfe, é ele. — Discretamente, Eli. Muito discretamente.

— Meu querido Gabriel, não conheço outra maneira. Vestiram os casacos e Lavon acompanhou-o ao longo de Judenplatz.

— A filha sabe alguma coisa disto?

— Ainda não.

— Não te invejo. Ligo-te quando souber alguma coisa do meu amigo em Nova Iorque. Entretanto, vai

para o seu hotel e descansa um bocado. Não estás com bom aspecto.

— Não consigo me lembrar da última vez que dormi.

Lavon abanou a cabeça e pôs sua pequena mão no ombro de Gabriel. — Matou outra vez, Gabriel. Consigo ver isso na sua cara. É a mancha da morte. Vá para seu quarto e lave o rosto.

— E você seja um bom menino e se cuide.

— Eu costumava era cuidar de você.

— Era o melhor.

— Vou contar um pequeno segredo, Gabriel. Continuo a ser.

E, com isso, Lavon virou-se e desapareceu no meio da multidão em Judenplatz.

Gabriel foi a pé até a pequena trattoria onde tinha comido a última refeição com a sua Leah e o seu Dani. Pela primeira vez em dez anos, estava parado no lugar onde o carro explodira. Olhou para cima e viu o pináculo da Catedral de Santo Estêvão, a pairar sobre os telhados. Subitamente, levantou-se vento; Gabriel puxou o colarinho do casaco para cima. O que tinha esperado sentir? Dor? Raiva? Ódio? Para grande surpresa dele, não sentia quase nada. Virou-se e voltou para o hotel, à chuva.

Um exemplar do jornal Die Presse tinha sido enfiado por baixo da porta e estava estendido no chão, na entrada. Gabriel o pegou e entrou no quarto. Anna ainda dormia. Certa hora ela tinha tirado a roupa e, na luz fraca do quarto, ele conseguia ver a pele luminosa do ombro dela brilhando nos lençóis. Gabriel deixou cair o jornal na cama, ao lado dela. O cansaço não lhe dava trégua. Precisava dormir. Mas onde? Na cama? Ao lado de Anna? Ao lado da filha de Augustus Rolfe? O que sabia ela de fato? Que segredos o pai tinha

escondido? Que segredos estaria ela escondendo de Gabriel?

Lembrou-se do que Julian Isherwood lhe dissera em Londres: Parte sempre do princípio de que ela sabe mais acerca do pai e da coleção dele do que te está a dizer.

As filhas têm tendência a ser muito protetoras em relação aos pais, mesmo quando acham que os pais são uns sacanas completos. Não, pensou, não iria dormir ao lado de Anna Rolfe. Encontrou no armário um cobertor e uma almofada a mais e fez uma cama tosca no chão. Era como estar deitado numa laje de mármore frio. Esticou o braço para cima e, às cegas, tateou o edredom da cama, à procura do jornal. Silenciosamente, para não a acordar, abriu-o. Na primeira página, vinha uma notícia sobre o homicídio, em Lyon, do escritor suíço Emil Jacobi.

28

VIENA

Já estava a anoitecer quando Eli Lavon telefonou para o quarto de hotel de Gabriel. Anna mexeu-se na cama e depois voltou a cair num sono pouco tranquilo. Durante a tarde, tinha atirado os cobertores para trás, aos pontapés, e o corpo dela estava à mercê do ar frio que entrava pela janela meio aberta. Gabriel tapou-a e desceu. Lavon estava sentado na sala de estar, a beber café. Serviu uma xícara a Gabriel e passou-a.

— Hoje vi o seu amigo Emil Jacobi na televisão — disse Lavon.

— Parece que alguém lhe entrou pelo apartamento dentro e lhe cortou o pescoço. — Eu sei.

O que soubeste de Nova Iorque?

— Diz-se que, entre 1941 e 1944, o Augustus Rolfe adquiriu um grande número de pinturas impressionistas e modernas a galerias de Lucerna e Zurique — quadros que, uns anos antes, tinham estado pendurados em casas e galerias de judeus, em Paris.

— Mas que surpresa — murmurou Gabriel. — Um grande número? Quantos?

— É incerto.

— E ele comprou-os?

— Não exatamente. Pensa-se que os quadros adquiridos por Rolfe faziam parte de várias trocas importantes realizadas na Suíça pelos agentes de Hermann Göring.

Gabriel recordou-se de coisas que Julian Isherwood lhe tinha dito sobre os hábitos de colecionador insaciáveis do Keichsmarschall.

Göring beneficiara de um acesso ilimitado ao Museu Jeu de Paume onde a arte confiscada da França estava armazenada. Ficara com centenas de trabalhos de pintura moderna para utilizar como moeda de troca em relação aos trabalhos dos Velhos Mestres, os seus preferidos.

— Diz-se que Rolfe tinha autorização para comprar os quadros por um valor apenas nominal — explicou Lavon. — Qualquer coisa bem abaixo do valor justo. — Então, se era esse o caso, as aquisições teriam sido inteiramente legais, segundo a lei suíça. Rolfe poderia dizer que os tinha comprado de boa-fé. E mesmo que os quadros fossem propriedade roubada, ele não teria nenhuma obrigação legal de os devolver.

— Assim parece. A pergunta que devíamos estar a fazer é esta: por que autorizaram Augustus Rolfe a comprar quadros, que passaram pelas mãos de Hermann Göring, a preços de saldo?

— E o seu amigo de Nova Iorque tem uma resposta para essa pergunta?

— Não, mas tu tens.

— O que estás para aí a dizer, Eli?

— As foto e os documentos dos vários bancos que você descobriu na mesa dele. A relação dele com o Walter Schellenberg. A família Rolfe já colecionava há várias gerações. Rolfe estava muito bem relacionado. Sabia o que se estava a passar do outro lado da fronteira, na França, e queria entrar nisso. — E Walter Schellenberg precisava de arranjar uma maneira qualquer de compensar o seu banqueiro privado de Zurique. ,

— Sem dúvida — respondeu Lavon. — O pagamento pelos serviços prestados.

Gabriel recostou-se na cadeira e fechou os olhos.

— E a seguir, Gabriel?

— Está na hora de ter uma conversa que tenho andado a evitar.

Quando Gabriel subiu outra vez para o quarto, Anna começava a acordar. Ele tocou-lhe de leve no ombro e ela sentou-se na cama, sobressaltada, como uma criança confundida por um ambiente estranho. Perguntou que horas eram e ele respondeu-lhe que era o princípio da noite.

Quando ela já estava completamente acordada, Gabriel arrastou uma cadeira até os pés da cama e sentou-se. Deixou as luzes apagadas; não tinha vontade de ver o rosto dela. Ela endireitou-se e ficou sentada de pernas cruzadas, com os ombros embrulhados nos lençóis. Estava a fitá-lo — mesmo na escuridão, Gabriel conseguia ver-lhe os olhos fixados nele.

Falou-lhe das origens da coleção secreta do pai. Contou-lhe as coisas que Emil Jacobi lhe tinha revelado e que o professor tinha sido assassinado na

véspera, no seu apartamento, em Lyon. Por fim, falou-lhe dos documentos que tinha descoberto na mesa do pai os documentos que o ligavam ao mestre espião de Hitler, Walter Schellenberg. Depois de terminar, pousou as fotografias em cima da cama e foi para a casa de banho, para lhe dar uns momentos de privacidade. Ouviu o clique do abajur de cabeceira e viu luz a entrar por baixo da porta da casa de banho. Pôs a água a correr no lavatório e contou devagar dentro da cabeça. Quando já tinha passado uma quantidade de tempo apropriada, voltou para o quarto. Encontrou-a enrolada em posição de feto, o corpo numa convulsão silenciosa e a mão a agarrar com força na fotografia do pai, a admirar a vista em Berchtesgaden, na companhia de Adolf Hitler e Heinrich Himmler.

Gabriel tirou-lhe da mão antes que ela a pudesse destruir. Depois pousou-lhe a mão na cabeça e fez-lhe festas no cabelo. O choro de Anna acabou por se tornar audível. Engasgou-se e começou a tossir, uma tosse forte de fumador que a deixou a ofegar.

Por fim, olhou para Gabriel.

- — Se a minha mãe alguma vez tivesse visto essa fotografia... Hesitou, com a boca aberta, as lágrimas a escorrerem-lhe em catadupa pelo rosto.

- — Teria...

Mas Gabriel tapou-lhe os lábios com a palma da mão antes que ela pudesse articular as palavras. Não queria que ela dissesse o resto. Não era preciso. Se a mãe dela tivesse visto essa fotografia, teria acabado com apropria vida, pensou ela. Teria cavado a sua própria sepultura, enfiado uma arma na boca e acabado com a própria vida.

Agora, era a vez de Anna se retirar para a casa de banho. Quando regressou, estava calma, mas tinha os olhos vermelhos e inflamados e a pele sem cor. Sentou-

se na ponta da cama, com as fotografias e os documentos na mão.

— O que é isto?

— Parece ser uma lista de contas numeradas.

— Contas numeradas de quem?

— Os nomes são alemães. Só podemos tentar adivinhar quem eles sejam na verdade.

Ela analisou a lista cuidadosamente, com o sobrolho franzido.

— A minha mãe nasceu no Dia de Natal, em 1933. Já lhe tinha dito isso? — A data de nascimento da sua mãe nunca surgiu numa conversa nossa, Anna. Por que agora ela é relevante? Ela passou-lhe a lista. — Veja o último nome da lista.

Gabriel pegou a lista. Os olhos fixaram-se no nome e no número finais: Alois Ritter 251 233 126.

Olhou para ela.

— E então?

— Não é interessante que um homem com as mesmas iniciais do meu pai tenha uma conta numerada em que os primeiros seis dígitos correspondem ao dia de anos da minha mãe?

Gabriel olhou outra vez para a lista: Alois Ritter... AR... 251 233. Dia de Natal, 1933...

Baixou o documento e olhou para Anna.

— Então e os últimos três números? Dizem-lhe alguma coisa?

— Receio que não.

Gabriel olhou para os números e fechou os olhos. 126... Algures, em determinado momento, tinha a certeza de os ter visto ligados a este caso. Tinha sido amaldiçoado com uma memória infalível. Nunca se esquecia de nada. As pinceladas que utilizara para tratar a pintura de Santo Estêvão na catedral. A canção que estava a tocar na rádio, na noite em que fugira da comuna suíça de Niederdorf de Dois de

matar Ali Hamidi. O cheiro a azeitonas no hálito de Leah, quando lhe dera, pela última vez, um beijo de boa-noite.

Depois, passado um momento, o lugar onde tinha visto o número 126. Anna trazia sempre carregava uma foto do irmão. Era a última foto que tiraram — liderando em sua bicicleta uma etapa da Volta da Suíça, na tarde em que morrera. Gabriel tinha visto a mesma foto na mesa de Augustus Rolfe. Olhou para o número colado na bicicleta e nas costas do equipamento dele:

Anna disse:

— Parece que vamos voltar para Zurique.

— Temos de fazer alguma coisa em relação ao seu passaporte. E ao seu aspecto.

— Que mal é que tem o meu passaporte?

— Tem lá o seu nome. — E o meu aspecto?

— Absolutamente nenhum. O problema é esse. Pegou o telefone e marcou um número. A garota chamada Hannah Landau chegou ao quarto de hotel às dez horas da noite. Usava braceletes nos pulsos e cheirava a jasmim. O estojo que trazia pendurado no braço não era muito diferente daquele que Gabriel utilizava para os seus pincéis e pigmentos. Falou com Gabriel por uns momentos e depois pegou a mão de Anna, puxou-a para a casa de banho e a seguir fechou a porta. Passada uma hora, Anna saiu lá de dentro. O cabelo louro que lhe ficava pelos ombros tinha sido cortado bem curto e pintado de preto; os olhos verdes tinham passado a azuis, graças a lentes de cosmética. A transformação era verdadeiramente notável. Era como se ela fosse outra mulher.

— Está aprovada? — perguntou Hannah Landau.

— Tira a fotografia.

A garota israelense tirou uma meia dúzia de fotografias a Anna com uma máquina polaroide e

pousou-as em cima da cama para que Gabriel as visse. Terminada a revelação, Gabriel afirmou:

— Essa.

Hannah abanou a cabeça. — Não, prefiro aquela.

Pegou a foto sem esperar pela aprovação de Gabriel e voltou para a casa de banho. Anna sentou-se à mesa de maquilhagem e passou um longo período de tempo a examinar ao espelho o seu aspecto.

Passados vinte minutos, Hannah saiu da casa de banho. Mostrou o seu trabalho a Gabriel e a seguir atravessou o quarto e largou-o em cima da mesa de maquilhagem, à frente de Anna.

— Parabéns, miss Rolfe. Agora é uma cidadã austríaca.

29

ZURIQUE

O epicentro da banca suíça, Paradeplatz, fica a meio caminho entre Hauptbahnhof e Zurichsee. As sedes gémeas do Credit Suisse e do Union Bank of Switzerland fitam-se olhos nos olhos como pugilistas profissionais, sobre a vasta extensão de tijolo cinzento. São os dois gigantes da banca suíça e estão entre os mais poderosos do mundo. À sua sombra, de um lado ao outro de Bahnhofstrasse, estão outros bancos grandes e instituições financeiras influentes, com a respectiva localização claramente assinalada por letreiros luminosos e portas de vidro brilhantes. Mas, espalhados pelas sossegadas ruas e vielas secundárias, entre Bahnhofstrasse e o rio Sihl, encontram-se os bancos nos quais poucas pessoas reparam. São as capelas privadas da banca suíça, locais onde se pode

prestar culto ou confessar os pecados em absoluto segredo. A lei suíça proíbe esses bancos de angariarem depósitos. Se o quiserem, são livres de se chamarem bancos, mas não são obrigados a fazê-lo. Difíceis de encontrar, fáceis de passar despercebidos, estão enfiados em modernos prédios de escritórios ou em salas de casas com centenas de anos. Alguns têm ao seu serviço várias dúzias de trabalhadores; outros apenas uma mão-cheia. São bancos privados na verdadeira acepção da palavra. Foi aí que, na manhã seguinte, Gabriel e Anna Rolfe iniciaram a sua busca.

Ela enfiou o braço no de Gabriel e puxou-o ao longo de Bahnhofstrasse. Esta era a cidade dela; era ela que agora estava ao comando. Gabriel observou os rostos que iam passando, à procura de sinais de reconhecimento. Se iriam reparar em Anna em algum lugar do mundo, seria aqui. Ninguém olhou para ela duas vezes. A rápida mudança de visual da autoria de Hannah Landau parecia estar a funcionar. — Por onde é que começamos? — perguntou Gabriel.

— Tal como a maioria dos banqueiros suíços, o meu pai tinha contas profissionais noutros bancos suíços. — Contas recíprocas?

— Exatamente. Vamos começar por aqueles com quem eu sei que ele fez negócios no passado.

— E se a conta não estiver em Zurique? E se estiver em Genebra?

— O meu pai era um homem de Zurique a cem por cento. Nunca iria pôr sequer a hipótese de entregar o dinheiro ou os bens dele a um francês que estivesse em Genebra.

— Mesmo que encontremos a conta, não há garantia de que vamos ter acesso a ela.

— É verdade. Os banqueiros só tornam as contas secretas até o ponto em que o titular o queira. Podemos até ter acesso só com um número. Podemos

precisar de uma palavra-passe. Podem mandar-nos embora. Mas vale a pena tentar, não é? Vamos começar por aqui.

Sem aviso, mudou de direção e começou a correr por Bahnhofstrasse, passando à frente de um elétrico que vinha em grande velocidade e puxando Gabriel pela mão. A seguir, levou-o por uma rua mais pequena, a Bärengasse, e parou em frente a uma entrada discreta. Por cima dela, havia uma câmera de segurança, e, na parede de pedra ao lado, uma placa de latão, tão pequena que quase não se dava por ela: HOFFMAN & WECK, BÄRENGASSE 43.

Ela tocou à campainha e ficou à espera que os deixassem entrar. Cinco minutos depois, estavam outra vez na rua, a caminho do banco seguinte da lista de Anna. Aí, a representação demorou mais um pouco — sete minutos, segundo os cálculos de Gabriel — , mas o resultado foi o mesmo: outra vez na rua, de mãos a abanar. E assim foram continuando. Cada representação correspondia a uma variação ligeira do mesmo tema. Após passarem o escrutínio da câmera de segurança, era-lhes dado acesso um hall, onde um funcionário do banco os recebia com prudência. Era sempre Anna a falar, conduzindo cada encontro num vigoroso mas educado Zuri Dutsch. Por fim, eram escoltados até a sacristia, o gabinete interno sagrado, onde os registros secretos estavam guardados, e sentavam-se diante da mesa do banqueiro. Depois de uns gracejos sem importância, vinha um discreto pigarro e uma referência educada ao fato de se estar perdendo tempo, e em Bahnhofstrasse, tempo era claramente dinheiro. E, a seguir, Anna dizia: — Gostaria de ter acesso à conta de Herr Alois Ritter.

Uma pausa, uma ou outra tecla pressionada no computador, um olhar demorado para um monitor.

— Lamento, mas pelo que podemos ver não temos conta alguma em nome de Alois Ritter.

— Tem certeza?

— Sim, absoluta.

— Obrigado. Peço desculpa por o termos feito perder o seu tempo valioso. — De maneira nenhuma. Fiquem com o nosso cartão. Talvez possam vir a necessitar dos nossos serviços no futuro.

— É muito simpático da sua parte.

Depois de visitarem onze bancos, foram tomar café num pequeno restaurante chamado Café Brioche. Gabriel estava a ficar nervoso. Já andavam a deambular por Bahnhofstrasse há quase duas horas. Não podiam continuar a passar despercebidos por muito mais tempo.

A paragem seguinte foi o Becker & Puhl, onde foram recebidos pelo próprio Herr Becker. Era um homem engomado, aperaltado e muito careca. O seu gabinete era pardacento e tão asséptico como uma sala de operações. Enquanto ele fixava os olhos na tela do computador, Gabriel conseguiu ver os reflexos fantasmagóricos de nomes e números a passarem nas lentes polidas dos seus óculos sem aros. Dialeto de Zurique.

Após um momento de contemplação silenciosa, ele olhou para cima e disse: — Número de conta, por favor. Anna recitou-o de memória: 251 233 126. Becker teclou o número. — Senha?

Gabriel sentiu o peito a apertar. Olhou para cima e reparou que Becker o mirava por cima do terminal do computador. Anna aclarou ligeiramente a voz e respondeu:

— Adágio.

— Venham comigo, por favor.

O pequeno banqueiro levou-os do seu gabinete para uma sala de conferências de teto alto, com

paredes revestidas de painéis de madeira e uma mesa retangular de vidro fumado.

— A sua privacidade ficará melhor garantida assim — disse.

— Sentem-se, por favor. Trago-vos já em seguida o conteúdo da conta.

Quando Becker regressou, trazia um cofre metálico.

— De acordo com o que ficou contratado em relação à conta, qualquer pessoa que forneça o número de conta e a palavra-passe corretos tem acesso autorizado aos cofres — explicou Becker, ao mesmo tempo que colocava o cofre em cima do tampo da mesa. — Sou eu que tenho todas as chaves.

— Compreendo — respondeu Anna.

Becker assobiou desafinadamente, enquanto tirava um molho de chaves pesado e escolhia a certa. Quando a encontrou, segurou-a no ar, para confirmar o que lá estava gravado, e a seguir enfiou-a na fechadura e levantou a tampa do cofre.

De imediato, o ar encheu-se do cheiro a papel a deteriorar-se. Becker recuou e colocou-se a uma distância respeitosa.

— Há um segundo cofre. Receio que seja bem grande. Também o querem ver? Sentados à mesa, Gabriel e Anna olharam um para o outro e responderam ao mesmo tempo: — Sim.

Gabriel esperou que Becker saísse da sala antes de levantar a tampa. Ao todo, eram dezesseis, enroladas com cuidado e embrulhadas em capas protetoras: Monet, Picasso, Degas, Van Gogh, Manet, Toulouse-Lautrec, Renoir, Bonnard, Cézanne, um espantoso nu em repouso de Vuillard. Até mesmo Gabriel, um homem habituado a trabalhar com arte de valor incalculável, se sentia fascinado pela magnitude de tudo aquilo. Quantas pessoas não tinham já

procurado aquelas obras? E desde há quantos anos? Quantas lágrimas não tinham sido já derramadas pela perda delas? E aqui estavam elas, fechadas num cofre, numa caixa-forte por baixo de Bahnhofstrasse. Tão apropriado. Tão perfeitamente lógico. Anna recomeçou a revistar o cofre mais pequeno. Levantou a tampa e começou a tirar o que lá estava dentro. Primeiro, veio o dinheiro — francos suíços, francos franceses, dólares, libras, marcos — , que manuseou com o à-vontade próprio de uma pessoa habituada a dinheiro. A seguir, saiu uma pasta de arquivo com foles, cheia de documentos, e, por fim, um molho de cartas, atado com um elástico largo azul-claro.

Ela tirou o elástico, pousou-o em cima da mesa e começou a folhear o molho de envelopes com os seus dedos compridos e ágeis. Dedo indicador, dedo do meio, dedo indicador, dedo do meio, pausa... Dedo indicador, dedo do meio, dedo indicador, dedo do meio, pausa... Tirou um envelope do molho, virou-o ao contrário, experimentou a dobra para ver se ele ainda estava selado e depois levantou-o para Gabriel o poder ver.

— Isto é capaz de lhe interessar.

— O que é?

— Não sei — respondeu ela — , mas vem em seu nome.

Era o papel de carta pessoal de um homem de outro tempo: cor cinzenta-clara, tamanho A4, AUGUSTUS ROLFE centrado na parte de cima e mais nenhuma informação supérflua, como um número de fax ou um endereço eletrônico. Apenas uma data: a véspera da chegada de Gabriel a Zurique. O bilhete era em inglês, escrito à mão por um homem que já não era capaz de fazer uma letra legível. O resultado era como se pudesse ter sido escrito em praticamente qualquer língua, utilizando qualquer alfabeto. Com

Anna a olhar por cima do ombro dele, Gabriel conseguiu decifrar o texto:

Caro Gabriel,

Espero que não ache presunçoso eu ter escolhido tratá-lo pelo seu nome verdadeiro, mas conheço a sua verdadeira identidade há algum tempo e sou um admirador do seu trabalho, tanto como restaurador de arte como guardião do seu povo. Quando se é um banqueiro suíço, ouvem-se coisas.

Se estiver a ler este bilhete, significa certamente que estou morto. E significa também que provavelmente descobriu uma grande quantidade de informações sobre a minha vida — informações que eu esperava poder transmitir-lhe em pessoa. Vou tentar fazer isso agora, postumamente.

Como já sabe, não foi enviado para a minha residência de Zurique para limpar o meu Rafael. Entrei em contato com os seus serviços secretos por uma razão: queria que ficasse com a minha segunda coleção — a coleção secreta da sala subterrânea da minha residência, da qual, seguramente, já tem conhecimento — e devolvesse as obras aos seus legítimos proprietários. Se os legítimos proprietários não pudessem ser localizados, era meu desejo que as pinturas ficassem nas paredes de museus, em Israel. Escolhi os seus serviços secretos porque preferi que o assunto fossa tratado discretamente, de modo a não envergonhar ainda mais a minha família ou o meu país.

As pinturas foram adquiridas sob uma aparência de legalidade, mas de forma injusta. Quando as "comprei", tinha consciência de que tinham sido confiscadas na França às coleções de negociantes e colecionadores judeus. Contemplá-las deu-me incontáveis horas de prazer ao longo dos anos, mas, como um homem que se deita com uma mulher que

não é a sua, a dor da culpa ficou comigo. Era meu desejo devolver essas pinturas antes da minha morte - para expiar as minhas ações culposas ainda nesta vida, antes de passar para aproxima. Por ironia, fui encontrar inspiração na sua religião. No Yom Kippur, sentirmo-nos arrependidos das más ações que praticamos não é suficiente. Para conseguirmos o perdão, temos de ir ter com as partes lesadas e retificar a situação. Encontrei particular relevância no Livro de Isaías. Um pecador pergunta a Deus: "Por que razão, quando jejuamos, não o viste? Quando matamos os nossos corpos de fome, não prestaste atenção?" e Deus responde: "Porque no seu dia de jejum, tratam dos seus negócios e oprimem todos os seus trabalhadores! Porque jejuam enquanto entram em disputa e conflito, e atuam com malvadeza!"

Durante a guerra, a minha ganância não conhecia limites, como a minha culpa hoje. Há dezesseis pinturas neste banco. Representam o resto da minha coleção secreta. Por favor, não parta sem elas. Na Suíça, há pessoas que querem que o passado permaneça exatamente onde está — enterrado nas caixas-fortes dos bancos de Bahnhofstrasse e não vão olhar a meios para atingir esse fim. Veem-se como patriotas, como guardiães do ideal suíço de neutralidade e independência fero. São intensamente hostis com os forasteiros, em especial com aqueles que consideram uma ameaça à sua sobrevivência. Em tempos, considerei estes homens meus amigos — outro dos meus vários erros. Infelizmente, tomaram conhecimento dos meus planos no sentido de abrir mão da coleção. Enviaram um homem dos serviços de segurança para me amedrontar.

É por causa da visita dele que estou a escrever este bilhete. É por causa dos chefes dele que agora estou morto.

Uma última coisa. Se estiver em contato com a minha filha, Anna, por favor, assegure-se de que nada de mau lhe aconteça. Já sofreu o suficiente devido à minha insensatez.

Atenciosamente, Augustus Rolfe

O pequeno banqueiro estava à espera na antecâmara. Do outro lado da porta de vidro, Gabriel fez-lhe sinal e ele entrou na sala de observação.

— Posso ajudá-los?

— Quando é que esta conta foi acedida pela última vez?

— Peço desculpa, Sr., mas essa informação é confidencial. Anna disse:

— Precisamos levar alguns artigos. Por acaso não tem um saco?

— Lamentavelmente, não temos. Somos um banco, não uma loja.

— Podemos ficar com o cofre?

— Receio que isso implique uma quantia a pagar.

— Não há problema.

— Uma quantia bem substancial.

Anna apontou para a pilha de dinheiro em cima do tampo da mesa.

— Tem alguma preferência quanto à moeda?

30

ZURIQUE

Numa padaria a oito quilômetros para norte de Zurique, Gabriel fez um telefonema e comprou um Dinkelbrot'. Quando voltou para o carro, deu com Anna a ler o bilhete que o pai escrevera na véspera do seu assassinato. As mãos tremiam-lhe. Gabriel ligou o motor e fez marcha-a-ré, em direção à auto-estrada. Anna dobrou o bilhete, voltou a enfiá-lo dentro do envelope, que colocou depois no cofre. O cofre com as pinturas ia no banco de trás. Gabriel pôs os limpa-para-brisas a funcionar. Anna encostou a cabeça à janela e ficou a ver a água a escorrer pelo vidro em catadupa..

— A quem é que ligou?

— Vamos precisar de ajuda para sair do país.

— Por quê? Quem é que nos vai impedir?

— As mesmas pessoas que mataram o seu pai. E o Müller, E o Emil Jacobi.

— E como é que nos vão descobrir?

— Ontem, a Anna entrou no país com o seu passaporte. E depois alugou este carro com o seu nome. É uma cidade pequena. Devemos agir supondo que eles sabem que nós estamos no país e que alguém nos viu em Bahnhofstrasse, apesar do seu novo aspecto.

— Quem é que são eles, Gabriel?

Ele pensou no bilhete de Rolfe. Na Suíça, há pessoas que querem que o passado permaneça

exatamente onde está — enterrado nas caixas-fortes dos bancos de Bahnhofstrasse — e não vão olhar a meios para atingir esse fim.

Que diabos estaria ele tentando dizer? Na Suíça, há pessoas... Rolfe sabia exatamente quem elas eram, mas, mesmo prestes a morrer, o velho banqueiro suíço cheio de segredos era incapaz de revelar muita coisa. Ainda assim, as pistas e as provas circunstanciais estavam lá. Através da utilização de conjecturas e suposições fundamentadas, Gabriel talvez conseguisse preencher as lacunas que o velho deixara.

Instintivamente, abordou o problema como se ele fosse uma pintura que precisasse de ser restaurada — uma pintura que, infelizmente, tinha sofrido vicissitudes significativas ao longo dos séculos. Lembrou-se de um Tintoretto que uma vez restaurara, uma versão de O baptismo de Cristo que o mestre veneziano pintara para uma capela privada. Foi o primeiro trabalho de Gabriel depois do atentado à bomba de Veneza e ele tinha procurado propositadamente uma coisa difícil, para poder ficar absorto nela. O Tintoretto era exatamente isso. Ao longo dos séculos, tinham-se perdido grandes porções da pintura original. Na verdade, havia mais espaços em branco na tela do que aqueles que estavam cobertos por pigmentos. Gabriel acabou por ter de repintar toda a obra, incorporando as pequenas porções do original. Talvez pudesse fazer o mesmo em relação a este caso: repintar toda a história à volta das poucas porções de fatos que lhe eram conhecidas. Talvez tenha sido qualquer coisa como isto...

Augustus Rolfe, um proeminente banqueiro de Zurique, resolve desistir da sua coleção de pinturas impressionistas, uma coleção que ele sabe que inclui obras confiscadas de judeus na França. Rolfe quer conduzir esta transação discretamente, por isso

contata os serviços secretos israelenses, pedindo para ser enviado um representante a Zurique. Shamron sugere que Gabriel visite Rolfe em sua casa, usando o pretexto da restauração do Rafael para a visita.

Infelizmente, tomaram conhecimento dos meus planos no sentido de abrir mão da coleção…

Em dado momento, Rolfe comete um erro e o seu plano com vista a entregar as pinturas a Israel é descoberto por alguém que o quer impedir. Veem-se a si mesmos como patriotas, como guardiães do ideal suíço de neutralidade e independência fero. São intensamente hostis com os forasteiros, em especial com aqueles que consideram uma ameaça à sua sobrevivência… Quem se sentiria ameaçado perante a perspectiva de um banqueiro suíço entregar uma coleção de quadros, ilicitamente adquirida, a Israel? Outros banqueiros suíços com coleções semelhantes? Gabriel tentou ver as coisas pela perspectiva deles — a perspectiva desses guardiães do ideal suíço de neutralidade e independência fero. O que teria acontecido se passasse a ser do conhecimento público que Augustus Rolfe possuía tantas pinturas que se julgavam perdidas para sempre? O clamor de protestos teria sido ensurdecedor. As organizações judias do mundo inteiro teriam caído em cima de Bahnhofstrasse, exigindo que as caixas-fortes dos bancos fossem abertas. Nada que não fosse uma investigação metódica e à escala nacional seria aceitável. Sendo um desses supostos guardiães do ideal suíço, talvez tivesse sido mais fácil matar um homem e roubar-lhe a sua coleção do que enfrentar novas e desconfortáveis perguntas acerca do passado.

Enviaram um homem dos serviços de segurança para me amedrontar... Gabriel lembrou-se dos cigarros Silk Cut que tinha encontrado no cinzeiro em cima da

mesa do escritório de Rolfe. … um homem dos serviços de segurança…

Gerhardt Peterson.

Encontram-se no sossego do escritório de Rolfe, em Zurique, e discutem a situação como dois cavalheiros suíços sensatos, com Rolfe a fumar os seus Benson & Hedges e Peterson os seus Silk Cut.

Porquê estar agora a entregar as pinturas, Herr Rolfe? Já se passaram tantos anos. Agora já não há nada que se possa fazer para alterar o passado. Mas Rolfe não se deixa demover e, por isso, Peterson combina com Werner Müller roubar as pinturas.

Rolfe sabe que Gabriel chegará no dia seguinte, mas está preocupado o suficiente para escrever um bilhete e deixá-lo na sua conta secreta. Tenta criar uma pista falsa. Utilizando um telefone que sabe estar sob escuta, marca um encontro em Genebra, para a manhã seguinte. A seguir, prepara tudo para que Gabriel possa entrar na residência pelos seus próprios meios e espera.

Mas, às três da manhã, o sistema de segurança da residência vai abaixo de repente. A equipe de Peterson entra na casa. Rolfe é morto e as pinturas são levadas. Seis horas depois, Gabriel chega lá e descobre o corpo de Rolfe. Durante o interrogatório, Peterson apercebe-se do modo como o velho planeava entregar a coleção. E também se apercebe de que o plano de Rolfe avançara já muito mais do que ele alguma vez imaginara. Deixa Gabriel sair em liberdade, avisa-o para nunca mais voltar a pôr os pés em território suíço e coloca-o sob vigilância. E talvez coloque também Anna sob vigilância. Quando Gabriel inicia a sua investigação, Peterson tem conhecimento disso. Lança uma operação de limpeza. Werner Müller é morto em Paris e a sua galeria destruída. Gabriel é

visto a encontrar-se com Emil Jacobi em Lyon e, três dias depois, Jacobi é assassinado.

Anna arrancou a ponta do Dinkelbrot.

— Quem é que são eles? — repetiu.

Gabriel pôs-se a pensar quanto tempo teria estado ele sem falar, quantos quilômetros teria guiado.

— Não tenho certeza — respondeu — , mas talvez tenha sido qualquer coisa como isto.

— Acha mesmo que isso é possível, Gabriel?

— Na verdade, é a única explicação lógica.

— Meus Deus, acho que vou vomitar. Quero sair deste país.

— Também eu.

— Então, se a sua teoria estiver certa, ainda falta responder a mais uma questão.

— E qual é ela?

— Onde é que as pinturas estão agora?

— No mesmo lugar onde sempre estiveram.

— Onde, Gabriel? — Aqui, na Suíça.

31

BARGEN, SUÍÇA

A cinco quilômetros da fronteira com a Alemanha, no final de um vale estreito salpicado de aldeias de lenhadores, fica a pequena e pardacenta Bargen, famosa na Suíça apenas pelo fato de ser a cidade mais a norte do país. Logo à saída da autoestrada, há uma estação de serviço e um supermercado com um parque

de estacionamento de cascalho. Gabriel desligou o motor do carro e ficaram ali à espera, na luz metalizada da tarde.

— Quanto tempo é que temos antes de eles chegarem aqui?

— Não sei.

— Tenho de ir fazer xixi. — Vai ter de aguentar.

— Sempre me perguntei como reagiria numa situação destas, e agora tenho a minha resposta. Confrontada com o perigo, uma situação de vida ou morte, sou assaltada por uma vontade incontrolável de urinar.

— A Arma tem uma capacidade de concentração incrível. Utilize-a.

— Era isso que faria no meu lugar?

— Eu nunca urino.

Ela bateu-lhe no braço, gentilmente, de maneira a não lhe magoar a mão ferida. — Eu ouvi-o na casa de banho, em Veneza. Eu ouvi-o a vomitar. Age como se nada o incomodasse. Mas, afinal de contas, é humano, Gabriel Allon.

Por que não fuma um cigarro? Talvez isso a ajude a pensar noutra coisa.

— Como é que se sentiu ao matar aqueles homens em casa do meu pai?

Gabriel pensou em Eli Lavon.

— Não tive muito tempo para refletir sobre a moralidade ou as consequências das minhas ações. Se não os tivesse matado, tinham-me matado eles a mim.

— Suponho que seja possível que tenham sido eles a matar o meu pai.

— Sim, é possível.

— Então fico contente por os ter matado. É errado eu pensar dessa maneira?

— Não, é perfeitamente natural.

Ela seguiu o conselho dele e acendeu um cigarro.

— Por isso, agora já sabe os segredos sórdidos todos da minha família. Mas hoje apercebi-me do fato de, na verdade, eu não saber nada sobre si.

— Sabe mais sobre mim do que a maior parte das pessoas. — Sei um pouco do que faz... mas nada sobre si.

— E é assim que deve ser.

— Oh, vá lá, Gabriel. É mesmo assim tão frio e distante como quer fazer parecer?

— Já me têm dito que tenho um problema com a preocupação.

— Ah! Isso já é um começo. Diga-me mais qualquer coisa.

— O que quer saber?

— Tem uma aliança. É casado?

— Sim.

— Vivem em Israel? — Vivo na Inglaterra.

— Têm filhos?

— Tínhamos um filho, mas ele foi morto por uma bomba de um terrorista.

Olhou para ela com frieza.

— Há mais alguma coisa que queira saber sobre mim, Anna?

Ele calculou que lhe devesse realmente qualquer coisa, após tudo o que ela tinha revelado acerca de si mesma e do pai. Mas havia outra coisa. Descobriu de repente que queria de fato que ela soubesse. E, por isso, falou-lhe de uma noite em Viena, dez anos antes, quando o seu inimigo, um terrorista palestino chamado Tariq al-Hourani, lhe colocou uma bomba debaixo do carro — uma bomba destinada a destruir-lhe a família, pois o palestino sabia que isso iria ferir Gabriel muito mais do que se o matasse.

Tinha acontecido a seguir ao jantar. Leah tinha estado nervosa durante toda a refeição, pois a televisão do bar mostrava imagens de mísseis Scud

caindo sobre Telaviv. Leah era uma boa garota israelense; não conseguia suportar a ideia de comer pasta num agradável restaurantezinho italiano em Viena, enquanto a mãe estava sentada no apartamento dela em Telaviv, com fita isolante nas janelas e uma máscara de gás do rosto. Depois do jantar, caminharam através da neve que se amontoava, até chegarem ao carro de Gabriel. Prendeu Dani com o cinto de segurança, depois beijou a mulher e disse-lhe que iria ficar a trabalhar até tarde. Era um trabalho para Shamron: um agente dos serviços secretos iraquianos que andava a planejar matar judeus. Mas isso ele não contou a Anna Rolfe.

Quando se virou e se começou a afastar, o motor do carro tentou pegar e hesitou, pois a bomba que Tariq lá colocara estava a extrair energia da bateria. Ele virou-se e gritou a Leah que parasse, mas ela não o deve ter ouvido, já que rodou uma segunda vez a chave.

Algum instinto primordial de proteção dos mais novos fê-lo correr primeiro até Dani, mas ele já estava morto, o corpo desfeito em pedaços. Por isso, foi ter com Leah e retirou-a dos destroços em chamas. Ela acabaria por sobreviver, embora talvez tivesse sido melhor se isso não tivesse acontecido. Agora, vivia num hospital psiquiátrico no Sul da Inglaterra, sofrendo de uma combinação de síndroma de estresse pós-traumático com depressão psicótica. Nunca mais voltara a dizer nada a Gabriel desde aquela noite em Viena.

Mas isso ele não contou a Anna Rolfe.

— Deve ter sido difícil para si — estar outra vez em Viena.

— Foi a primeira vez. .— Onde é que a conheceu?

— Na escola.

— Também era artista?

— Era muito melhor do que eu sou.

— Era bonita?

— Era muito bonita. Agora, tem cicatrizes.

— Todos nós temos cicatrizes, Gabriel.

— Não como a Leah.

— Por que o palestino pôs a bomba debaixo do carro? — Porque eu matei o irmão dele.

Antes de ela poder perguntar mais alguma coisa, um camião Volvo entrou no parque de estacionamento e fez sinais de luzes. Gabriel ligou o carro e seguiu-o até o fim de um pinhal, à saída da cidade. O condutor pulou da cabina e abriu rapidamente a porta de trás. Gabriel e Anna saíram do carro, com Anna a segurar o cofre pequeno e Gabriel o que tinha as pinturas. Parou, por breves instantes, para atirar as chaves do carro para bem dentro das árvores.

O contentor do camião estava cheio de mobília de escritório: mesas, cadeiras, estantes, armários de arquivo. O condutor disse:

— Vão para a parte da frente da cabina, dei tem-se no chão e tapem-se com os cobertores para a carga que há lá a mais.

Gabriel foi primeiro, trepando pela mobília, com o cofre nos braços. Anna seguiu-o. Na parte da frente da cabina, mal havia espaço para se sentarem com os joelhos por baixo do queixo. Depois de Anna se instalar, Gabriel tapou-os aos dois com o cobertor. A escuridão era total.

O camião foi balançando ao longo da estrada e, durante vários minutos, avançaram em grande velocidade pela auto-estrada. Gabriel conseguia sentir no chassis o que os pneus iam levantando. Anna começou a cantarolar em voz baixa.

— O que está a fazer?

— Ponho-me a cantarolar sempre que estou assustada. — Eu não vou deixar que lhe aconteça nada

de mau.

— Promete?

— Prometo — respondeu ele. — Então e o que estava a cantarolar?

— O Cisne, de O Carnaval dos Animais de Camille Saint-Saëns.

— Pode tocá-la para mim um dia?

— Não — respondeu ela.

— E porque não?

— Porque nunca toco para os meus amigos.

Dez minutos depois: a fronteira. O camião juntou-se a uma fila de veículos à espera para poderem atravessar para a Alemanha. Ia avançando lentamente, uns quantos centímetros de cada vez: acelerar, travar, acelerar, travar. As cabeças deles rebolavam para trás e para a frente, como um par de brinquedos. Cada toque no travão causava um guincho de protesto; cada pé a fundo na embraiagem, mais fumos tóxicos de gasóleo que se soltavam. Anna encostou o queixo ao ombro dele e sussurrou:

— Agora, acho que sou eu que vou vomitar. Gabriel apertou-lhe a mão com força. Do outro lado da fronteira, estava outro carro à espera, um Ford Fiesta azul-escuro com matrícula de Munique. O condutor de camião de Ari Shamron deixou-os ali e prosseguiu a sua viagem fictícia a caminho de lado nenhum. Gabriel guardou os dois cofres na bagageira e começou a conduzir — pela E41 até Stuttgart, pela E52 até Karlsruhe, pela E35 até Frankfurt. Parou uma vez, durante a noite, para telefonar para Telaviv através de uma linha de emergência, falando brevemente com Shamron.

Às duas da manhã, chegaram à cidade holandesa de Delft, com as suas feiras, a alguns quilômetros de distância da costa. Gabriel não conseguia guiar mais. Os olhos ardiam e os ouvidos zumbiam devido ao

cansaço. Dali a oito horas, sairia um ferry de Hoek van Holland para o porto inglês de Harwich e Gabriel e Anna estariam a bordo dele, mas, por agora, ele precisava de uma cama e de algumas horas de sono, e, por isso, foram avançando pelas ruas da cidade antiga, à procura de um hotel.

Ele acabou por encontrar um, em Vondelstraat, de onde se avistava o pináculo de Nieuwe Kerk. Anna encarregou-se das formalidades na recepção, enquanto Gabriel esperava na minúscula sala de entrada, com os dois cofres na mão. Passado um momento, e depois de subirem uma escada estreita, foram acompanhados até um quarto demasiado aquecido, com um teto pontiagudo e uma janela triangular, que Gabriel abriu imediatamente.

Guardou os cofres no armário; a seguir, tirou os sapatos e esticou-se em cima da cama. Anna entrou discretamente na casa de banho e, um momento depois, Gabriel ouviu o som reconfortante da água a bater em esmalte. O ar frio da noite entrou de rompante pela janela aberta. Com o perfume do mar do Norte, acariciou-lhe o rosto. Permitiu sentir o luxo de fechar os olhos.

Passados alguns minutos, Anna saiu da casa de banho. Uma rajada de luz anunciou a chegada dela; a seguir, esticou o braço, desligou o interruptor na parede e o quarto ficou novamente às escuras, excetuando o brilho fraco dos postes de rua que entrava pela janela.

— Está acordado?

— Não.

— Não vai dormir no chão, como fez em Viena?

— Não consigo me mexer.

Ela levantou o cobertor e enfiou-se na cama, lentamente e ao lado dele.

Gabriel perguntou:

— Como é que sabia que a palavra-passe era adágio? — O Adágio de Albinoni foi uma das primeiras composições que aprendi a tocar. Por alguma razão, foi sempre a preferida do meu pai.

O isqueiro dela flamejou na escuridão.

— O meu pai queria perdão pelos pecados dele. Queria absolvição. Esteve disposto a virar-se para si para isso mas não para mim. Por que o meu pai não me pediu perdão?

— Provavelmente, achou que não lhe daria.

— Dá a ideia de estar a falar por experiência própria. A sua mulher chegou a perdoar-lhe?

— Não, não me parece que o tenha feito.

— E já se perdoou?

— Não chamaria perdão.

— Então como?

— Acomodação. Cheguei à acomodação comigo mesmo.

— O meu pai morreu sem absolvição. Provavelmente, era o que merecia. Mas eu quero terminar o que ele quis fazer. Quero recuperar aquelas pinturas e enviá-las para Israel.

— Também eu.

— Como?

— Durma, Anna. Que foi o que ela fez. Gabriel ficou acordado, à espera da madrugada, a ouvir as gaivotas no canal e o ritmo regular da respiração de Anna. Nessa noite, nada de demônios, nem de pesadelos — o sono inocente de uma criança. Mas Gabriel não a acompanhou. Ainda não estava preparado para dormir. Quando as pinturas estivessem bem guardadas na caixa-forte de Julian Isherwood — então dormiria.

TERCEIRA PARTE

32

NIDWALDEN, SUÍÇA

Nas vésperas da Segunda Guerra Mundial, o General Henri Guisan, o comandante supremo das forças armadas suíças, anunciou um plano desesperado para lidar com uma invasão das forças, esmagadoramente superiores, da Alemanha nazista. Se os alemães viessem, dissera Guisan, o Exército Suíço recuaria até a fortaleza natural do Reduto Alpino e faria explodir os túneis. E lutariam ali, nos vales profundos e nos elevados campos de gelo das montanhas, até o último homem. Mas não tinha chegado a isso, claro. Hitler percebeu, logo desde o início da guerra, que uma Suíça neutral lhe seria mais vantajosa do que uma Suíça acorrentada e sob ocupação. Ainda assim, a estratégia heroica do general para lidar com a ameaça da invasão continua a perdurar na imaginação dos suíços. Na verdade, Gerhardt Peterson tinha-a na cabeça na manhã seguinte, enquanto circundava Lucerna e os Alpes se avultavam à frente dele, envoltos em nuvens. Peterson sentiu o coração bater mais depressa, ao carregar a fundo no acelerador, com o seu Mercedes grande a subir o primeiro desfiladeiro a toda a velocidade. Peterson tinha as suas origens na Suíça Interior e conseguia traçar a sua linhagem até os homens das tribos dos Cantões da Floresta. Sentia-se de certa forma confortado por saber que gente do seu sangue tinha percorrido estes vales e montanhas ao mesmo

tempo que um jovem chamado Jesus de Nazaré andava a criar problemas na outra ponta do Império Romano. Ficava intranquilo sempre que se afastava demasiado da segurança do seu Reduto Alpino.

Recordou-se de uma visita oficial que fizera alguns anos antes à Rússia. O caráter ilimitado do país desordenara-lhe por completo os sentidos. Em Moscovo no quarto de hotel, sofrera a sua primeira e única crise de insônia Quando regressou ao seu país, foi direito à casa de campo e passou um dia a fazer caminhadas pelos trilhos das montanhas, por cima do lago Lucerna. Nessa noite, dormiu. Mas, nesta tarde, a sua viagem repentina em direção aos Alpes nada tinha a ver com lazer. Fora provocada por duas más notícias. A primeira tinha sido a descoberta de um Audi A8 abandonado, numa estrada junto à pequena cidade de Bargen, a poucos quilômetros da fronteira com a Alemanha. Quando verificaram a matrícula, veio a saber-se que o carro tinha sido alugado na noite anterior, em Zurique, por Anna Rolfe. A segunda tinha sido um relatório de um informador de Bahnhofstrasse. O caso estava a ficar fora de controle; Peterson sentia-o fugir-lhe.

Começou a nevar, flocos grandes e macios que tornaram a tarde branca. Peterson ligou as luzes de nevoeiro, cor de âmbar, e manteve o pé a fundo no acelerador. Uma hora depois, estava a atravessar a cidade de Stans. Quando chegou à propriedade de Gessler, já havia uns oito centímetros de neve recente a cobrir o chão.

Ao parar o carro, surgiram dois dos seguranças de Gessler, com casacos de esquiar e gorros de lã azuis-escuros. Um momento depois, ultrapassadas as formalidades de identificação e escrutínio, Peterson estava a subir o caminho de entrada, em direção ao chateau de Gessler. Ali, aguardava-o outro homem,

que atirava bocados de carne crua a uma cadela pastor alemão esfomeada. Nas margens do lago Lucerna, não muito longe do chalé de Otto Gessler, fica o lendário local de nascimento da Confederação Suíça. Em 1291, diz-se que os líderes daqueles a que chamavam os três Cantões da Floresta — Uri, Schwyz e Unterwalden — se reuniram no Prado de Rutli e formaram uma aliança de defesa contra quem quer que pudesse conspirar nefastamente contra as suas pessoas ou bens. É um acontecimento sagrado para os suíços. Um mural do Prado de Rutli adorna a parede da sala do Conselho Nacional Suíço e, em todos os meses de Agosto, a reunião do prado é recordada com um dia nacional de celebração.

Setecentos anos mais tarde, uma aliança de defesa semelhante foi formada por um grupo composto por alguns dos banqueiros privados e dos industriais mais ricos e poderosos do país. Em 1291, o inimigo tinha sido um forasteiro: o Sacro Imperador Romano Rodolfo I, da dinastia Habsburg, que estava a tentar reivindicar os seus direitos feudais na Suíça. Agora, uma vez mais, os inimigos eram forasteiros, só que desta vez estavam espalhados e eram mais numerosos. Eram os judeus que andavam a tentar abrir as caixas-fortes dos bancos da Suíça e espreitar lá para dentro, à procura de dinheiro e de tudo o mais a que pudessem deitar as mãos. Eram os governos que exigiam que a Suíça pagasse biliões de dólares por ter aceitado ouro nazista durante a Segunda Guerra Mundial. E os jornalistas e historiadores que andavam a tentar pintar os suíços como aliados voluntários da Alemanha — os homens do dinheiro e os fornecedores de armas de Hitler, que prolongaram a guerra a custo de milhões de vidas. E os reformistas no interior da Suíça, que andavam a exigir o fim das leis sagradas do sigilo bancário.

Esta nova aliança inspirava-se nos habitantes da floresta, ferozmente independentes, que se tinham reunido ao longo do lago de Lucerna, em 1291. Tal como os seus antepassados, juraram combater quem quer que pudesse conspirar nefastamente contra as suas pessoas ou bens. Olhavam para os acontecimentos que se propagavam, rápida e incontrolavelmente, para lá do seu Reduto Alpino, como uma tempestade que se ia aproximando e que poderia fazer desaparecer as instituições que tinham dado à Suíça, um país minúsculo e cercado por terra, com parcos recursos naturais, o segundo nível de vida mais elevado do mundo. Autointitulavam-se o Conselho de Rutli e o seu líder era Otto Gessler.

Peterson esperava que o levassem, como de costume, até o estúdio de televisão improvisado de Otto Gessler. Em vez disso, o guarda escoltou-o ao longo de um caminho iluminado por arandelas, em direção a uma ala, de um só piso, do chateau.

Após passar por um conjunto invulgarmente maciço de portas envidraçadas, Peterson foi recebido por um calor tropical sufocante e uma nuvem de vapor opaca que cheirava a cloro. Arandelas ornamentadas brilhavam no meio do vapor, como se fossem a petróleo, e água azul-turquesa criava padrões semelhantes a ondas no teto aberto e alto. O silêncio na sala era total, excetuando a ondulação provocada pelas árduas braçadas de crawl dadas por Otto Gessler. Peterson tirou o sobretudo e o cachecol e esperou que Gessler terminasse de dar a volta. A neve que se acumulara nos seus mocassins de couro para a cidade derreteu rapidamente, encharcando-lhe as meias.

— Gerhardt?

Uma pausa para respirar, outra braçada.

— É você?

— Sim, Herr Gessler.

— Espero... que a neve... não lhe tenha... dificultado a viagem... em demasia.

— De todo, Herr Gessler.

Peterson ficou na expectativa de que o velho parasse para descansar; caso contrário, ficariam ali a noite inteira. Apareceu um guarda-costas junto à borda da piscina e, a seguir, desapareceu por entre um véu de vapor.

— Queria falar comigo acerca do caso Rolfe, Gerhardt?

— Sim, Herr Gessler. Receio que possamos ter um problema.

— Estou a ouvir.

Durante os dez minutos que se seguiram, Peterson pôs Gessler ao corrente em relação ao caso. Gessler nadava enquanto Peterson falava. Um chapinhar, silêncio, um chapinhar, silêncio...

— Que conclusão é que tira destes desenvolvimentos?

— Que eles sabem mais acerca do que aconteceu ao Augustus Rolfe e à coleção do que nós desejaríamos.

— Um povo obstinado, não concorda, Gerhardt?

— Os judeus?

— Nunca parecem ser capazes de deixar uma coisa em paz. Sempre à procura de sarilhos. Não vou ser derrotado por eles, Gerhardt.

— Não, é claro que não, Herr Gessler.

Por entre a cortina de vapor, Peterson vislumbrou Gessler a subir lentamente os degraus da parte com pé da piscina; uma figura pálida, pavorosamente frágil. Um guarda-costas tapou-lhe os ombros com um roupão turco. A seguir, a cortina de vapor adensou-se mais uma vez, e Gessler desapareceu.

— Ela precisa de ser eliminada — ouviu-se a voz seca e desencarnada dizer.

— E o israelense também.

Peterson fez um olhar carrancudo.

— Vai haver consequências. Anna Rolfe é um tesouro nacional. Se ela for assassinada tão pouco tempo depois do pai, haverá perguntas incômodas, especialmente na imprensa.

— Pode ficar descansado que não haverá nenhuma efusão de pesar nacional se Anna Rolfe for morta. Ela até se recusa a viver sequer na Suíça e quase se matou em variadíssimas ocasiões. E quanto à impressa, pode fazer todas as perguntas que quiser. Sem fatos, os artigos vão ser lidos como se fossem mexericos conspiratórios.

Só me interessa se as autoridades fazem ou não perguntas. E é para isso que lhe pagamos, Gerhardt — para termos a certeza de que elas não fazem perguntas. — Também o devo avisar de que os serviços secretos israelenses não atuam segundo as regras habituais. Se mandarmos assassinar um dos agentes deles, virão atrás de nós.

— Não tenho medo dos judeus, Gerhardt, e você também não devia ter. Contate o Anton Orsati imediatamente. Vou transferir mais alguns fundos para a sua conta de operações, bem como um pequeno extra para a sua conta pessoal. Considere-o um incentivo para garantir que este caso seja resolvido depressa e discretamente.

— Isso não é necessário, Herr Gessler.

— Eu sei que não é necessário, mas merece-o.

Peterson mudou de assunto apressadamente. Não gostava de pensar demasiado no dinheiro. Fazia-o sentir-se como uma prostituta.

— Tenho mesmo de começar a pensar em voltar para Zurique, Herr Gessler. O tempo lá fora.

— Está à vontade para passar aqui a noite.

— Não, tenho mesmo de começar a pensar em voltar.

— Como queira, Gerhardt.

— Posso fazer-lhe uma pergunta, Herr Gessler?

— Com certeza.

— Conhecia Herr Rolfe?

— Sim, conhecia-o bem. Em tempos, eu e ele até fomos bem chegados. Aliás, eu estava lá na manhã em que a mulher dele se suicidou. Cavou a sua própria sepultura, enfiou uma espingarda na boca e disparou. Foi a pequena Anna que descobriu o corpo. Uma coisa horrível. A morte de Herr Rolfe foi lamentável mas necessária. Não foi pessoal, foi uma questão de negócios. Compreende realmente a diferença, não compreende, Gerhardt?

33

LONDRES

Julian Isherwood estava sentado à mesa, a folhear uma pilha de documentos, quando ouviu o som de uma van de distribuição a ribombar pelos tijolos de Mason's Yard. Foi até a janela e espreitou. Um homem de macacão azul estava saindo do lado do passageiro da frente e avançando para a porta. Um momento depois, ouviu-se o som do apito elétrico.

— Irina? Marcou alguma entrega para hoje?

— Não, Sr. Isherwood.

Oh, Jesus, pensou Isherwood. Outra vez não.

— Irina?

— Sim, Sr. Isherwood?

— Estou a ficar com um pouquinho de fome, minha pétala. Não quer ser uma querida e trazer-me um panini daquela loja maravilhosa em Piccadilly?

— Teria todo o gosto, Sr. Isherwood. Posso desempenhar mais alguma tarefa insignificante e humilhante para si?

— Não é preciso ser impertinente, Irina. E um chá também. E não se apresse. O homem de macacão azul tinha qualquer coisa que fazia Isherwood lembrar-se do tipo que tinha andado à procura de térmitas em casa dele. Tinha sapatos de sola de borracha e trabalhava com a eficiência silenciosa de uma enfermeira noturna. Numa mão, trazia um aparelho mais ou menos do tamanho de uma cigarreira, com medidores e mostradores; na outra, trazia uma varinha comprida, parecida com um mata-moscas. Começou pelas arrecadações da cave a seguir passou para o gabinete de Irina, depois para o de Isherwood e a seguir para a sala de exposições. Por fim, desmontou por completo os telefones, os computadores e o fax. Passados quarenta e cinco minutos, voltou a entrar no gabinete de Isherwood e pôs dois objetos minúsculos na mesa.

— Tinha estes bichinhos à escuta — disse. — Agora estão mortos.

— Mas quem é que os colocou aqui, em nome de Deus?

— Isso não é da minha competência. Sou só o exterminador. Sorriu. — Está uma pessoa lá em baixo que lhe queria dar uma palavrinha. Isherwood foi à frente, atravessando as arrecadações a abarrotar, a caminho da zona de cargas. Abriu a porta exterior e a van de distribuição estacionou lá dentro.

— Feche a porta — ordenou o homem de macacão azul. Isherwood fez o que lhe mandaram. O homem abriu a porta de trás da van e uma nuvem de fumo denso irrompeu em ondas. Agachado no fundo da van, a imagem perfeita da infelicidade, estava Ari Shamron. O homem que ia no Rover deslocara-se de Jermyn Street para King Street, que se encontrava ainda bem dentro do limite de alcance de um quilômetro e meio dos transmissores que colocara na galeria, mas há já algum tempo que não ouvia qualquer som. Na verdade, a última coisa que monitorizara tinha sido o negociante de arte pedindo à secretária para buscar o almoço.

Parecera-lhe estranho, já que ele tinha almoçado fora todos os dias desde que o estava vigiando. Tão estranho, aliás, que até tinha apontado a hora na agenda. Quarenta e cinco minutos depois disso, o rádio do carro disparou uma rajada de estática. Alguém tinha acabado de descobrir os transmissores dele. Praguejou em voz baixa e ligou o carro rapidamente. Enquanto se afastava, pegou o celular e ligou para Zurique.

O ferry de Hoek van Holland para Harwich atrasou-se várias horas devido ao mau tempo no mar do Norte e, por isso, a tarde já ia no final quando Gabriel e Anna Rolfe atracaram em Mason's Yard. Gabriel buzinou rapidamente, duas vezes, e a porta da zona de cargas abriu lentamente. Depois de entrar, desligou o motor e esperou até que a porta se voltasse a fechar, antes de sair do carro. Tirou o cofre maior do banco de trás e levou Anna até o elevador, passando pela arrecadação. Isherwood estava lá à espera.

— A Sra. deve ser Anna Rolfe! É uma verdadeira honra conhecê-la. Tive o distinto privilégio de a ver uma vez a interpretar uma noite de Mendelssohn.

Foi uma experiência profundamente comovente.

— O Sr. é muito amável.

— Não quer fazer o favor de entrar?

— Obrigado.

— Ele já chegou? — perguntou Gabriel.

— Está lá em cima, na sala de exposições.

— Vamos.

— O que está no cofre?

— Já vai, Julian.

Shamron estava parado no centro da sala, a fumar os seus repugnantes cigarros turcos, sem prestar qualquer atenção às telas dos Velhos Mestres que o rodeavam. Gabriel percebeu que o Velho se estava a tentar recordar de alguma coisa. Um ano antes, nessa mesma sala, tinham dado início à fase final de uma operação que resultara na morte de Tariq al-Hourani. Quando viu Anna Rolfe a entrar, o seu rosto iluminou-se e ele apertou-lhe a mão calorosamente. Gabriel colocou o cofre no chão e levantou a tampa. A seguir, tirou a primeira pintura, desembrulhou-a e pousou-a no chão.

— Meu Deus — sussurrou Isherwood. — Uma paisagem de Monet.

Anna sorriu.

— Espere, ainda vai melhorar.

Gabriel tirou a pintura seguinte, um auto-retrato de Van Gogh, e pousou-a ao lado do Monet.

— Oh, Deus do Céu — murmurou Isherwood.

A seguir veio o Degas, depois o Bonnard, depois o Cézanne e o Renoir, e assim foi continuando até as dezesseis telas cobrirem todo o chão da galeria.

Isherwood sentou-se no divã, apertou a cabeça com a palma das mãos e chorou.

Shamron disse:

— bom, isto é uma entrada e tanto. Tens a palavra, Gabriel.

Anna já tinha ouvido tudo durante a viagem de carro de Zurique até a fronteira com a Alemanha e, por isso, afastou-se e consolou Isherwood, enquanto ele olhava embasbacado para as pinturas. Gabriel falou de tudo o que tinha descoberto sobre Augustus Rolfe e a sua coleção, terminando no bilhete que Rolfe lhe deixara no cofre, em Zurique. A seguir, revelou a Shamron o seu plano para recuperar o resto da coleção de Rolfe: as vinte obras que tinham sido roubadas da caixa-forte da sua residência de Zurique. Quando Gabriel terminou, Shamron apagou o cigarro, esmagando-o, e abanou a cabeça lentamente. — É uma ideia interessante, Gabriel, mas tem uma falha fatal. O primeiro-ministro nunca a irá aprovar. Caso não tenhas reparado, estamos neste momento numa guerra virtual com os palestinos. O primeiro-ministro nunca irá aprovar uma operação dessas só para recuperar uns quantos quadros. — Não são só uns quantos quadros. O Rolfe deu a entender que existe uma organização de banqueiros e homens de negócios suíços capaz de fazer tudo para proteger a velha ordem. E a verdade é que temos provas suficientes para sugerir que ela existe mesmo, incluindo três cadáveres: o do Rolfe, o do Müller e o do Emil Jacobi. E tentaram matar-me.

— A situação está demasiado explosiva. Nesta hora, os nossos amigos volúveis aqui da Europa já andam suficientemente zangados conosco. Não precisamos jogar mais gasolina no fogo com uma operação desse gênero. Desculpe, Gabriel, mas não vou aprovar isso e não vou perguntar ao primeiro-ministro para não fazê-lo perder tempo.

Anna afastara-se de Isherwood para poder ouvir a discussão entre Gabriel e Shamron.

— Acho que há uma solução bem simples para o problema, Sr. Shamron — disse ela.

Shamron virou a careca e olhou para Anna, divertido com a ideia de a violinista suíça se atrever a arriscar uma opinião em relação ao procedimento a adoptar numa operação dos serviços secretos israelenses.

— E qual é?

— Não digam ao primeiro-ministro.

Shamron atirou a cabeça para trás e riu, com Gabriel a acompanhá-lo. Quando as risadas terminaram, houve um momento de silêncio, interrompido por Julian Isherwood.

— Deus do Céu, não acredito!

Tinha o Renoir nas mãos, um retrato de uma jovem com um ramo de flores. Estava a virá-lo, a observar primeiro a pintura e depois as costas do quadro.

Gabriel perguntou:

— O que é, Julian?

Isherwood levantou o Renoir para Gabriel e os outros poderem ver a imagem. — Os alemães registravam tudo meticulosamente. Cada quadro com que ficavam era registrado, catalogado e marcado — suástica, número de série, iniciais do colecionador ou do negociante a quem tinha sido confiscado. Virou o quadro ao contrário para lhes mostrar a parte de trás. — Alguém tentou tirar o que foi escrito neste, mas não fizeram lá grande trabalho. Olhem com atenção para o canto inferior esquerdo. Estão lá os resquícios da suástica, está lá o número de série e estão lá as iniciais do proprietário original: SI. — Quem é o SI? — perguntou Anna.

— SI é o Samuel Isakowitz, o meu pai.

A voz de Isherwood ficou sufocada em lágrimas.

— Este quadro foi levado da galeria do meu pai, na Rue de la Boétie, em Paris, pelos nazistas, em

Junho de 1940. — Tem certeza? — perguntou Anna. — Apostava a minha vida nisso.

— Então, por favor, fique com ele, juntamente com as mais sinceras desculpas da parte da família Rolfe.

A seguir, beijou-o no rosto e disse: — Lamento muito, Sr. Isherwood.

Shamron olhou para Gabriel.

— E se me contasses o seu plano todo mais uma vez?

Desceram até o escritório de Isherwood. Gabriel sentou-se à mesa de Isherwood, mas Shamron foi deambulando pelo escritório enquanto ouvia o plano de Gabriel novamente.

— E o que eu devo dizer ao primeiro-ministro?

— Ouve a Anna. Não lhe digas nada.

— E se eu acabar lixado por causa disto tudo?

— Não acabas.

— Eu acabo sempre por me lixar com este tipo de coisas, Gabriel, e tenho as cicatrizes que o provam. E tu também. Diz-me uma coisa. É só imaginação minha ou hoje estás mais animado do que o habitual?

— Queres perguntar-me alguma coisa? — Não quero parecer indelicado.

— Isso nunca te impediu antes.

— Tu e aquela mulher são mais do que simples cúmplices em busca do assassino do pai dela?

Quando a pergunta foi recebida com silêncio, Shamron sorriu e abanou a cabeça. — Lembras-te do que me disseste sobre a Anna Rolfe, na Piazza Navona? — Disse-te que, se tivéssemos escolha, nunca utilizaríamos uma mulher como ela.

— E agora queres envolvê-la ainda mais?

— Ela aguenta.

— Não tenho dúvida sobre ela, mas pode aguentar, Gabriel?

— Não o sugeriria se achasse o contrário.

— Há duas semanas, tive de implorar que investigasse a morte de Rolfe. Agora, quer entrar em guerra com a Suíça.

— Rolfe queria que aquelas pinturas viessem para nós. Alguém ficou com elas e agora quero-as de volta.

— Mas sua motivação vai além das pinturas, Gabriel. Eu o transformei num assassino, mas, bem lá no fundo do coração você é O Restaurador. Acho que está fazendo isso porque quer restaurar Anna Rolfe. Se é esse o caso, então a pergunta lógica é esta: por que quer restaurar Anna Rolfe? E só há uma resposta lógica. Sente algo por essa mulher. Shamron hesitou. — E isso é a melhor notícia que ouço há muito, muito tempo.

— Gosto dela.

— Se gosta dela, vai convencê-la a cancelar a apresentação em Veneza.

— Ela não vai cancelar.

— Se é esse o caso, então talvez possamos usar isso em nossa favor.

— Como?

— Sempre achei que o logro e o engano eram táticas úteis numa situação destas. Deixe-a dar o concerto dela. Mas certifique-se que seu amigo Keller não faça do recital uma experiência verdadeiramente inesquecível.

— Bom, esse é o Ari Shamron que eu conheço e adoro. Usar uma das melhores intérpretes musicais do mundo como manobra de diversão.

— Jogamos com as cartas que nos são dadas.

— Vou estar com ela em Veneza. Quero uma pessoa em quem eu confie tratando da parte de Zurique.

— Quem?

— Eli Lavon.

— Meu Deus, uma reunião da Turma de 72! Se eu fosse uns anos mais novo, reunia-me a vocês.

— O melhor é não nos entusiasmarmos. Oded e o Mordecai portaram-se bem em Paris. Também quero os dois.

— Vejo alguma coisa minha no Oded. — Shamron levantou as mãos, curtas e grossas, de pedreiro. — Ele tem mãos muito fortes. Se agarrar esse homem, ele não escapa.

34

ZURIQUE

Eva tinha insistido no apartamento caro com vista para Zurichsee, apesar de ele estar além das possibilidades do ordenado de funcionário público de Gerhardt Peterson. Durante os primeiros dez anos de casamento, tinham compensado esse défice com a herança dela. Mas agora esse dinheiro já tinha acabado e cabia a Gerhardt a responsabilidade de manter a mulher no estilo de vida a que ela achava ter direito.

O apartamento estava às escuras quando ele chegou finalmente a casa. Assim que Peterson entrou pela porta dentro, o amigável rottweiler de Eva lançou-se sobre ele, no meio da escuridão total, e

atirou a cabeça, que mais parecia uma rocha, contra a sua rótula.

— Pra baixo, Schultie! Já chega, rapaz. Pra baixo! Raios o partam, Schultie!

Andou às apalpadelas pela parede e acendeu a luz. O cachorro lambia seu sapato de camurça.

— Pronto, Schultie. Vai embora, por favor. Já é mais do que suficiente. O cão afastou-se rapidamente, com as garras a fazerem barulho no chão de mármore. Peterson foi para o quarto a coxear, esfregando o joelho. Eva estava sentada na cama, com um romance de capa dura aberto no colo. Um drama policial americano estava a passar, sem o som, na televisão. Vestia um roupão de chiffon colorido. O cabelo tinha acabado de ser arranjado e ela tinha uma pulseira de ouro, no pulso esquerdo, que Peterson não reconheceu. O dinheiro que Eva gastava à superfície de Bahnhofstrasse rivalizava com os fundos que lá estavam enterrados. — O que tens no joelho? — O seu cão atacou-me.

— Ele não te atacou. Ele adora-te.

— É demasiado afetuoso.

— É um homem, como tu. Quer a sua aprovação. Se te lembrasses só de lhe dar um pouquinho de atenção uma vez por outra, ele não seria tão exuberante quando chegas a casa.

— Foi isso que o terapeuta dele te disse?

— É apenas bom senso, querido.

— Eu nunca quis o raio do cão. É demasiado grande para este apartamento.

— Ele faz com que eu me sinta segura quando estás fora.

— Este lugar é como uma fortaleza. Ninguém consegue entrar aqui. E a única pessoa que o Schultie alguma vez ataca sou eu.

Eva lambeu a ponta do dedo indicador e virou a página do livro, pondo fim à discussão. Na televisão, policiais americanos estavam arrombando a porta de um apartamento de um bairro social. Quando irromperam pela sala dentro, um par de suspeitos abriu fogo contra eles com armas automáticas. Os polícias ripostaram, matando os suspeitos. Tanta violência, pensou Peterson. Ele raramente andava armado e nunca tinha disparado em serviço.

— Como é que foi Berna?

Peterson mentira-lhe para esconder a visita que fizera a Otto Gessler.

Sentou-se na borda da cama e tirou os sapatos.

— Berna foi Berna.

— Que bom.

— O que estás a ler?

— Não sei. Uma história sobre um homem e uma mulher. Perguntou a si mesmo por que se daria ela ao trabalho. — Como estão as meninas?

— Estão ótimas.

— E Stefan?

— Fez-me prometer que iria ao quarto dele dar um beijo de boa-noite.

— Não quero acordá-lo.

— Não vai acordar. Entre e beije a cabeça.

— Se eu não o acordar, que diferença vai fazer? De manhã, digo que lhe dei um beijo enquanto ele estava dormindo e ele não vai perceber nada.

Eva fechou o livro e olhou para ele pela primeira vez desde que Peterson entrara no quarto.

— Está com um aspecto horrível, Gerhardt. Deve estar esfomeado. Vai arranjar qualquer coisa para comer.

Ele foi até a cozinha silenciosamente. Vai arranjar qualquer coisa para comeres. Não se conseguia lembrar da última vez em que Eva se tinha oferecido

para lhe preparar qualquer coisa para ele comer. Tinha esperado que, uma vez desaparecida a intimidade sexual entre ambos, outras coisas surgissem em seu lugar, como o prazer de partilharem uma refeição caseira. Mas com Eva não. Primeiro, ela tinha fechado à corrente a porta para o seu corpo; depois, para os seus afetos. Peterson era uma ilha na sua própria casa.

Abriu o frigorífico e percorreu o deserto de caixas de comida para levar para casa meio vazias, à procura de qualquer coisa que não se tivesse estragado ou ganho uma camada de bolor. Numa embalagem de papel com manchas de gordura, descobriu ouro: um pequeno monte de raclette de queijo, com massa e bacon. Na prateleira de baixo, escondidos por trás de uma caixa com queijo ricota verde, estavam dois ovos. Preparou-os mexidos e aqueceu a raclette no micro-ondas. A seguir, serviu-se de um copo bem cheio de vinho tinto e regressou ao quarto. Eva estava a tratar das unhas dos pés.

— Dividiu a comida com cuidado, para que cada garfada de ovo fosse acompanhada por um pouco de raclette. Eva achava que isso era um hábito irritante, o que em parte explicava porque ele o fazia. Na televisão, continuava a violência desregrada. Os amigos dos criminosos assassinos tinham vingado agora a morte dos camaradas, matando os policiais. Mais uma prova para a teoria de Herr Gessler acerca da natureza circular da vida.

— O Stefan tem um jogo de futebol amanhã. Ela soprou para os dedos.

— Ele ia gostar que tu fosses.

— Não posso. Surgiu uma coisa no trabalho.

— Ele vai ficar desiludido.

— Lamento, mas não posso fazer nada.

— O que há assim de tão importante no trabalho para não poderes ir ver o jogo de futebol do seu próprio filho? Além disso, nunca acontece nada de importante neste país.

Tenho de tratar do assassinato da Anna Rolfe, pensou ele. Perguntou a si mesmo como reagiria ela se ele o dissesse em voz alta. Pensou em dizê-lo, só para a testar — para ver se ela alguma vez ouvia uma só palavra do que ele dizia.

Eva acabou de tratar das unhas dos pés e regressou ao seu romance. Peterson pousou o prato vazio e os talheres em cima da mesinha-de-cabeceira e apagou a luz. Logo a seguir, Schultie entrou pela porta de rompante e começou a lamber os restos de ovo e gordura da preciosa porcelana, pintada à mão, de Eva. Peterson fechou os olhos. Eva lambeu a ponta do dedo indicador e virou mais uma página.

— Como é que foi Berna? — perguntou.

35

CÓRSEGA

A notícia do estado de espírito sombrio do Inglês espalhou-se rapidamente à volta do pequeno vale. No dia do mercado, deslocava-se em silêncio pela praça da aldeia, escolhendo sem qualquer prazer as suas azeitonas e os seus queijos. À noite, sentava-se com os mais velhos, mas evitava conversar e recusava-se a ser convencido a participar num jogo de malha, mesmo quando a sua honra era posta em questão. O Inglês andava tão preocupado que parecia nem reparar nos rapazes com os seus skates.

Sua direção tinha piorado incrivelmente. Era visto rompendo pela estrada do vale em seu jipe já bem estragado, em velocidades absurdas. Uma vez, foi obrigado a dar uma guinada para se desviar do desgraçado do bode de Don Casablanca e acabou numa vala na beira da estrada. Nessa hora, Anton Orsati interveio. Falou-lhe de uma rixa infame que ocorrera entre dois clãs rivais, devido à morte acidental de um cão de caça. Morreram quatro pessoas antes de a paz ter sido finalmente restabelecida — duas nas mãos dos taddunaghiu dos Orsati. Acontecera há cem anos, mas Orsati realçou que as lições daí retiradas ainda eram relevantes atualmente. O uso engenhoso que fez da história da Córsega funcionou na perfeição, como ele sabia que aconteceria. Na manhã seguinte, o Inglês presenteou

Casablanca com um grande presunto e pediu desculpas por ter assustado o bode. Depois disso, a sua condução passou a ser visivelmente mais lenta.

Ainda assim, havia claramente qualquer coisa errada. Alguns dos homens da praça estavam tão preocupados que fizeram uma visita à siffiadora.

— Ele já não vem aqui há algum tempo. Mas quando acabar por aparecer, podem ter certeza de que não vou revelar os segredos dele, seus imbecis. Esta casa é como um confessionário. Ponham-se a andar, já!

E expulsou-os dali para fora com o pau da vassoura.

Don Orsati era o único que sabia a origem do estado de espírito negro do Inglês. Tinha sido a missão de Lyon; o professor suíço chamado Emil Jacobi. Qualquer coisa em relação a esse assassinato deixara um rasgão na consciência do Inglês. Don Orsati ofereceu-se para lhe arranjar uma garota — uma italiana encantadora que conhecera em San Remo — mas o Inglês recusou.

Três dias depois de o Inglês regressar de Lyon, Don Orsati convidou-o para jantar. Comeram num restaurante próximo da praça e, a seguir, passearam de braço dado pelas ruas estreitas da aldeia escura. Por duas vezes, apareceram moradores vindos das trevas, e, por duas vezes, viraram costas rapidamente e seguiram na direção contrária. Todos sabiam que, quando Don Orsati estava a falar em privado com o Inglês, o melhor era afastarem-se. Foi nessa hora que Don Orsati lhe falou da missão de Veneza.

— Se quiseres que envie um dos outros rapazes...

— Não — respondeu o Inglês depressa. — Eu faço isso.

— Tem certeza?

— Sim.

— Estava com esperanças de que dissesses isso. Nenhum dos outros é realmente capaz de um trabalho destes. Além disso, acho que vais gostar da missão. A nossa atividade tem uma longa tradição em Veneza. Tenho certeza de que vai achar o ambiente bem inspirador.

— Tenho certeza de que tens razão.

— Tenho um amigo lá chamado Rossetti. Vai dar-te a ajuda toda de que precisares. — Tens os dossiês?

Só um homem tão poderoso como Anton Orsati poderia deixar os dossiês relativos a duas pessoas que planeava assassinar no banco da frente de um carro, mas era assim a natureza da vida naquela aldeia da Córsega. O Inglês leu-os na praça, à luz de um poste. Quando abriu o segundo arquivo, uma expressão de reconhecimento passou-lhe pelo olhar e até Orsati foi capaz de a detectar. — Há alguma coisa de errado?

— Eu conheço este homem… de uma outra vida.

— E isso é um problema? " Ele fechou o arquivo.

— De maneira nenhuma.

O Inglês ficou acordado até tarde, a ouvir a fita de áudio que tirara do apartamento do professor, em Lyon. Depois, leu o monte de recortes de notícias e obituários que tinha juntado ao percorrer uma série de sites de jornais na Internet, seguido dos dossiês que Anton Orsati lhe acabara de entregar. Dormiu umas quantas horas; depois, na manhã seguinte, ainda antes do nascer do Sol, guardou um pequeno saco de viagem na bagageira e foi de jipe até a aldeia. Estacionou numa rua estreita perto da igreja e seguiu a pé até a casa onde a signadora vivia. Quando ele bateu à porta delicadamente, ela abriu as persianas da janela do segundo andar e espreitou para baixo, como uma gárgula. — Desconfiei que eras tu. O siroco está soprando. Traz com ele poeira e espíritos malignos.

— E qual deles eu sou?

— Consigo ver o occhju daqui de cima. Espera aí, meu filho. Não demoro nada. O Inglês fumou um cigarro enquanto esperava que a velha se vestisse e descesse. Apareceu à porta com um vestido todo preto, de viúva, e puxou-o para dentro pelo pulso, como se temesse que andassem por ali animais selvagens. Sentaram-se à mesa de madeira tosca, à frente um do outro. Ele acabou de fumar o cigarro enquanto a velha tratava do azeite e da água.

— Três gotas, embora tenha a certeza de que já sei a resposta.

O inglês molhou o dedo no azeite e deixou que caíssem três gotas dentro da água. Quando o azeite se despedaçou, a velha deu início à sua costumeira rotina de bênçãos e preces. Quando ele repetiu o teste, o azeite juntou-se numa só bola, ficando a boiar à superfície da água. Isso deixou a velha satisfeita.

— Mas que belo truque que tens para aí — disse o Inglês.

— Não é um truque. Mais do que qualquer outra pessoa, devias saber isso.

— Não quis ser desrespeitoso.

— Eu sei. Apesar de não seres corso de nascimento, tens a alma de um corso. És um verdadeiro crente. Queres beber alguma coisa antes de ires? Um bocado de vinho, talvez? — São seis da manhã.

A velha inclinou a cabeça, como que a querer dizer: E então?

— Devias estar em casa, na cama — disse ela. E a seguir, acrescentou: — Com uma mulher. Não com aquelas putas que o Don Orsati te traz. Uma verdadeira mulher, que te dê filhos e trate da roupa.

— As mulheres do Don Orsati são as únicas capazes de me quererem.

— Achas que uma mulher decente não te iria querer por seres um taddunaghiu?

O Inglês cruzou os braços. — Vou contar-te uma história.

Ele abriu a boca para protestar, mas, antes de poder sequer emitir algum som, já a velha se tinha levantado e estava a arrastar os pés a caminho da cozinha, para ir buscar o vinho. A garrafa era verde-escura e não tinha rótulo. A mão dela tremia enquanto servia dois copos.

— O meu marido tinha muito jeito de mãos — disse a signadora.

— Era sapateiro e pedreiro. De vez em quando, costumava trabalhar para o Don Tomasi no vale a seguir a este. Já ouviste falar do clã dos Tomasi? O Inglês fez que sim com a cabeça e deu um gole no vinho. Ainda eram sobejamente conhecidos pelos distúrbios que provocavam.

— O Don Tomasi contratou o meu marido para ele lhe construir um muro novo à volta do jardim. Era uma coisa bela, garanto-te, mas o Don Tomasi disse que era um trabalho defeituoso e recusou-se a pagá-lo. Discutiram com grande violência e o Don ordenou a um par dos seus pistoleiros que expulsassem o meu marido dali. Ainda lá está, aliás. — O muro à volta do jardim? — Exatamente!

A velha bebeu um pouco de vinho e preparou-se para contar o resto da história. — O meu marido era um bom trabalhador, mas era um homem gentil. Um agnello.

Conheces este termo?

— Um cordeiro.

A signadora acenou com a cabeça.

— Não era o tipo de homem que usasse os punhos ou uma faca para lutar. A notícia do tratamento que tinha recebido às mãos do Don Tomasi espalhou-se

pela aldeia toda. O meu marido transformou-se numa fonte de gozo. Duas noites depois do incidente, foi levado a entrar numa luta na praça. Foi esfaqueado no abdômen e morreu.

Qualquer coisa brilhou no fundo dos olhos da velha. Raiva. Ódio. — Era evidente que era necessária uma vingança com derramamento de sangue — prosseguiu calmamente. — Mas de quem? Do imbecil que tinha assassinado o meu marido na praça? Não era esse o verdadeiro responsável pela morte dele. Quem tinha sangue nas mãos era o Don Tomasi. Mas como é que eu haveria de conseguir matar o Don Tomasi?

Ele vivia numa grande casa, no alto de uma colina, rodeado de cães ferozes e homens armados. Não havia hipótese de eu o conseguir matar! Então fui ter com o pai do Anton Orsati e contratei um taddunaghiu para fazer o serviço por mim. Custou-me todo o dinheiro que eu tinha, mas valeu bem a pena. O taddunaghiu infiltrou-se no reduto do Don Tomasi e cortou-lhe o pescoço enquanto ele dormia — matou-o como o porco que ele era. Estava feita justiça.

Ela esticou-se por cima da mesa e pousou a palma da mão nas costas da dele. — Às vezes, Christopher, um taddunaghiu pode fazer coisas boas. Às vezes, pode corrigir um mal terrível. Às vezes, pode administrar a justiça tanto quanto a vingança. Lembra-te das coisas que eu te disse.

— Prometo — respondeu ele.

Entregou-lhe um maço grosso de notas. Sem olhar para ele, ela disse:

— É demasiado. É sempre demasiado.

— Dás-me paz. A paz não tem preço.

Levantou-se para se ir embora, mas ela agarrou-lhe o pulso com uma força surpreendente.

— Deixa-te estar sentado aqui ao meu lado enquanto eu bebo o meu vinho. Ainda sinto falta do meu marido, sabes? Mesmo passados estes anos todos. E, assim, ficou ali sentado, a observar a luz da vela a tremeluzir nas rugas do rosto dela, enquanto ela bebia o resto do vinho. A seguir, os olhos dela se fecharam e o queixo caiu no peito.

O Inglês pegou nela, levou-a para o andar de cima e deitou-a suavemente na cama. Acordou por breves instantes. Esticou a mão e tocou com o dedo no talismã que ele tinha ao pescoço: o coral vermelho, com o feitio de uma mão. Depois, acariciou-lhe o rosto e voltou a adormecer.

Ele desceu, saiu da casa e entrou no jipe, partindo em seguida para Calvi, onde embarcou no primeiro ferry para Marselha. Quando lá chegou, foi buscar um carro que Orsati lhe deixara junto ao cais e pôs-se a caminho de Veneza.

36

VENEZA

A imprensa italiana ganhou vida. Houve uma avalanche de especulações em relação às composições que Anna Rolfe iria tocar. Iria ela tentar aquela que era a sua marca, a demoníaca sonata de Giuseppe Tartini, O Trilo do Diabo? Seguramente, especularam os jornalistas musicais, miss Rolfe não iria tentar uma

composição tão difícil após ter estado tanto tempo afastada dos palcos.

Houve pedidos no sentido de transferir o recital para uma sala de espetáculos maior. Estava marcado para a sala de cima da Scuola Grande di San Rocco, que possuía apenas seiscentos lugares sentados, e a procura de bilhetes complicara-se ao ponto de se assemelhar a qualquer coisa como uma luta sem tréguas entre os venezianos mais abastados. Zaccaria Cordoni, não quis sequer contemplar a hipótese de transferir o recital, embora, numa tentativa de preservar o estatuto que vigorava em Veneza, tenha culpado habilmente Anna Rolfe. Ela tinha pedido uma sala pequena, disse, e ele era um mero prisioneiro das exigências da artista. Uma revista de inclinação socialista publicou um editorial hilariante em que se argumentava que, uma vez mais, a música tinha sido sequestrada pelas classes endinheiradas.

Exigiam-se manifestações à porta de San Rocco, na noite do concerto. Fiona Richardson, a agente e empresária de Anna Rolfe, emitiu um comunicado, em Londres, prometendo que os consideráveis honorários da apresentação de Anna Rolfe seriam doados para a preservação da scuola e das suas magníficas obras de arte. Veneza inteira suspirou de alívio perante tal gesto e a controvérsia foi baixando como a maré no fim da tarde.

Também se especulou sobre o local onde Anna Rolfe iria ficar. *Gazzettino* anunciou que o Hotel Monaco, o Grand Canal e o Gritti Palace estavam engalfinhados numa luta titânica para atrai-la, enquanto o *Nuova Venezia* deu a entender que miss Rolfe evitaria as distrações de um hotel, aceitando antes um convite para ficar num palácio privado. Como se veio a revelar, nenhum dos dois jornais tinha acertado, já que, ao meio-dia de uma sexta-feira

chuvosa, na véspera do recital, Anna e Gabriel chegaram, de táxi-aquático, a uma doca privada do Luna Hotel Baglioni, estabelecimento sossegado na Calle dell'Ascencione, não muito longe da confusão de turistas da Piazza de San Marco. Anna passou pela recepção durante breves momentos e foi recebida pelo pessoal mais importante, todo aperaltado, do hotel. Apresentou Gabriel como monsieur Michel

Dumont, seu amigo e assistente. Como que para reforçar essa imagem, Gabriel fez questão de aparecer com dois violinos no hall de entrada. Num inglês com sotaque francês, reiterou que miss Rolfe desejava privacidade total. O gerente, um homem de aspecto impecável chamado Signore Brunetti, assegurou-lhe que a presença de miss Rolfe no hotel seria o segredo mais bem guardado de Veneza. Gabriel agradeceu-lhe vigorosamente e assinou o livro de registro. — Miss Rolfe vai ficar na suíte Giorgione, no quinto andar. É um dos nossos melhores quartos. O seu quarto fica logo ao lado. Esperamos que estas decisões sejam do seu agrado.

— São, obrigado.

— Permita-me que eu os acompanhe até suas suítes.

— Isso não será necessário.

— Precisa de ajuda com a bagagem, monsieur Dumont?

— Não, obrigado, consigo levá-las sozinho.

— Como queira — respondeu Signore Brunetti, que entregou as chaves com uma expressão de tristeza.

Num recanto escondido no sestiere de San Marco, fica o minúsculo estabelecimento comercial Rossetti & Rossetti Fine Jewelry, especializado em peças antigas e únicas. Como a maior parte dos lojistas de Veneza, todos os dias, Signore Rossetti

fecha a loja para almoço à uma da tarde e reabre às quatro, a tempo do comércio de final de tarde. Ciente disso mesmo, às cinco para a uma, o Inglês tocou à campainha da porta de segurança e ficou à espera que Rossetti a abrisse.

Era uma loja pequena, não muito maior do que a cozinha da casa do Inglês na Córsega. Ao passar pela entrada, deu de cara com um mostruário de vidro, que servia de balcão, em forma de ferradura. Quando a porta se fechou atrás de si e ele ouviu o barulho da fechadura a girar, o Inglês teve a sensação de estar preso dentro de uma caixa-forte de cristal. Desabotoou o impermeável e pousou a pasta no chão de madeira já gasto.

Signore Aldo Rossetti ficou parado atrás do balcão, sem se mexer, como um lacaio, com o seu terno acinturado e sua gravata pardacenta de banqueiro. Tinha uns óculos de ler, com aros de ouro, enfiados na ponta do majestoso nariz. Atrás dele, estava um armário alto de madeira muito encerada, com gavetas rasas e pequenas maçanetas de bronze. A julgar pela postura inflexível de Rossetti, o armário bem poderia conter documentos secretos que ele tivesse jurado proteger a todo o custo. O silêncio profundo da sala era apenas interrompido pelo tique-taque de um relógio antigo. Rossetti apertou a mão ao Inglês fazendo um ar triste, como se o visitante tivesse vindo confessar pecados imperdoáveis. — Estava quase a sair para almoçar — afirmou Rossetti, e nesse preciso momento, como que para acentuar isso mesmo, o relógio antigo que estava na parede atrás dele indicou ser uma hora da tarde.

— Isto não vai demorar muito. Vim buscar o anel de sinete para o Signore Bull.

— O sinete?

— Sim, isso mesmo. — Para o Signore Bull?

Uma das seis subdivisões da cidade de Veneza.

— Penso que ele lhe deve ter dito que eu vinha a caminho. Rossetti inclinou a cabeça para trás e mirou o Inglês como se ele fosse um artigo de valor e proveniência duvidosos. Convencido, baixou a cabeça e deu a volta para sair de trás do balcão e passar o letreiro na montra de ABERTO para FECHADO.

No andar de cima, havia um pequeno escritório. Rossetti instalou-se à mesa e convidou o Inglês a sentar-se na poltroninha encostada à janela.

— Recebi ainda há pouco um telefonema de um carregador do Luna Hotel Baglioni — revelou Rossetti. — A violinista e um amigo acabaram de se registrar lá. Conhece o Baglioni?

O Inglês abanou a cabeça.

Como a maior parte dos venezianos, Rossetti tinha sempre um mapa da cidade à mão de semear, nem que fosse para ajudar um turista estrangeiro irremediavelmente perdido nas suas ruelas labirínticas. O de Rossetti tinha aspecto de ter sido comprado durante o governo do último Doge — uma coisa esfarrapada e com os cantos das páginas dobrados, com fita-cola ao longo dos vincos que se abriam, tão velho que perdera toda a cor. Abriu-o em cima da mesa, alisando-o com ambas as mãos, como se ele mostrasse a localização de um tesouro enterrado.

— O Luna Hotel Baglioni fica aqui — disse, tocando no mapa com a ponta do seu delicado dedo indicador — , na Calle dell'Ascencione, a uns passos da parada de vaporetto de San Marco. A Calle del Fascencione é muito estreita, mais ou menos do mesmo tamanho do que esta rua. Há uma doca privada no Rio delia Zecca. Vai ser impossível conseguir vigiar sozinho a parte da frente e as traseiras do hotel.

O Inglês inclinou-se por cima do mapa para poder ver melhor.

— Tem alguma sugestão?

— Talvez eu consiga utilizar os meus recursos para manter a violinista sob vigilância. Se ela der um passo, posso alertá-lo.

— Tem alguém a trabalhar dentro do hotel?

Rossetti ergueu uma sobrancelha e inclinou a cabeça, um gesto neutro, que tanto podia ser afirmativo como negativo e que significava que ele não queria falar mais sobre essa questão.

— Presumo que esse serviço implique honorários extra. — Para o Don Orsati? Terei todo o prazer em fazê-lo.

— Explique-me como é que isso funcionaria.

— À volta do hotel, há vários lugares onde se pode ficar à espera sem se se chamar a atenção. A Piazza de San Marco, claro. Os cafés ao longo da Calle Marzo. O Fontamenta delle Farine, com vista para o canal.

Rossetti indicou a localização de cada um desses lugares com um toquinho suave no mapa.

— Presumo que tem um celular.

O Inglês deu uma palmadinha no bolso do casaco.

Dê-me o número e não se afaste muito do hotel. Quando eles derem algum passo, alguém lhe vai telefonar.

Sentia-se relutante em entrar numa parceria com Rossetti, mas infelizmente o italiano tinha razão. Não havia maneira nenhuma de ele conseguir vigiar sozinho o hotel. Ditou o número do celular e Rossetti apontou-o.

— É claro que há sempre a hipótese de a violinista ficar no hotel até a atuação em San Rocco — realçou Rossetti. — Se for esse o caso, não terá outra hipótese a não ser executar a missão nessa hora.

— Tem algum bilhete?

Rossetti tirou o bilhete da gaveta de cima e pousou-o com cuidado em cima do tampo da mesa. A seguir, utilizando o polegar e o indicador de ambas as mãos, arrastou-o suavemente. O Inglês pegou o bilhete e virou-o ao contrário. Rossetti olhou pela janela enquanto o seu cliente inspecionava a mercadoria, confiante de que ele a consideraria do seu agrado.

— É verdadeiro? Não é falso?

— Sim, sim, é mesmo verdadeiro, asseguro-lhe. É bem difícil de arranjar. Aliás, eu estava tentado a guardá-lo para mim. É que, sabe, sempre fui um fã dmiss. Tanta paixão. É mesmo uma pena que ela tenha de…

Rossetti interrompeu-se. — Conhece a San Rocco?

O Inglês enfiou o bilhete dentro do bolso e abanou a cabeça. Rossetti virou-se novamente para o mapa.

— A Scuola Grande di San Rocco fica aqui, do outro lado do Canal Grande, nos sestieri de San Polo e Santa Croce, ao sul da igreja Frari. San Rocco era o santo padroeiro das doenças contagiosas e a scuola foi construída inicialmente para ser uma instituição de caridade para aqueles que estavam doentes. A construção foi financiada através de doações de venezianos ricos, que acreditavam poderem evitar a Peste Negra se dessem dinheiro para a scuola. Se o assassino achou esse pedaço da história de Veneza minimamente interessante, não deu qualquer sinal disso. Sem se deixar desanimar, o pequeno joalheiro italiano juntou os dedos e prosseguiu a palestra.

— A scuola tem dois pisos principais, a sala do rés-do-chão e a sala de cima. Em 1564, encomendaram a Tintoretto que pintasse as paredes e os tetos dos edifícios. Demorou vinte e três anos até terminar essa tarefa.

Parou por um momento, para refletir sobre isso mesmo, e a seguir acrescentou: — Consegue imaginar um homem com uma paciência dessas? Não gostaria nada de ter de medir forças com um homem assim.

— Onde é que vai ser o concerto? Na sala do rés-do-chão ou na sala de cima? — Na sala de cima, claro. O acesso é feito através de uma escadaria de mármore desenhada e construída por Scarpagnino. Lá dentro, as paredes estão decoradas com pinturas da Peste Negra. É bem comovente.

— E se eu for obrigado a executar a missão dentro da sala de cima? Rossetti levou até a boca os dedos unidos e sussurrou uma súplica quase silenciosa. — Se não tiver outra hipótese, então não vai encontrar dificuldades em descer pela escadaria e sair pela entrada da frente. Daí, pode sumir-se no meio das ruelas de San Polo e ninguém o vai encontrar.

Parou por uns segundos e a seguir acrescentou:

— Mas, enquanto veneziano, rogo-lhe que arranje outra maneira Seria uma tragédia se danificasse um dos Tintoretto.

— Fale-me da zona em redor de San Rocco.

— A igreja e a scuola partilham a mesma praça. Por trás delas, fica um canal, o Rio della Frescada, que dá acesso às duas estruturas. Miss Rolfe só tem duas formas de chegar a San Rocco na noite do concerto, a pé ou de táxi-aquático. Se for a pé, vai estar exposta durante um grande período de tempo. E, a certa hora, também vai ter de atravessar o Grande Canal, ou por vaporetto ou por traghetto.

— E ela não pode atravessar por uma ponte? Rossetti pensou bem antes de responder.

— Suponho que seja possível ela atravessar a Ponte Rialto ou a Ponte Academia, mas isso significaria estar a aumentar imenso o percurso a fazer. Se eu fosse um homem dado ao jogo, apostaria

que miss Rolfe vai apanhar um táxi-aquático diretamente da doca do hotel para a San Rocco.

— E se ela fizer isso?

— O Rio delia Frescada é um canal muito estreito. Há quatro pontes entre a entrada no Grande Canal e o desembarque na San Rocco. Não lhe vão faltar oportunidades. Como se costuma dizer, será canja.

O Inglês lançou um olhar de desdém ao italiano, como que a querer dizer que nenhum trabalho podia ser descrito de forma tão básica, sobretudo quando o alvo estava sob a proteção de um profissional.

— O Don Orsati disse que você ia precisar de armas. Uma pistola e talvez qualquer coisa com um pouquinho mais de poder de fogo, para o caso de as coisas não correrem conforme planeado.

Rossetti levantou-se e arrastou os pés pelo chão, em direção a um cofre-forte antigo. Abriu o fecho e depois as portas pesadas. Tirou de lá de dentro uma mala de diplomata, pousou-a em cima da mesa e sentou-se novamente. Abriu a mala, tirou dela duas armas, cada uma embrulhada numa proteção de feltro, e colocou-as em cima da mesa. Desenrolou a primeira e passou-a ao Inglês: uma Tanfolglio Modelo S de nove milímetros, com um cano todo preto e uma coronha em madeira de nogueira. Cheirava a óleo de arma limpo. O assassino puxou a culatra, sentiu o peso e o equilíbrio da pistola e observou o cano pela mira.

— Tem um carregador com quinze balas e o cano mais comprido faz com que ela seja muito certeira — explicou Rossetti. O seu bilhete para o concerto é para a penúltima fila. Lamento, mas foi o melhor que pude arranjar. Mas mesmo a uma distância dessas, um homem com o seu treino não deverá ter qualquer dificuldade em acertar no alvo com a Tanfolglio.

— Fico com ela. E com mais um carregador.

— Claro.

— E a segunda arma?

Rossetti desembrulhou-a e entregou-a ao assassino. Era uma pequena pistola-metralhadora fabricada na Áustria. O Inglês pegou nela e examinou-a atentamente.

— Eu pedi especificamente uma MP5 Heckler and Koch — afirmou.

— Sim, eu sei, mas não consegui arranjar uma tão em cima da hora. Tenho certeza de que vai ficar satisfeito com a Steyr-Mannlicher. É leve e fácil de esconder.

Além disso, é sempre um último recurso.

— Suponho que terá de servir.

— Tem algum carinho especial pela Heckler and Koch?

Por acaso, o Inglês até tinha. Tinha sido a arma que utilizara enquanto estivera na SAS, mas isso era uma informação que não iria partilhar com Rossetti. Enrolou as duas armas nas suas proteções de feltro e guardou-as com cuidado, juntamente com os carregadores e as caixas de munição extra, na pasta que segurava.

— Vai precisar de mais alguma coisa?

Quando o assassino abanou a cabeça, Rossetti pousou o lápis num pequeno bloco de apontamentos e começou a fazer a conta: armas, bilhete para o concerto, serviços prestados. Após chegar a um total em liras, pôs na mesa para que o assassino pudesse ver. Este olhou para a conta e depois para Rossetti — Importa-se que pague em dólares?

Rossetti sorriu e converteu a soma em dólares, utilizando a taxa de câmbio daquele dia. O Inglês contou as notas de cinquenta dólares, novinhas em folha, até chegar ao valor e acrescentou outros quinhentos, em jeito de gorjeta. Signore Rossetti encolheu os ombros como que a querer dizer que não

era necessária qualquer gorjeta, mas o assassino insistiu e Rossetti enfiou o dinheiro no bolso discretamente. Depois de descerem as escadas, Rossetti e o Inglês saíram da loja e o primeiro trancou a porta. Foram recebidos por uma torrente de chuva, grandes cortinas de água que massacravam a pequena ruela e escorriam para os esgotos, como um riacho de montanha a transportar. O italiano tinha calçado umas botas de borracha que lhe chegavam até os joelhos; ao Inglês, com os seus sapatos de camurça, não restava outra hipótese a não ser andar aos saltos, a pular por cima das poças. E isso divertiu o joalheiro veneziano.

— É a primeira vez que vem a Veneza?

— Sim, é um fato.

— Isto tem estado sempre assim já desde há uma semana e os turistas continuam a vir à mesma. Precisamos deles... só Deus sabe, eu não faria negócio nenhum sem eles... mas, às vezes, até eu me canso dessa presença constante.

Numa paragem de vaporetto, apertaram a mão.

— Devo dizer que acho este assunto extremamente desagradável mas, enfim, há que fazer aquilo para que somos pagos. Uma violinista...

Levantou as mãos, num gesto inteiramente italiano.

—... Uma violinista pode ser substituída. Mas os Tintorettos... os Tintorettos são insubstituíveis. Por favor, eu nunca me perdoaria a mim mesmo se tivesse contribuído de alguma forma para destruição deles.

— Garanto-lhe, Signore Rossetti, que vou fazer todos os possíveis para não os estragar. O italiano sorriu.

Tenho certeza de que irá. Além disso, já imaginou a maldição que iria recair num homem que deixasse um buraco de bala no Salvador ou na Virgem?

O pequeno joalheiro benzeu-se e depois virou as costas e desapareceu na ruela.

37

VENEZA

Nessa tarde, a equipe de Gabriel reuniu-se na sala de estar da suíte de hotel de Anna Rolfe. Tinham chegado a Veneza por percursos diferentes, com os passaportes de países diferentes e com histórias diferentes a servirem de cobertura. Fiéis à doutrina do Escritório, todos eles se fizeram passar por casais. A operação tinha sido pensada e posta em prática de forma tão apressada que nunca chegara a receber um verdadeiro nome de código. O quarto de hotel de Anna chamava-se Giorgione Suite e, a partir desse momento, a equipe de campo de Gabriel passou a usar esse nome.

Havia Shimon e liana. A fazerem de franceses recém-casados, tinham chegado a Veneza vindos da Cote d'Azur. Tinham olhos escuros e pele morena, iguais em altura e praticamente iguais em beleza física. Tinham treinado juntos na Academia e a sua relação tornou-se tensa quando liana se sobrepôs a Shimon na carreira de tiro e lhe partiu a clavícula durante uma sessão nos tapetes de borracha esponjosa do ginásio.

Havia Yitzhak e Moshe. Em adaptação às realidades das relações amorosas no mundo moderno,

faziam-se passar por um casal homossexual de Notting Hill, embora qualquer um deles fosse exatamente o contrário, Yitzhak de forma bem vigorosa. Havia Deborah, da base de Otava. Gabriel trabalhara com ela na operação Tariq e ficara tão impressionado que tinha insistido que fizesse parte da equipe de Veneza.

De início, Shamron tinha rejeitado a ideia liminarmente mas, quando Gabriel se recusou a desistir, acabou por a pôr no primeiro avião a sair de Otava e engendrou uma mentira convincente para dizer ao chefe de seção dela.

Sentado ao lado dela, com a perna pendurada no braço do sofá de forma sugestiva, estava Jonathan. Taciturno e entediado, tinha o ar de um homem que estava há uma eternidade num consultório médico, à espera de fazer um exame físico de rotina do qual não precisava. Era uma versão mais nova de Gabriel — Gabriel antes de Viena, talvez. Para ele, matar é uma coisa séria, dissera Shamron. Mas não é nenhum pistoleiro. Tem uma consciência, como tu. Quando tudo tiver terminado e toda agente estiver a salvo, ele vai arranjar uma casa de banho simpática e sossegada, para se poder vomitar todo à vontade. Gabriel achou reconfortante este elemento da personalidade de Jonathan, como Shamron sabia que aconteceria.

A sessão demorou uma hora e um quarto, embora Gabriel não soubesse porque razão tinha reparado nesse fato. Decidira que o trabalho a fazer nesse dia seria em Castello, o sestiere que ficava logo a leste da Basílica de San Marco e do Palácio do Doge. Tinha vivido em Castello durante a sua aprendizagem e conhecia bem esse emaranhado de ruas. Utilizando um lápis do hotel como ponteiro, planeou o seu percurso e coreografou os movimentos da equipe. Para encobrir o som das instruções, pôs a tocar uma gravação de danças alemãs de Mozart. Isso pareceu tornar o estado

de espírito de Jonathan ainda mais sombrio. Jonathan desprezava tudo o que fosse alemão. Na verdade, o único povo que odiava ainda mais do que o alemão era o suíço. Durante a guerra, o avô tinha tentado manter o seu dinheiro e as heranças de família e confiara tudo a um banqueiro suíço. Cinquenta anos depois, Jonathan tinha tentado aceder a essa conta mas fora-lhe comunicado, por um empregado atencioso, que o banco necessitava primeiro de uma prova de que o avô de Jonathan estava realmente morto. Jonathan explicou que o avô tinha sido assassinado em Treblinka — Com um gás fabricado por uma companhia química suíça, sentira-se tentado a dizer — e que os nazistas, apesar de toda a insistência que manifestavam com a documentação, não tinham tido a atenção de fornecer uma certidão de óbito. O empregado pedira-lhe desculpas mas, sem certidão de óbito, não tem havia dinheiro.

Quando Gabriel terminou de dar as instruções, abriu uma mala grande cor de aço inoxidável e entregou um celular protegido e uma Beretta de nove milímetros a cada membro da equipe. Quando as armas deixaram outra vez de estar à vista, subiu as escadas, foi buscar Anna ao quarto e fê-la descer para conhecer a Equipa Giorgione.

Shimon e liana levantaram-se e aplaudiram discretamente. Entrando nas suas personagens, Yitzhak e Moshe teceram comentários ao estilo das suas botas de couro tão na moda. Deborah mirou-a com inveja. Apenas Jonathan parecia não ter qualquer interesse nela, mas Jonathan devia ser desculpado pois, naquela hora, já só tinha olhos para o assassino conhecido como o Inglês.

Passados dez minutos, Gabriel e Anna estavam a atravessar a pé a Calle dell'Ascencione. Os outros

membros da equipe tinham saído antes deles e ocupado as suas posições:

Jonathan na paragem de vaporetto de San Marco, Shimon e liana a olhar para os sapatos nas montras das lojas de Calle Frezzeria, Yitzhak e Moshe numa mesa do Caffé Quadri, na Piazza de San Marco. Deborah, a benjamim do grupo, recebera a missão nada invejável de dar farelo de milho aos pombos, à sombra da torre do campanário. Com um autocontrole admirável, deixou que os bichos lhe subissem para os ombros e ficassem empoleirados no cabelo. E até encontrou um bonito carabiniere que lhe tirou uma fotografia com a máquina fotográfica descartável que ela tinha comprado num quiosque no centro da praça.

Quando Gabriel e Anna entraram na piazza, estava a cair uma chuva miudinha, como neblina a sair de um vaporizador de quarto. A previsão meteorológica dava chuva mais intensa para os dois dias seguintes e havia o medo de que acontecesse uma *acqua alta*. Equipas de trabalhadores estavam a construir uma rede de passagens elevadas feitas de toros, para que o comércio destinado aos turistas pudesse continuar quando a maré da lagoa transformasse San Marco num lago raso.

Anna trazia um blusão, acolchoado e grosso o suficiente para esconder o colete Kevlar. tinha por baixo. Tinha o capuz posto e estava de óculos escuros, apesar do céu encoberto daquela tarde. Gabriel tinha uma noção imprecisa de Jonathan o ir seguindo de perto, com um guia turístico aberto nas mãos e os olhos a percorrerem a praça sem parar. Olhou de soslaio para a esquerda e viu Shimon e liana a caminharem sob o passeio coberto. Centenas de mesas de cafés iam desaparecendo ao longe, como as fileiras de um exército numa parada militar. A basílica

flutuava à frente deles, com as grandes cúpulas a recortarem-se no céu cinzento.

Anna enfiou o braço no de Gabriel. Foi um gesto totalmente espontâneo, nem demasiado íntimo nem demasiado distante. Podiam ser amigos ou colegas de profissão; e podiam ter acabado de fazer amor. Ninguém seria capaz de perceber o que ela sentia pelo modo como tocava nele. Só Gabriel, e isso era apenas por conseguir sentir um ligeiro tremor no corpo dela e os seus dedos poderosos da mão esquerda a cravarem-se nos tendões do braço dele.

Sentaram-se numa mesa do Caffé Florian, sob a proteção da arcada. Um quarteto tocava Vivaldi bem mal, o que levou Anna a distrair-se. Shimon e liana tinham atravessado a praça e fingiam estar a admirar os leões da Piazzetta dei Leoncini. Yitzhak e Moshe deixaram-se ficar sentados na sua mesa, do outro lado da piaga, enquanto Deborah continuava a ser massacrada pelos pombos. Jonathan sentou-se a poucos metros de Gabriel.

Anna pediu os cafés. Gabriel sacou do celular e contatou cada um dos elementos da equipe, começando por Yitzhak e terminando numa desesperada Deborah. A seguir, enfiou o celular novamente no bolso, trocou um olhar rápido com Jonathan e abanou a cabeça uma vez.

Continuaram sentados enquanto Anna acabava de beber o café. A seguir, Gabriel pediu a conta, um sinal para o resto da equipe de que o segundo cato estava prestes a começar. Jonathan fez o mesmo. Embora estivesse a coberto da conta de despesas de Shamron, o seu rosto deixava ver a repugnância que sentia pelo valor escandaloso que estavam a pedir por um cappuccino e uma garrafa de água mineral.

Cinco minutos mais tarde, a Equipa Giorgione estava a atravessar por ordem a Ponte delia Paglia e a

entrar no sestiere de Castello — primeiro, Shimon e liana, depois, Yitzhak e Moshe e, finalmente Gabriel e Anna. Jonathan continuava a seguir poucos metros atrás de Gabriel, embora a esta altura já tivesse guardado o guia turístico e tivesse os dedos bem agarrados à coronha da Beretta.

E, cerca de quarenta metros atrás de todos eles, seguia o Inglês. Tinha duas perguntas a passarem-lhe pela cabeça. Porque razão iria agora a garota que estivera a dar de comer aos pombos em San Marco cinco passos atrás de Gabriel Allon? E porque razão iria o homem que estivera sentado perto de Allon, no Caffé Florian, cinco passos à frente dela?

O Inglês era bem versado na arte da contravigilância. Anna Rolfe estava sob a proteção de uma equipe de talento e profissional. Mas a verdade é que seria sempre assim que Allon agiria. O Inglês estudara às ordens dele; sabia como ele pensava. O Gabriel Allon que o Inglês conhecera em Telaviv nunca sairia para dar um passeio sem ter um propósito e o deste era levar o Inglês a mostrar-se.

Em Riva degli Schiavoni, o Inglês comprou um postal num quiosque para turistas e ficou a observar Allon e Anna Rolfe a desaparecerem nas ruas de Castello. A seguir, deu meia volta e passou as duas horas seguintes a fazer lentamente o caminho de regresso ao hotel.

Veneza é uma cidade onde as regras normais de vigilância e contravigilância de rua não se aplicam. É uma composição de grande virtuosismo que exige a mão segura de um virtuoso. Não há automóveis, nem autocarros, nem elétricos. Há poucos lugares em que valha a pena instalar um posto fixo de vigilância. Há ruas que não vão dar a lado nenhum — a um canal ou a um pátio fechado, sem possibilidades de fuga. É uma

cidade em que o homem que está a ser perseguido detém todas as vantagens.

Era muito boa a Equipe Giorgione. Tinha sido treinada pelos artistas da vigilância do Escritório e aperfeiçoado os seus conhecimentos nas ruas da Europa e do Médio Oriente. Comunicava entre si em silêncio, saindo e entrando dentro da órbita de Gabriel, aparecendo e reaparecendo a partir de várias direções. Só Jonathan permanecia constantemente na mesma posição, cinco passos atrás de Gabriel, como um satélite em órbita estacionária.

A equipe avançou para norte, atravessando uma série de praças de igreja, até se instalar por fim num pequeno café, no passeio do amplo Campo Santa Maria delia Formosa. Gabriel e Anna sentaram-se numa mesa, enquanto Jonathan se deixou ficar ao balcão, junto a um grupo de homens. Pelas janelas, Gabriel foi vislumbrando a equipe aqui e acolá: Shimon e Liana comprando sorvete no centro da praça. Yitzhak e Moshe admirando o exterior simples da igreja de Santa Maria Formosa. E Deborah, num regresso momentâneo a seu velho espírito, jogando futebol com um grupo de meninos de escola italianos. Dessa vez, foi Jonathan a contatar os membros da equipe por um celular protegido. Depois, voltou-se para Gabriel e articulou três palavras: *Ela está limpa*.

Mais tarde, nessa noite, depois de a Equipa Giorgione ter terminado o relatório e os seus membros se terem retirado para os respectivos quartos de hotel, Gabriel deixou-se ficar na sala de estar, à meia-luz, olhando fixamente para as fotografias de Christopher Keller. No andar de cima, o violino de Anna calou-se. Gabriel ouviu-a a guardá-lo outra vez no estojo e a fechar os trincos. Passado um momento, desceu as escadas. Gabriel recolheu as fotografias e enfiou-as

dentro de uma pasta de arquivo. Anna sentou-se e acendeu um cigarro.

Gabriel perguntou:

— Vai tentá-lo?

— O Trilo do Diabo?

— Sim.

— Ainda não decidi.

— E vai fazer o quê se achar que não é capaz de o tocar?

— Substituo-o por uma série de sonatas de Bach sem acompanhamento musical. São bem bonitas, mas não são o Trilo. Os críticos vão ficar a perguntar-se por que eu decidi não o tocar. Vão pôr-se a especular que eu regressei demasiado depressa. Vai ser muito divertido.

— Seja o que for que decidir tocar, vai ser maravilhoso.

O olhar dela foi parar à pasta de manilha em cima da mesa de café.

— Por que fez isso?

— Fiz o quê?

— Por que escondeu as fotografias de mim quando entrei na sala? Por que não quer que eu o veja?

— Preocupe-se com O Trilo do Diabo e eu preocupo-me com o homem da pistola.

— Fale-me dele.

— Há coisas que não precisa de saber.

— Ele pode muito bem tentar matar-me já amanhã à noite. Tenho o direito de saber alguma coisa acerca dele.

Gabriel não podia rebater isso e por isso contou-lhe tudo aquilo que sabia.

— Ele anda mesmo por aí?

— Temos de partir do princípio que sim.

— Bastante interessante, não acha?

— O quê?

— Ele consegue mudar de voz e de aspecto a seu bel-prazer e desapareceu no deserto, no Iraque, por entre fogo e sangue. Parece-me ser o Diabo.

— Ele é um diabo.

— Então vou tocar-lhe a sonata dele. E depois pode mandá-lo para o inferno.

38

VENEZA

Ao final da tarde do dia seguinte, o Inglês caminhava ao longo de Calle della Passion, com o campanário gótico da igreja Frari a elevar-se à sua frente. Foi cortando por entre um emaranhado de turistas, mudando a posição da sua cabeça habilmente, de modo a evitar os chapéus-de-chuva deles, que se agitavam como alforrecas à deriva na maré. Na praça, havia um café. Pediu um café e espalhou os guias turísticos e os mapas em cima da pequena mesa. Se houvesse alguém a olhar para ele, partiriam do princípio de que era apenas mais um turista, o que para o Inglês servia às mil maravilhas.

Já andava a trabalhar desde o início da manhã. Pouco depois do pequeno-almoço, saíra do hotel, em Santa Croce, com os mapas e os guias turísticos na mão, e passara várias horas a deambular por San Marco e San Polo, a memorizar as suas ruas, pontes e praças — Como o tinha feito antes, numa vida anterior,

na parte ocidental de Belfast. Tinha prestado especial atenção às ruas e canais à volta da igreja Frari e da Scuola Grande di San Rocco — fizera um jogo consigo mesmo, andando em círculos por San Polo até que, de forma intencional, acabava por se perder. A seguir, regressava até a igreja Frari, testando-se com o nome das ruas, à medida que ia avançando. No interior da scuola, passou uns quantos minutos na sala do rés-do-chão, fingindo que admirava os enormes Tintorettos, mas na realidade estava mais interessado na comunicação entre a entrada principal e a escadaria. Depois, subiu e deixou-se ficar por uns momentos na sala de cima, a localizar a posição aproximada no chão onde se esperava encontrar sentado durante o recital. Rossetti tinha razão; mesmo do fundo da sala, um profissional não teria problemas em matar a violinista com a Tanfolglio.

No café, olhou para o relógio: passavam poucos minutos das cinco da tarde. O recital estava marcado para as oito e meia da noite. Tinha de tratar ainda de uma última coisa antes disso. Pagou a conta e atravessou a escuridão que aumentava, em direção ao Grande Canal. Pelo caminho, parou numa loja para homens e comprou um blusão novo, preto, de nylon e acolchoado, com uma gola de bombazina. Era um estilo que estava muito na moda em Veneza, naquela estação; ao longo do dia, tinha visto dúzias de blusões exatamente iguais. Atravessou o Grande Canal por traghetto e foi ter à loja do Signore Rossetti, em San Marco. O pequeno joalheiro estava atrás do balcão, a preparar-se para fechar tudo e dar o dia por encerrado. Uma vez mais, o Inglês seguiu-o até o escritório, subindo as escadas que rangiam.

— Preciso de um barco.

— Isso não vai ser problema. Para quando é que o quer?

— Imediatamente.

O joalheiro afagou a face.

— Conheço um rapaz. Chama-se Angelo. Tem um táxi-aquático. Muito cuidadoso, muito fiável.

— Não é do gênero de fazer perguntas desconfortáveis?

— De todo. Já fez trabalhos destes antes.

— E consegue contatá-lo em cima da hora?

— Acho que consigo, sim. O que precisa que eu combine?

— Queria que ele ficasse à espera no Rio di San Polo, junto ao Museu Goldoni.

— Estou vendo. Sem problema, embora haja um custo adicional para serviço noturno. É o costume em Veneza. Um momento, por favor. Deixe-me ver se consigo achá-lo.

Rossetti encontrou o nome do homem na sua agenda telefônica e teclou o número. Após curta conversa, o serviço estava confirmado. Angelo estaria no Museu Goldoni dali a quinze minutos e ficaria lá à espera.

— Talvez fosse mais fácil se me pagasse a mim — disse Rossetti. — Eu cuido dos interesses do rapaz.

Uma vez mais, a transação foi efetuada em dólares, depois de Rossetti ter calculado o valor no seu bloco de apontamentos. O Inglês saiu da loja e foi a pé até um restaurante, em Calle delia Verona, onde jantou simplesmente uma sopa de vegetais e fettucine com natas e cogumelos. Não foi o barulho alegre do pequeno restaurante que lhe encheu os ouvidos durante o jantar, mas sim a recordação da conversa que tinha ouvido na fita que tirara a Emil Jacobi a conversa entre o professor suíço e Gabriel Allon acerca dos pecados de um homem chamado Augustus Rolfe. O pai da mulher que o tinham contratado para matar.

Passados uns instantes, enquanto pedia o seu café expresso, aproveitou também para pedir um bocado de papel ao empregado. Escreveu umas quantas palavras nele e, a seguir, enfiou-o dentro do bolso. Depois do jantar, foi a pé até o Grande Canal e apanhou um traghetto que o iria levar até San Rocco. A explosão dos relâmpagos destruiu a deliberada calma do hall de entrada do Hotel Baglioni. As luzes enfraqueceram, resistiram e voltaram a brilhar com a intensidade inicial. O Signore Brunetti, o gerente, apertou as mãos e murmurou uma prece de agradecimento.

Gabriel percorreu o hall de entrada à frente de Anna, em direção à doca. Jonathan seguia-os logo atrás. Deborah vinha logo a seguir, com o Guarneri numa mão e o Stradivarius na outra. O Signore Brunetti ergueu a mão, num gesto de despedida, e desejou-lhe a maior das sortes. O restante pessoal soltou um aplauso discreto. Anna sorriu e tapou a cabeça com o capuz.

Estavam três táxis-aquáticos à espera na doca, os motores em ponto-morto, as proas escuras e envernizadas a reluzirem à chuva e com as luzes. Jonathan foi o primeiro a sair do hotel, seguido por Gabriel. Ao olhar para a direita, viu Moshe e Yitzhak parados em cima da ponte de trabalhadores à entrada do Grande Canal. Moshe estava a olhar na direção contrária, os olhos fixos no ajuntamento de pessoas na paragem de vaporetto de San Marco.

Gabriel virou-se e fez sinal a Anna para que saísse. Entregou-a aos cuidados do condutor do segundo táxi-aquático e depois seguiu-a para o interior da cabina. Jonathan e Deborah embarcaram no primeiro táxi. Moshe e Yitzhak permaneceram na ponte até os táxis passarem por baixo dela.

A seguir, desceram os degraus e embarcaram no último dos barcos.

Gabriel olhou de relance para o relógio: sete e meia.

O Grande Canal atravessa o coração de Veneza, serpenteando como o S ao contrário de uma criança, no leito de um rio antigo. Seguindo as instruções de Gabriel, os táxis mantiveram-se no centro dele, percorrendo a sua longa e suave extensão ao longo de San Marco.

Gabriel ficou com Anna dentro da cabina, com as cortinas fechadas e as luzes apagadas. A bordo do primeiro táxi, Jonathan colocou-se na proa, ao lado do condutor, com os olhos em movimento. No terceiro, Yitzhak e Moshe fizeram a mesma coisa. Dez minutos mais tarde, estavam os três completamente encharcados, quando os táxis viraram para o Rio delia Frescada.

Essa era a parte da viagem que mais preocupava Gabriel. O canal estreito iria forçar os táxis a abrandarem muito e havia quatro pontes entre o Grande Canal e a San Rocco. Era o local perfeito para um assassinato.

Gabriel puxou do celular e teclou o número de Jonathan. Anna apertou-lhe a mão.

Zaccaria Cordoni estava a andar de um lado para o outro, na sala do rés-do-chão da Scuola Grande di San Rocco, com um terno preto, o lenço de seda vermelho-escuro que era a sua imagem de marca e um cigarro por acender entre os dedos. Fiona Richardson, a empresária de Anna, seguia a seu lado.

— Onde é que ela está? — perguntou Cordoni. — Vem a caminho.

— Tem certeza?

— Telefonou-me antes de sair do hotel.

— Ela não vai desistir, pois não, Fiona?

— Ela vem aí.

— Porque se ela me fizer isso e desistir, vou fazer com que nunca mais atue em Itália.

— Ela vai estar cá, Zaccaria.

Foi nesse exato momento que Anna entrou na sala, rodeada pela equipe de Gabriel.

— Anna! Minha querida! — exclamou Cordoni, respirando de alívio. — Está absolutamente encantadora esta noite. Há mais alguma coisa que possamos fazer por si para tornar esta noite num êxito retumbante? — Gostava de ver a sala de cima antes de o público chegar. Cordoni estendeu a mão galantemente.

— Por aqui.

Anna já tinha atuado por duas vezes na San Rocco mas, para se manter fiel ao ritual anterior à sua atuação, passeou-se lentamente pela sala de espetáculos para se certificar de que tudo estava de acordo com o seu gosto — a colocação do palco e do piano, a disposição dos lugares, a iluminação.

Gabriel fez o mesmo, mas por uma razão bem diferente.

Quando a inspeção chegou ao fim, Cordoni fê-la passar por uma porta atrás do palco e entrar numa grande galeria com um soalho de madeira escura e tapeçarias nas paredes. Ligado a ela, ficava uma pequena sala privada que iria servir de camarim a Anna. Um segurança da Scuola estava de guarda à porta.

Tinha um blazer vermelho-borgonha.

— Mandei imprimir dois programas para a atuação desta noite — referiu Cordoni cuidadosamente. — Um com O Trilo do Diabo e outro sem ele.

As portas vão abrir daqui a cinco minutos.

Anna olhou para Gabriel e depois para Fiona Richardson.

— Não me parece que uma noite em Veneza ficasse completa sem Tartini. Distribua o programa com O Trilo do Diabo.

— Tem certeza, Anna? — perguntou Fiona.

— Absoluta.

— Como queira — respondeu Zaccaria Cordoni.

Depois de Cordoni e Fiona Richardson terem saído, Anna tirou o casaco e abriu o estojo do Guarneri. Quando Gabriel se sentou, Anna olhou para ele, pondo as mãos nas ancas.

— O que pensa que está a fazer?

— Vou ficar aqui com você.

— Não vai, não. Preciso ficar sozinha antes de uma atuação. Não o posso ter aqui a distrair-me.

— Lamento, mas esta noite vai ter de abrir uma exceção.

— Diga-me uma coisa, Gabriel. Se estivesse a restaurar um daqueles Tintoretto ali fora, gostava de me ter a observá-lo por cima do ombro?

— Estou a ver onde quer chegar. — Ótimo… agora saia daqui.

Anna recebera um dom: a capacidade para bloquear toda e qualquer distração; a força para criar uma bolha impenetrável de silêncio à sua volta, para se fechar dentro de um casulo. Tinha descoberto esse dom na manhã do suicídio da mãe. Uma simples escala Sol menor em duas oitavas, o padrão ascendente e o descendente era o suficiente para a fazer atravessar um portal místico até um outro tempo e lugar. Infelizmente, a capacidade para criar esse lugar de silêncio perfeitamente ordenado não se estendia além do violino e Deus sabe que praticamente tudo o resto na vida dela tinha sido um caos.

Conhecera músicos que tinham acabado por começar a detestar os seus instrumentos. Anna nunca tinha feito isso. O seu violino era a âncora que a impedia de ser arrastada de encontro às rochas uma corda salva-vidas que a puxava em direção à segurança sempre que corria o risco de se afogar. Quando tinha o violino nas mãos, só aconteciam coisas boas. Era quando ela o largava que as coisas ficavam fora de controle.

Mas não aparecia automaticamente, esta redoma mística. Tinha de ser invocada. Pendurou o casaco nas costas de uma cadeira barroca e apagou o cigarro, esmagando-o. Tirou o relógio e largou-o dentro da mala. Nesta altura, não precisava do tempo — iria criar o seu próprio momento no tempo, um momento que iria existir apenas uma vez e que nunca iria ser duplicado.

Tinha decidido utilizar o Guarneri nessa noite. Parecia mais do que adequado, já que o instrumento tinha sido provavelmente montado duzentos anos antes numa oficina não muito longe de onde estava sentada nesse momento. Abriu o estojo e passou o indicador pelo instrumento: cabeça, braço, cavalete e corpo. Era uma Sra., este violino de Anna. Nobre e graciosa, sem defeitos nem falhas e. nenhuma cicatriz.

Tirou o violino do estojo e encostou-o ao pescoço, para que o botão pressionasse o ponto familiar poucos centímetros acima do ombro. O vestido dela não tinha alças; não gostava que houvesse nada entre o seu corpo e o instrumento. De início, o toque do violino na pele era frio, mas o calor do corpo dela espalhou-se rapidamente pela madeira. Colocou o arco na corda da nota Sol e tocou. O violino respondeu com um tom denso e ressonante. O tom dela. O tom de Anna Rolfe. A porta para o seu lugar místico estava agora aberta. Permitiu-se olhar uma única vez para a mão. As

cicatrizes eram tão feias. Desejou que houvesse alguma coisa que pudesse fazer para as esconder. Logo a seguir, afastou esse pensamento da mente. Não era a mão que tocava o violino; era a cabeça que tocava. Os dedos obedeceriam ao cérebro.

Apagou as luzes, fechou os olhos e depois encostou o arco às cordas e tocou lentamente, extraindo sons do violino. Não executou nenhuma escala, não realizou nenhum exercício, não tocou nenhum excerto das composições que apresentaria nessa noite. Nessa altura, já não havia nada que pudesse fazer para se preparar ainda mais. As composições estavam tão embutidas nas suas células que tocá-las-ia não de cor mas por instinto. Agora, limitava-se a retirar sons do violino e permitia que estes lhe fluíssem pelo corpo. És só tu e eu, violino, pensou. Só tu e eu.

Conseguiu ouvir o murmúrio de uma conversa do outro lado da porta fechada. Desligou um interruptor dentro da cabeça e isso desapareceu. Através das paredes, o barulho baixo da sala de cima a começar a encher-se de espectadores ia-se infiltrando.

Ela desligou o interruptor e também isso desapareceu.

És só tu e eu, violino. Só tu e eu…

Pensou no homem nas fotografias de Gabriel, o assassino conhecido como o Inglês. Já tinha passado muito tempo desde a última vez em que fora capaz de confiar num homem. Calculou que a traição do pai — as mentiras que ele lhe contara acerca das razões para o suicídio da mãe — a tinha feito desconfiar de todos os homens. Mas, naquela noite, iria colocar a vida nas mãos de Gabriel Allon. O pai tinha posto em marcha um plano para tentar expiar os pecados terríveis que cometera. Fora assassinado antes de poder terminar o que tinha começado. Gabriel teria de terminar isso por

ele. E Anna ajudá-lo-ia da única maneira que sabia — tocando o seu violino. Maravilhosamente.

A redoma começou a fechar-se à volta dela, a envolvê-la. Não havia nenhum assassino, nenhuma fotografia do pai com Adolf Hitler, nenhum Gabriel Allon.

Só ela e o seu violino.

Ouviu baterem levemente à porta. Instantaneamente, o arco de Anna parou. — Cinco minutos, miss Rolfe.

— Obrigado.

O arco deslizou pelas cordas uma vez mais. Os sons fluíram-lhe pelo corpo. O violino transformou-se em fogo ao tocar-lhe na pele. A redoma fechou-se à sua volta. Ela estava perdida. Passado pouco tempo, a porta estava aberta e ela ia a flutuar em direção à sala de cima. Ao entrar na sala, partiu do princípio de que houvesse aplausos — algo que sabia apenas devido à experiência e não graças a qualquer informação que estivesse a receber através dos seus sentidos. Não conseguia ver a assistência, nem a conseguia ouvir. Baixou a cabeça e esperou um instante antes de levantar o violino por cima do ombro e o encostar ao pescoço. A seguir, encostou o arco às cordas, hesitou e começou a tocar.

Gabriel fixou o seu posto de vigia por baixo da Tentação de Cristo de Tintoretto. Lentamente, vasculhou a sala com os olhos. Pessoa após pessoa, rosto após rosto, passou a sala em revista, à procura do homem na fotografia.

Se o assassino estava ali, Gabriel não o via.

Verificou a disposição da equipe. Yitzhak estava do outro lado da sala, diretamente à frente de Gabriel. A uma pequena distância, no alto da escadaria, encontrava-se Moshe. Shimon e liana percorriam os fundos da sala e a pouca distância de Gabriel, à sua

direita, estava Jonathan, de braços cruzados, queixo no peito e olhar sombrio e atento.

Por um momento, permitiu-se olhar para Anna. Estava a tocar O Trilo do Diabo sem acompanhamento, como tinha sido a intenção de Tartini. O primeiro movimento foi estonteante — os trechos de uma melodia simples, a flutuar distantes, as sugestões de ornamentação barroca; a intromissão repetida da desconcertante paragem dupla em Mi bemol e Sol. O acorde do Diabo.

Anna tocava de olhos fechados, o corpo a balançar-se ligeiramente, como se estivesse a extrair sons do instrumento fisicamente. Ela não estava a mais de dez metros de distância mas Gabriel sabia que, enquanto durasse o concerto, estaria completamente alheada dele. Nesta altura, ela pertencia à música e qualquer laço que existisse entre ambos era rompido.

Observava-a agora como um admirador — e, vagamente, pensou, como um restaurador. Tinha-a ajudado a descobrir a verdade acerca do pai e a aceitar o passado da família. Os danos ainda lá estavam, pensou, mas escondidos, invisíveis a olho nu, como num restauro perfeito.

Ela executou o padrão descendente, composto por uma série de semitons e traiçoeiro, no final do primeiro movimento. Após parar por um momento, iniciou o segundo movimento. Malicioso e de ritmo mais rápido, estava cheio de exigentes cruzamentos de cordas que exigiam que a mão dela passasse rapidamente da primeira para a quinta posição e da corda da nota Mi para a da nota Sol. Dezoito minutos mais tarde, quando o terceiro movimento se diluiu num último acorde quebrado em Sol menor, a assistência explodiu em aplausos. Anna baixou o violino e respirou fundo várias vezes. Foi só então que

abriu os olhos. Agradeceu os aplausos com uma ligeira vênia. Se chegou a olhar alguma vez para Gabriel, ele não o soube porque a essa altura já estava de costas para ela e a inspecionar a sala, à procura de um homem.

39

VENEZA

Uma chuva constante caía sobre o Campo San Rocco. Mas o tempo desgraçado não diminuía em nada o entusiasmo da grande multidão que ali se mantinha após o recital, à espera de poder vislumbrar Anna Rolfe uma última vez. A atmosfera era de uma eletricidade imensa. Depois de Anna executar O Trilo do Diabo, Nadine Rosenberg, a sua acompanhante de longa data, subira ao palco e juntara-se a ela para a Sonata N. 1 para Violino e Piano em Ré menor de Brahms e a Zigeunenveisen de Pablo Sarasate. A última composição da noite, o demoníaco solo Caprice Nº. 24 de Paganini, fez os espectadores aplaudirem de pé.

Anna Rolfe não sabia que havia uma multidão reunida lá fora. Nesse momento, encontrava-se na galeria por trás do palco, com Zaccaria Cordoni e Fiona Richardson.

Fiona estava a ter uma animada conversa em alemão ao celular. Anna estava a fumar um Gitane bem merecido, a tentar acalmar depois de toda a

adrenalina da atuação. Ainda tinha o violino na mão. O velho Guarneri tinha-se portado bem com ela nessa noite.

Queria tê-lo perto de si durante mais algum tempo.

A uma pequena distância, estava Gabriel, a vigiá-la atentamente. Os seus olhares cruzaram-se e Anna sorriu. Soletrou com a boca a palavra obrigado e atirou-lhe um beijo discretamente. Fiona terminou a conversa e guardou o celular dentro da mala.

— As notícias viajam depressa, minha querida. Vais ter um Inverno preenchido.

Paris, Bruxelas, Estocolmo e Berlim. E isso é só a primeira semana. — Não tenho certeza de estar mesmo preparada para me voltar a enfiar no carrossel, Fiona.

Zaccaria Cordoni pôs-lhe a mão em cima do ombro.

— Se me permitir o atrevimento, está sem dúvida preparada. A sua atuação esta noite foi de grande inspiração. Tocou como uma mulher possuída.

— Talvez eu esteja mesmo possuída — respondeu ela com uma expressão de gozo.

Fiona sorriu e olhou de relance para Gabriel.

— Quer falar do seu misterioso francês... o belo monsieur Dumont?

— Por acaso, o que eu queria era passar uns minutos sozinha.

Atravessou a sala e pegou a mão de Gabriel. Fiona e Cordoni ficaram a vê-los a seguir pelo corredor, em direção ao camarim. Fiona franziu o sobrolho.

— Quem quer que seja o monsieur Dumont, espero que ele não lhe parta o coração como os outros. Ela é como um cristal delicado: linda mas fácil de partir. E se aquele sacana partir, eu o mato.

Anna fechou a porta do camarim e deixou-se cair nos braços de Gabriel.

— Foi maravilhosa esta noite.

— Não o teria conseguido se você.

— Eu me limitei a vigiá-la para ter certeza de que não aconteceria nada. Você é que fez a magia.

— Quem me dera que pudéssemos celebrar.

— Vai entrar num avião. E eu tenho um trabalho para fazer.

— Ele esteve aqui hoje à noite?

— O assassino?

Anna acenou com a cabeça, que encostou ao peito dele.

— Não sei, Anna.

Ela sentou-se, subitamente exausta. Na mesa de café à sua frente, estava o estojo do Guarneri. Abriu os trincos e levantou a tampa.

Lá dentro, estava uma única folha de papel, dobrada ao meio e com Anna escrita nela.

Olhou para Gabriel.

— Deixou isto aqui dentro para mim?

— Deixei o quê?

— Este bilhete no meu estojo de violino. Não estava aqui quando saí do camarim para entrar em palco.

Ela enfiou a mão no estojo e pegou o bilhete. Ao fazê-lo, saiu de lá um objeto. Era uma pequena tira de couro e tinha um pedaço de coral vermelho, com o feitio de uma mão, pendurado na ponta.

Gabriel enfiou a mão dentro do estojo e tirou o pingente, o coração a ribombar-lhe nas costelas. — O que diz o bilhete?

— Precisa disto mais do que eu. Diga ao Gabriel que ele me fica a dever uma. Cumprimentos.

Sacando da Beretta, Gabriel abriu a porta do camarim e olhou lá para fora. Zaccaria reparou nele e

atravessou o corredor rapidamente para saber o que se passava.

Gabriel enfiou outra vez a Beretta no bolso.

— Onde está o homem que estava aqui à porta antes do recital?

— Qual homem?

— O segurança do blazer vermelho-borgonha. Onde é que ele está agora?

— Não faço ideia. Por quê?

— Porque alguém entrou no camarim enquanto a Anna estava no palco.

— E fizeram algum mal?

— Deixaram um bilhete.

Gabriel ergueu o berloque com o coral.

— E isto.

— Posso ver isso?

Gabriel passou o colar a Cordoni, que o virou ao contrário e sorriu. — Sabe o que é isso?

— Sim, acho que sei. É inofensivo.

— E é o quê?

— Há muito tempo atrás, os Cordoni eram corsos. O meu bisavô veio para a Itália e deu início ao ramo veneziano da família, mas ainda tenho parentes afastados que vivem num vale na ponta sul da ilha.

— O que isso tem a ver com o pingente?

— É um talismã, um amuleto de boa sorte da Córsega. Os homens usam-no lá.

Acreditam que afasta o mau-olhado — o occhju, como os corsos se referem a ele. Cordoni devolveu-o a Gabriel.

— Como eu disse, é inofensivo. Foi apenas alguém que quis dar um presente a miss Rolfe.

— Quem me dera que isso fosse assim tão simples.

Gabriel enfiou o talismã no bolso, ao lado da Beretta, e depois olhou para Cordoni.

— Onde está o homem que estava aqui à porta?

O Inglês vislumbrou o táxi-aquático a baloiçar no Rio di San Polo, escondido por baixo de uma ponte para trabalhadores. O homem de Rossetti estava ao volante e trazia um anoraque com capuz. O Inglês subiu a bordo do táxi e agachou-se para entrar na cabina.

O homem de Rossetti carregou no acelerador. O barco chiou e estremeceu e a seguir começou a andar. Passado um instante, estavam a atravessar o Grande Canal a toda a velocidade. O Inglês desembaciou um bocado da janela da cabina, esfregando-a, e ficou a olhar por uns momentos para a paisagem que lhe ia passando à frente. Depois fechou as cortinas.

Despiu o blusão preto acolchoado e a seguir tirou o blazer vermelho-borgonha e enrolou-o como se fosse uma bola. Dez minutos depois, abriu a janela e atirou o blazer para dentro da água preta da lagoa.

Sentou-se no banco e esticou-se, a pensar na história que iria inventar para contar a Anton Orsati. Levou a mão ao pescoço para tocar no talismã. Sentia-se nu sem ele. De manhã, quando já tivesse regressado à Córsega, iria visitar a velha signadora para ela lhe dar um novo.

40

ZURIQUE

O gabinete de Gerhardt Peterson estava às escuras, à exceção do pequeno abajur que lançava um disco de luz sobre a mesa. Tinha ficado acordado até tarde porque estivera à espera de um telefonema. Não tinha a certeza de quem faria a chamada — talvez a polícia municipal de Veneza; talvez os carabinieri —, mas estava certo de que ela chegaria. Peço desculpa por incomodá-lo tão tarde, Herr Peterson, mas lamento informá-lo de que ocorreu esta noite uma terrível tragédia que envolve a violinista Anna Rolfe... Peterson tirou os olhos de cima dos arquivos. Do outro lado do gabinete, uma televisão brilhava em silêncio. O último noticiário nacional estava praticamente a terminar. As notícias importantes de Berna e Zurique já tinham sido dadas e o programa entrara em baixa com as reportagens absurdas e os temas mais leves que Peterson normalmente ignorava. Mas, nessa noite, pôs o som mais alto. Como era de esperar, havia uma notícia sobre o regresso triunfal de Anna Rolfe aos palcos, nessa noite, em Veneza.

Quando acabou, Peterson desligou a televisão e guardou os arquivos no seu cofre. Talvez o assassino de Anton Orsati não tivesse sido capaz de levar a sua missão a cabo por Anna Rolfe estar demasiado protegida. Talvez tivesse ficado com medo. Ou talvez eles estivessem mortos mas os corpos ainda não tivessem sido simplesmente descobertos. Os instintos dele diziam-lhe que não era esse o caso; que alguma coisa correra mal em Veneza. De manhã, contataria

Orsati pelos canais habituais para saber o que acontecera.

Enfiou alguns documentos dentro da pasta, desligou o abajur da mesa e saiu. A sua posição e estatuto dentro da divisão permitiam-lhe estacionar o seu Mercedes no pátio de pedra e não no longínquo parque para o pessoal, junto ao estaleiro dos caminhos-de-ferro. Tinha dado ordens aos seguranças para vigiarem o carro com especial atenção. Não lhes tinha dito porquê. Entrou no carro e seguiu para sul, ao longo do rio Sihl. As ruas estavam praticamente desertas: ali, um táxi solitário; acolá, um trio de trabalhadores temporários estrangeiros à espera de um elétrico que os levasse para os seus apartamentos apinhados em Aussersihl ou no Industrie-Quartier. O pessoal de Peterson era responsável por assegurar que eles não arranjavam problemas ali. Nada de conspirações contra o déspota do seu país natal. Nada de protestos contra o governo suíço. Basicamente, era fazer o trabalho, depositar o cheque e manter a boca fechada. Peterson considerava os trabalhadores temporários estrangeiros um mal necessário. A economia não conseguiria sobreviver sem eles, mas por vezes parecia que, em Zurique, os suíços estavam em menor número do que os malditos portugueses e paquistaneses.

Voltou a olhar de soslaio para o retrovisor. Parecia não estar a ser seguido, mas não podia ter certeza. Sabia como se seguia um homem, mas a formação que recebera em detecção e evasão de vigilância tinha sido rudimentar. Percorreu as ruas de Wiedikon durante vinte minutos e depois seguiu para

Zurichsee, com destino à garagem do seu apartamento. Após passar pelo portão metálico de segurança, ficou à espera logo a seguir, para ter certeza de que ninguém entrava a pé depois dele.

Seguiu pela passagem em ziguezague, em direção ao seu lugar de estacionamento. O número do seu apartamento, 6C, estava marcado na parede. Estacionou, desligou os faróis e depois o motor. E ficou ali sentado durante um longo momento, as mãos a apertar o volante, o coração a bater um tudo ou nada depressa de mais para um homem da idade dele. Estava a precisar de uma bebida bem grande.

Atravessou a garagem devagar, sentindo-se extremamente cansado de repente.

Passou por uma porta e entrou no hall, onde um elevador o levaria até o apartamento. Em frente às portas de aço inoxidável fechadas, com a cabeça a acompanhar o progresso dos números dos andares a piscar, estava parada uma mulher.

Ela carregou várias vezes no botão para chamar o elevador e praguejou em voz alta. Depois, ao aperceber-se da presença de Peterson, virou-se e sorriu, em sinal de arrependimento.

— Peço desculpa, mas estou há cinco minutos à espera do maldito elevador. Acho que deve haver algum problema com esta porra.

Um Zuri Deutsch perfeito, pensou Peterson. Não era nenhuma estrangeira. Rapidamente, Peterson examinou-a de alto a baixo com o seu olho treinado. Tinha cabelos escuros e pele clara, uma combinação que ele sempre achara terrivelmente atraente. Tinha uma calça de ganga azuis que lhe realçavam as pernas compridas. Por baixo do casaco de couro, tinha uma blusa preta, suficientemente aberta para deixar ver a renda do sutiã. Atraente, elegante, mas não o tipo de beleza que fizesse virar cabeças em Bahnhofstrasse. Nova mas não de forma inapropriada. Trinta e poucos anos. Trinta e cinco, no máximo. Pareceu aperceber-se da avaliação cuidadosa de Peterson, pois fitou-o com uns maliciosos olhos cinzentos. Já tinham passado seis

meses desde o último caso dele e estava na hora de ter outro. A sua última amante tinha sido a mulher de um colega não muito próximo, um homem da divisão de fraude. Peterson gerira bem a situação. Tinha sido compensadora e agradável durante um tempo e, quando chegou a hora de lhe pôr fim, dissolveu-se sem rancores nem remorsos.

Conseguiu fazer um sorriso, apesar do cansaço.

— Tenho certeza de que ele não tarda a aparecer.

— Não me parece. Acho que vamos ficar a noite toda aqui presos. A natureza insinuante do reparo dela não passou despercebida. Peterson resolveu alinhar no jogo e ver até onde é que ele iria. — Vive aqui no prédio? — O meu namorado.

— Com certeza que o seu namorado vai acabar por pedir ajuda, não acha? — Ele esta noite está em Genebra. Vou apenas ficar no apartamento dele.

Ficou a pensar em quem seria o namorado e em que apartamento ficaria ela. Permitiu-se imaginar um encontro sexual curto e apressado. Depois, a fadiga apoderou-se sorrateiramente dele e afastou todos e quaisquer pensamentos de conquista. Dessa vez, foi Peterson quem carregou no botão para chamar o elevador e foi Peterson quem resmungou um palavrão.

— Está visto que não vem e pronto.

Ela tirou um maço de tabaco do bolso do casaco. Puxou de um cigarro, pô-lo entre os lábios e tentou acender o isqueiro. Quando não deu lume, tentou mais uma série de vezes e a seguir disse:

— Merda. Estou a ver que hoje não é a minha noite.

— Com licença, deixe-me tentar com o meu.

O isqueiro de Peterson soltou uma longa chama azul e amarela. Manteve-o aceso e deixou que a mulher se servisse dele como achasse melhor. Ao encostar a ponta do cigarro à chama, os dedos dela

acariciaram-lhe suavemente as costas da mão. Foi um gesto deliberadamente íntimo e enviou uma descarga elétrica pelo braço dele acima.

O efeito desse toque foi tão poderoso que Peterson nem reparou que ela tinha posto seu isqueiro muito perto do rosto. Foi então que ela apertou a trava e uma nuvem de uma substância química com cheiro doce lhe encheu os pulmões. A cabeça saltou para trás com um esticão e ele ficou olhando pasmo para a mulher, os olhos muito arregalados, quase sem compreender o que se passava. Ela jogou o cigarro no chão e tirou uma pistola da mala.

A pistola não era necessária, já que a substância química surtira efeito.

As pernas de Peterson transformaram-se em água, o hall começou a girar e sentiu o chão subindo a toda velocidade para abraçá-lo. Receou bater com a cabeça, mas antes que as pernas fraquejassem por completo, apareceu um homem no hall e Peterson caiu em seus braços.

Peterson viu o rosto de seu salvador de relance, ao ser arrastado do hall e jogado na parte de trás de uma van. Era um rosto de um rabino, sério e estranhamente afável. Peterson tentou agradecer, mas quando abriu a boca perdeu os sentidos.

41

MALLES VENOSTA, ITÁLIA

Gerhardt Peterson sentiu-se como se estivesse saindo das profundezas de um lago nos Alpes. Foi subindo, por entre camadas de consciência e bolsas de

água fria, até o rosto romper a superfície e os pulmões se encherem de ar.

Deu por si não no lago nos Alpes do seu sonho, mas numa cave fria com um chão de terracota e paredes ásperas estucadas e caiadas. Por cima da cabeça dele, havia uma pequena janela, enfiada numa alcova, ao nível do chão, e através dela entrava uma luz fraca cor de siena. Por um momento, tentou orientar-se em termos de tempo e espaço. Foi então que se lembrou da mulher de cabelos escuros junto ao elevador; da artimanha com o cigarro; a mão dela a tocar na sua, enquanto ela lhe atirava com um sedativo para a cara. De repente, sentiu-se envergonhado. Como podia ter sido tão fraco? Tão vulnerável? Que sinais teria dado para eles o tentarem apanhar com uma mulher?

A dor latejante na cabeça era uma sensação completamente nova, algo entre um traumatismo e uma ressaca brutal. A boca parecia estar cheia de areia e tinha uma sede imensa. Só tinha as cuecas vestidas, os tornozelos e os pulsos estavam amarrados com fita adesiva e as costas nuas apoiadas à parede. O aspecto frágil do seu próprio corpo assustou-o. As pernas pálidas e sem pêlos esticadas à sua frente, os dedos dos pés virados para dentro, como as pernas de um moribundo. Uma camada de gordura pendia-lhe sobre a cintura das cuecas. Sentia um frio terrível.

Tinham-no deixado ficar com o relógio mas o vidro estava quebrado e ele já não dava as horas. Estudou a luz que vinha da janela e concluiu que era hora do pôr do Sol. Calculou as horas, embora até mesmo esse simples problema lhe pusesse a cabeça a latejar. Tinham-no apanhado pouco antes da meia-noite. Calculou que fossem cinco ou seis da tarde do dia seguinte. Dezoito horas. Teria estado inconsciente

durante dezoito horas? Isso explicaria a sede e a insuportável rigidez das costas e articulações.

Interrogou-se para onde o teriam levado. A qualidade do ar e da água já não era suíça. Por um momento, temeu que o tivessem levado para Israel. Não, em Israel, estaria numa verdadeira cela, não numa cave. Ainda estava perto da Suíça. Na França, talvez. Ou na Itália. Os judeus gostavam do sul da Europa. Misturavam-se bem.

Havia outro cheiro, que ele demorou alguns momentos para identificar: incenso e sândalo, um perfume de mulher. E depois lembrou-se: à porta do elevador, em Zurique; a mão da mulher que lhe aplicara o sedativo. Mas por que motivo teria o perfume dela nele? Olhou para baixo, para a pele que lhe cobria a caixa torácica, e viu quatro riscos vermelhos: arranhões. A roupa interior tinha nódoas e sentia uma viscosidade extrema na virilha. O que lhe teriam feito? Dezoito horas, drogas poderosas...

Peterson caiu para o lado e ficou com a cara encostada ao chão de terracota. Fez força para vomitar. Não saiu nada, mas as náuseas eram intensas. Sentia-se enojado com a sua própria fraqueza. Subitamente, sentiu-se como um homem rico que fica em apuros num bairro pobre. Todo o seu dinheiro, toda a sua cultura e superioridade — a sua índole suíça — não significavam nada agora. Estava fora da proteção do seu Reduto Alpino. Estava nas mãos de pessoas que jogavam segundo regras muito diferentes.

Ouviu passos nas escadas. Entrou um homem, pequeno e escuro, com uma ligeireza que sugeria uma força escondida. Pareceu aborrecido por Peterson ter recuperado os sentidos. Tinha um balde prateado na mão. Agarrou nele com as duas mãos, levantou-o e atirou água gelada para cima de Peterson. A dor foi tão intensa que Peterson gritou involuntariamente. O

homenzinho ajoelhou-se ao lado dele e espetou-lhe uma agulha hipodérmica na coxa, tão fundo que pareceu chegar ao osso, e, uma vez mais, Peterson deslizou tranquilamente para dentro do seu lago.

Quando era pequeno, Gerhardt Peterson tinha ouvido uma história sobre uns judeus que tinham vindo ter à aldeia da sua família durante a guerra. Agora, no seu coma induzido pelas drogas, voltava a sonhar com os judeus. Segundo a história, uma família de judeus, dois adultos e três crianças, entrara na Suíça vinda da França não ocupada. Um agricultor teve pena deles e ofereceu-lhes guarida num anexo minúsculo que tinha na sua propriedade. Um agente da polícia desse cantão soube que havia judeus escondidos na aldeia mas concordou em guardar segredo da sua presença. Mas houve alguém da aldeia que contatou a polícia federal, que, no dia seguinte, apareceu de surpresa na quinta e prendeu os judeus. O governo tinha como política expulsar os imigrantes ilegais e fazê-los regressar ao país através do qual tinham atravessado a fronteira suíça sem autorização. Aqueles judeus tinham entrado na Suíça pela região sul e não ocupada da França, mas foram levados até a fronteira com a França ocupada, diretamente para os braços de uma patrulha alemã que os esperava. Os judeus foram presos, postos num trem a caminho de Auschwitz e gaseados.

De início, Gerhardt Peterson recusara-se a acreditar nessa história. Na escola, tinham-lhe ensinado que a Suíça, um país neutral durante a guerra, abrira as fronteiras aos refugiados e aos soldados feridos — que fora a Irmã da Caridade da Europa, um seio maternal no coração de um continente em tumulto. Foi até o pai e perguntou se a história dos judeus era ou não verdadeira. Primeiro, o pai recusou-se a falar nisso. Mas quando o jovem

Gerhardt insistiu, o pai cedeu. Sim, respondeu, a história era verdadeira.

— E por que ninguém fala nela?

— Por que haveríamos de falar? Faz parte do passado. Não podemos fazer nada para alterar.

— Mas eles foram mortos. Morreram por causa de uma pessoa desta aldeia.

— Eles estavam aqui ilegalmente. Vieram para aqui sem autorização. E, além disso, Gerhardt, nós não os matamos. Os nazistas é que os mataram. E não nós!

— Mas, pai...

— Já chega, Gerhardt! Perguntou se era verdade e eu respondi. Está proibido de falar nisso outra vez.

— Por que, pai?

O pai não respondeu. Mas Gerhardt Peterson já sabia a resposta. Estava proibido de falar outra vez no assunto porque na Suíça não se fala das coisas desagradáveis do passado.

Peterson acordou com mais um balde de água fria em cima. Abriu os olhos e uma luz branca fortíssima cegou-o de imediato. Piscando os olhos, viu dois vultos parados à frente dele, o homenzinho do balde, parecido com um duende, e a alminha de aspecto mais afável que o tinha enfiado na van, em Zurique, depois de ter sido drogado pela mulher. — Acorda!

O duende atirou mais água gelada para cima de Peterson. O pescoço teve um espasmo violento e ele bateu com a cabeça com força na parede. Ficou estendido no chão, encharcado e a tremer.

O duende subiu as escadas pesadamente. O mais amável dos dois pôs-se de cócoras e olhou para ele com um ar triste. Peterson, quase a perder a consciência outra vez, confundia a realidade com os seus sonhos. Para Peterson, o homenzinho era o judeu da aldeia dele, cuja família tinha sido expulsa da França.

— Lamento — gemeu Peterson, o maxilar a tremer-lhe com o frio.

— Sim, eu sei — respondeu o homem. — Eu sei que lamenta.

Peterson começou a tossir, uma tosse horrível que lhe encheu a boca de expectoração e fluidos.

— Agora vai ver o grande chefe, Gerhardt. Isto só vai doer um pouquinho, mas vai limpar sua cabeça.

Mais uma injeção; dessa vez, no braço e dada com uma precisão clínica.

— Não pode ter a cabeça cheia de confusão quando falar com o grande chefe, Gerhardt. Sente-se melhor? As teias de aranha estão começando a desaparecer?

— Sim, acho que sim.

— Isso é bom. Não pode ter teia de aranha na cabeça quando falar com o grande chefe. Ele quer saber tudo o que você sabe. Precisa estar o mais lúcido possível.

— Tenho sede.

— Não duvido. Esteve muito ocupado nestes últimos dias. E foi muito maroto também. Tenho certeza de que o grande chefe vai lhe dar alguma coisa para beber se colaborar. Se não... — encolheu os ombros e esticou o lábio inferior —, então volta para aqui para baixo e desta vez meu amigo vai usar mais do que um pouquinho de água.

— Sinto frio.

— Imagino.

— Lamento.

— Sim, eu sei que lamenta. Se pedir desculpas ao grande chefe e contar tudo o que sabe, então ele arranja qualquer coisa para beber e umas roupas quentes.

— Quero falar com ele.

— Com quem quer falar?

— Quero falar com o grande chefe.

— Acha que devemos ir lá para cima à procura dele?

— Lamento. Quero falar com o grande chefe.

— Vamos lá, Gerhardt. Vamos, segura a minha mão. Deixe-me ajudar.

42

MALLES VENOSTA, ITÁLIA

Gabriel usava calça caqui bem passada e camisa bege que lhe assentava muito bem na cintura e nos ombros. Todo o seu aspecto dava ideia de conforto e satisfação, precisamente a imagem que ele queria transmitir. Eli Lavon conduziu Peterson até a sala e sentou-o com força numa cadeira dura e de costas retas. Peterson ficou sentado como um homem perante um pelotão de fuzilamento, o olhar fixo na parede.

Lavon saiu da sala. Gabriel continuou sentado, olhando para baixo. Nunca tivera o hábito de festejar vitórias. Sabia bem melhor do que a maioria que, no mundo dos serviços secretos, as vitórias eram muitas vezes transitórias. De vez em quando, com o passar do tempo, nem sequer pareciam vitórias. Mesmo assim, aproveitou um momento para saborear a circularidade perfeita da situação. Bem pouco tempo atrás, Gabriel estava detido e Peterson fazia as perguntas — Peterson, com o seu terno cinza feito por medida e a refinada arrogância suíça. Agora, era ele a estar sentado à frente de Gabriel, tremendo em roupas de baixo.

Uma mesa branca de fórmica separava-os. Em cima dela apenas pasta de arquivo e a caneca de café

quente de Gabriel. Como a cela de Peterson na cave, a sala tinha chão de barro e paredes de estuque. As venezianas estavam fechadas. A chuva trazida pelo vento batia no vidro da janela com um ritmo perturbador. Gabriel olhou para Peterson com expressão de aversão e deixou-se cair num silêncio especulativo.

— Não vai escapar impune disso.

Foi Peterson quem quebrou o silêncio. Tinha falado em inglês, mas Gabriel passou de imediato para alemão; o alto alemão, cuidadosamente pronunciado e gramaticalmente correto, da mãe. Queria realçar a imprecisão do alemão de Peterson. Salientar a índole suíça de Peterson. Isolá-lo.

— Escapar impune de que, Gerhardt?

— De me sequestrar, seu pulha de merda!

— Mas já escapamos impunes disso.

— Havia câmeras de segurança na garagem do meu prédio. Aquele truque da sua puta ficou gravado em vídeo. A polícia de Zurique provavelmente já deve ter a fita.

Gabriel sorriu tranquilamente. — Cuidamos das câmeras de segurança, assim como Gerhardt Peterson fez na mansão Rolfe, na noite em que o assassinou e roubou seus quadros.

— Do que está falando?

— Dos quadros da coleção secreta de Rolfe. Dos quadros que ele recebeu durante a guerra pelos serviços prestados às SS. Dos quadros que ele queria devolver.

— Não sei do que está falando. Não sei nada de nenhuma coleção secreta e muito menos tive alguma coisa a ver com o assassinato de Rolfe! Ninguém acreditaria que eu tive alguma coisa a ver com a morte dele.

— Você matou Augustus Rolfe. E depois matou Werner Müller em Paris. E, em seguida, Emil Jacobi em Lyon. Tentou me matar em Zurique. E enviou um homem para matar Anna Rolfe em Veneza. Isso me deixou zangado, Gerhardt.

— Você é completamente louco!

Gabriel percebeu que a resistência forjada de Peterson começava a enfraquecer lentamente.

— Já não vai trabalhar há muito tempo. Seus chefes também gostariam de falar com você. E também não conseguem encontrá-lo. Desnecessário dizer que sua mulher também gostaria de saber onde diabos você está. Anda preocupadíssima.

— Meu Deus, o que vocês fizeram? Que diabos vocês fizeram?

Peterson parecia agora incapaz de ficar quieto. Balançava-se de um lado para o outro na cadeira tremendo. Gabriel bebeu um gole do café e fez uma careta, como que reclamando de estar quente demais. Abriu a capa da pasta e começou a tirar de lá fotografias. Ia tirando uma a uma dando-lhes uma olhada rápida antes de empurrá-las na direção de Peterson.

— Ela tira umas fotos ótimas, não acha, Gerhardt? Parece que você está mesmo se divertindo nessa. E olhe só esta. Eu não gostaria nada de ter de explicar à Sra. Peterson. E à imprensa. E ao seu ministro em Berna.

— Você não passa de um chantagista! Ninguém vai acreditar que essas fotos sejam verdadeiras. Vão ver nelas o que elas são: uma calúnia reles de um chantagista reles. Mas a verdade é que a chantagem e os homicídios são o pão-nosso de cada dia nos seus serviços secretos, não são? É nisso que vocês são bons.

Gabriel deixou as fotografias bem à vista em cima da mesa. Peterson esforçou-se corajosamente para não olhar.

— Então é essa a história que vai contar a sua mulher e aos seus chefes? Que é uma vítima inocente de uma chantagem? Que foi sequestrado e drogado pelo serviço secreto israelense? Sabe o que seus chefes vão perguntar? Por que escolheriam você para isso, Gerhardt? O que fez para que agissem assim? E você vai ter de arranjar uma resposta.

— Isso não será problema.

— Tem certeza? Pode não ser assim tão fácil, tendo em vista que agências noticiosas reputadas descobrirão pequenos e interessantes pedaços da história a um ritmo diário. Vai ser como a tortura da água, perdoe-me a comparação. Pode ser que sobreviva a ela, mas sua carreira estará arruinada. Seu sonho de se tornar chefe da Polícia Federal ficará nisso: um sonho. A política lhe será vedada. O mundo empresarial também. Acha que seus amigos dos bancos virão em seu auxílio? Não, duvido muito, já que não terá nada para lhes oferecer. Imagine: nenhum emprego, nenhuma pensão e nenhum apoio financeiro dos amigos.

Gabriel interrompeu o discurso para abrir mais uma vez a pasta e tirar de lá mais meia dúzia de foto de vigilância da mulher e dos filhos de Peterson. Propositadamente, colocou-as ao lado das fotos de Peterson com a garota.

— Quem vai cuidar de sua mulher? Quem vai cuidar de seus filhos? Quem vai pagar o aluguel daquele seu apartamento jeitoso em Zurichsee? Quem é que vai cumprir as prestações daquele Mercedes enorme? Não é um cenário muito agradável, mas não precisa ser assim. Não gosto de assassinos, Gerhardt, especialmente quando matam a serviço de um banco,

mas estou oferecendo uma saída. Sugiro que a aceite antes que seja tarde.

— O que quer de mim?

— A partir de agora, vai trabalhar para mim.

— Isso é impossível!

— Vai me ajudar a recuperar os quadros de Rolfe.

Gabriel hesitou, à espera de que Peterson dissesse que não sabia de quadro nenhum, mas dessa vez ele ficou calado.

— Vamos tratar disso discretamente, à maneira suíça. E depois vai me ajudar a recuperar outras coisas. Vai me ajudar a limpar toda a porcaria na história da Suíça. Juntos, Gerhardt, podemos mover montanhas.

— E se eu me recusar?

— Pode voltar lá para baixo com meu amigo e pensar nisso. E depois falamos outra vez.

— Tire essas malditas fotos daqui!

— Dê uma resposta e eu tiro.

— O que você não compreende é que, seja como for, eu vou ser destruído. A única questão é qual o veneno que eu prefiro beber. — Peterson deixou cair o queixo e fechou os olhos. — Estou com sede.

— Responda às perguntas e eu arranjo alguma coisa para beber.

Do lado de fora, no corredor, Eli Lavon estava sentado no chão frio, com as costas encostadas na parede e os olhos fechados. Só a mão direita lhe traía as emoções. Estava apertando o isqueiro. Apesar de viver em Viena, quando ouvia alguém gritar furiosamente em alemão ainda senda a nuca queimar.

As fissuras apareciam, mas Peterson ainda não tinha ido abaixo. Lavon percebeu que ele estava perto disso. As drogas, a água, as fotos com a garota. O medo do que estaria à espera depois da próxima curva

na estrada. Era algo que crescia dentro dele. Eli Lavon esperava que isso acontecesse depressa.

Nunca tinha visto Gabriel assim. Nunca o tinha visto furioso. Nunca o tinha visto levantar a voz. Alguma coisa em todo aquele caso tinha aberto todas as feridas antigas. Leah. Tariq. Shamron. Até os pais dele. Gabriel era um homem prestes a perder as estribeiras.

Não resista, Herr Peterson, pensou Lavon. Conte tudo o que ele quer saber. Faça exatamente o que ele diz. Porque se não o fizer, receio que o meu bom amigo Gabriel o leve para as montanhas e comece a disparar. E isso não vai ser bom para ninguém. Não para você. E, em especial, não para Gabriel. Lavon não queria saber de Peterson. Era Gabriel que ele adorava. Não queria mais sangue nas mãos de Gabriel Allon.

Por isso mesmo, ninguém se sentiu mais aliviado do que Lavon quando a gritaria terminou finalmente. A seguir, vieram os murros — Gabriel batia com toda a força com uma das mãos feridas na parede. Ainda sentado no chão, Lavon esticou-se e abriu a porta uns centímetros. Gabriel falou-lhe em hebraico. A língua nunca tinha soado tão doce a Lavon, embora ele estivesse bem certo de que tivera o efeito contrário em Gerhardt Peterson.

— Traga-lhe umas roupas, Eli. E comida. Herr Peterson está frio e fome. Herr Peterson quer contar-nos umas quantas coisas.

A roupa de corrida era uma tragédia em termos de estilo, de forma intencional. A parte de cima era grande demais, as pernas da calça muito curtas. Gerhardt Peterson parecia um homem em crise de meia-idade que desenterra uma roupa velha para arriscar a vida numa corridinha pelo parque. A comida também não era muito melhor: pão de má qualidade, uma tigela de sopa rala. Oded trouxe água gelada. Fez

questão de entornar algumas gotas na mão de Peterson, para lhe recordar o que o aguardava se não começasse a falar. Gabriel não comeu nada. Não tinha qualquer intenção de partilhar uma refeição com Gerhardt Peterson. O suíço comeu sem parar mas devagar, como se desejasse adiar o inevitável. Gabriel deixou-o demorar o tempo que queria.

Peterson terminou a sopa e limpou a tigela com o canto do pão. — Onde estamos, aliás?

— No Tibete.

— É a primeira vez que venho ao Tibete.

Peterson conseguiu soltar um sorriso ferido. Quando Gabriel se recusou ao jogo, o sorriso desvaneceu-se rapidamente.

— Gostaria de fumar um cigarro.

— Mas não pode fumar nenhum.

— Por quê?

— Eu não gosto de fumaça.

Peterson empurrou a tigela de sopa vazia para longe.

Se Gabriel Allon não tivesse se tornado num assassino, teria dado um interrogador perfeito. Para ele, ouvir era algo natural: era um homem que só falava quando necessário; um homem que não tinha necessidade de ouvir o som da própria voz. Como um caçador de veados, também tinha sido presenteado com uma capacidade fora do normal para se manter imóvel. Nunca tocava no cabelo ou na cara, nunca gesticulava com as mãos ou se mexia na cadeira. Era essa mesma capacidade, aliada ao silêncio e à imutável paciência, que fazia dele um adversário temível para se ter do outro lado de uma mesa despida. Embora até mesmo Gabriel tivesse ficado surpreso com a disponibilidade súbita de Gerhardt Peterson para falar.

— Como eu sabia da coleção de Rolfe? — perguntou Peterson, repetindo a primeira pergunta de Gabriel. — Há muito pouca coisa que se passe em Zurique que eu não saiba. Zurique é a maior cidade da Suíça, mas continua a ser um lugar pequeno. Temos as nossas unhas bem cravadas: banca, negócios, trabalhadores estrangeiros, mídia.

Gabriel não queria que Peterson começasse a ganhar confiança, deixando-o falar sem parar dos seus feitos profissionais, e por isso interrompeu rapidamente: — Isso é tudo muito interessante, mas como é que soube do Rolfe?

— Rolfe era um velho doente — todo mundo na Bahnhofstrasse e na Paradeplatz sabia disso. Todo mundo sabia que ele já não tinha muito tempo de vida. E, a seguir, os rumores começaram a circular. Rolfe estava ficando doido. Rolfe quer acertar as coisas antes de ir ter com o grande banqueiro lá no céu. Rolfe quer falar. Augustus Rolfe foi banqueiro em Zurique durante muitíssimo tempo. Quando um homem como ele quer falar, só pode dar mau resultado.

— Então colocou-o sob vigilância?

Peterson acenou com a cabeça. — E desde quando é crime falar na Suíça?

— Não é crime, mas é sem dúvida uma coisa muito censurável, principalmente se põe a nu elementos nada lisonjeiros do nosso passado à vista do resto do mundo. Nós, suíços, não gostamos de discutir assuntos de família desagradáveis na frente de estrangeiros.

— Os seus chefes sabiam que tinha posto Rolfe debaixo de vigilância? O seu ministro em Berna sabia?

— O caso Rolfe não era na realidade um assunto oficial.

E foi nessa hora que Gabriel se lembrou do bilhete de Rolfe: Na Suíça, há pessoas que querem que o passado permaneça exatamente onde está — enterrado nas caixas-fortes dos bancos de Bahnhofstrasse — e não vão olhar meios para atingir esse fim.

— Se não era um assunto oficial, então estava seguindo Rolfe em nome de quem?

Peterson hesitou durante um momento; Gabriel receou que ele pudesse parar de falar. Mas depois disse: — Autointitulam-se Conselho de Rutli.

— Fale-me deles.

— Arranje mais dessa sopa asquerosa e eu falo tudo o que quiser saber.

Gabriel resolveu deixá-lo ter essa pequena vitória. Levantou a mão e bateu três vezes com a palma na parede. Oded espetou a cabeça por entre a porta, como se lhe cheirasse a fumo. Gabriel murmurou-lhe umas quantas palavras em hebraico. A reação de Oded foi uma careta de remorso.

— E pão — disse Peterson enquanto Oded ia embora. — Gostaria de mais um pedaço daquele pão com a sopa.

Oded olhou para Gabriel à espera de ordens. — Traz mais um pouco da merda do pão.

Dessa segunda vez, não fizeram pausa para comer e por isso Peterson foi obrigado a dar a sua palestra sobre o Conselho de Rutli com uma colher numa mão e um bocado de pão na noutra. Falou durante dez minutos sem interrupção, parando apenas para sorver a sopa ou para partir mais uma mão-cheia de pão. A história do Conselho, as suas finalidades e objetivos, o poder dos seus membros — explicou todos estes tópicos com grande pormenor. Quando terminou, Gabriel perguntou-lhe:

— E você é membro?

Esta pergunta pareceu diverti-lo.

— Eu? O filho de um professor primário do Bernese Oberland? Não, eu não sou membro do Conselho, sou só um dos seus fiéis criados. É isso que todos nós somos na Suíça... criados. Criados dos estrangeiros que vêm aqui depositar o dinheiro deles nos nossos bancos. Criados da oligarquia dominante. Criados.

— Que serviços presta?

— Segurança e informação.

— E o que recebe em troca?

— Dinheiro e apoio na carreira.

— Então contou ao Conselho as coisas que tinha ouvido sobre Rolfe?

— Exato. E o Conselho contou sobre as coisas que ele tinha escondidas.

— Uma coleção de quadros que tinha recebido dos nazistas pelos serviços bancários prestados durante a guerra.

Peterson baixou a cabeça um milímetro.

— Herr Rolfe tinha escondidos objetos valiosos e uma história controversa, um conjunto de circunstâncias terríveis do ponto de vista do Conselho.

— E então que ordens é que o Conselho lhe deu?

— Apertar a vigilância à volta dele. Garantir que Herr Rolfe não faz nada de impulsivo nos seus últimos dias. Mas há sinais perturbantes. Uma visita feita ao banco do Rolfe... por um homem de uma agência internacional judia com papel cativo na questão das contas paradas desde o Holocausto.

A naturalidade com que Peterson fez essa referência pôs Gabriel a ranger os dentes.

— A seguir, interceptamos uma série de faxes. Parece que Rolfe anda a tratar de contratar um restaurador de arte. Pergunto a mim mesmo uma simples questão: Por que razão está um moribundo a

perder tempo a restaurar os seus quadros? A experiência tem-me dito que quem está a morrer costuma deixar os pormenores desse tipo para aqueles que lhes sobrevivem.

— E então começa a suspeitar que o Rolfe está planejando entregar os quadros?

— Ou pior.

— O que podia ser pior?

— Uma confissão pública dos negócios dele com nazistas e agentes dos serviços secretos alemães de patentes superiores. Consegue imaginar o espetáculo que uma confissão dessas criaria? Varreria o país como uma tempestade. Faria a controvérsia à volta das contas paradas parecer uma questiúncula sem importância.

— E era só disso que o Conselho tinha medo?

— E isso não é suficiente?

Mas Gabriel não estava a ouvir Gerhardt Peterson mas sim Augustus Rolfe: Em tempos, considerei estes homens meus amigos… outro dos meus vários erros. — Eles tinham medo que o Augustus Rolfe fosse revelar a existência do Conselho. Ele sabia do Conselho porque era membro, não era?

— O Rolfe? Ele não era só membro do Conselho. Era membro com privilégios especiais.

— E então foi visitá-lo?

— Digo-lhe que ouvi coisas, nada de específico, atenção, tudo muito subtil. O Rolfe é velho, mas continua a ter uma mente ágil e percebe exatamente o que eu lhe estou a tentar dizer. É um banqueiro suíço, por amor de Deus. Sabe ter duas conversas ao mesmo tempo. Quando me vou embora, estou convencido de que o Conselho está com grandes problemas.

— E então o que faz? — Recorro ao Plano B.

— Que é?

— Roubar a porra dos quadros. Não há quadros, não há história. Peterson recusou-se a prosseguir sem um cigarro e Gabriel concordou com relutância. Uma vez mais, bateu com a palma da mão na parede e, uma vez mais, Oded espetou a cabeça pela porta aberta. Deu um cigarro a Peterson do seu próprio maço. Quando carregou na patilha do isqueiro, Peterson encolheu-se de tal forma que quase caiu da cadeira. Oded foi-se embora a rir sem parar. Peterson chupou o cigarro com cautela, como se receasse que ele pudesse explodir, e, de poucos em poucos segundos, ia levantando o braço para afastar o fumo.

- — Fale-me do Werner Müller — disse Gabriel.

- — Ele era a chave para tudo. Se íamos apanhar a coleção secreta do Rolfe, precisávamos da ajuda do Müller. Tinha sido o Müller a conceber o sistema de segurança. Por isso, ordenei aos meus homens que descobrissem o máximo que pudessem de coisas sujas sobre o Müller. E o Müller também não tinha as mãos limpas. Nenhum de nós as tem realmente, pois não? Como Gabriel não respondeu, Peterson continuou:

— Fui a Paris ter uma conversa com o Müller. Escusado será dizer que ele concordou em trabalhar para a nossa causa.

Peterson fumou o cigarro quase até o filtro e depois, taciturno, apagou-o com força na tigela de sopa vazia.

— O serviço ficou marcado para a noite seguinte. O Rolfe tinha planeado ir para Genebra e passar lá a noite, no apartamento dele.

E estava previsto que o restaurador de arte chegasse na manhã seguinte. A equipe conseguiu entrar na residência e o Müller guiou-os até a sala de vigilância, lá em baixo.

— E você também fazia parte da equipe?

— Não, a minha função era garantir que a polícia de Zurique não aparecia no meio daquilo, nada mais.

— Continue.

— O Müller desativa o sistema de segurança e desliga as câmeras. A seguir, entram na caixa-forte e adivinhe o que encontram lá dentro?

— O Augustus Rolfe?

— Em carne e osso. Três da manhã e o velho está para ali sentado com a porra dos quadros dele. O Müller entra em pânico. O Rolfe não conhece os ladrões mas o velho e o Müller têm negócios um com o outro. Se o velho for à polícia, quem se lixa é o Müller. Ele pega na pistola de um dos homens ao serviço do Conselho, leva-o lá para cima, para a sala de visitas, e enfia-lhe uma bala na cabeça.

— Seis horas mais tarde, chego eu. Peterson acenou com a cabeça. — O corpo de Rolfe deu-nos uma oportunidade de testar a veracidade do restaurador de arte. Se o restaurador de arte descobrir o corpo e telefonar à polícia, o mais provável é que ele seja apenas um restaurador de arte. Se encontrar o corpo e tentar fugir da cidade...

Peterson levantou as mãos, como que a dizer que não era necessária mais nenhuma explicação.

— Então arranja maneira de me prenderem.

— Exato.

— Então e o primeiro policial que me interrogou?

— O Baer? O Baer não sabia de nada. Para o Baer, você era apenas um suspeito do homicídio de um banqueiro suíço.

— Mas porquê darem-se ao trabalho de me prender? Por que não me deixaram simplesmente ir embora?

— Queria pô-lo cagado de medo e fazê-lo pensar duas vezes antes de aqui voltar.

— Mas não acabou aí.

Peterson abanou a cabeça.

— Não, infelizmente, foi só o começo.

Gabriel sabia a maior parte do que faltava, já que o tinha vivido. O relato-relâmpago de Peterson servira apenas para lhe reforçar convicções já existentes ou para preencher lacunas.

Tal como Peterson suspeitava, Anna Rolfe não participou o roubo da coleção secreta do pai. Peterson coloca-a de imediato sob vigilância. Uma missão executada por agentes ligados ao Conselho de Rutli e por membros leais a Peterson na segurança suíça. Peterson sabia que Gabriel tinha ido a Portugal uma semana depois do funeral de Rolfe para falar com Anna Rolfe e sabia que eles tinham viajado juntos para Zurique e visitado a mansão Rolfe.

A partir desse momento, Gabriel passa a estar sob vigilância: Roma, Paris, Londres, Lyon. O Conselho contrata os serviços de um assassino profissional. Que, em Paris, mata Müller e lhe destrói a galeria. Em Lyon, mata Emil Jacobi.

— Quem eram os homens à minha espera naquela noite, na mansão Rolfe? — perguntou Gabriel.

— Trabalhavam para o Conselho. Nós contratamos um profissional para tratar das coisas para lá da fronteira.

Peterson parou.

— Você matou os dois, aliás. Foi um desempenho bem impressionante. E, a seguir, perdemos seu rastro por trinta e seis horas.

Viena, pensou Gabriel. O encontro com Lavon. O confronto com Anna acerca do passado do pai. Tal como Gabriel suspeitara, Peterson recupera-lhes o rasto no dia seguinte, em Bahnhofstrasse. Depois da descoberta do carro abandonado de Anna Rolfe junto à fronteira com a Alemanha, o Conselho carrega no botão de pânico. Gabriel Allon e Anna Rolfe têm de ser

perseguidos e assassinados por um profissional à primeira oportunidade. Supostamente, deveria ter acontecido em Veneza...

A cabeça de Peterson foi-se afundando e aproximando do tampo da mesa, à medida que os efeitos dos estimulantes iam diminuindo.

Peterson precisava dormir — um sono natural, não daquele que saía de uma seringa. Gabriel já só tinha mais uma pergunta e precisava de uma resposta antes de levarem Peterson e o algemarem a uma cama. Quando acabou por fazê-la, Peterson já tinha feito uma almofada com as mãos e descansava, cara virada para baixo, em cima da mesa.

— Os quadros — repetiu Gabriel suavemente. — Onde estão os quadros?

Peterson apenas conseguiu soltar duas palavras antes de perder a consciência.

Otto Gessler.

43

MALLES VENOSTA, ITÁLIA

Nessa noite, só Gerhardt Peterson dormiu. Eli Lavon acordou a secretária em Viena e mandou-a ir, às duas da manhã, ao seu escritório no Bairro Judeu para vasculhar os arquivos cheios de pó. Uma hora mais tarde, os resultados da busca dela começaram a sair do fax, tão escassos que poderiam ter sido escritos nas costas de um postal de Viena. A Seção de Pesquisa, em Telaviv, contribuiu com o seu próprio volume, também ele magro e completamente inútil, ao passo que Oded

ia deambulando pelos recantos duvidosos da Internet, à procura de mexericos online.

Otto Gessler era um fantasma. Um rumor. Descobrir a verdade acerca dele, disse Lavon, era como tentar enfiar o nevoeiro dentro de uma garrafa. Ninguém fazia ideia da idade dele. A data de nascimento era desconhecida, como o local. Não havia fotografias. Vivia em lado nenhum e em todo o lado, não tinha pais nem filhos.

— Provavelmente, nunca vai morrer — afirmou Lavon, esfregando os olhos em sinal de desorientação. — Um dia, quando chegar a hora dele, vai apenas desaparecer.

Dos negócios de Gessler, pouco se sabia e muito se suspeitava. Dizia-se que tinha uma participação maioritária numa série de bancos privados, empresas fiduciárias e empresas industriais. Que bancos privados, que empresas fiduciárias e que empresas industriais, ninguém sabia, pois Otto Gessler atuava apenas através de empresas de fachada e de intermediários. Quando Otto Gessler fazia um negócio, não deixava quaisquer marcas físicas — nem impressões digitais, nem pegadas, nem DNA — e os seus livros de registros estavam mais bem fechados do que um sarcófago.

Ao longo dos anos, o nome dele aparecera ligado a uma série de escândalos comerciais e de lavagens de dinheiro. Dizia-se que tinha monopolizado mercados de matérias-primas, vendido armas e manteiga a ditadores, violando regras internacionais, e transformado lucros do tráfico de droga em respeitáveis participações imobiliárias. Mas a mão pesada da lei nunca tocara em Otto Gessler. Graças a uma legião de advogados, espalhados de Nova a Iorque a Londres e passando por Zurique, Otto Gessler

não tinha pago um único cêntimo em multas nem passado um único dia na cadeia.

Mas Oded acabou por descobrir uma história interessante, escondida no meio de um perfil altamente especulativo realizado por uma revista americana. Vários anos depois da guerra, Gessler adquiriu uma empresa que fabricara armas para a Wehrmacht. Num armazém à saída de Lucerna, descobriu cinco mil armas de artilharia que tinham sido abandonadas na Suíça, após o colapso do Terceiro Reich. Nada disposto a deixar que o inventário não vendido continuasse a aparecer nos seus livros de registros, Gessler foi à procura de um comprador. E encontrou um num recanto rebelde da Ásia. As armas de artilharia nazistas ajudaram a derrubar um governante colonial e Gessler teve o dobro do lucro que as armas lhe teriam dado em Berlim.

Enquanto o Sol, acabado de nascer, se elevava sobre a fileira de ciprestes que delimitava o jardim, Lavon conseguiu descobrir, depois de vasculhar a fundo, uma característica positiva de Otto Gessler. Suspeitava-se de que, todos os anos, Gessler dava milhões de dólares para financiar pesquisas médicas.

— De qual doença? — perguntou Gabriel.

— Ganância? — sugeriu Oded.

Lavon abanou a cabeça, espantado.

— Não diz aqui. O sacana do velho dá milhões de dólares todos os anos e até isso esconde. Otto Gessler é um segredo. Otto Gessler é a Suíça em carne e osso.

Gerhardt Peterson dormiu até as dez horas. Gabriel deixou-o tomar banho, arranjar-se ao seu ritmo e vestir a roupa, já lavada e engomada por Eli Lavon, que trazia aquando do seu desaparecimento. Gabriel achou que o ar frio da montanha faria bem a Peterson e por isso, depois do pequeno-almoço, deram uma volta pelo terreno. O suíço era bem maior e estava

mais bem vestido do que os seus companheiros, o que dava a ideia de ele ser um proprietário rural a dar instruções a um grupo de trabalhadores.

Peterson tentou preencher um pouco dos espaços em branco no retrato que tinham conseguido fazer de Otto Gessler, mas depressa se tornou evidente que sabia pouco mais do que eles. Forneceu-lhes a localização exata do seu chalé de montanha, os pormenores acerca da segurança e as circunstâncias das conversas entre eles.

— Então quer dizer que nunca chegou a ver realmente a cara dele? — perguntou Oded.

Peterson abanou a cabeça e desviou o olhar. Nunca perdoara a Oded os banhos de água gelada na cave e agora recusava-se a olhar para ele.

— Vai levar-me até ele — afirmou Gabriel. — Vai ajudar-me a recuperar os quadros.

Peterson soltou um sorriso; o sorriso frio e sem vida que Gabriel tinha visto na cela em Zurique, depois de ter sido preso.

O chalé Otto Gessler é como uma fortaleza. Não pode lá entrar e ameaçá-lo.

— Não faço tenções de o ameaçar. — Então está a pensar em quê?

— Quero propor-lhe um negócio. É a única linguagem que ele fala. O Gessler devolve os quadros em troca de uma quantia substancial e da garantia, dada por mim, de que a participação dele neste caso nunca virá a lume. — O Otto Gessler tem por hábito negociar apenas quando está numa posição de vantagem. Não pode ser intimidado e a última coisa de que ele precisa é de mais dinheiro. Se tentar isso, você vai sair de lá de mãos a abanar, se é que chega a sair.

— Em qualquer dos casos, vou sair.

— Eu não teria tanta certeza disso.

— Vou sair porque a responsabilidade de garantir que nada me aconteça é sua. Sabemos onde mora, sabemos onde os seus filhos estudam e sabemos sempre onde o podemos encontrar.

Uma vez mais, o sorriso arrogante de Peterson brilhou-lhe nos lábios. — Nunca pensei que um homem com o seu passado fosse ameaçar a família de outra pessoa. Mas suponho que os tempos de desespero exijam medidas desesperadas. Não é assim o ditado? Vamos lá a acabar com isto, sim? Quero ir-me embora desta porra de lugar.

Peterson virou-se e começou a subir a colina, em direção à residência, com Oded bem perto e em silêncio. Lavon pousou a pequena mão no ombro de Gabriel.

— Vai ver que ele tem razão. Vai ver que você não devia ir.

— Ele vai me ajudar. Além disso, a esta altura, Gessler já não ganha nada em me matar.

— Como o homem disse: os tempos de desespero exigem medidas desesperadas. Vamos para casa.

— Não quero que eles ganhem, Eli.

— As pessoas como o Otto Gessler ganham sempre. Além disso, onde raio estás a pensar arranjar o dinheiro para lhe conseguires comprar os quadros?

— Com o Shamron? Mal posso esperar para ver a cara do velho quando lhe apresentar seu relatório de despesas!

— Não é Shamron quem me vai arranjar o dinheiro. É o homem que roubou os quadros logo para começar.

— Augustus Rolfe?

— Claro.

— Expiação, não é?

— Às vezes, Eli, o perdão vem com um preço alto.

Quando partiram, já passava do meio-dia. Peterson pareceu aborrecido por encontrar o seu Mercedes parado no estacionamento de cascalho, ao lado da van Volkswagen para onde o tinham atirado depois de o raptarem. Sentou-se à frente, no lugar do passageiro, e deixou, com relutância, que Oded lhe algemasse o pulso ao apoio de braço. Gabriel sentou-se ao volante e acelerou com um pouco de agressividade a mais para o gosto de Peterson. Oded esticou-se no banco de trás, os pés no couro castanho-claro e uma Beretta no colo.

A fronteira com a Suíça ficava apenas a vinte e cinco quilômetros da residência. Gabriel foi à frente no Mercedes, seguido por Eli Lavon na van. Foi uma travessia tranquila; cansado, o guarda fronteiriço fez-lhes sinal para seguirem após um controle rápido dos passaportes. Gabriel tinha tirado as algemas a Peterson momentaneamente mas, um quilômetro e meio depois da fronteira, encostou à beira da estrada e voltou a algemá-lo à porta.

A partir dali, seguiram para noroeste, até Davos; depois, subiram até Reichenau; depois, para oeste, em direção ao coração do interior da Suíça. Quando chegaram ao desfiladeiro Grimselpass, começou a nevar. Gabriel abrandou, para que Lavon não ficasse muito para trás, na sua velha Volkswagen.

Peterson foi ficando cada vez mais agitado, à medida que se afastavam mais para norte. Foi indicando o caminho a Gabriel, como se o estivesse a levar até a um corpo enterrado. Quando pediu para lhe retirarem as algemas, Gabriel recusou-se.

— Vocês são namorados? — perguntou Peterson.

— Oded? É bonito, mas a verdade é que ele não é meu tipo.

— Estava falando de Anna Rolfe.

— Eu sei do que estava falando. Achei que uma pitada de humor podia ajudar a tornar a situação menos tensa. De outra forma, podia sentir-me tentado a dar-lhe um grande murro na cara.

— É claro que são namorados. Que outra razão haveria para estar envolvido neste caso? Ela já teve muitos namorados. Tenho certeza de que você não será o último. Se quiser ver o arquivo dela, terei todo o gosto em mostrá-lo — Como cortesia profissional, claro.

— Faz alguma coisa por princípio, Gerhardt, ou só por dinheiro? Por exemplo, por que é que trabalha para o Conselho de Rutli? Faz isso apenas pelo dinheiro, ou porque acredita no que eles estão a fazer?

— As duas coisas.

— Oh, não me diga. E que princípio é que o compele a trabalhar para o Otto Gessler?

— Eu trabalho para o Otto Gessler porque estou farto de ver o meu país ser arrastado na lama, por um bando de estrangeiros malditos, por causa de uma coisa que aconteceu antes de eu ter nascido.

— O seu país transformou o ouro pilhado pelos nazistas em moeda forte. Transformou o ouro dos dentes e as alianças de casamento do povo judeu em moeda forte. Milhares de judeus aterrorizados depositaram as poupanças nos seus bancos, a caminho das câmaras da morte de Auschwitz e Sobibor, e a seguir esses mesmos bancos ficaram com o dinheiro em vez de o entregarem aos seus legítimos herdeiros.

— E o que isso tem a ver comigo? Sessenta anos! Isso aconteceu há sessenta anos! Por que não podemos seguir em frente? Por que precisam transformar o meu país num pária internacional por causa das ações de uns quantos banqueiros gananciosos seis décadas atrás?

— Porque têm de admitir seus atos ilegais. E depois têm de retificá-los.

— Dinheiro? É isso? Querem dinheiro? Vocês criticam os suíços por nossa suposta ganância, mas tudo o que querem de nós é dinheiro, como se uns quantos dólares fossem ajudar a corrigir todas as injustiças do passado.

— O dinheiro não é seu. Ajudou a transformar este país, que mais parece um parquinho de diversões cercado por terra, num dos mais ricos do mundo, mas o dinheiro não é seu.

No calor da discussão, Gabriel dirigia depressa demais e Lavon ficara várias centenas de metros para trás. Gabriel reduziu para deixar Lavon recuperar terreno. Sentia-se zangado consigo próprio. A última coisa que queria naquela altura era debater os princípios morais da história da Suíça com Gerhardt Peterson.

— Há mais uma coisa que eu preciso saber antes de falarmos com o Gessler.

— Quer saber como é que eu soube da sua ligação ao assassinato do Hamidi.

— Sim.

— Há uns anos — oito ou nove, não consigo lembrar ao certo — , um palestino de passado duvidoso quis adquirir um visto de residência que lhe permitisse viver temporariamente em Genebra. Em troca do visto, e da garantia, da nossa parte, de que a presença dele na Suíça não seria revelada ao Estado de Israel, esse palestino propôs dizer-nos o nome do israelense que matou o Hamidi. — Qual era o nome do palestino? — perguntou Gabriel, embora não precisasse de esperar pela resposta de Peterson.

Ele sabia. Calculou que o soubesse desde o início.

— O nome dele era Tariq al-Hourani. Foi ele que colocou a bomba debaixo do carro da sua mulher em

Viena, não foi? Foi ele que destruiu a sua família.

A oito quilômetros da casa de Otto Gessler, na borda de uma floresta de pinheiros densa, Gabriel encostou e saiu do carro. Era o final da tarde, a luz estava a desaparecer depressa e a temperatura rondava os seis graus. O pico de uma montanha surgia por cima deles, com uma penugem de nuvens em volta. Qual delas era? Eiger? A Jungfrau? A Mönch? A verdade é que tanto fazia. Queria despachar simplesmente o assunto, sair daquele país e nunca mais pôr os pés nele outra vez. Enquanto andava em volta do carro, através da neve molhada com mais de quinze centímetros de altura, uma imagem lhe veio à cabeça: Tariq contando a Peterson do atentado em Viena. Foi o suficiente para quase arrancar Peterson do carro e o espancar sem contemplações. Naquele momento, não sabia quem odiava mais — Tariq ou Peterson.

Gabriel tirou-lhe as algemas e obrigou Peterson a passar por cima da caixa de marchas e sentar-se ao volante. Oded saiu do carro e foi juntar-se a Eli Lavon na van. Gabriel ficou na frente, no lugar do passageiro antes ocupado por Peterson, e, espetando-lhe a Beretta nas costelas, forçou-o a pôr o carro em marcha.

A escuridão caía sobre o vale. Peterson guiava com as duas mãos no volante e Gabriel manteve a Beretta bem à vista. A três quilômetros da casa de Gessler, Lavon reduziu e encostou na beira da estrada. Gabriel virou o pescoço e viu, pela janela de trás, os faróis se apagando. Agora, estavam sozinhos.

— Repita tudo mais uma vez — ordenou Gabriel, quebrando o silêncio.

— Já revimos isso uma dúzia de vezes — protestou Peterson.

— Não me interessa. Quero ouvi-lo repetir tudo mais uma vez.

— Você é Herr Meyer.

— E o que eu faço?

— Trabalha comigo... na Divisão de Análise e Proteção.

— E por que está me levando à casa?

— Porque tem informações importantes sobre as atividades do judeu intrometido chamado Gabriel Allon. E eu queria que Herr Gessler ouvisse essas notícias diretamente da fonte.

— E o que eu vou fazer se você se desviar, de que forma for, do roteiro?

— Não vou repetir isso.

— Repita!

— Vá se foder.

Gabriel sacudiu a Beretta na frente dele e a seguir guardou-a na cintura da calça.

— Enfio-lhe uma bala na cabeça. E na do guarda. É isso que eu vou fazer.

— Tenho certeza que sim — respondeu Peterson. — É a única coisa em que eu sei que você é bom.

Um quilômetro e meio depois, chegaram a uma estrada particular não assinalada. Peterson reduziu a marcha e fez com habilidade a curva em grande velocidade, com a força centrífuga a empurrar Gabriel contra a porta. Por um instante, pensou que Peterson pudesse estar a planejar qualquer coisa mas, a seguir, abrandaram e foram avançando suavemente pela estrada estreita, com as árvores a sucederem-se umas às outras do lado da janela de Gabriel. No final da estrada, havia um portão de ferro e de pedra que parecia poder resistir a um ataque de um carro blindado. Ao aproximarem-se, um segurança apareceu-lhes à frente e fez sinal com os braços para que parassem. Trazia um casaco azul grosso que não

chegava para esconder que ele estava bem armado. Tinha neve no gorro.

Peterson baixou o vidro da janela.

— Meu nome é Gerhardt Peterson. Vim ver Herr Gessler. Receio que seja uma emergência.

— Gerhardt Peterson?

— Sim, isso mesmo.

— E quem é esse homem?

— É um colega meu. Chama-se Herr Meyer. Eu respondo por ele sem problemas.

O segurança murmurou ao intercomunicador umas quantas palavras inaudíveis. Passado um momento, o portão abriu, ele saiu do caminho e fez sinal para que entrassem.

Peterson foi conduzindo devagar. Gabriel olhou pela janela: lâmpadas nas árvores e mais um guarda de casaco azul, a ser puxado pela floresta dentro por um pastor alemão preso por uma trela. Meu Deus, pensou. Este lugar parece o bunker do Führer. Se lhe acrescentassem uns arames farpados e um campo de minas, o cenário ficaria perfeito.

À frente deles, as árvores terminavam e surgiam as luzes da residência, suavizadas pelo véu nupcial da neve que caía. Apareceu-lhes ao caminho outro segurança. Que não fez qualquer tentativa para esconder a submetralhadora compacta que trazia ao ombro. Uma vez mais, Peterson baixou o vidro da janela e o segurança enfiou a cara grande dentro do carro.

— Boa noite, Herr Peterson. O Herr Gessler está a dirigir-se neste momento para a piscina. Vai encontrar com você lá.

— Muito bem.

— Está armado, Herr Peterson?

Peterson abanou a cabeça. O segurança olhou para Gabriel.

— E o senhor, Herr Meyer? Tem alguma arma com você esta noite?

— Nein.

— Venham comigo.

Uma série de postes minúsculos, montados em postes que não ultrapassavam a altura de um joelho, assinalavam o trajeto do caminho para a piscina. Ali, a neve era mais funda do que no vale tinha caído pelo menos meio metro — e, mais ou menos de quatro em quatro postes, havia um enterrado debaixo de um pequeno monte. Peterson seguiu lado a lado com Gabriel. O segurança que fora ter com eles ao alto da entrada seguia agora à frente. A dada hora, tinha aparecido outro atrás deles. Gabriel conseguia sentir o bafo quente de um pastor alemão na parte de trás do joelho. Quando o cão lhe esfregou de leve o focinho na mão, o segurança deu um puxão na trela. Em resposta, o animal rosnou; um rosnar baixo, que parecia vir do fundo da garganta, e que fez vibrar o ar à sua volta. Cãozinho lindo, pensou Gabriel. O melhor é não fazermos nada que chateie o diabo do cão.

A piscina surgiu-lhes à frente, comprida e funda, com luzes redondas decoradas brilhando entre o vapor que se adensava. Havia seguranças lá dentro; Gabriel conseguia distingui-los através das janelas embaciadas. Um deles parecia estar a conduzir uma figura minúscula de roupão. E foi então que Gabriel sentiu uma dor lancinante no rim direito. Curvou as costas, inclinou a face para cima e, por um instante, viu as pontas em forma de punhal dos pinheiros a estenderem-se em direção aos céus e, na sua agonia, os céus eram uma profusão de Van Gogh de cor, movimento e luz. A seguir, veio o segundo golpe, dessa feita na nuca. Os céus tornaram-se pretos e ele caiu, o rosto para baixo, na neve.

44

NIDWALDEN, SUÍÇA

Gabriel abriu um olho e depois, lentamente, o outro. Mas mais valia tê-los mantido fechados, pois a escuridão era total. Negritude absoluta, pensou. Negritude teórica.

O frio era cortante, o chão de cimento duro e o ar carregado de enxofre e umidade. Tinha as mãos algemadas atrás das costas, com as palmas viradas para fora, fazendo com que os músculos dos ombros lhe ardessem com o ácido láctico. Tentou imaginar a posição contorcida do seu corpo e membros: a face e o ombro direitos comprimidos contra o cimento; o ombro esquerdo no ar; a pélvis torcida; as pernas entrelaçadas. Pensou na escola de arte — na forma como os professores costumavam torcer os membros dos modelos de maneira a expor os músculos, os tendões e as formas. Talvez ele fosse apenas um modelo para uma pintura expressionista suíça. Homem Numa Câmara De Tortura — autor desconhecido.

Fechou os olhos e tentou endireitar-se, mas a mais pequena contração dos músculos das costas punha-lhe o rim direito a arder. Gemendo, procurou resistir à dor e acabou por se conseguir endireitar. Encostou a cabeça à parede e estremeceu. O segundo golpe deixou um galo do tamanho de um ovo na nuca. Arrastou as pontas dos dedos pela parede: rocha nua; granito, calculou. Úmido e escorregadio do musgo. Uma gruta? Algum tipo de caverna natural? Ou simplesmente uma caixa-forte? Os suíços e as suas malditas caixas-fortes. Interrogou-se se o deixariam ali

para sempre, como uma barra de ouro ou um sofá vermelho-borgonha.

O silêncio, como a escuridão, era absoluto. Nada vindo de cima ou de baixo. Nada de vozes, nada de cães a ladrar, nada de vento ou chuva; apenas um silêncio que lhe cantava ao ouvido como um diapasão.

Perguntou a si mesmo como o teria Peterson feito. Como teria ele indicado ao segurança que Gabriel era um intruso? Uma palavra-código ao portão? Uma palavra-chave que lhe passara despercebida? E o que seria feito de Oded e de Eli Lavon? Estariam ainda sentados à frente, na van Volkswagen, ou estariam na mesma posição de Gabriel — ou pior? Recordou-se do aviso dado por Lavon no jardim da villa em Itália: As pessoas como o Otto Gessler ganham sempre.

Num lugar qualquer, o selo de uma porta bem fechada foi quebrado e Gabriel ouviu os passos de várias pessoas. Um par de lanternas irrompeu e os feixes de luz foram-se deslocando, até lhe descobrirem o rosto. Gabriel fechou os olhos com toda a força e tentou virar a cabeça para se desviar da luz mas, ao rodar o pescoço, a ferida na cabeça começou a latejar.

— Ponham-no em pé.

A voz de Peterson: firme, autoritária, Peterson no seu elemento.

Dois pares de mãos agarraram-lhe os braços e puxaram-no. A dor foi intensa — Gabriel temeu que as articulações dos ombros lhe estivessem prestes a saltar do lugar. Peterson deu balanço ao punho e enterrou-o na barriga de Gabriel. Os joelhos cederam e ele contorceu-se em dor. A seguir, o joelho de Peterson foi encontrar a cara dele. Os seguranças soltaram-no e ele caiu ao chão desamparado, ficando na mesma posição contorcida em que acordara.

Homem Numa Câmara De Tortura por Otto Gessler.

Trabalhavam como uma equipe, um a segurá-lo, o outro a bater. Trabalhavam eficaz e ininterruptamente, mas sem alegria nem entusiasmo. Tinha-lhes sido atribuída uma tarefa — deixar todos os músculos do corpo doloridos e todos os pontos do rosto ensanguentados e executavam a missão de forma inteiramente profissional e burocrática. De poucos em poucos minutos, saíam para fumar. Gabriel percebia porque conseguia sentir o cheiro de cigarro quando regressavam. Tentou odiá-los, a estes guerreiros de paletó azul, às ordens do banco de Gessler, mas não conseguiu. Quem ele odiava era Peterson.

Após mais ou menos uma hora, Peterson regressou.

— Onde estão os quadros que tirou do cofre de Rolfe em Zurique?

— Que quadros?

— Onde está Anna Rolfe?

— Quem?

— Batam mais um pouco. A ver se isso lhe melhora a memória.

E assim prosseguiu tudo, embora Gabriel não soubesse por quanto tempo. Não sabia se era de dia ou noite — se lá estava há uma hora ou há uma semana. Ia tendo uma noção do tempo pelo ritmo dos socos e pela regularidade pontual com que Peterson aparecia.

— Onde estão os quadros que tirou do cofre de Rolfe em Zurique?

— Que quadros?

— Onde está Anna Rolfe?

— Quem?

— Muito bem, vejam se ele consegue aguentar mais um pouquinho. Não o matem. Mais uma carga de pancada.

Pareceu ter uma duração mais curta, embora Gabriel não pudesse ter certeza, pois ia perdendo e recuperando os sentidos repetidamente.

— Onde estão os quadros?

— Que quadros?

— Onde está Anna Rolfe?

— Quem?

— Continuem.

Mais um golpe, cortante como uma faca, no rim direito. Mais um murro implacável no rosto. Mais uma bota na virilha.

— Onde estão os quadros?

Silêncio...

— Onde está Anna Rolfe?

Silêncio...

— Por hora ele teve sua dose. Deixem-no ficar aí caído.

Vasculhou as divisórias da sua memória, à procura de um lugar sossegado onde descansar. Por trás de demasiadas portas, descobriu sangue e fogo e não conseguiu encontrar paz. A divisória onde descobriu o corpo nu dela era o quarto que tiveram em Viena, e o encontro que reviveu foi o último entre os dois. Deambulou pelos quadros que tinha restaurado — passando por tintas de óleo, pigmentos e desertos de telas vazias — , até chegar a uma varanda, uma varanda por cima de um mar de folhas de ouro e damascos, banhada pela luz cor de siena do pôr do sol e a música suave de um violino.

Entraram dois seguranças. Gabriel partiu do princípio de que estava na hora de mais uma carga de pancada. Em vez disso, tiraram-lhe as algemas com cuidado e passaram os dez minutos seguintes a limpar e a ligar-lhe as feridas. Trabalhavam com a delicadeza dos cangalheiros a vestir um morto. Com os olhos

inchados, Gabriel observou a água da bacia a ficar cor-de-rosa, e a seguir carmesim, com o seu sangue.

— Engula estes comprimidos.

— Cianeto?

— É para a dor. Vai se sentir um pouquinho melhor. Confie em nós.

Gabriel fez o que lhe disseram e engoliu os comprimidos com alguma dificuldade. Deixaram-no sentar-se durante uns minutos. Passado pouco tempo, o latejar que sentia na cabeça e nos membros começou a diminuir. Mas ele sabia que não tinha desaparecido — era apenas um pequeno adiamento.

— Está preparado para se pôr em pé?

— Depende do lugar para onde me vão levar.

— Vamos lá, deixe-nos ajudá-lo.

Cada um deles agarrou-o com cuidado por um braço e puxaram-no para cima.

— Consegue ficar em pé? Consegue andar?

Ele deu um passo com o pé direito, mas as contusões profundas nos músculos da coxa fizeram com que a perna cedesse. Conseguiram agarrá-lo antes de ele cair outra vez no chão e, por qualquer razão, acharam imensa graça a isso.

— Não se apresse. Passinhos pequenos para um homenzinho pequeno.

— Para onde vamos?

— É uma surpresa. Mas não vai doer. Nós prometemos. Fizeram-no passar por uma porta. Do outro lado, um corredor estendia-se à sua frente como um túnel, comprido e branco, com um chão de mármore e um teto em abóbada. O ar cheirava a cloro. Deviam estar perto da piscina de Gessler.

Começaram a andar. Durante os primeiros metros, Gabriel precisou de toda a ajuda possível mas, gradualmente, à medida que as drogas lhe iam circulando pelo corpo e ele se habituava a estar na

vertical, foi conseguindo arrastar os pés a custo mas sem ser ajudado — Como um doente a fazer a primeira caminhada pós-operatória pela enfermaria do hospital.

No final do corredor, havia uma porta dupla e, depois dela, uma sala circular, com cerca de seis metros de largura e um teto alto de abóbada. Parado no centro da sala, estava um homem pequeno e idoso, com um roupão branco e o rosto escondido por uns óculos escuros muito grandes. Quando Gabriel se aproximou, estendeu-lhe a mão, frágil e com veias arroxeadas. Gabriel deixou-a ficar ali suspensa.

— Olá, Sr. Allon. Fico muito contente por podermos nos conhecer finalmente. Sou Otto Gessler. Venha comigo, por favor. Acho que há umas quantas coisas que poderá gostar de ver.

Por trás dele, abriu uma outra porta dupla, lenta e silenciosamente, como se tivesse dobradiças automáticas bem lubrificadas. Quando Gabriel deu o primeiro passo, Gessler esticou a mão magra e pousou-a no antebraço dele. Foi então que Gabriel percebeu que Otto Gessler era cego.

45

NIDWALDEN, SUÍÇA

À frente deles, havia um corredor cavernoso com estátuas e um teto em abóbada reminiscente do Musée d'Orsay. A luz que entrava pela janela no alto era artificial. De cada lado do corredor, havia uma dúzia de passagens que dava para salas com inúmeros quadros. Não tinham etiquetas a identificá-los mas os olhos experimentados de Gabriel discerniram que cada um tinha a sua missão: italianos, do século XV; holandeses e flamengos, do século XVII; franceses, do século XIX. E assim continuava, galeria após galeria, um museu privado cheio dos mestres perdidos da Europa. O efeito era avassalador, embora não para Gessler, obviamente — Gessler não podia ver nada daquilo.

— Lamento o tratamento que teve de suportar às mãos dos homens, mas a verdade é que só tem de se culpar a si mesmo. Ter vindo aqui foi uma coisa muito estúpida.

Tinha uma voz aguda, seca e fina como um pergaminho. A mão pousada no antebraço de Gabriel não tinha peso, era como uma lufada de ar quente.

— Agora já percebo por que estava tão preocupado em silenciar o Augustus Rolfe? Quantos é que tem?

— Honestamente, já nem eu próprio sei.

Atravessaram a porta e entraram noutra sala: espanhóis, do século XV. Um segurança de casaco azul andava vagarosamente de um lado para o outro, para trás e para a frente, como um guarda de museu.

— E não consegue ver nada disto?

— Não, lamento dizê-lo, mas não. — Então para que é que os tem?

— Penso em mim mesmo como um homem impotente. Só porque não sou capaz de ter relações com a minha mulher não quer dizer que esteja disposto a dar o corpo dela a outros. — Então é casado?

— Uma tentativa admirável, Sr. Allon, mas na Suíça o direito à privacidade é muito sagrado. Poderá dizer-se que eu o levei de certo modo ao extremo, mas foi assim que decidi viver a minha vida.

— E foi sempre cego?

— Você faz demasiadas perguntas.

— Vim apresentar-lhe uma proposta para terminarmos com este caso, mas agora vejo que nunca a teria aceitado. Você é o Hermann Göring do século XXI. A sua ganância não conhece limites.

— Sim, mas, ao contrário de Herr Göring, que eu conhecia bem, não sou culpado de nenhum saque.

— Então o que chama a isto?

— Sou um colecionador. É uma coleção muito especial, uma coleção muito privada, mas não deixa de ser uma coleção.

— Eu não sou o único a saber disto. A Anna Rolfe sabe e a minha agência também. Pode matar-me, mas alguém vai acabar por descobrir o que tem para aqui escondido.

Gessler soltou um riso, um riso seco e sem humor.

— Senhor Allon, ninguém vai alguma vez descobrir o que há nestas salas. Nós, suíços, levamos os nossos direitos de privacidade muito a sério. Ninguém vai alguma vez ser capaz de abrir estas portas sem o meu consentimento. Mas só para ter certeza disso mesmo, tomei uma medida adicional. Tirei partido de uma lacuna na lei suíça, pouco

conhecida, e declarei toda esta propriedade como um banco privado. Estas salas fazem parte desse banco... caixas-fortes, se preferir. Os bens que lá estão dentro estão, por isso mesmo, abrangidos pelas leis suíças do segredo bancário e, em nenhuma circunstância, eu posso ser obrigado a abrir estas salas ou a revelar o que lá têm dentro.

— E isso o deixa satisfeito?

— Com efeito — respondeu sem reservas. — E mesmo que eu fosse obrigado a abrir estas salas, não podia ser acusado de nenhuma ilegalidade. É que, sabe, todos estes objetos foram adquiridos legalmente, à luz do direito suíço, e também moralmente, à luz da lei divina e da lei natural. E mesmo que alguém conseguisse provar, sem sombra de dúvida, que uma das obras da minha coleção tinha sido roubada ao seu antepassado pelos alemães, eu teria de ser reembolsado segundo o valor justo do mercado. Obviamente, o custo da repatriação seria formidável. Você e os seus amigos podem guinchar à vontade, mas eu nunca irei ser obrigado a abrir as portas de aço que dão para estas salas.

— Você é um filho da puta, Gessler.

— Ah, agora recorre a insultos e a linguagem obscena. Culpa os suíços por esta situação, mas a culpa não é nossa. Os alemães é que começaram a guerra. Nós tivemos o bom senso de ficar de fora e por isso querem nos castigar.

— Vocês não ficaram de fora. Vocês colaboraram com Adolf Hitler! Deram-lhe armas e dinheiro. Foram criados dele. Vocês são todos apenas criados.

— Sim, é verdade que colhemos uma recompensa financeira pela nossa neutralidade, mas por que levanta essa questão agora? Depois da guerra, chegamos a acordo com os Aliados e foi tudo perdoado, já que o Ocidente precisava do nosso

dinheiro para reconstruir a Europa. A seguir, veio a Guerra Fria e o Ocidente precisou outra vez de nós. Agora, com o fim da Guerra Fria, todo mundo de ambos os lados da Cortina de Ferro bate à porta da Suíça com o boné na mão. Todo mundo quer um pedido de desculpas. Todo mundo quer dinheiro. Um dia desses vão precisar outra vez de nós. Tem sido sempre assim. Os príncipes alemães e os reis franceses, os xeques árabes e os sonegadores americanos, os barões da droga e os traficantes de armas. Meu Deus, até a sua agência secreta usa os nossos serviços quando necessário. Aliás, você tem sido um cliente habitual do Crédit Suisse ao longo dos anos. Por isso, por favor, Sr. Allon, faça-me o favor de se deixar de superioridades morais por um momento e seja razoável.

— Você é um ladrão, Gessler. Um criminoso comum.

— Um ladrão? Não, Sr. Allon, eu não roubei nada. Adquiri, através de táticas comerciais inteligentes, uma magnífica coleção privada de arte, juntamente com uma formidável riqueza pessoal. Mas não sou um ladrão. Então, e você e o seu povo? Ficam se lamuriando pelos supostos crimes dos suíços, mas fundaram o seu Estado em terra roubada de outros. Quadros, mobília, joias — isso são apenas objetos, que são facilmente substituíveis. A terra, pelo contrário, é uma questão completamente diferente. A terra é para sempre. Não, Sr. Allon, eu não sou um ladrão. Sou um vencedor, como você e o seu povo.

— Vá para o inferno, Gessler.

— Sou calvinista, Sr. Allon. E os calvinistas acreditam que a riqueza terrena é atribuída ao que serão admitidos no Reino dos Céus. E se a riqueza dentro destas salas servir de algum indício, estou na direção contrária à do inferno. Já a natureza da sua próxima vida, lamento dizê-lo, é um pouco menos

segura. Mas pode tornar menos desagradável o tempo que ainda lhe resta na terra se me responder a uma simples pergunta. Onde estão os quadros que tirou do cofre de Augustus Rolfe?

— Que quadros?

— Esses quadros me pertencem. Posso apresentar um documento a declarar que Rolfe os entregou a mim pouco antes de morrer. Sou o legítimo proprietário desses quadros e quero-os de volta.

— Posso ver o documento, por favor?

— Onde estão esses quadros?

— Não sei do que está falando.

Gessler largou o braço de Gabriel.

— Alguém faça o favor de levá-lo daqui.

46

NIDWALDEN, SUÍÇA

O efeito das drogas passou, como Gabriel sabia que aconteceria, e as dores regressaram mais fortes do que antes, como se tivessem utilizado o intervalo para ganharem forças para um assalto final. Todos os nervos do seu corpo pareciam estar a transmitir-lhe descargas de dor simultâneas. Que lhe tomaram conta do cérebro e o fizeram começar a tremer — um tremor violento e incontrolável que lhe pôs o corpo a doer ainda mais. Precisava de vomitar mas rezava para que isso não acontecesse. Sabia que as contrações dos vômitos lhe infligiriam uma nova descarga de dor.

Uma vez mais, procurou um lugar tranquilo onde os seus pensamentos pudessem pousar, mas agora as recordações de Otto Gessler e da sua coleção não paravam de se intrometer. Gessler, com o seu roupão e

os óculos escuros; sala após sala, tudo repleto de arte saqueada pelos nazistas. Perguntou-se se teria acontecido mesmo ou se teria sido apenas um efeito secundário das drogas que o tinham feito tomar. Não, pensou. Aconteceu mesmo. Estava tudo ali, reunido num só lugar, mas fora do alcance dele. E fora do alcance do mundo. A porta abriu e ele ficou com o corpo tenso. Quem seria? Os capangas de Gessler que tinham vindo para o matar? O próprio Gessler, que lhe tinha vindo mostrar mais uma sala pejada de mestres perdidos? Mas, à medida que a sala onde se encontrava se começou a encher de luz, percebeu que não era nem Gessler nem os capangas dele. Era Gerhardt Peterson.

— Consegue levantar-se?

— Não.

Peterson agachou-se diante dele. Acendeu um cigarro e ficou olhando para Gabriel por muito tempo. Pareceu entristecido com o que via. — É importante que se tente levantar.

— Por quê?

— Porque eles vêm matá-lo não tarda nada.

— E estão à espera de quê?

— Da escuridão.

— E por que precisam da escuridão?

— Vão levar seu corpo para uma geleira e jogá-lo numa fenda.

— Isso é reconfortante. Pensei que iam simplesmente me enfiar num cofre e me depositar numa das contas numeradas de Gessler.

— Ponderaram essa hipótese. — Um risinho melancólico. — Eu disse para não vir aqui. Não pode derrotá-lo, eu avisei. Devia ter me ouvido.

— Você tem sempre razão, Gerhardt. Tinha razão em tudo.

— Não, não em tudo.

Enfiou a mão no bolso do casaco e tirou de lá a Beretta de Gabriel. Pôs na palma da mão e estendeu-a a Gabriel, como se fosse uma oferta.

— Para que é isso?

— Pegue. — Sacudiu a arma. — Vamos, pegue.

— Por quê?

— Porque vai precisar dela. Sem ela, não tem como sair vivo deste lugar. Com ela, e tendo em conta seu estado, avalio sua chance como uma em três. Mas vale a pena tentar, não concorda? Pegue a arma, Gabriel.

A arma estava quente da mão de Peterson. A coronha em madeira de nogueira, o gatilho, o cano — era o primeiro objeto reconfortante em que tocava desde que chegara àquele lugar.

— Tenho pena de que o tenham espancado. A decisão não foi minha. Às vezes, ao agir, um agente tem de fazer coisas lamentáveis para provar a sua *bona fides* às pessoas que está enganando.

— Se a memória não me falha, os primeiros dois socos foram seus.

— Eu nunca tinha batido num homem antes. Provavelmente, doeu mais em mim do que em você. Além disso, precisava de tempo.

— Tempo para quê?

— Para tomar as providências necessárias para conseguir tirá-lo daqui.

Gabriel soltou o carregador para se certificar de que a arma estava carregada e não era apenas mais um logro de Peterson.

— Pelo que sei, Gessler tem uma coleção e tanto — afirmou Peterson. — Nunca a viu?

— Não, nunca fui convidado. E é verdade? Este lugar é mesmo um banco? Ninguém pode entrar aqui?

— Gabriel, este país inteiro é um banco.

Uma vez mais, Peterson enfiou a mão no bolso e, dessa vez, tirou de lá meia dúzia de comprimidos.

— Tome, fique com eles. Uns são para dor e outro é um estimulante. Vai precisar deles.

Gabriel engoliu os comprimidos de uma vez e enfiou o carregador na coronha.

— Que tipo de providências é que tomou?

— Encontrei os seus dois amigos. Estavam escondidos numa pousada na aldeia. Vão estar à sua espera no sopé da montanha, junto à propriedade de Gessler, perto do lugar onde os deixamos ontem.

Ontem? Só tinha passado um dia? Parecia mais um ano. Uma vida inteira.

— Só há um segurança do outro lado desta porta. Vai ter de tratar dele primeiro. Silenciosamente. Consegue dar conta do recado? Sente-se com força suficiente? — Não vou ter problemas.

— Siga pelo corredor à direita. No final, vai encontrar uma escadaria e no alto dela uma porta. Que o vai levar até lá fora, aos jardins. A partir daí, já só tem de descer a encosta da montanha até chegar aos seus amigos.

E passar pelos seguranças e os pastores alemães, pensou Gabriel. — Saiam da Suíça pelo caminho por onde entramos ontem. Vou certificar-me de que não haverá problemas na fronteira.

— E o que lhe vai acontecer a si?

— Vou dizer que vim vê-lo uma última vez para o convencer a dizer-me onde é que os quadros estavam escondidos. Vou dizer que me dominou e fugiu. — E eles vão acreditar em você?

— Pode ser que sim, mas também pode ser que me atirem para a fenda que tinham reservado para si.

— Venha comigo.

— A minha mulher, os meus filhos. E depois acrescentou:

— O meu país.

— Por que está a fazer isto? Por que não os deixa simplesmente matarem-me e acabar com tudo isto?

Foi nessa hora que Peterson lhe contou a história do que tinha acontecido na aldeia dele durante a guerra — a história dos judeus que tinham entrado na Suíça pela França, em busca de refúgio, apenas para serem expulsos para o outro lado da fronteira, diretamente para os braços da Gestapo. — Depois da morte do meu pai, estava a passar em revista alguns dos papéis que ele tinha no escritório, a tentar pôr as coisas dele em ordem. Descobri uma carta. Era da polícia federal. Era um louvor. E sabe qual era o motivo do louvor? Foi o meu pai que deu conhecimento da presença dos judeus na nossa aldeia. Foi por causa do meu pai que eles foram recambiados para os alemães e assassinados. Não quero mais sangue judeu nas mãos desta família. Quero que saia vivo deste lugar.

— Quando a tempestade rebentar, é capaz de vir a ser desagradável para si. — As tempestades têm tendência a extinguir-se de encontro às cadeias de montanhas deste país. Dizem que lá em cima na Jungfrau o vento sopra a mais de trezentos e vinte quilômetros por hora. Mas nunca parece restar muita força às tempestades quando elas chegam a Berna ou a Zurique. Vamos, deixe-me ajudá-lo.

Peterson pô-lo de pé. — Uma em três?

— Se você tiver sorte. Gabriel parou logo à entrada da porta. Peterson bateu nela com o punho duas vezes. Um momento depois, os trincos soltaram-se, a porta abriu e o segurança entrou na sala. Gabriel atravessou-se à frente dele e, servindo-se de toda a força que foi capaz de invocar, bateu com o cano da Beretta na têmpora esquerda do segurança.

Peterson apalpou-lhe o pescoço, à procura da pulsação. — Muito impressionante, Gabriel. Leve o casaco dele.

— Tem sangue.

— Faça como eu digo. Vai fazer com que eles hesitem antes de dispararem contra si e vai precisar dele para se proteger do frio. Leve também esta submetralhadora — só para o caso de vir a precisar de qualquer coisa mais poderosa do que a sua Beretta.

Peterson ajudou Gabriel a tirar o casaco ao morto. Gabriel limpou o sangue em excesso, fazendo-o escorrer para o chão, e vestiu-o. Pendurou a submetralhadora ao ombro. A Beretta, manteve-a na mão direita.

— E agora eu — disse Peterson. — Uma coisa convincente, mas não tão irrevogável. Antes que Peterson tivesse oportunidade de se preparar para a dor, Gabriel acertou-lhe com a coronha da Beretta na maçã do rosto com grande força, abrindo-lhe uma ferida. Peterson perdeu o equilíbrio momentaneamente mas manteve-se de pé.

Tocou na ferida com as pontas dos dedos e a seguir olhou para o sangue.

— O sangue da expiação, não é?

— Qualquer coisa do gênero.

— Vá.

47

NIDWALDEN, SUÍÇA

O frio com que Gabriel foi recebido ao atravessar a porta no alto da escadaria pareceu outro soco na

cara. Era o fim da tarde, o cair da noite aproximava-se rapidamente e o vento silvava nos pinheiros. As mãos começaram a tremer-lhe com o frio. Devia ter ficado com as luvas do morto.

Olhou para cima e distinguiu o pico da Jungfrau. Umas quantas pinceladas de luz pálida rosada incidiam sobre a encosta mas o resto do maciço era azul e cinzento e tinha um aspecto muitíssimo ameaçador. Dizem que lá em cima, na Jungfrau, o vento sopra a mais de trezentos e vinte quilômetros por hora. A porta era de concreto e aço, como a entrada para um bunker militar secreto. Gabriel perguntou a si mesmo quantas estariam espalhadas pela propriedade de Gessler e que outras maravilhas poderiam ser descobertas por alguém que tivesse acesso a elas. Afastou esses pensamentos da cabeça por uns momentos e concentrou-se em orientar-se. Não estava a mais de cinquenta metros das traseiras da piscina e a poucos metros das árvores.

… descer a encosta da montanha…

Atravessou o jardim, com a neve a dar-lhe pelo joelho, e embrenhou-se nas árvores. Algures, um cão começou a ladrar. Os sabujos de Gessler. Perguntou a si mesmo quanto tempo passaria até que outro segurança fosse ter à cela e descobrisse o corpo. E por quanto tempo conseguiria Peterson aguentar o estratagema de ter sido atacado por um homem que estava meio morto de tanta pancada.

No meio das árvores, estava escuro e, enquanto ia avançando aos apalpões, pensou na noite em que se infiltrara sorrateiramente na residência de Rolfe, em Zurique, e descobrira as fotografias escondidas na gaveta falsa da mesa.

Herr Hitler, gostaria de lhe apresentar Herr Rolfe. O Herr Rolfe aceitou fazer-nos alguns favores. O Herr Rolfe é um colecionador, como o Sr., mein Führer.

O frio tinha uma vantagem: passados uns quantos momentos, ele já não conseguia sentir o rosto. Ali, a neve tinha menos alguns centímetros de altura, mas cada passo era uma nova aventura: um afloramento de rochas; um tronco de árvore caído; um buraco deixado por um animal que escava tocas. Por quatro vezes, desequilibrou-se e caiu, e a cada vez foi mais difícil levantar-se do que na anterior. Mas lá acabava por se levantar e continuar a descer pela encosta, em direção ao ponto onde Oded e Eli o esperavam.

Gabriel chegou a uma pequena clareira onde havia um segurança de vigia. Estava uns vinte metros mais à frente, com as costas ligeiramente voltadas para Gabriel, que por isso via-o mais ou menos de perfil. Não tinha a certeza de conseguir acertar no alvo àquela distância — não com as contusões e os olhos inchados e as mãos geladas — e por isso continuou a avançar, na esperança de que a escuridão lhe escondesse o aspecto esfarrapado durante o tempo suficiente.

Conseguiu dar alguns passos antes de fazer estalar um galho. O segurança deu meia volta e olhou para Gabriel, sem saber o que fazer a seguir. Gabriel continuou a avançar, calmamente e sem parar, como se fosse o responsável pelo turno seguinte, a apresentar-se ao serviço. Quando já estava a menos de um metro de distância, sacou a Beretta do bolso e apontou-a ao peito do segurança. O cartucho saiu pelas costas do homem, numa nuvem de sangue, tecido e fio fino de poliéster.

O tiro ecoou pela encosta. Imediatamente, um cão começou a ladrar; a seguir, outro; e depois um terceiro. As luzes da residência acenderam-se. Para lá da clareira, havia um trilho estreito, que dava apenas para um veículo pequeno passar. Gabriel tentou correr mas não foi capaz. Os músculos não tinham nem a

força nem a coordenação necessárias para descer a correr uma encosta de montanha coberta de neve. Por isso, foi a andar e mal o conseguia fazer.

À sua frente, sentiu que a topografia do terreno começava a aplanar, como se a montanha de Gessler estivesse a dar lugar ao chão do vale. E, a seguir, viu os faróis de um Volkswagen e duas figuras meras sombras, Lavon e Oded, a baterem com os pés no chão para lutar contra o frio.

Não pares! Anda!

Atrás de si, ouviu um cão a ladrar e, em seguida, a voz de um homem:

— Alto, aí à frente! Alto ou eu disparo!

A julgar pela intensidade do som, estavam bem próximos; trinta metros, no máximo. Olhou pela montanha abaixo. Oded e Lavon também tinham ouvido aquilo, pois já estavam a subir apressadamente a estrada para irem ter com ele.

Gabriel continuou a andar.

— Alto, já disse! Alto, já, ou eu disparo!

Ouviu um rosnar e virou-se a tempo de ver o pastor alemão, já solto da coleira, avançando sobre ele como uma avalanche. Atrás do cão vinha o segurança, com uma submetralhadora nas mãos.

Gabriel hesitou uma fração de segundo. Primeiro quem? Cão ou homem? O homem tinha uma arma, o cão tinha mandíbulas que podiam rasgar suas costas. No momento em que o cão saltou no ar em sua direção, ergueu a Beretta, segurando-a com uma mão, e disparou, a bala passando ao lado do bicho e tendo o dono como destinatário. O tiro acertou o no meio do peito e ele caiu desamparado no chão.

A cabeça do cachorro bateu com toda a força no peito de Gabriel, derrubando-o. Ao cair no piso gelado, a mão direita bateu no chão e ele largou a Beretta.

O cão atirou-se de imediato ao pescoço de Gabriel. Ele levantou o braço à frente do rosto e o animal acabou por abocanhar isso mesmo. Gabriel gritou quando os dentes lhe rasgaram a proteção do casaco e se cravaram na pele do antebraço. O cão rosnava, sacudindo violentamente a cabeça gigante de um lado para o outro, tentando tirar o braço do caminho para chegar à recompensa da pele macia do pescoço. Freneticamente, Gabriel tateou com a mão direita no chão coberto de neve, à procura da Beretta perdida.

O cão mordeu com mais força, atingindo e partindo um osso. Gabriel soltou um berro, em completa agonia. A dor era mais intensa do que qualquer coisa que os capangas de Gessler lhe tinham feito. Por uma última vez, varreu o chão com a mão. E encontrou a coronha da Beretta.

Com um puxão violento do enorme pescoço, o cão conseguiu afastar o braço de Gabriel e lançou-se ao pescoço dele. Gabriel enfiou o cano da arma nas costelas do animal e disparou três tiros no coração.

Gabriel afastou o cachorro e pôs-se em pé. Ouviam-se gritos vindos da residência e os cães de Gessler latiam. Começou a andar. Tinha a manga esquerda do casaco em farrapos e sangue escorrendo copiosamente da mão. Passado um momento, viu Eli Lavon subi a trilha correndo, até ele, e deixou-se cair em seus braços.

— Continue a andar, Gabriel. Consegue andar?

— Consigo andar.

— Oded, segure-o. Meu Deus, o que te fizeram, Gabriel? O que eles fizeram?

— Consigo andar, Eli. Deixe eu andar.

QUARTA PARTE

TRÊS MESES DEPOIS

48

PORT NAVAS, CORNUALHA

A casa de campo ficava junto a um ribeiro, no topo de uma enseada estreita, baixa e robusta e sólida como um navio, com uma porta dupla de excelente qualidade e janelas com persianas. Gabriel regressou numa segunda-feira. O quadro, um retábulo de altar dos Países Baixos, do século XIV, enviado pela Isherwood Fine Arts, de St. James's, em Londres, chegou na quarta. Vinha enterrado num contentor de pinho reforçado e foi transportado pelas escadas estreitas acima, até o estúdio de Gabriel, por um par de rapazes robustos a cheirar à cerveja da hora de almoço. Gabriel livrou-se do cheiro abrindo uma janela e um frasco de solvente acre. Desencaixotou o quadro com todo o cuidado. Devido à idade e ao seu estado frágil, tinha sido enviado não num mas em dois contentores — um contentor interior para proteger estruturalmente o quadro e um contentor exterior para o embalar num invólucro estável. Por fim, retirou a espuma acondicionadora e a proteção de papel de silicone e colocou a peça em cima do cavalete. Era a peça central de um tríptico, aproximadamente noventa centímetros de comprimento e sessenta de largura, pintada a tinta de óleo em três painéis de carvalho adjacentes e com grão vertical quase com certeza carvalho do Báltico, a madeira preferida dos mestres flamengos. Escreveu algumas notas, em jeito de diagnóstico, num pequeno bloco: empenamento convexo profundo, separação do segundo e terceiro painéis, danos e marcas consideráveis.

E se fosse o corpo dele em cima do cavalete, em vez do retábulo de altar? Maxilar fraturado, osso malar direito quebrado, órbita do olho esquerdo fraturada, vértebras quebradas, rádio esquerdo quebrado devido a dentadas de cão profundas e conducentes a tratamento profiláctico com injeções contra a raiva. Uma centena de costuras para fechar mais de vinte feridas e lacerações profundas no rosto, com inchaço residual e desfiguração.

Desejou poder fazer pelo rosto o mesmo que estava prestes a fazer pelo quadro. Os médicos que o tinham tratado em Telaviv tinham-lhe dito que só o tempo lhe poderia restaurar o aspecto natural. Já tinham passado três meses e continuava sem conseguir praticamente arranjar coragem para se olhar ao espelho. Além disso, sabia que o tempo não era o amigo mais leal de um rosto de cinquenta anos.

Durante a semana e meia seguinte, não fez mais nada senão ler. A sua coleção incluía vários volumes excelentes sobre Rogier e Julian tivera a gentileza de enviar com o quadro dois livros esplêndidos seus, que por sinal eram ambos em alemão. Abriu-os em cima da mesa de trabalho e empoleirou-se num banco alto e resistente, com as costas curvadas como um ciclista e os punhos a comprimirem as têmporas. De vez em quando, erguia os olhos e contemplava a peça colocada no seu cavalete — ou olhava para cima, a observar a chuva a escorrer em regatos pela claraboia. Depois, baixava os olhos e retomava a leitura.

**Rogier van der Weyden ou Rogier de Bruxelles, de nome verdadeiro Rogier de la Pasture (1400-1464), foi um dos mais notáveis e importantes pintores góticos flamengos*.

Leu Martin Davies e Lorne Campbell. Leu Panofsky e Winkler e Hulin e Dijkstra. E, claro, leu o segundo volume da monstruosa obra de Friedlander

sobre os primeiros tempos da pintura dos Países Baixos. Como podia ele restaurar uma obra, ainda que remotamente ligada a Rogier, sem consultar primeiro o erudito Friedlander?

Enquanto trabalhava, iam saindo do seu fax recortes de jornais — um por dia, no mínimo, por vezes dois ou três. De início, tudo aquilo começou a ser conhecido como o caso Rolfe e, mais tarde e inevitavelmente, como Rolfegate. O primeiro artigo apareceu no Neue Ziiricher Zeitung e depois os jornais de Berna e Lucerna começaram também a falar do assunto, seguidos pelos de Genebra. Passado pouco tempo, a história espalhou-se até França e Alemanha. O primeiro relato em inglês surgiu em Londres, seguido, dois dias mais tarde, por outro, num semanário americano proeminente. Os fatos eram tênues, as histórias cheias de especulação; eram uma boa leitura mas não exatamente bom jornalismo. Insinuava-se que Rolfe tinha uma coleção secreta de arte e insinuava-se que tinha sido assassinado devido a ela. Fizeram-se conjecturas sobre ligações ao sigiloso financeiro suíço Otto Gessler, embora o porta-voz deste último as tivesse rejeitado, classificando-as como mentiras e mexericos maldosos. Quando os advogados de Gessler começaram a lançar avisos não muito subtis acerca de ações jurídicas iminentes, as notícias desapareceram rapidamente.

A esquerda suíça exigiu um inquérito parlamentar e uma investigação governamental exaustiva. Durante algum tempo, houve a sensação de que Berna poderia ser forçada a escavar mais fundo do que a superfície. Seriam citados nomes! Seriam arruinadas reputações! Mas, em pouco tempo, o escândalo foi-se extinguindo. Branqueamento!, gritou a esquerda suíça. A Suíça devia ter vergonha!, protestaram as organizações judias. Mais outro escândalo varrido para os esgotos

de Bahnhofstrasse. Os Alpes tinham absorvido a maior parte da tempestade. Berna e Zurique tinham sido poupadas.

Pouco tempo depois, a história conheceu um estranho pós-escrito. O corpo de Gerhardt Peterson, um alto funcionário dos serviços de segurança federais, foi encontrado numa fenda num glaciar, no Bernese Oberland, vítima de um aparente acidente de montanhismo. Mas Gabriel, sozinho no seu estúdio na Cornualha, sabia que a morte de Peterson não fora acidente nenhum. Gerhard Peterson era apenas mais outro depósito no Banco de Gessler.

Anna Rolfe conseguiu manter-se distante do escândalo que girava à volta do pai falecido. Após a apresentação triunfal de Veneza, embarcara numa extensa tournée europeia, que consistia em recitais a solo e apresentações com orquestras importantes do continente.

Os críticos declararam que os seus desempenhos igualavam a paixão e o brilhantismo de antes do acidente, apesar de alguns jornalistas se queixarem da sua recusa em conceder entrevistas. Confrontada com as novas questões relacionadas com a morte do pai, emitiu um comunicado escrito, remetendo todas elas para um advogado de Zurique. O advogado de Zurique recusou-se terminantemente a discutir o assunto, citando o direito à privacidade e os inquéritos em curso. E assim se foi desenrolando tudo, até que o interesse na história se desvaneceu.

Gabriel levantou a cabeça e espreitou pela claraboia. Ainda não tinha reparado, mas a chuva parara finalmente. Ouviu a previsão meteorológica na Radio Cornwall enquanto arrumava o estúdio: nada de chuva até a noite, períodos de sol e temperaturas razoáveis para a costa da Cornualha em Fevereiro. O braço tinha acabado de sarar recentemente, mas

decidiu que umas quantas horas na água lhe fariam bem.

Vestiu um oleado amarelo e, na cozinha, preparou sanduíches e encheu um termo de café. Poucos minutos depois, estava a desamarrar a chalupa, ligando o motor e afastando-se do cais, descendo Port Navas Creek, a caminho do rio Helford. Um vento constante soprava do noroeste e a luz cintilante do sol brilhava nas ondas pequenas e nas encostas verdejantes que se erguiam sobre a Helford Passage. Gabriel prendeu o leme e içou a vela mestra e a bujarrona (vela náutica triangular que permite navegar contra o vento). A seguir, desligou o motor e deixou que o barco fosse levado pelo vento.

Passado pouco tempo, tudo aquilo que acontecera desapareceu. Sabia que era apenas temporário — duraria apenas até o momento em que fechasse os olhos ou permitisse que a cabeça ficasse durante demasiado tempo de pousio — mas, por agora, conseguia concentrar-se no barco a subir e a descer por baixo dos seus pés e não nos espancamentos que tinha sofrido ou nas coisas que tinha visto. Em algumas noites, ao deitar-se sozinho na sua cama descomunal, perguntava-se como seria capaz de viver com aquelas informações — as informações que Otto Gessler lhe transmitira tão cruelmente. Nos momentos de maior fraqueza, falava em procurar ele mesmo a imprensa mundial para contar a sua história, ou em escrever um livro, mas sabia que Gessler se esconderia simplesmente atrás de suas leis de sigilo bancário. Gabriel acabaria parecendo mais um refugiado do mundo do serviço secreto tentando impingir uma teoria da conspiração mal-ajambrada.

Ao aproximar-se de August Rock, olhou para oeste e viu uma coisa de que não gostou nas nuvens imponentes que se formavam. Desceu a escada da

escotilha e ligou o rádio da chalupa. Estava a aproximar-se uma tempestade: chuvadas fortes e ondas entre dois a dois metros e meio. Voltou para o leme, virou o barco e a seguir içou a vela da popa. A chalupa ganhou de imediato velocidade. Quando chegou à foz do rio Halford, chovia torrencialmente. Gabriel puxou o capuz do oleado para a cabeça e concentrou a sua atenção nas velas, arreando primeiro a vela da popa e depois a bujarrona e a escota da vela grande. Ligou o motor e conduziu o barco pelo rio acima. Um esquadrão de gaivotas reuniu-se por cima da chalupa, a suplicarem comida. Gabriel desfez o segundo sanduíche em vários pedacinhos e jogou-os na água.

Passou pelo banco de ostras, deu a volta ao pontão e dirigiu-se para o sossego da enseada. As árvores terminaram e o telhado da casa surgiu ao longe. À medida que se aproximava, conseguia ver uma figura parada no cais, com as mãos nos bolsos e a gola levantada para se proteger da chuva. Gabriel agachou-se, desceu a escada da escotilha e agarrou num par de binóculos Zeiss pendurado num cabide, junto à cozinha. Levantou os binóculos e focou-os no rosto do homem, baixando-os logo em seguida. Não precisava de autenticar ainda mais a imagem. Ari Shamron sentou-se à mesa pequena da cozinha enquanto Gabriel fazia café. — Estás finalmente a começar a ficar outra vez com o seu aspecto de sempre. — Costumavas ser um bom mentiroso.

— O inchaço vai acabar por diminuir. Lembra do Baruch? A carga horrível de pancada que levou do Hezbollah antes de conseguirmos tirá-lo de lá? Poucos meses depois, quase parecia o mesmo.

— Para começar, Baruch já era feio.

— Isso é verdade. Você já foi lindo, tempos atrás. A mim, umas porradas até ajudariam. Podiam

melhorar meu aspecto.

— Posso encontrar vários voluntários ansiosos.

O rosto de Shamron fechou-se numa careta severa. Por um momento, pareceu menos um velho fatigado e mais o guerreiro Sabra que tinha arrancado Gabriel do ventre da Bezalel School of Art trinta anos antes.

— Ficariam com pior aspecto do que o seu depois de eu lhes tratar da saúde.

Gabriel sentou-se e serviu café para os dois.

— Conseguimos que ficasse tudo em segredo?

— Ouviram-se uns rumores pela Avenida Rei Saul — rumores de movimentos não explicados de pessoal e despesas estranhas em Veneza e Zurique. Não sei bem como, mas esses rumores chegaram ao gabinete do primeiro-ministro.

— E ele sabe?

— Suspeita, e está satisfeito. Diz que, se for verdade, não quer saber.

— E os quadros?

— Temos trabalhado discretamente com algumas agências dedicadas à restituição de arte e com o Departamento de Justiça dos EUA. Dos dezesseis quadros que você descobriu no cofre de Rolfe, nove foram devolvidos aos herdeiros dos legítimos proprietários, incluindo um que pertencia ao pai do Julian.

— E o resto?

— Morando no Museu de Israel, como Rolfe queria, até que os proprietários possam ser localizados. Se eles não puderem ser encontrados, os quadros vão ficar ali pendurados para sempre.

— E como vai a Anna?

— Ainda temos uma equipe com ela. Rami está quase perdendo a cabeça. Diz que está disposto a tudo

para largar aquele serviço. É até voluntário para fazer patrulha em Gaza.

— Alguma ameaça?

— Ainda nenhuma.

— Por quanto tempo acha que devemos mantê-la sob proteção?

— Pelo tempo que quiser. A operação foi sua. Deixo essa decisão com você.

— Um ano, pelo menos.

— De acordo.

Shamron encheu outra vez a xícara e acendeu um dos seus maléficos cigarros turcos.

— Ela vem à Inglaterra na próxima semana, sabe? Ao Albert Hall. É o último espetáculo da tournée.

— Eu sei, Ari. Também consigo ler os jornais.

— Ela pediu para lhe dar isto.

Fez deslizar um pequeno envelope pela mesa.

— É um ingresso para o espetáculo. Pediu que no fim fosse vê-la nos bastidores, para dizer olá.

— Estou no meio de uma restauração.

— Sua ou de um quadro?

— De um quadro.

— Faça uma pausa.

— Não consigo arranjar tempo para ir a Londres.

— O Príncipe de Gales vai arranjar tempo para ir assistir, mas você está ocupado demais.

— Sim.

— Nunca vou entender por que insiste em deixar mulheres lindas e talentosas escapar por entre os dedos.

— Quem disse que eu vou fazer isso?

— Acha que ela vai esperar para sempre?

— Não, só até o inchaço diminuir.

Shamron abanou a mão grossa, em sinal de desdém. — Está usando seu rosto como desculpa conveniente para não vê-la. Mas eu sei qual é a

verdadeira razão. A vida é para os vivos, Gabriel, e esta prisãozinha agradável que construiu para si mesmo não é vida. Está na hora de deixar de se culpar pelo que aconteceu em Viena. Se tem de culpar alguém, culpe a mim.

— Eu não vou a Londres com essa cara.

— Se não vai a Londres, permita que faça outra sugestão?

Gabriel soltou um longo suspiro de exasperação. Tinha perdido a vontade de resistir por mais tempo. — Estou ouvindo — respondeu.

49

CÓRSEGA

Nessa mesma tarde, o Inglês convidou Anton Orsati para almoçar na sua casa. Fazia vento e frio — demasiado frio para se estar lá fora, na varanda — e por isso comeram na mesa da cozinha e discutiram alguns assuntos ligeiramente urgentes relacionados com a empresa. Dou Orsati tinha acabado de ganhar um contrato de fornecimento de azeite a uma cadeia com duas dúzias de bistrôs, que se estendiam de Nice à Noruega. Agora, uma empresa de importação e exportação queria introduzir o azeite em lojas da especialidade nos Estados Unidos. A procura estava a começar a ultrapassar a oferta. Orsati precisava de mais terra e de mais árvores. Mas iria o fruto revelar-se à altura dos seus padrões exigentes? Iria a qualidade sofrer com a expansão? Tinha sido essa a questão que tinham debatido durante a refeição.

Depois do almoço, instalaram-se junto à lareira da sala de estar e beberam vinho tinto saído de um jarro

de barro. Foi nessa hora que o Inglês confessou que tinha agido de forma desonrosa durante o caso Rolfe.

Orsati serviu-se de um pouco mais do vinho e sorriu.

— Quando a signadora me contou que tinhas voltado de Veneza sem o seu talismã, eu percebi que se tinha passado alguma coisa fora do normal. O que aconteceu ao colar, aliás?

— Dei-o à Anna Rolfe.

— Como?

O Inglês contou-lhe.

Orsati ficou impressionado.

— Eu diria que ganhaste esse confronto aos pontos. Como é que arranjaste o blazer?

— Pedi-o emprestado a um segurança da scuola.

— E o que lhe aconteceu?

O Inglês olhou para a lareira. Orsati murmurou:

— Pobre diabo.

— Pedi-lhe uma vez com bons modos.

— A questão é: Por quê? Porque me traíste, Christopher? Não te tenho tratado bem?

O Inglês pôs a tocar a fita que tirara a Emil Jacobi, em Lyon. Depois, deu a Orsati o dossiê que tinha preparado, com base na sua própria investigação, e foi para a cozinha lavar os pratos do almoço. Era certo e sabido por todo mundo que o corso era lento ao ler.

Quando regressou, Orsati estava a acabar de ler o dossiê. Fechou o arquivo e os seus olhos escuros fixaram-se no Inglês.

— O professor Jacobi era muito bom homem, mas nós somos pagos para matar pessoas. Se passássemos todo o nosso tempo a debatermo-nos com o que está certo e errado, nunca conseguiríamos fazer nenhum trabalho.

— Era assim que o seu pai conduzia o negócio? E o pai dele? E o deste?

Orsati apontou o dedo indicador grosso, como se fosse uma arma, na cara do Inglês.

— A minha família não é da sua conta, Christopher. Tu trabalhas para mim. Nunca te esqueças disso.

Era a primeira vez que Orsati lhe falava zangado.

— Não quis desrespeitá-lo, Don Orsati.

O corso baixou o dedo.

— E não o fez.

— Sabe a história da signora e do que aconteceu ao marido dela?

— Você sabe muita coisa sobre a história deste lugar, mas não tudo. Como é que pensas que a signadora consegue ter um teto por cima da cabeça? Pensas que ela sobrevive à custa do dinheiro que ganha a afugentar os espíritos malignos com o azeite mágico dela e a água-benta?

— És tu que a sustentas?

Orsati acenou com a cabeça devagar.

— Ela disse-me que, às vezes, um taddunaghiu pode administrar a justiça tanto quanto a vingança.

— Isso é verdade. Don Tomasi merecia, sem dúvida, morrer.

— Eu sei de um homem que merece morrer.

— O homem do seu dossiê?

— Sim.

— Ele está muito bem protegido.

— Sou melhor do que todos esses caras.

Orsati levantou o copo e segurou-o junto à lareira, ficando a observar a luz dançando no vinho vermelho-rubi.

— Você é muito bom, mas matar um homem desses não vai ser fácil. Vai precisar da minha ajuda.

— Sua?

Orsati engoliu o que sobrava do vinho.

— Quem você acha que escalou a montanha de Don Orsati e lhe cortou o pescoço maléfico?

50

COSTA DE PRATA, PORTUGAL

Carlos, o responsável pela vinha, foi o primeiro a vê-lo chegar. Desviou os olhos do trabalho ao ouvir o carro a passar pela entrada de cascalho, e ficou a ver o restaurador de arte chamado Gabriel ser cumprimentado pelo homem que se chamava Rami. Trocaram umas quantas palavras; Rami tocou nas cicatrizes que o restaurador de arte tinha no rosto. Isso, Carlos conseguiu ver do seu posto, no início da vinha. Não era um militar, mas Carlos sabia reconhecer uma troca de guarda quando via uma. Rami estava de partida e já não era sem tempo. Tinha-se enchido das tropelias de Nossa Senhora, como Carlos sabia que acabaria por acontecer. Nossa Senhora precisava de um homem que tivesse uma paciência interminável a olhar por ela. Nossa Senhora precisava do restaurador. Ficou a observar Gabriel a atravessar a entrada e a desaparecer no interior da casa. Nossa Senhora estava no andar de cima, na sala dela, a ensaiar. Por certo, o restaurador não fazia tenções de a interromper. Por um instante, Carlos pôs a hipótese de correr até a varanda e intervir, mas depois pensou melhor. O restaurador precisava de aprender uma lição e há lições que se aprendem melhor da maneira mais dura.

Por isso, pousou as tesouras para a poda e encontrou o frasco de bagaço que tinha no bolso. A seguir, agachou-se no meio das latadas e acendeu um cigarro, ficando a observar o Sol a mergulhar em direção ao mar, à espera que o espetáculo começasse.

O som do violino dela enchia a casa enquanto Gabriel subia as escadas até a sala. Entrou sem bater. Ela tocou mais algumas notas e parou subitamente.

Sem se virar, gritou: — Raios o partam, Rami! Porra, quantas vezes eu já disse...

Virou-se e viu-o. Abriu a boca de espanto e, por um instante, soltou o Guarneri. Gabriel jogou-se para a frente e apanhou o violino no ar, antes que pudesse cair ao chão. Anna apertou-o nos braços.

— Nunca pensei que voltaria a vê-lo, Gabriel. O que está fazendo aqui?

— Fui encarregado de vigiá-la.

— Graças a Deus! Rami e eu estamos quase matando um ao outro.

— Já soube disso.

— Quantas pessoas na nova equipe?

— Pensei em deixar essa decisão em suas mãos.

— Acho que um único homem seria suficiente, se concordar.

— Isso seria ótimo — respondeu. — Isso seria perfeito.

51

NIDWALDEN, SUÍÇA

Otto Gessler ia avançando pela água sedosa, deslizando numa escuridão perpétua. Tinha nadado bem nesse dia, mais duas voltas do que o habitual — no total, cento e cinquenta metros, uma verdadeira proeza para um homem de sua idade. O fato de ser cego obrigava-o a contar cada braçada com cuidado, para não bater com a cabeça na parede da piscina.

Não muito tempo, atrás conseguia devorar cada volta em vinte e duas poderosas braçadas. Agora, eram necessárias quarenta. Estava se aproximando do fim da última volta: trinta e sete... trinta e oito... trinta e nove... Esticou a mão, à espera de encontrar a lisura, como que de vidro, do mármore italiano. Em vez disso, alguma coisa o agarrou pelo braço e o puxou para fora da água. Por um momento, ficou ali pendurado, desamparado, como um peixe preso numa linha, a barriga exposta e o peito dilatado. E foi então que a faca foi enfiada em seu coração. Sentiu uma dor lancinante. Por um brevíssimo instante, conseguiu ver. Era o relâmpago de uma luz branca brilhante, em algum lugar ao longe. Depois, a mão o soltou e ele estava de volta a sua água sedosa. De volta à escuridão perpétua.

FIM

NOTA

Durante a ocupação da França, as forças armadas da Alemanha nazista apreenderam centenas de milhares de quadros, esculturas, tapeçarias e outros *objects d'art*. Até hoje, dezenas de milhares de peças continuam desaparecidas. Em 1996, a assembleia federal suíça criou a chamada Comissão de Peritos Independentes, à qual encomendou investigação sobre as ações da Suíça na Segunda Guerra Mundial. No seu relatório final, comunicado em agosto de 2001, a comissão reconheceu que a Suíça era um centro de comércio de arte pilhada e que um número substancial de quadros entrara no país durante a guerra. Quantas dessas obras permanecem escondidas nas caixas-fortes dos bancos suíços e nas casas dos seus cidadãos, ninguém sabe.

AGRADECIMENTOS

Este é o segundo romance em que surge a personagem de Gabriel Allon e, como o anterior, não teria sido possível escrevê-lo sem a ajuda e o apoio de David Bull. Ao contrário do fictício Gabriel, David Bull é realmente um dos maiores restauradores de arte do mundo e tenho o privilégio de chamá-lo meu amigo. Seus conhecimentos sobre o processo de restauração, a história das pilhagens de arte pelos nazistas e os prazeres de Veneza foram tão inestimáveis quanto inspiradores.

Estou em dívida com Sadie deWall, primeira violista assistente da Charleston Symphony Orchestra, que me apresentou a maravilhosa sonata de Tartini e me ajudou a melhor compreender a alma de um músico verdadeiramente dotado. Respondeu a todas as minhas perguntas, por mais disparatadas que fossem, e concedeu-me generosamente o seu tempo.

Dr. Benjamin Shaffer, um dos ortopedistas de maior renome em Washington, descreveu-me o problema intrincado que é tratar lesões de mão quando os ossos ficam esmagados. Um agradecimento especial aos agentes suíços que me ajudaram a desmistificar os serviços de polícia e segurança do país, que, por razões óbvias, não podem ser nomeados. Um agradecimento também aos agentes da CIA que me prestaram informações e me deram orientação. Desnecessário dizer que a competência é deles e os erros e as liberdades literárias somente meus. Das dúzias de obras de não ficção que consultei enquanto

escrevia este livro, várias revelaram-se inestimáveis, incluindo o trabalho pioneiro e altamente influente de Lynn Nicholas sobre as pilhagens de arte pelos nazistas, *The Rape of Europa*; The Lost Museum, de Hector Feliciano; e *The Lost Masters*, de Peter Harclerode e Brendan Pittaway. A reveladora história da banca suíça, *Safety in Numbers*, de Nicholas Faith, serviu de valioso recurso. E a corajosa obra de Jean Ziegler, *The Swiss, the Gold, and the Dead*, foi uma fonte de inspiração.

O pessoal do Dolder Grand Hotel, em Zurique, e do Luna Hotel Baglioni, em Veneza, fizeram com que as nossas viagens de pesquisa mais parecessem de lazer do que de trabalho. O meu querido amigo Louis Toscano leu duas vezes meu manuscrito, que sua mão certeira ajudou a melhorar. Greg Craig tirou a camisa para me dar, literalmente. A amizade e o apoio da minha agente literária, Esther Newberg, da International Creative Management, nunca teve maior significado para mim do que durante a redação deste livro.

Todos os escritores deveriam ter a sorte de ter editores como Neil Nyren e Stacy Creamer. Forneceram-me notas brilhantes e um apoio incondicional. Na verdade, por vezes, parecia que compreendiam as personagens e a história melhor do que eu. E um agradecimento muito sentido a Stuart Calderwood, cuja meticulosa revisão me salvou de vários embaraços.

Por fim, queria expressar minha profunda gratidão a Phyllis Grann. Não existe, simplesmente, ninguém melhor.

RTF

LAVRo